



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA  
INSTITUTO DE FÍSICA  
Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências

MARIA DA CONCEIÇÃO BARRETO



*Foto: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - UFBA*

Salvador – Bahia

2004

MARIA DA CONCEIÇÃO BARRETO

**PESQUISA EM PSICOLOGIA: PRODUÇÃO INTELECTUAL DOS  
PSICÓLOGOS BAIANOS (1973 – 2002)**

Dissertação apresentada à Universidade Federal da Bahia e à Universidade Estadual de Feira de Santana, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Ensino, Filosofia e História das Ciências.

Área de concentração: História da Ciência

Orientador: Prof. Dr. Amílcar Baiardi

Salvador – Bahia

2004

MARIA DA CONCEIÇÃO BARRETO

**PESQUISA EM PSICOLOGIA: PRODUÇÃO INTELECTUAL DOS  
PSICÓLOGOS BAIANOS (1973 – 2002)**

Dissertação apresentada à Universidade Federal da Bahia e à Universidade Estadual de Feira de Santana, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Ensino, Filosofia e História das Ciências, tendo sido aprovada com a menção Distinção.

Data da aprovação: 05 de abril de 2004.

BANCA EXAMINADORA:

Amilcar Baiardi \_\_\_\_\_  
Doutor em Ciências Humanas  
Orientador

Antônio Virgílio Bittencourt Bastos \_\_\_\_\_  
Doutor em Psicologia

José Carlos Barreto de Santana \_\_\_\_\_  
Doutor em História da Ciência

## AGRADECIMENTOS

Embora este seja um empreendimento pessoal, sua consecução não seria possível sem a participação de outras pessoas. É difícil nomear todos os que contribuíram com esta realização, por isso vou citar apenas os nomes daqueles que estiveram mais próximos, colaborando direta ou indiretamente.

A Amilcar Baiardi, meu orientador, pela confiança e liberdade que me concedeu, favorecendo minha expressão pessoal no desenvolvimento deste trabalho. Sou-lhe grata, ainda, pela paciência em suportar minha ansiedade e cobrança nos momentos finais deste relatório.

A Antonio Virgílio e José Carlos, membros da Banca Examinadora, pela gentileza em aceitarem o convite, pelos esforços que empreenderam para se ajustarem aos prazos determinados e pelas contribuições sugeridas para a versão final deste trabalho.

A Olival Freire, Coordenador do Mestrado, por ter despertado minha vontade em ingressar no estudo de História da Ciência e pelo apoio oferecido nos vários momentos durante o Mestrado.

A Elyana Barbosa, pela amizade e oportunidade de me fazer aproximar de Bachelard, possibilitando a minha compreensão acerca da necessidade de abandonar o dogmatismo e a idéia de uma razão absoluta.

A Robinson Tenório, pelas sugestões oferecidas durante as aulas de Metodologia do Trabalho Científico e atenção em me socorrer nas diversas ocasiões durante a realização da dissertação.

Meu especial agradecimento a Nádia Rocha, pelo grande auxílio prestado, cedendo material de consulta, efetuando a leitura atenta de todo o trabalho, analisando e julgando questões técnicas específicas e sugerindo contribuições para o aprimoramento deste relatório.

A Mercedes Cunha, pelo acolhimento e dedicação na leitura do projeto e de parte deste relatório, pela atenção e presteza na discussão sobre o mesmo, além das sugestões de leitura e oferecimento de fontes de consulta.

Às colegas Cândida Iglesias e Manoelita Mota que compuseram a equipe de juízes, auxiliando a definir temas e áreas de concentração das pesquisas analisadas.

A todas as pessoas e instituições que contribuíram com a indicação ou o empréstimo de material de consulta. Sou muito grata a Antonio Marcos Chaves, Eulina Lordelo, Maria Luiza Cavalcante, Marilena Ristum (UFBA); Imaculada Sampaio (USP); Carlos Pinto (Círculo Psicanalítico da Bahia); Maria do Carmo Mendes (Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar – Ba); Mariluce Morais (Sociedade Brasileira de Psicomotricidade – Ba); Daniela (Federação Brasileira de Psicodrama);

Leila Couto (Associação Brasileira de Medicina Psicossomática – Ba); Conselho Regional de Psicologia e demais parceiros que auxiliaram na localização das fontes de consulta.

A todos os bibliotecários e técnicos das unidades de ensino visitadas, especialmente: Patrícia (Biblioteca Central da UFBA); Nice e Marina (Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – UFBA); Luis (Arquivos da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – UFBA); Auxiliadora (Faculdade de Educação – UFBA); Vagner (Faculdade Ruy Barbosa); Washington (Faculdade de Tecnologia e Ciência); Emerson e Ana Rita (Faculdades Salvador) e a todos os que contribuíram para que esse trabalho pudesse ser realizado.

Aos colegas psicólogos pesquisadores que, sem o saberem, forneceram os dados desta pesquisa, tornando-a uma realidade.

A Luis Fernando, meu filho, por ser uma fonte de inspiração para as minhas iniciativas perante a vida.

A Visi, pelo companheirismo constante, pelo apoio e estímulo sem os quais teria sido mais difícil realizar este trabalho, pela ajuda preciosa na ordenação dos dados e confecção de tabelas e gráficos e, sobretudo, por suportar com paciência o meu estresse.

Aos familiares e amigos, por compreenderem minhas ausências.

BARRETO, Maria da Conceição. **Pesquisa em Psicologia: Produção intelectual dos psicólogos baianos (1973 a 2002)**. Salvador, 2004. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia / Universidade Estadual de Feira de Santana.

## RESUMO

O presente trabalho integra a linha de estudos de História das Ciências e busca analisar a produção intelectual dos psicólogos baianos no período de 1973 a 2002 com a finalidade de traçar o perfil da pesquisa em Psicologia. Adota-se como premissa a idéia de que pesquisa não é uma especialidade, mas uma forma indispensável para desenvolver o pensamento crítico, sendo, portanto, necessária a qualquer prática (Gomes, 1996). A investigação caracteriza-se como uma pesquisa documental, utilizando-se material impresso veiculado em suportes e canais de comunicação locais e nacionais e mediante os quais são levantados: artigos, teses, dissertações, comunicações em congressos, livros e capítulos de livros. Os resultados obtidos indicam um quadro temático diversificado com maior concentração das pesquisas nas áreas Clínica, Organizacional, Desenvolvimento e Saúde. No geral a produção é pequena, originando-se, sobretudo, na esfera acadêmica com maior participação de docentes do ensino público. Verifica-se que poucos estudos receberam financiamento e que o canal privilegiado de divulgação dos trabalhos são os congressos. Embora os dados encontrados sejam, em grande parte, compatíveis com estudos similares, faz-se necessário uma revisão e aprofundamento deste estudo, abordando-o sob outros aspectos.

BARRETO, Maria da Conceição. **Research in Psychology: Intellectual Production of the Bahian Psychologists (1973 – 2002 period)**. Salvador, 2004. Master's Degree Thesis– Federal University of Bahia / Feira de Santana State University

## ABSTRACT

This paper is part of the line of studies of the History of Sciences and aims at analyzing the intellectual production of the bahian psychologists during the 1973-2002 period, in order to trace the profile of the research in Psychology. The premise that was adopted is that research is not a specialty, but rather an indispensable way of developing critical thinking, which is necessary to any practice (Gomes, 1996). The investigation is characterized as a documentary research, resorting to printed media aired on local and national communication channels. Based on these media, it is possible to make a survey of papers, theses, dissertation prospectus, communications in conferences, books and chapters of books. The results that were achieved point out to a diversified framework of topics with major concentration on researches that focus on the Clinic, Organizational, Developmental and Health areas. In general the production is limited, originating mainly from the academic scope, with major participation of the public-schooling educators. It was confirmed that few studies were financed and that conferences are a privileged channel for disseminating the works. Although the data found are mostly compatible with similar studies, it is necessary to make a review and an in-depth analysis of this study, approaching it from different perspectives.

## SUMÁRIO

Lista de Tabelas e Quadros

Lista de Figuras

APRESENTAÇÃO .....	11
CAPÍTULO I - PROBLEMA E QUESTÕES DE PESQUISA.....	14
1. Problema .....	15
2. Questões de pesquisa e bases teóricas .....	16
CAPÍTULO II - PERSPECTIVA HISTÓRICA E INTRODUÇÃO AO TEMA.....	38
1. Os primórdios da Psicologia no mundo.....	38
2. As idéias psicológicas no Brasil.....	44
3. As idéias psicológicas na Bahia .....	51
4. A pesquisa em Psicologia como tema de estudo dos psicólogos.....	57
4.1. Os estudos brasileiros de meta-ciência .....	58
4.2. Os estudos de meta-ciência realizados por psicólogos baianos .....	64
CAPÍTULO III - PESQUISA COMO INSTRUMENTO DE PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO.....	69
1. Considerações gerais sobre o conceito de pesquisa .....	69
2. Tipologia de pesquisa .....	75
3. Metodologia de pesquisa .....	80
4. Ética na pesquisa .....	90
CAPÍTULO IV - RELAÇÃO ENTRE ENSINO E PESQUISA E OS DESAFIOS DA FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA .....	96
CAPÍTULO V - ASPECTOS METODOLÓGICOS .....	110
1. Natureza da investigação .....	110
2. Fontes.....	111
3. Local da pesquisa .....	117
4. Material.....	119
5. Coleta dos dados.....	120
5.1 Instrumento .....	120
5.2 Procedimentos .....	120
6. Tratamento quantitativo e análise dos dados .....	122
CAPÍTULO VI - RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	126
1. Caracterização dos psicólogos baianos.....	127
1.1 Número de psicólogos formados pela UFBA .....	127
1.2 Natureza das instituições formadoras e pós-graduação em Psicologia na Bahia .....	127
1.3 Perfil demográfico dos psicólogos inscritos no CRP-03 .....	129
2. Resultados e Discussão.....	130
2.1. Dados da produção .....	130
2.2. Distribuição das produções conforme as categorias estudadas .....	142
2.3. Distribuição percentual das produções por período .....	143
2.4. Pesquisas acadêmicas e pesquisas não acadêmicas .....	146
2.5. Temas pesquisados .....	148
2.5.1. Categorias temáticas empregadas na classificação dos estudos .....	148



2.5.2 Temas mais focalizados nos estudos baianos.....	148
2.6 Áreas de concentração das pesquisas.....	155
2.7 Meios de divulgação das pesquisas .....	160
2.8 Órgãos de financiamento das pesquisas.....	161
3. Considerações finais .....	164
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	168
Anexo A - Fichas de Análise Documental .....	186
Anexo B - Categorias temáticas dos estudos.....	191
Anexo C - Categorias adotadas na classificação das áreas de concentração.....	196
Anexo D - Tabelas adicionais.....	198
D1 – Número de psicólogos formados pela UFBA por ano de conclusão do curso e por período (1973-2002) .....	199
D2 – Distribuição dos psicólogos do CRP-03 por área de atuação.....	200
D3 – Número de produções por ano, somatório por período e média de cada período (1973-2002).....	201
D4 - Formas de apresentação dos trabalhos em congressos (1973-2002).....	202
Anexo E - Produção intelectual dos psicólogos baianos (1973 – 2002).....	203

## Lista de Tabelas e Quadros

### TABELAS

1 - Produções levantadas em Anais e Programações Científicas – Eventos locais (1973-2002) .....	131
2 - Produções levantadas em Anais e Programações Científicas – Eventos nacionais (1973- 2002).....	133
3 - Produções levantadas em Catálogos de teses e dissertações por nível da pós-graduação e área de estudo (1973-2002).....	135
4 - Produções levantadas em periódicos locais (1973-2002) .....	137
5 - Produções levantadas em periódicos nacionais (1973-2002) .....	139
6 - Livros, capítulos de livros e verbetes identificados.....	141
7 - Produções por categoria (1973-2002) .....	142
8 - Categorias e subcategorias temáticas dos estudos .....	192

### QUADROS

1 - Códigos das áreas da Psicologia .....	197
---	-----

## Lista de figuras

### FIGURAS

1 - Distribuição percentual das produções por período.....	143
2 - Distribuição percentual das pesquisas acadêmicas e não acadêmicas .....	146
3 - Distribuição percentual das produções por área de concentração .....	155
4 - Distribuição percentual das produções por meios de divulgação .....	160
5 - Distribuição percentual das produções por fonte de financiamento .....	161

## APRESENTAÇÃO

O contexto em que se situa a ciência tem-se pautado pelo desenvolvimento do conhecimento em todas as áreas do saber, não sendo diferente em relação à Psicologia. Enquanto conhecimento humano, esse campo é relativamente novo e continua em processo de construção. Esse fato gera a compreensão de que o seu desenvolvimento depende da produção de novos conhecimentos. Nesse sentido, o levantamento da produção intelectual em Psicologia surge como uma possibilidade de se aquilatar seus avanços e suas lacunas.

A preocupação que percorreu todo este trabalho foi fazer um levantamento que permitisse traduzir, o mais amplamente possível, o desenvolvimento da Psicologia na Bahia considerado sob o ponto de vista da produção intelectual dos psicólogos.

Decidir por um trabalho desta natureza significa assumir um compromisso arriscado, não somente por ser um trabalho amplo, mas também por não se conhecer, até o momento, nenhum outro estudo sobre o tema, o que torna maior a responsabilidade pela tarefa. Sabe-se que a falta de informação sobre a produção científica em Psicologia ocorre também em outros estados brasileiros, mas na Bahia, esta lacuna é significativa. Embora existam produções realizadas por psicólogos, tais produções são pouco conhecidas faltando uma divulgação mais ampla. “Nomes, obras, feitos estão, na verdade, à espera do historiador que os ressuscite e os faça acessíveis a alunos, professores de Psicologia e ao grande público, pondo a claro a evolução de uma Ciência...” (Soares, 1979, p. 8).

Os estudos acerca da produção do conhecimento indicam para onde estão voltados os esforços, as atenções e os interesses dos pesquisadores, além de mostrar quais as descobertas originadas e quais as proximidades dos conhecimentos produzidos com as necessidades da sociedade.

A importância deste estudo está em poder fornecer uma imagem concreta da Psicologia na Bahia no que tange aos diversos tipos de pesquisas realizadas nesse campo do conhecimento, transformando a “visão suposta” acerca dessa produção em uma “visão real”. Examinar esse percurso possibilita pensar seu desenvolvimento tanto de forma particular, por área, quanto de modo global. A relevância desta investigação está ligada também à

possibilidade de oferecer às entidades que cuidam da Psicologia, elementos para a avaliação de iniciativas voltadas ao fortalecimento da profissão, bem como orientar discussões nos cursos de graduação e em reuniões científicas da categoria.

Pretende-se que os resultados desta iniciativa venham a integrar o projeto de Divulgação de Fontes Nacionais de Informação e Periódicos Científicos em Psicologia criado pelo Conselho Federal de Psicologia e apoiado pelo Fórum de Entidades da classe, mediante o qual disponibiliza-se, on-line, informações que objetivam promover a socialização do conhecimento, dar suporte às atividades de ensino e pesquisa, além de manter informados e atualizados os profissionais desse campo.

Embora não se pretenda, através deste trabalho, abranger o campo da Sociologia da Ciência, reconhece-se que existe uma estreita relação entre os estudos nesta linha e os de História da Ciência. A par desse fato, mas sem a pretensão de efetuar uma análise da estrutura cultural da produção levantada, buscou-se a possível relação entre os temas pesquisados e as ocorrências presentes no campo social.

Neste estudo, não se estabeleceu um referencial único de análise. As demarcações foram postas levando em conta as questões de pesquisa, buscando-se na literatura sobre o tema as orientações básicas para análise.

O presente trabalho é composto de seis capítulos além desta apresentação. No primeiro capítulo descreve-se o problema e as questões que conduziram esta investigação. Inicialmente faz-se uma descrição operacional dos termos contidos no problema de pesquisa, a fim de assegurar a precisão e a referência prática das definições e evitar jogo de palavras, sendo essas definições baseadas no contexto onde a pesquisa se insere. Em relação às questões de pesquisa, têm sua orientação baseada no exame da literatura sobre o trabalho científico, não necessariamente da área de Psicologia, embora se tenha buscado, na medida do possível, referências teóricas e metodológicas nesse campo.

No segundo capítulo faz-se, inicialmente, uma abordagem panorâmica sobre a constituição da Psicologia como ciência, arrolando-se algumas produções construídas ao longo de sua história, ressaltando-se, inclusive, os períodos através dos quais se desenvolveram as idéias psicológicas no Brasil, conforme assinalado por Pessotti (1988). Em

seguida, baseando-se na revisão da literatura, mostra-se a inserção deste estudo no campo da produção do conhecimento, expondo-se as pesquisas de meta-ciência nas quais constata-se a presença da pesquisa como tema de estudo.

No terceiro capítulo discute-se acerca do conceito de “pesquisa”, apresentando-se, ainda, algumas classificações referentes aos diversos tipos de pesquisa além da discussão sobre a concepção de método científico, amparada em autores que apresentam abordagens diversificadas. Finalmente, discute-se acerca da ética na pesquisa, especialmente no campo da Psicologia.

Partindo-se dos aspectos levantados por Gil-Pérez e col (2001) acerca das visões deformadas sobre o trabalho científico, o quarto capítulo faz uma abordagem sobre a importância do ensino e da pesquisa estarem sintonizados com uma visão contextualizada do conhecimento científico. São apresentadas críticas de alguns autores em relação à visão a-histórica, rígida, linear, fragmentada e elitista no ensino de ciências, entendendo-se que essas visões produzem entraves na concepção do trabalho científico trazendo implicações para o desenvolvimento de pesquisas em qualquer campo, inclusive na Psicologia.

O quinto capítulo discorre sobre o caminho percorrido nesta investigação, tentando-se elucidar, o mais detalhadamente possível, cada etapa do estudo.

Finalmente, no sexto capítulo são examinados os dados levantados, destacando-se alguns pontos que constituem linhas gerais de indicação do desenvolvimento da pesquisa em Psicologia na Bahia. Entretanto, embora sejam indicados os resultados mais relevantes do estudo, salienta-se que tais considerações assim como todo o trabalho aqui exposto abrangem apenas um recorte do universo dessas produções. São apontadas algumas lacunas e sugere-se outros estudos.

# CAPÍTULO I

## PROBLEMA E QUESTÕES DE PESQUISA

Ao examinar a literatura que versa sobre a produção intelectual dos psicólogos não foi encontrada, até o momento, nenhuma referência a estudos dessa natureza realizados na Bahia.

O psicólogo brasileiro mostra-se pouco envolvido com atividade de pesquisa. Essa conclusão de Matos (1988) resultou de um levantamento de informações realizado com a finalidade de subsidiar a elaboração do livro *Quem é o psicólogo brasileiro*. Nesse estudo, apenas 5,1% informaram ter atuado em pesquisa em algum momento de sua vida. A autora mostra que, até meados de 1960, essa participação era isolada e esporádica, sendo constituída de relatos de atividades clínicas e da aferição de testes e escalas. Por essa época, vários psicólogos brasileiros que atuavam em pesquisas eram vinculados aos intelectuais europeus que haviam se radicado no Brasil.

O pouco envolvimento do psicólogo brasileiro com pesquisa também foi observado por Bastos (1988b) em um estudo para verificar as áreas de atuação dessa categoria profissional. Os resultados desse levantamento mostraram que apenas 3% dos psicólogos se dedicavam à pesquisa, sendo que na jurisdição do CRP-03 (Ba e Se) somente 2,4% se envolviam com essa atividade.

A partir da década de 1970 houve aumento da produção científica em Psicologia no Brasil, tornando-se mais estável na década de 1980. Esse aumento, segundo Matos (1988), decorreu da criação formal dos cursos de pós-graduação, com o parecer 77/69 do Conselho Federal de Educação (CFE). A formalização da pós-graduação teve, portanto, um efeito impulsionador sobre todas as áreas de investigação científica no país. Em termos regionais, foi na região sudeste que se observou um desenvolvimento maior em termos de produção científica: 70,2% (livros, artigos, comunicações em congressos nacionais), o que é justificável pela maior concentração, nesta região, das opções no nível de pós-graduação na década de 1980: 79,4% em relação ao resto do país (Matos, 1988).

Tomando por base os dados do recadastramento efetuado pelo Conselho Regional de Psicologia, em 1996, esta autora identificou o percentual de apenas 1% de psicólogos baianos que haviam assinalado a pesquisa como área de atuação profissional, conforme indica o Anexo D2.

## **1. Problema**

Existem muitas questões relativas à produção do conhecimento que têm despertado o interesse de pesquisadores. Esse fato tornou complexa a escolha de um problema para guiar este trabalho de investigação, devido às diversas variáveis envolvidas, tanto pessoais, quanto contextuais.

Por não se conhecer outros esforços no sentido de levantar as produções de psicólogos baianos, procurou-se fazer um recorte amplo, envolvendo diversas fontes e um período de três décadas, com o intuito de dar uma visão panorâmica acerca do problema de pesquisa que teve a seguinte formulação:

### **QUAL É O PERFIL DA PRODUÇÃO INTELECTUAL EM PSICOLOGIA REALIZADA POR PSICÓLOGOS BAIANOS NO PERÍODO DE 1973 a 2002?**

No contexto deste trabalho, produção intelectual em Psicologia é entendida como a produção expressa na forma de: teses, dissertações, artigos, comunicações em congressos, livros, capítulos de livros e verbetes. Engloba toda produção documental realizada por psicólogo, sendo inteiramente possível abarcar estudos com diferentes propósitos, quais sejam: discussão de conceitos teóricos; reflexão sobre a prática profissional; discussão sobre a aplicação de instrumentos metodológicos; pesquisas experimentais com apresentação de resultados, estudos de casos, dentre outros. Em síntese, os trabalhos catalogados podem ter um foco de interesse intelectual ou de intervenção.

No decorrer deste relatório serão utilizados como equivalentes os vocábulos: produção intelectual, produção, pesquisa, estudos e investigação.



Por psicólogos baianos entende-se todo profissional formado em Psicologia, inscrito no Conselho Regional de Psicologia (CRP-03), ativo ou inativo e residente neste estado. Com base nesta compreensão, foram inclusos não apenas os psicólogos com naturalidade baiana, mas aqueles provenientes de outros estados. A listagem atualizada fornecida pelo Conselho Regional de Psicologia constituiu um instrumento útil para a verificação da inscrição profissional.

O período escolhido - 1973-2002 - a despeito de ser longo foi justificado pela literatura que menciona a existência de uma produção intelectual reduzida na área da Psicologia (Matos, 1988). Além disso, considerou-se o ano de 1973 como um marco na história da Psicologia baiana, pois foi nesse ano que a Bahia acolheu a primeira turma de psicólogos formados pela Universidade Federal da Bahia. Por outro lado, em 2002 comemorou-se no Brasil os quarenta anos de regulamentação da profissão de psicólogo e de reconhecimento dos cursos de graduação em Psicologia.

## **2. Questões de pesquisa e bases teóricas**

O problema estudado contém algumas demarcações teóricas e metodológicas configuradas através das questões de pesquisa que orientaram a coleta dos dados e sua análise. Estas questões, que foram aperfeiçoadas no decorrer da pesquisa, tiveram origem na revisão dos estudos relacionados à pesquisa em Psicologia, tendo sido investigadas segundo o referencial teórico em que se baseiam, conforme apresentado a seguir.

### **QUESTÃO 1:**

**EM QUE ÂMBITO REALIZA-SE A PRODUÇÃO INTELECTUAL DOS PSICÓLOGOS BAIANOS: NO ÂMBITO INTERNO DA UNIVERSIDADE OU NO ÂMBITO EXTERNO?**

Desde que se constituíram os projetos da Psicologia como ciência, na segunda metade do século XIX, este campo acompanhou discussões epistemológicas e metodológicas relativas tanto ao objeto de estudo, quanto à sua forma de investigação. Duas tradições se mantiveram ao longo do tempo, segundo Figueiredo (1995). Uma forma de investigação

naturalista, denominada de behaviorismo e outra que se consolidou como sendo investigação clínica do psiquismo.

A primeira tradição desenvolveu-se no âmbito acadêmico, estando ligada aos Institutos e Universidades, com financiamentos por parte das agências de fomento e sendo transmitida a alunos da graduação e da pós-graduação, encontrando aí espaço para sua consolidação. A segunda tradição originou-se em geral nos contextos da prática de atendimento, havendo, até os dias atuais, questionamentos acerca da conveniência de ocupar espaço na universidade.

Aproximando essa discussão da questão de pesquisa acima, identifica-se, na literatura, diferentes pontos de vista, seja defendendo uma maior integração entre ensino e pesquisa, logo, deixando claro que a pesquisa deve ocorrer dentro da universidade, seja reconhecendo que, apesar dessa integração ser importante, é possível que as pesquisas sejam desenvolvidas fora do espaço acadêmico. Ao elaborar a questão, pensou-se em dar à mesma uma dimensão abrangente de tal forma que a pesquisa pudesse ser vista não como uma especialidade profissional dentro da Psicologia, mas como “uma forma necessária e indispensável para o desenvolvimento de uma maneira de pensar criticamente e, portanto, necessária a qualquer prática” (Gomes, 1996, p. 46).

Na realidade, adotou-se como hipótese a idéia de que a pesquisa é praticada dentro e fora do espaço acadêmico, constituindo-se em um instrumento para a produção do conhecimento. Ao investigar esta questão levantou-se o estatuto do pesquisador, identificando se o mesmo era aluno de pós-graduação, docente ou profissional sem vínculo acadêmico. Denominou-se pesquisa acadêmica aqueles estudos desenvolvidos por aluno ou por docente, enquanto os demais foram nomeados de pesquisas não acadêmicas.

No campo das divergências teóricas, tem-se uma primeira vertente que afirma que a pesquisa deve estar inserida no contexto acadêmico, vinculada às instituições universitárias. A universidade é reconhecida como uma das instituições nas quais se faz Ciência, sendo que a concepção de Ciência está relacionada a “fazer pesquisa”. Dentro dessa perspectiva, a atividade de investigação supõe em geral um trabalho a ser realizado com uma equipe de pesquisadores em constante interação, mediante discussões que possibilitem a liberdade de pensar e agir cientificamente (Campos, M. 1979).

O autor acima citado defende a concepção de que a formação do pesquisador deve partir do pressuposto de que o pós-graduando esteja inserido numa equipe e que disponha de tempo para usufruir o contato com os demais membros desta equipe. Além disso, espera-se que o mesmo possa desenvolver a curiosidade científica, além da visão crítica de sua formação e conseqüente papel na sociedade.

Autores como Souza (1973), Demo (1985) e Gomes (1996) também defendem a idéia da articulação entre pesquisa e ensino. Souza (1973) advoga uma articulação entre a educação, a pesquisa e a tecnologia com o desenvolvimento global do país. Para ele, o ensino de terceiro grau, assim como o de pós-graduação têm grande responsabilidade na formação dos docentes, cientistas e tecnólogos para que estes possam desenvolver um trabalho de pesquisa criadora, essencial para o processo de desenvolvimento científico e tecnológico.

Demo (1985, p. 24), por sua vez, mostra-se enfático ao defender a conexão entre pesquisa e ensino:

Não se tem nada a ensinar, se não tivermos construído algo através da pesquisa. Não existindo a pesquisa, o professor torna-se um mero repetidor de textos e de idéias dos outros (...). Não é propriamente um cientista, ou seja, um construtor do saber.

Ainda de acordo com Demo (1984, 1993) citado por Chaves (1994, p. 63), a universidade é concebida como um grande centro de pesquisa, onde “deve atuar o grande professor: aquele que elabora as suas coisas, aquele que se inquieta, o que constrói culturalmente sua mensagem, o que sabe escrever, o que inova”. Por essa linha de pensamento, o professor-pesquisador se dedicaria à pesquisa e à publicação, e os alunos fariam pesquisas orientadas, podendo atingir uma grande produção intelectual, ainda durante o curso de graduação.

Por outro lado, Gomes (1996) lembra que os primeiros cursos de Psicologia eram marcados, em maior ou menor grau, a depender da região do país, pela preocupação em associar o ensino e a pesquisa. Entretanto, com a onda avassaladora dos cursos criados por todo o Brasil, essa articulação ficou comprometida, uma vez que os recém graduados tornavam-se professores logo após a graduação, sendo raras as universidades que importavam

professores doutores para os primeiros cursos de Psicologia ou para os cursos que originaram os atuais programas de Psicologia.

O autor acima referenciado considera relevante estabelecer a conexão entre ensino e pesquisa, embora admitindo que “a pesquisa está na base do ensino e da prática profissional. Os critérios e técnicas que orientam a investigação e a descoberta são os mesmos que sustentam a avaliação de práticas e a redefinição de rumos” (Gomes, 1996, p. 46).

Conforme o ponto de vista de Carneiro (1993), citado por Castro (1999a) há quatro argumentos que justificam e fortalecem a importância das pesquisas em Psicologia se vincularem à universidade e agências formadoras através dos cursos de graduação e, sobretudo, dos cursos de pós-graduação, pois a universidade funciona como pólo produtor de conhecimentos e a pesquisa é uma das formas de produção de conhecimentos. Os argumentos são os seguintes:

1. A universidade tem responsabilidade quanto à crítica e produção do conhecimento em qualquer área, constituindo-se em espaço privilegiado de discussão e reflexão permanente acerca dos métodos aplicados e suas conseqüências.

2. Existe o benefício da relação entre a profissão e a universidade, onde ambas saem ganhando. Ganham os profissionais que procuram legitimidade na academia e esta que contextualiza e dá relevância às produções dos profissionais.

3. Os cursos de pós-graduação lato sensu não substituem os cursos stricto sensu. Os cursos de pós-graduação são complementares da profissão.

4. Os cursos de Mestrado e Doutorado devem assumir responsabilidade pela formação do docente-pesquisador, não devendo ficar à margem de questões pertinentes às suas áreas de concentração. A formação deve ser teórica, prática e de aplicação.

No outro pólo situam-se os autores cujo argumento é de que as universidades não são e não devem ser as únicas instituições onde se pode desenvolver pesquisa, embora reconheçam que às universidades cabe a especificidade da associação da pesquisa com o ensino (Cunha, 1979).

Dentro dessa perspectiva, defende-se a possibilidade de se alcançar bons resultados das pesquisas decorrentes do empenho de instituições especializadas, que desenvolvem atividades autônomas, sem ter que existir correlação com o ensino. Segundo Aguiar Netto (1988), em geral essas instituições têm por finalidade a troca de informações, o desenvolvimento de pesquisas visando o aperfeiçoamento técnico, o aprofundamento teórico, a geração de novos conhecimentos e a formação de especialistas naquela área.

Para Schwartzman (1981, p. 120) a “idéia de que ensino e pesquisa científica devem estar sempre juntos não resiste a exame mais aprofundado, e deveria ser abandonada”. O autor considera conveniente que haja uma vinculação entre a pesquisa e a formação de pesquisadores, situados nos programas de pós-graduação orientados para essa finalidade. Essa formação deve ser concentrada em determinadas instituições, não necessariamente centros de excelência de formação de elites.

A defesa de Schwartzman (1981) é no sentido de que esses centros de excelência possam manter escolas profissionais padrão, servindo de modelo para todo o país. Que os alunos sejam selecionados com base no mérito e que as oportunidades profissionais e educacionais criadas sejam tais que apenas aqueles bem dotados possam se interessar por elas. O argumento do autor aponta para o estabelecimento de critérios mais rigorosos em relação à preparação de pesquisadores, sejam eles membros de instituições universitárias ou instituições não universitárias. Essa preocupação, segundo o mesmo autor, é demonstrada por alguns institutos de pesquisa tecnológica ao promoverem programas de formação de recursos humanos orientados para corrigir esta lacuna (Schwartzman, 1986).

Seguindo a linha de pensamento de que a pesquisa não precisa, necessariamente, estar situada nos meios acadêmicos, Seminerio (1985) considera alienante o estereótipo da superposição obrigatória do ensino e pesquisa ou do papel do professor e do pesquisador. Tal exigência, segundo o autor, acaba gerando o que ele chama de “inconveniências”. Dentre estas, situa-se a invenção de pesquisas inúteis sob o argumento de treinar futuros professores. Seminerio (idem), citando M. Amélia Goldberg (s.d.), corrobora com o ponto de vista da citada autora afirmando que não se deve, necessariamente, travestir o professor de pesquisador. “Muitos docentes de grande valor podem perfeitamente deixar de ser pesquisadores” (Seminerio, 1985, p. 6).

De acordo com Lüdke e André (1986), a atividade de pesquisa não se realiza numa atmosfera situada acima da esfera de atividades comuns e correntes do ser humano. Sem pretenderem subestimar esta atividade, as autoras sugerem, entretanto, a desmistificação do conceito de pesquisa como algo reservado a alguns eleitos, perspectiva que indica a possibilidade do exercício da pesquisa dentro ou fora do espaço acadêmico.

Nota-se que, embora os estudiosos em geral defendam a realização de pesquisas vinculadas à universidade, deixando clara a utilidade dessa atividade para alunos, professores e a comunidade, alguns autores adotam posturas críticas em relação a esse assunto.

Flecha (1995) chama a atenção para o fato de que, “historicamente, o termo pesquisa tem sido vinculado a produções sofisticadas de especialistas que utilizam uma linguagem própria e pouco acessível. Essas produções, geralmente, ficam depositadas em bibliotecas de Universidades, desvinculadas da vida real” (p.84).

Embora se verifique que as mais recentes e avançadas práticas, aplicações e delineamentos de pesquisa são evidenciados através dos trabalhos formalizados em teses e dissertações, essas produções têm um alcance limitado, sobretudo pela dificuldade de acesso a esse material, seja pela edição limitada, pela localização ou catalogação (Domingos, 1999a).

Pádua (2000) afirma que, quando se fala em pesquisa na universidade, tem-se compreendido essa atividade como o domínio de uma metodologia, reduzindo-se o método a uma aplicação de técnicas, como se bastasse o rigor na aplicação de técnicas para garantir melhores ou piores resultados. A autora advoga que as técnicas constituem instrumentos relativos à prática do pesquisador, não devendo ser vistas como algo meramente formal.

A defesa que a autora faz acerca da associação do método ao referencial teórico que o contextualiza é válida não apenas para as pesquisas realizadas no âmbito acadêmico, mas para toda pesquisa que pretenda ter um caráter científico.

**QUESTÃO 2:****QUAIS SÃO OS TEMAS ESTUDADOS?**

A escolha desta questão de pesquisa objetivou a verificação de uma possível relação entre o que ocorre no contexto cultural e os interesses intelectuais dos psicólogos. Com esta questão, pretendeu-se efetuar uma leitura contextual, levantando-se a hipótese de que os temas desenvolvidos expressam o panorama da profissão no momento em que o pesquisador escolhe seu objeto de estudo.

Ao tratar dos fatores psicossociais como uma das variáveis da criação científica, Moles (1971, p. 241-242) salienta os aspectos que compõem a “sociologia externa” da ciência, no que se refere à escolha dos temas de pesquisa, colocando que essa escolha é determinada por fatores próprios da “cidade científica” em que o pesquisador está inserido. Um dos fatores para o qual o autor chama à atenção é a *moda*. Esta, segundo Moles, se estabelece na ciência como em qualquer área do conhecimento.

A metáfora utilizada por Poincaré comparando o “edifício científico” a uma casa com diversas salas fechadas, parece definir bem a influência sobre as escolhas no mundo científico. Moles (idem, p. 242) diz que Poincaré comparava a exploração que se faz desse edifício ao que ocorreria com uma casa. “Desde que um pesquisador tenha, por qualquer processo, quebrado uma porta de um dos quartos, um grande número precipita-se atrás dele, explorando minuciosamente a sala e não a abandona senão quando decididamente não há mais muita coisa de novo para achar nela”.

Essa “moda”, conforme elucida o autor acima referido, revela-se não apenas em relação à escolha dos temas de pesquisa, como também na eleição dos métodos empregados. Moles (1971, p. 243) exemplifica esse fato, citando a utilização durante o período de 1936-1950 do método integral de Fourier, do cálculo operacional de Heaviside e da experiência, aplicados no cálculo dos regimes transitórios dos sistemas vibrantes. Os sistemas foram estudados, segundo esse autor, com base na moda, em vez de basearem-se na eficácia do método, uma vez que desde o começo eram conhecidas as possibilidades dos referidos métodos.

Colli (2002, p. 5) argumenta que a motivação principal do cientista é a curiosidade e esta depende da intuição e do cérebro. Citando Moysés Nussenzveig (1983), Colli observa que:

Ao escolher os temas que vai investigar, o pesquisador é motivado pela lógica interna de sua disciplina, por um sentimento intuitivo em que aspectos estéticos desempenham muitas vezes um papel importante, como ocorre com o artista.

Hagstrom (1979, p. 83) salienta que no começo da vida profissional, o pesquisador trabalha naquilo que aprendeu quando estudante, o que vai reforçar o seu aprendizado e suas convicções, independentemente do sucesso técnico ser confirmado ou não socialmente. Citando Kuhn (1962, 1963), Hagstrom (idem) afirma que na investigação científica normal, fora de uma crise, os problemas típicos são quase sempre repetições, contendo alterações mínimas de problemas já considerados antes e mesmo já resolvidos parcialmente.

Apesar da moda científica ser um fenômeno indiscutivelmente reinante no campo da produção científica, existindo desde o século XIX, conforme assinala Moles (1971), ela desempenha um papel limitado em relação ao que se convencionou chamar de grandes descobertas. Para esse autor,

Sendo um de seus caracteres, precisamente, o de serem inesperadas, elas se revelam fora de toda a questão de moda em um determinado canto, ele próprio imprevisto, do edifício científico e conservam uma espontaneidade manifesta por métodos heurísticos, baseados na originalidade mais do que na segurança (Moles, 1971, p. 243).

Por essa perspectiva, a “*démarche* da criação intelectual segue um percurso aleatório, baseando-se na estrutura caracterial do pesquisador” (Moles, 1971, p. 239), sugerindo que os processos de descoberta ou a forma de ordenação de conceitos serão mais utilizados por um pesquisador do que por outro. Mas essa “psicologia do caráter do pesquisador” não pode ser vista de modo determinista, como possibilidade de prever a criação somente a partir da análise do comportamento passado do pesquisador e dos fatores ambientais. É impensável, segundo Moles (idem), imaginar, a priori, o conhecimento da situação do pesquisador nesse campo fenomenal.



Sendo precisamente a tarefa do pesquisador a de criar este campo por seu trabalho experimental ou cultural, ele modifica, por sua própria ação, o campo que determina as suas reações caracteriais, portanto os seus atos ulteriores. Há um círculo vicioso, que se traduz, em princípio, por uma margem irreduzível de incerteza. Poder-se-ia definir a pesquisa científica como o ato de criar seu próprio campo fenomenal (Moles, 1971, p. 240).

Ziman (1979, p. 111-112) afirma que, embora existam pesquisadores interessados em resolver problemas novos, há outros que, ao escolher qual a pesquisa a ser feita, guiam-se pela lei do menor esforço, trabalhando anos a fio no mesmo tipo de pesquisa. O autor acima citado reconhece como algo natural a busca de compensações imediatas e que vários pesquisadores tomem a mesma iniciativa ao mesmo tempo. Entretanto, salienta que trabalhar com assuntos que estão “em voga” limita o interesse em relação ao restante do campo.

Mesmo reconhecendo que os imperativos éticos do consenso nesse campo de atividade não devem ser abandonados, Hagstrom (1979, p. 112) lembra que:

A pesquisa científica é uma arte muito difícil, em que os noventa e nove por cento de frustração e transpiração nem sempre são compensados pelo um por cento de inspiração e euforia. É preciso ter muita auto-confiança e força de vontade para não seguir um caminho que promete resultados relativamente fáceis.

Há uma questão discutida por Moles (1971) e Hagstrom (1979) que se refere ao aspecto social como motivo gerador da atividade científica. Independente do motor que move essa atividade, seja extrínseco traduzido pela “moda” (Moles, 1971), pelos temas “em voga” (Hagstrom, 1979), ou ainda intrínseco traduzido pelo caráter do pesquisador (Moles, 1971), a criação científica utiliza todas as dimensões, incluindo os planos de liberdade e apreensão fenomenológica, não se restringindo a um universo lógico ou lúdico (Moles, 1971, p. 261).

Para Moles (idem) o espírito dessa atividade é social, pois mesmo aquilo que se encontra no subconsciente do pesquisador faz parte do “fundo comum da humanidade” (p. 261). Para Hagstrom (1979), não faz sentido a afirmativa de que os pesquisadores fazem o que desejam, guiados somente por considerações estéticas. Esta concepção individualista não representa, conforme esse autor, a comunidade científica que se conhece. O argumento de Hagstrom baseia-se na constatação de que os cientistas que não encontram reconhecimento

pelo seu trabalho ficam aborrecidos com esse fato e os que vivem isolados da comunidade científica acabam se tornando improdutivos.

No domínio da História das Ciências e, igualmente, na História da Psicologia (Krüger, 2001), a importância de atribuir a circunstâncias sociais como fatores que condicionam a produção científica é salientada mediante a perspectiva externalista. Por essa ótica, qualquer produção cultural sofre a influência do “conjunto das condições econômicas, sociais e políticas circundantes (...) dando origem a juízos de valor e ao estabelecimento de prioridades na investigação científica” (idem, p. 51-52).

Menezes (1978) citado por Bastos (1982, p. 55-56) utiliza como recurso analítico a decomposição da ciência em plano interno e externo, embora reconhecendo que a ciência é uma totalidade que engloba os dois planos. No plano interno a ciência é analisada nos aspectos lógicos, metodológicos e epistemológicos, distinguindo-se como processo ou método de investigação e como produto ou conjunto de conceitos, definições, classificações e um *corpus* de leis e princípios explicativos. Por essa perspectiva, a análise seria denominada de leitura textual.

O outro nível de análise diz respeito ao plano externo, mediante o qual a ciência é analisada em relação aos seus vínculos com o contexto social e sua historicidade, distinguindo-se a ciência como processo ou “prática social de produção de bens simbólicos e reprodução do sistema de poder” ou como produto ou “ideologia e formas de dominação”. (Menezes, 1978, p. 19) citado por Bastos (1982, p. 55-56). A essa perspectiva de análise o autor referido denomina de leitura contextual da ciência.

Em relação aos temas mais pesquisados tem-se a impressão de que haja um amplo espectro, a julgar pela diversidade de áreas em que o psicólogo atua. Assim, dentro de cada área haveria uma gama variada de aspectos a serem abordados nas pesquisas sendo difícil, portanto, sugerir rumos. A revisão da literatura possibilitou que se conhecesse parte dessa realidade mediante as temáticas identificadas em estudos brasileiros, conforme descrito a seguir.

Aguiar Netto (1988), em estudo realizado com o objetivo de identificar a existência de produções na área psicológica, realizadas e divulgadas por instituições

desvinculadas do sistema acadêmico, constatou que os artigos publicados revelam a preocupação dos seus autores com aspectos conceituais em termos de clarificação e detalhamento. Verificou ainda uma significativa preponderância relacionada à reflexão dos diversos aspectos da ciência e da profissão psicológicas. Uma outra preocupação, em menor grau, foi evidenciada em relação aos métodos de trabalho e aplicações práticas. Em terceiro plano apareceu a preocupação dos autores com a divulgação dos resultados de pesquisas. O autor não faz nenhuma referência a prováveis influências sociais recebidas pelos autores na realização desses estudos.

Roazzi, Nascimento e Dias (2003) destacam, por campos de investigação, as pesquisas realizadas em Psicologia do Desenvolvimento no Brasil: Interação Mãe-criança (Biaggio, 1979); Desenvolvimento Moral (Rique Neto e Camino, 1989; Haidt, Koller e Dias, 1993); Teoria da Mente (Roazzi e Dias, 1994); Relações Sociais (Sperb, Freitas e Grohs, 1995); Linguagem em seus aspectos de consciência fonológica (Cardoso-Martins, 1995); Aprendizagem da leitura e da escrita (Cardoso-Martins, 1995; Rego, 1995); Construção de Conceitos Matemáticos (Correa, 1996).

Os autores acima citados observam a existência de desinteresse quanto ao estudo do processo de aquisição da linguagem assim como ausência de pesquisas que focalizem as bases biológicas do comportamento em humanos, embora haja interesse por este tipo de estudo realizado em animais.

Já em Psicologia Organizacional e do Trabalho, os temas mais pesquisados, conforme identificado em um estudo de Bastos (1997) citado por Bastos (2003) são, por ordem de prioridade, os seguintes: Cultura Organizacional; Impactos de novas tecnologias; Processos decisórios; Comportamento gerencial; Poder e conflito; Comprometimento no trabalho e Percepções e clima organizacional.

Numa tentativa de mostrar o desenvolvimento da Psicologia Social e Comunitária, Sarriera, Quintal de Freitas e Scarparo (2003) argumentam que a história da Psicologia nesse campo tem sido contada a partir do desenvolvimento político-social do Brasil e da América Latina. Assim é que, os temas relacionados às práticas na Psicologia Social surgem em meados de 1980 em encontros científicos da Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO) enquanto que, em 1989, são constituídos grupos de trabalho em torno de temas

relacionados a gênero, trabalho e saúde. A partir de 1990, outros grupos são formados, sendo que atualmente há grupos interessados em temáticas do tipo: Subjetividade, conhecimento e práticas sociais; Cotidiano e práticas sociais; Comportamento político; Psicologia sócio-histórica e contexto brasileiro de desigualdade (Sarriera e col, 2003).

Ainda de acordo com Sarriera e col (idem) muitos trabalhos apresentados em congressos refletem um cunho social, estando centrados na análise de programas e políticas públicas, de organização e conscientização populares, além de intervenções psicossociais como: trabalho infantil, violência, drogas, dentre outras.

No âmbito da Psicologia da Saúde, Bucher (2003), baseando-se em um estudo realizado por Marques (2001), aponta como temas predominantes a violência e os acidentes de todo tipo. De acordo com a mesma autora, o referido estudo indica, ainda, que os temas: trabalho, segurança, prostituição e movimentos sociais fazem referência às mulheres, aos trabalhadores e aos grupos vulneráveis e de risco.

Ao se referir aos temas pesquisados em Psicologia Escolar, Maluf (2003) afirma que no período em que a Psicologia se expandiu – da década de 1964 até os primeiros anos da década de 1980 – coincidindo com o período de autoritarismo político no Brasil, as produções nessa área refletiam: a consciência das desigualdades presentes na sociedade brasileira; as diferenças de rendimento escolar nas escolas da rede privada e da rede pública; o papel do psicólogo no enfrentamento da problemática do fracasso escolar, apontando-se as falhas na formação desse profissional, assim como da própria Psicologia Escolar, considerada incompleta por não incluir as visões de disciplinas como a Filosofia, as Ciências Sociais e a Antropologia.

### **QUESTÃO 3:**

**EM QUE ÁREAS HÁ MAIOR CONCENTRAÇÃO DE TRABALHOS?**

Inicialmente apresenta-se o ponto de vista de alguns autores sobre o que seria “área de atuação”, para que se possa compreender melhor a questão aqui colocada. A seguir,

examina-se, através da literatura, o posicionamento dos autores sobre os estudos desenvolvidos nas diferentes áreas da Psicologia.

Yamamoto (1987) citado por Bastos (1988b, p. 164) assinala que quando a profissão foi regulamentada, a Psicologia aplicada já tinha uma história que serviu de base para estabelecer seus novos rumos. Desse modo, a Legislação que regulamenta a profissão do psicólogo no Brasil não se refere a áreas de atuação, mas apenas às atividades, tendo sido definidas, para esse profissional, duas grandes funções quais sejam: ensinar Psicologia e o exercício da profissão de psicólogo, cujas atividades enunciadas demarcavam três áreas, além do ensino: a clínica, a escolar e a educacional. Essa demarcação não estabelece os critérios utilizados, conforme salienta Mello (1975) citado por Bastos (1988b). Sabe-se, entretanto, que o perfil de cada uma dessas áreas associa às mesmas um conjunto de atividades e objetivos colocados para os psicólogos e divulgados para a comunidade em geral.

Bastos (1988b; 2003) questiona a definição de área de atuação a partir do local de trabalho, advertindo para a diversidade do campo de atuação do psicólogo. O autor salienta que, apesar de as atividades desenvolvidas pelos psicólogos serem predominantemente as tradicionais já citadas, não se pode ignorar a amplitude das atividades que esse profissional vem desenvolvendo cada vez mais e que abarcam não só locais distintos, como também objetivos diferentes, modificando os rótulos colocados inicialmente.

Esse debate considera que o perfil de profissional exigido apela para uma atuação multiprofissional, com intervenções em níveis diferenciados, não se ajustando aos rótulos descritos inicialmente. Bastos (1988b; 2003) entende que a definição de área de atuação somente se justifica se for compreendida como espaços que incluam não só as especificidades relativas às intervenções, mas que sejam delimitados a partir de critérios sociológicos.

Por essa perspectiva, ainda conforme Bastos (1988b):

Essas áreas devem ser vistas como contextos diversos que criam círculos de relações, padrões de referência e avaliação do trabalho distintos; tais diferenças, por seu lado, se apóiam e geram valores diversificados, moldam padrões de relação entre profissionais e destes com a sua clientela específica (...) O conceito área de atuação pode se revelar bastante útil para investigar de que forma aspectos do

indivíduo e do contexto de trabalho interagem na determinação de padrões de conduta profissionais próprios (Bastos, 1988b, p. 167).

Neste estudo adota-se, para denominar as áreas de concentração das produções, a nomenclatura usualmente concebida para as áreas de atuação da Psicologia.

No que diz respeito à questão de pesquisa relativa às áreas que concentram maior número de estudos, supõe-se que haja uma conexão entre a maior ou menor frequência na escolha da área de pesquisa ao plano externo da ciência. Buscou-se na literatura subsídios que pudessem contribuir para prever a direção em que se dá o movimento das investigações psicológicas.

Como os dados encontrados até o momento que comparam produções por área são antigos (Matos, 1988), optou-se por uma hipótese não direcional. Esta opção levou em conta a existência de movimentos atuais no âmbito da Psicologia que apontam direções distintas, havendo uma multiplicidade de áreas, tornando-se difícil prever em que área predomina o interesse dos psicólogos ao realizarem suas pesquisas. Às antigas ou áreas tradicionais – clínica, educacional, social e organizacional – vêm sendo acrescidas outras: saúde, ambiental, esporte, jurídica, dentre outras, conforme observado no exame da literatura.

Ao analisar os Resumos apresentados na Secção G.2 – Psicologia, nas Reuniões da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, nos anos de 1982, 1983 e 1984, Matos (1988) relata que em 1983 e 1984, a pesquisa psicológica brasileira dirigia-se para as áreas de: Psicologia do Desenvolvimento (25,4% e 14,6%); Psicologia Social (27,6% e 15,9%) e Fundamentos e Medidas (11,2% e 25,6%). A autora considera baixo o percentual revelado no mesmo período nas áreas de Psicologia Clínica (13,4 % e 18,3%) e Psicologia Escolar (8,9% e 6,1%), considerando-se o impacto da pós-graduação sobre a pesquisa e o grande número de cursos de pós-graduação nessas áreas. Não foram encontrados trabalhos em Psicologia Fisiológica, Psicologia Comparada e havia poucos trabalhos em Psicologia do Trabalho. A autora retrata a dificuldade encontrada em classificar os trabalhos apresentados de acordo com a variável de interesse ou problema investigado, pois alguns trabalhos se dirigiam a vários problemas ou áreas e subáreas.

O exame da literatura mais recente indica que a Psicologia brasileira, de forma inquestionável, tem-se desenvolvido em diversas áreas. Esse desenvolvimento é marcado pelo desafio não só de produzir conhecimento, mas produzi-lo de modo sintonizado com as questões contemporâneas. Nesse sentido, existe a expectativa de alguns autores, como se verá a seguir, de que os pesquisadores em Psicologia estejam atentos às mudanças históricas e culturais.

No que tange ao campo da Psicologia Clínica, por exemplo, Feres-Carneiro e Lo Bianco (2003) reconhecem que esta área é ampla e complexa, devendo ser objeto de permanente atividade investigativa. A pesquisa, segundo as autoras, deve acompanhar *pari passu* a atividade prática, devendo ser iniciada ainda na graduação, estendendo-se à sua prática profissional. Na opinião das autoras a formação clínica deve ser concebida como um exercício em permanente construção, não se justificando a idéia de que os psicólogos clínicos não foram socializados nas regras da academia e que, portanto, não têm familiaridade com a pesquisa.

Em relação à prática, assim como no que se refere à produção nessa área, Feres-Carneiro e Lo Bianco (idem) afirmam que na atualidade existem críticas relativas à visão que enfatiza o indivíduo abstrato e a-histórico. Citando os trabalhos de Bezerra Júnior (1987) e Costa (1989), as autoras assinalam que inexitem formas a-históricas do adoecimento mental e que, apesar da universalidade do distúrbio psíquico, suas expressões variam conforme o contexto cultural.

Inserido na concepção de que a clínica constitui uma das áreas de pesquisa na Psicologia, Castro (1999a) afirma ser esta uma das áreas de maior interesse e produção no campo psicológico. O autor baseia sua opinião em estudos realizados por órgãos oficiais de regulamentação da profissão, assim como em pesquisas vinculadas aos cursos de pós-graduação, as quais mostram a área clínica como a de maior interesse e satisfação profissional, estando esse interesse ligado também à realização de estudos. Castro (1999a ; 1999b) refere-se aos estudos realizados por Mello (1983); CFP (1988; 1992; 1995) e Achcar (1994) para justificar sua argumentação.

Corroborando com esse ponto de vista, Bonfim, Carneiro, Campos e Dias (1995), citados por Castro (1999a), observaram em levantamento realizado em instituições filiadas à

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação (ANPEPP) que a produção científica nessa área é evidenciada nos cursos de Mestrado e Doutorado em Psicologia Clínica tendo havido um significativo crescimento dos mesmos a partir de 1993/1994.

No campo da Psicologia Escolar, Maluf (2003), ao analisar o panorama dessa área no nosso país e fora dele, salienta que a produção de conhecimentos é extensa e variada. A afirmação da autora baseia-se nos bancos internacionais de dados sobre a Psicologia, bem como na bibliografia brasileira, em grande parte produzida nos cursos de pós-graduação. Entretanto, conforme a mesma autora, a socialização desse conhecimento é limitada, principalmente no Brasil. Maluf (idem) alerta para as relações existentes entre a produção cultural e o período de autoritarismo político do Brasil da década de 1960. A autora mostra como a produção do conhecimento em Psicologia Escolar refletia o contexto social e político na segunda metade do século XX mencionando uma série de publicações ilustrativas do momento cultural então dominante.

Baseando-se na literatura, Roazzi, Nascimento e Dias (2003) pontuam que o significado da pesquisa em Psicologia do Desenvolvimento volta-se para aspectos relacionados à sua relevância sócio-cultural e não apenas científica. A definição de objetivos da área indica as mudanças decorrentes de transformações que vêm marcando este novo século, notando-se uma preocupação dos estudiosos com dimensões humanas cotidianas. Para os autores esse foco de investigação que integra dimensões inter e intrapsíquicas, direcionado para o estudo do indivíduo no seu dia-a-dia, para os aspectos sócio-culturais, tem a ver com a mudança de postura do pesquisador em incorporar a dimensão histórico-cultural.

Segundo os autores acima referenciados, apesar de ser considerado jovem, o campo da Psicologia do Desenvolvimento mostra sinais de crescimento em termos de pesquisas em andamento no Brasil considerando-se as diversas teses de mestrado e doutorado realizadas nessa área.

Ao examinar o número de pesquisadores da área da Psicologia Organizacional e do Trabalho junto ao CNPq, Bastos (2003) reconhece que estes constituem uma comunidade restrita, incipiente mesmo, apesar de se perceber sinais de crescimento dessa comunidade. O autor referido elucida sua posição com base em levantamento efetuado junto ao CNPq, onde se situa o grupo mais produtivo, observando que apenas 7,2% do total de bolsistas da



Psicologia estão aí representados, equivalendo a quatorze pessoas. Entretanto, Bastos (idem), assinala que, em relação às demais subáreas da Psicologia, os psicólogos organizacionais com título de doutorado apresentam a média de tempo de conclusão desse curso em torno de onze anos, o que poderia justificar a pequena participação em pesquisa, conforme alega o autor.

Bastos (2003) salienta que fora desse grupo existem outros pesquisadores ativos, não só em Psicologia Organizacional e do Trabalho, como em outros domínios. Um exame feito pelo autor na base de dados dos grupos de pesquisa no Brasil indicou a existência de 397 grupos em Psicologia, sendo que somente 3,53% (quatorze grupos) situam-se na área organizacional. A análise dos dados por região aponta a existência de quatro grupos no nordeste, quatro na região sul e dois grupos no centro oeste. Na região sudeste verificou-se a existência de quatro grupos no estado de São Paulo, não havendo grupo cadastrado em Minas Gerais e Rio de Janeiro.

No que se refere à prática, assim como à produção de conhecimentos em Psicologia Social Comunitária, segundo Sarriera, Quintal de Freitas e Scarparo (2003), é preciso entender que já em meados dos anos 60 e na década seguinte esta área sofria e refletia os determinantes sociopolíticos da época, ou seja: analfabetismo, doença, pobreza, alto custo de vida, falta de saneamento básico, de moradia, transporte e educação. Os autores colocam que, ainda hoje, as propostas e programas de governo para as áreas de saúde e educação têm um caráter autoritário e paternalista, o que gera atitudes subservientes. Na Psicologia, a formulação de propostas e práticas de comunidade é incipiente e, em geral, são influenciadas por movimentos sociais, como se pôde observar nos anos 80 o aumento das experiências desenvolvidas em comunidades, revelando o momento em que se consolidava a abertura política no país.

Na Psicologia da Saúde, conforme salienta Bucher (2003), a produção científica tem crescido na última década. Segundo a autora citada essa produção vem sendo realizada, sobretudo, no âmbito acadêmico com a apresentação de dissertações de mestrado e teses de doutorado abordando temas relativos à saúde.

Um estudo realizado por Marques (2001) citada por Bucher (2003) revelou que as pesquisas em saúde, no Brasil, situadas nas ciências humanas representaram 41%, seguidas das ciências exatas e da terra, com 21% e das ciências sociais aplicadas, com 14,4%. Em

números absolutos, a Psicologia representou 870 temas de pesquisas, estando entre os mais freqüentes a violência e os acidentes de vários tipos, conforme já assinalado anteriormente.

A área de Avaliação Psicológica, conforme pontuam Hutz e Bandeira (2003), ocupou a atenção de médicos, educadores e psicólogos desde o início do século passado, quando foi produzido um grande número de pesquisas, incluindo adaptações e traduções. A comprovação da grande produção nessa área pode ser verificada através da literatura. Alchieri e Scheffer (2000) citados por Hutz e Bandeira (2003) identificaram cerca de 1.300 referências de artigos publicados no Brasil entre 1910-1999, abrangendo instrumentos e métodos de avaliação psicológica. Apesar dessa grande produção, Hutz e Bandeira (2003) chamam a atenção para o fato de que muitos trabalhos nunca foram publicados. Além disso, a avaliação psicológica enfrentou uma crise em termos de aceitação no início da década de 1960, levando a um recrudescimento no uso de testes por parte dos psicólogos.

Superada a crise por volta da década de 1980, observou-se um interesse renovado pela área, manifestando-se através de diversas iniciativas como: a qualificação de pesquisadores, a criação de laboratórios em vários estados brasileiros, das linhas de pesquisa instituídas nos programas de pós-graduação, o aumento da quantidade e qualidade das publicações, incluindo uma revista especializada além de um mestrado acadêmico.

Apesar do crescimento da área de Avaliação Psicológica, a pesquisa nesse campo ainda é incipiente, conforme esclarecem Hutz e Bandeira (2003). Esses autores colocam que é necessário fomentar o desenvolvimento de pesquisas que contemplem: a pesquisa básica com vistas a desenvolver, adaptar, normatizar e validar instrumentos; a pesquisa aplicada para atender necessidades específicas da realidade brasileira (analfabetos, grupos de risco) e o apoio a linhas de pesquisa nas diferentes áreas da Psicologia. Os autores acima mencionados destacam a importância não só de se produzir instrumentos adequados à realidade, mas também treinar os profissionais que trabalham com esses instrumentos e com realidades específicas.

**QUESTÃO 4:**

QUAIS SÃO OS MEIOS UTILIZADOS PARA A DIVULGAÇÃO DOS TRABALHOS?

Ao elaborar esta questão pretendeu-se identificar os veículos de divulgação mais utilizados pelos psicólogos.

A tradição de divulgar produções científicas é antiga, identificando-se sua marca inicial em 1535. O matemático italiano Nicollò Tartaglia descobriu um método geral para equações cúbicas e narrou, em confiança, para Gerolamo Cardano que o publicou, recebendo o crédito pela descoberta. Tartaglia denunciou o ocorrido. A partir de então, tornou-se regra atribuir o crédito de uma descoberta a quem primeiro a publicar, o que incentiva a divulgação, possibilitando que outros estudiosos tomem conhecimento das produções de uma determinada área o mais rápido possível (Congresso Norte/Nordeste de Psicologia, 1999).

Além de reconhecerem a importância de divulgação dos estudos realizados por pesquisadores, vários autores apresentam pontos de vista relativos às motivações que levariam os cientistas a publicarem seus produtos. Hagstrom (1979), por exemplo, considera que os cientistas divulgam os resultados dos seus trabalhos pela necessidade de reconhecimento. Para o autor, esse desejo de ser reconhecido não leva o cientista apenas a comunicar o seu trabalho, como também exerce influência sobre a escolha dos problemas de pesquisa e sobre a metodologia empregada, dando prioridade aos problemas cuja solução possibilite um maior reconhecimento por parte da comunidade científica. Neste estudo, não se pretendeu investigar os motivos que levam os pesquisadores baianos a divulgar seus trabalhos, embora este seja um tema propício a ser investigado.

Ziman (1979) citado por Bastos (1982, p. 120) salienta a necessidade de divulgação dos trabalhos pelos pesquisadores alegando que esta comunicação, além de ser importante para o desenvolvimento da ciência, marca o seu caráter científico, uma vez que o consenso que se estabelece na comunidade científica origina a objetividade do conhecimento produzido. A opinião dessa comunidade é “tão importante quanto o talento individual para o desenvolvimento de qualquer ramo do conhecimento”.

Essa concepção, conforme Bastos (1982, p. 120-121), diverge da noção de propriedade privada prevalente nas sociedades capitalistas e associada à produção tecnológica expressa pelo uso de “patentes”. Citando Mitroff (1974, p. 592), o autor ressalta que essa noção de propriedade tem duas funções: salvaguardar o sistema da ciência das disputas de prioridade e indicar para si e para os outros a importância do trabalho, daí a necessidade de sua proteção.

Witter, G. (1996) esclarece que a produção científica é um processo constituído por produtor e consumidor e cuja interação é permeada por um produto gerado pela ação do primeiro. Considerando que a ênfase pode ser colocada no produtor, no consumidor ou nas relações entre esses elementos, a pesquisadora pontua que o produtor possui vinculações com as sociedades científicas e fora delas, quer seja um pesquisador individual ou esteja inserido em um grupo institucional.

O que se depreende do ponto de vista acima é que o produto gerado por um pesquisador, apresentado sob a forma de artigo, livro, objeto, dentre outras, tem conseqüências para uma comunidade portanto, espera-se que o autor leve em conta o consumidor desse produto. Todos os membros de uma sociedade são consumidores de ciência, logo, nada mais justo do que divulgar esses produtos e observar o seu impacto.

Na opinião de alguns autores, dentre eles: Pfromm Netto (1992); Witter, G. (1996); Sampaio e Peixoto (2000) e Andrade (2002), a divulgação dos resultados de pesquisa é considerada uma etapa importante na formação de cientistas e na disseminação do conhecimento.

A publicação dos resultados das pesquisas é vista por Sampaio e Peixoto (2000, p. 112) como o “recurso mais utilizado para legitimar e registrar o avanço do conhecimento”. Esse avanço é aqui entendido não apenas como acúmulo em termos de quantidade ou variedade de conhecimentos, mas também como substituição de uma idéia por outra ou atualização de informações que conduza a um crescimento da informação na sociedade, uma vez que, conforme sugere Ruzza (1990) citado por Malozze (1999, p. 108): “a informação tem efeito decisivo nos métodos da atividade social e nos estilos de vida”.

**QUESTÃO 5:****QUAIS SÃO AS FONTES DE FINANCIAMENTO DESSAS PRODUÇÕES?**

Ao colocar esta questão desejou-se conhecer o quadro de financiamento das pesquisas psicológicas na Bahia. Como na questão anterior, também aqui não se levanta as razões que levariam os psicólogos baianos a fazerem pesquisas. Teve-se o sentimento de que os psicólogos realizam pesquisas independentemente de receber ou não financiamento para as mesmas. A hipótese levantada baseou-se na crença de que esses pesquisadores talvez sejam movidos pelo que Popper (1972) admite como sendo as mais fortes razões da investigação científica – o esforço por conhecer e a busca da verdade.

No tocante ao financiamento da pesquisa no Brasil, nota-se que as críticas relativas à desigualdade na distribuição dos recursos são antigas. Pfromm Netto (1971) critica o tratamento desigual oferecido para o incentivo e financiamento da pesquisa em Psicologia. Conforme esse autor, são favorecidas as áreas de ciência e tecnologia ligadas à Física, Biologia e Química, sendo limitados os recursos destinados à Psicologia e às Ciências Sociais em geral. O autor sentencia:

Raramente são feitos esforços e destinados recursos realmente significativos para a expansão da pesquisa em Ciências Humanas ou Sociais e, menos ainda para pesquisas de natureza psicológica ou pedagógica (Pfromm Netto, 1971, p. 733).

Yamamoto (2001) salienta que existe carência de recursos para a pesquisa - modalidade de atividade que é normalmente considerada como elemento inerente à instituição universitária e fonte de material para as publicações científicas. A análise do autor toma como referência a divulgação do edital 01/2000 do CNPq sobre o montante de recursos alocados para o atendimento de projetos de pesquisa, contemplando apenas 6% da demanda. O autor acrescenta que, além de serem reduzidos, esses recursos são distribuídos de modo desigual, concentrando-se em determinadas regiões.

Outra forma de desigualdade refere-se à centralização dos recursos em determinadas instituições. Citando Reinaldo Guimarães (2000), Yamamoto (2001) diz que

cerca de 20 instituições receberam 76% do total dos recursos, enquanto os 24% restantes foram distribuídos entre 212 outras instituições.

Analisando a demanda da área de Psicologia, Yamamoto (idem) ressalta que esta representou 1,3% do total (137 propostas), tendo a aprovação de pouco menos de 1,5% (10 projetos). Em termos regionais, configurou-se o seguinte quadro: 67% dos recursos foram destinados ao sudeste; 15% para o Sul; 14% para o centro-oeste e 4% para o nordeste. A região norte não teve projetos aprovados.

## CAPÍTULO II

### PERSPECTIVA HISTÓRICA E INTRODUÇÃO AO TEMA

Este trabalho situa-se na linha dos estudos de História das Ciências, razão pela qual reúne-se, neste capítulo, um conjunto de elementos históricos necessários a uma compreensão dos rumos e das características assumidas pela Psicologia desde os seus primórdios. Neste rápido percurso pela história da Psicologia identifica-se a marca da contribuição de muitos homens e mulheres, os quais no passado realizaram estudos, inventaram técnicas, desenvolveram idéias e empreenderam lutas em prol da constituição de um campo do conhecimento considerado por muitos autores como um campo diversificado.

#### 1. Os primórdios da Psicologia no mundo

O estudo da História da Psicologia tem demonstrado quão rico e complexo é o processo histórico desse campo do conhecimento. Matrizes científicas diversas, paradigmas divergentes e influências culturais se aglutinam formando, de acordo com Teixeira e Nunes (2000) um verdadeiro “mosaico”.

Antes que a Psicologia fosse concebida como uma ciência experimental, conforme assinala Keller (1972), muitos homens demonstraram interesse por temas que na atualidade são chamados de psicológicos. É fato reconhecido por diversos estudiosos da história da Psicologia que a Psicologia moderna deve seus fundamentos a inúmeros homens, embora ao referenciá-los acentue-se um ou outro nome em função do foco que se pretende estabelecer.

Na Antiguidade, sobretudo no período clássico (séculos V e IV a. C.) a história do pensamento humano teve um momento áureo. Embora houvesse desigualdade econômica e política em várias regiões da Grécia, algumas cidades-Estado, a exemplo de Atenas, atingiram um alto grau de desenvolvimento. Assim, foi possível a obtenção, por parte dessas *poleis*, do poderio e riqueza possibilitando, com isso, a conquista de outros territórios. Esse desenvolvimento refletiu na vida cultural e intelectual e, em conseqüência, os homens passaram a ocupar-se das coisas do espírito, como a filosofia e a arte (Andery, Micheletto e Sérgio, 2001).

Buscando encontrar uma base histórica da Psicologia, Keller (1972, p. 3-5) afirma que é possível situar esse momento em Aristóteles (384-322 a. C.), o pai de toda a Psicologia; em Claudius Galeno (130-199 d. C.), médico grego cuja classificação dos temperamentos e localização do cérebro possibilitaram desenvolvimentos posteriores em pesquisa ou, ainda, em Tomás de Aquino (1224-1275) que, na Idade Média, revelou-se como a voz da igreja nas questões relacionadas à Psicologia.

Aristóteles registrou uma mudança decisiva na história da ciência grega, uma vez que formulou um sistema geral sobre o mundo, tendo sido o primeiro filósofo a se dedicar a pesquisas empíricas. De acordo com Mason (1962), Aristóteles reconhecia o homem como um ser dotado de alma vegetativa, sensitiva e racional, sendo que o coração constituía a sede dessa última.

Os sistemas filosóficos construídos na Antiguidade visavam responder às questões existenciais do homem. Assim é que, 2.300 anos antes do advento da Psicologia científica, os gregos já haviam formulado duas teorias: a platônica – segundo a qual a alma era imortal e separada do corpo, e a teoria aristotélica – que postulava a ligação entre corpo e alma.

Durante o Império Romano e na Idade Média, a Psicologia se relacionava ao conhecimento religioso, uma vez que a força política do cristianismo marcou esse período. Le Goff (1983) assinala que a crise do mundo romano do século III e as invasões bárbaras do século V precipitaram algumas transformações, entretanto não diminuiu a força do cristianismo, o qual se tornou a principal religião da Idade Média.

Com o Renascimento e a transição para o capitalismo, emergiu um novo modo de organização econômica e social, ocorrendo um processo de valorização do homem. As transformações atingiram vários campos da produção humana, incluindo as artes e as ciências.

Por essa época surge Descartes (1596-1659), filósofo e matemático francês que, segundo Keller (1972), foi o grande dualista, postulando a distinção entre corpo e mente, sob a afirmação de que o homem possui uma substância material e uma substância pensante. Além de dualista, Descartes foi um interacionista, pois acreditava na influência da mente sobre o corpo e deste sobre a mente.



Apesar de Descartes ter apresentado outras contribuições à ciência, as concepções de dualismo e interacionismo foram as que mais provocaram discussão, tornando-o mais alinhado com as preocupações atuais e, com isso, motivando a denominação de “pai da Psicologia moderna” (Keller, 1972)<sup>1</sup>.

A época em que Descartes viveu foi profícua em descobertas científicas. William Gilbert (1544-1603) publicou seu estudo sobre magnetismo, sendo essa uma das primeiras vitórias do método experimental; Francis Bacon (1561-1626) expôs a idéia de indução, ressaltando o método experimental; Galileu (1564-1642), em 1610, estudou a queda dos corpos, realizando as primeiras experiências da Física clássica; Kepler (1571-1642) formulou suas três leis do movimento planetário; William Harvey (1578-1657) concluiu que o coração funciona como uma bomba e as veias constituem o sistema hidráulico e Newton (1642-1727) propôs as leis do movimento, a definição da força centrípeta e a lei da gravitação universal (Mason, 1962; Herrnstein e Boring 1971; Gianfaldoni, 2001).

A maioria dos autores reconhece que, a partir de Descartes, os modelos de inteligibilidade da realidade sustentados até então passam por uma revisão, sendo inaugurado o pensamento moderno e instaurado o espírito científico. A ciência moderna busca a neutralidade na separação entre sujeito e objeto, onde o sujeito é a coisa pensante e o objeto, o que pode ser quantificado.

Ainda no século XVII, John Locke (1632-1704), filósofo inglês, mostrou interesse pela Psicologia mediante discussões sobre a natureza e a aquisição de conhecimento. Esse filósofo dizia que todas as idéias são provenientes da experiência. Embora Aristóteles já houvesse falado da mente como uma tábua em branco, o desenvolvimento dessa idéia coube a Locke que, assumindo essa posição, instaurou o movimento conhecido como Empirismo Inglês, o qual possibilitou o surgimento da moderna Psicologia experimental (Keller, 1972).

Para Keller (1972), depois de Descartes e Locke, o reconhecimento do problema corpo-mente surge nos trabalhos de outros teóricos como: George Berkeley (1685-1753) que não acreditava na existência da substância material, considerando a mente como única realidade verdadeira; em David Hume (1711-1776), que questionava a existência de Deus e

---

<sup>1</sup> Para Keller (1972, p. 25), “pai” seria o que prepara o solo e lança a semente, enquanto “fundador” seria o que mantém o terreno livre de ervas daninhas, água as plantas e cuida da cerca.

da alma e segundo o qual, o que havia de real eram as sensações e as idéias e, em David Hartley (1705-1757), médico inglês que desenvolveu os conceitos de associação e o de paralelismo psicofísico.

O conceito de associação já havia sido tratado por Locke, Berkeley e Hume, sendo que Hartley o ampliou incluindo não só as idéias, mas também as sensações e ações para explicar a natureza da memória, imaginação e emoção, dentre outros. O paralelismo psicofísico, por sua vez, já havia sido considerado por Spinoza (1632-1677), conforme assinalado por Marx, M. e Hillix (2001) e diz respeito à compreensão de que as sensações, idéias e outras ocorrências mentais, embora ocorram paralelamente, não sofrem influência dos eventos de ordem corporal.

No século XIX o papel da ciência se destacou, motivado pelo capitalismo que trouxe, com o processo de industrialização, a necessidade em dar respostas e soluções práticas no campo da técnica. Nesse momento, a noção de verdade passou a contar com o aval da ciência. Nesse cenário surgiu Augusto Comte (1798-1857) defendendo a necessidade de maior rigor científico na construção do conhecimento nas ciências humanas, propondo o método da Física como modelo.

Segundo Keller (1972), o problema corpo-mente reconhecido por Descartes, Locke, Berkeley, Hume e Hartley só foi possível ser abordado pelo método experimental, com Fechner (1801-1887), conhecido como o “pai da psicologia quantitativa”, embora nunca tivesse pretendido ser psicólogo.

Ainda no século XIX foi formulada a Lei de Fechner-Weber<sup>2</sup>, no campo da Psicofísica, revelando sua importância na história da Psicologia por ter possibilitado a medida do fenômeno psicológico e a aquisição de seu status científico, pois, para a ciência da época, o que não pudesse ser mensurável, não era passível de ser estudado cientificamente (Herrnstein e Boring, 1971).

---

<sup>2</sup> Esta Lei, formulada em 1860, estabelece a relação entre estímulo e sensação, permitindo a mensuração. Segundo os criadores desta lei, a percepção aumenta em progressão aritmética, enquanto o estímulo varia em progressão geométrica.

Ao estabelecerem períodos para a história da Psicologia, Herrnstein e Boring (1971, p. 716) argumentam que a partir de Descartes (1650) até Fechner (1860) pode-se considerar como sendo o período filosófico; de Wundt (1874) até McDougall (1923), período institucional ou sistemático e a partir de Tolman (1932), período específico ou de fatos.

Com base na classificação acima proposta, observa-se que no período institucional ou sistemático é que ocorreu o estabelecimento da Psicologia científica.

Gomes (1996) e Moreira (1997) afirmam que, historicamente, a Psicologia científica surgiu no final do século XIX, em 1879, quando Wilhelm Wundt (1832-1920) fundou laboratório experimental na universidade de Leipzig, Alemanha. Esse laboratório constituiu-se no primeiro centro de formação em Psicologia em nível internacional. Os procedimentos científicos, como a experimentação e a observação, eram utilizados com o objetivo de descrever e explicar os processos mentais e os comportamentos. Keller (1972) diz que Wundt publicou em 1873-1874 a obra *Esboços de Psicologia Fisiológica*, que foi editado por seis vezes e ampliado de um para três volumes.

Como se constata, a Psicologia recebeu o legado intelectual de diversos campos. No livro de Wundt, ele estabelece uma sistemática para a Psicologia, esboçando métodos de investigação e classificando os resultados obtidos até então (Keller, 1972). Nesse contexto, a Psicologia surgia como uma ciência preocupada com o estudo da percepção, da atenção e imaginação, dos sentimentos, da memória, do pensamento e da razão, sendo que o interesse desses estudos era descobrir as leis que regiam os mecanismos mentais, não havendo uma preocupação imediata com as possíveis aplicações destes conhecimentos (Gomes, 1996).

Mas, embora o berço da Psicologia moderna tenha sido a Alemanha, o seu crescimento mais rápido ocorreu nos Estados Unidos, onde surgiram as primeiras abordagens ou escolas de Psicologia: O Funcionalismo, de William James (1842-1910); o Estruturalismo, de Edward Titchner (1867-1927) e o Associacionismo, de Edward L. Thorndike (1874-1949)<sup>3</sup>. No século XX, essas escolas foram substituídas pelas seguintes tendências: o Behaviorismo, a Gestalt e a Psicanálise (Marx, M. e Hillix, 2001).

---

<sup>3</sup> Para um estudo sobre estas escolas, recomenda-se: Figueiredo, Luis C. *Matrizes do Pensamento Psicológico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991; Marx, Melvin H. e Hillix, William A. *Sistemas e teorias em psicologia*. São Paulo: Editora Cultrix, 2001.

O Behaviorismo de Watson (1929) tinha dois objetivos: conhecer o estímulo e prever a resposta. Para ele, não havia necessidade de fazer menção à vida psíquica ou a consciência, pois ambas eram tidas como puras suposições. O objeto de estudo da Psicologia, conforme Watson, era o comportamento humano, ou seja “as ações e as verbalizações, tanto aprendidas como não aprendidas” (Watson, 1929, p. 4), citado por Marx, M. e Hillix (2001, p. 231).

Enquanto o comportamentalismo de Watson e Skinner era disseminado nos Estados Unidos, o movimento da Gestalt, por sua vez, acontecia na Alemanha, representando mais um protesto contra a psicologia wundtiana. O ataque se referia aos pressupostos de Wundt relativos à “doutrina elementarista” - crença de que a mente é mera coleção de elementos, e à “tese associacionista” - espécie de ligação que mantém unidos os elementos (Keller, 1972; Schultz e Schultz, 1992). Para Keller (1972) o pressuposto básico da Gestalt é que o todo é mais importante e determina a natureza das partes que o compõem.

Em relação à Psicanálise, Schultz e Schultz (1992) dizem que Freud lançou em 1895 o seu primeiro livro, marcando o começo formal do movimento psicanalítico. Cronologicamente, a psicanálise se entrecruza com outras escolas de pensamento, embora este relacionamento seja apenas temporal, pois ela não se constitui uma escola de psicologia comparável às demais. A Psicanálise não tinha vínculos com os movimentos evolutivos e revolucionários e não surgiu no âmbito da Psicologia acadêmica. Seus conceitos e métodos foram desenvolvidos em bibliotecas, salas de aula e laboratórios e suas preocupações eram a sensação, a percepção e a aprendizagem. Focalizava como objeto de estudo o comportamento anormal e o inconsciente, que haviam sido negligenciados por outras escolas de pensamento. Além disso, utilizava como método a observação clínica.

Dentre os precursores da Psicanálise situa-se Fechner, de quem Freud tomou algumas idéias para desenvolver os conceitos de princípio do prazer, energia psíquica, conceito topográfico da mente e a importância do instinto destrutivo (Schultz e Schultz, 1992).

---

## 2. As idéias psicológicas no Brasil

Pessotti (1988) apresenta o desenvolvimento das idéias psicológicas no Brasil baseando-se em quatro períodos, que são por ele denominados de: pré-institucional (período anterior ao aparecimento das Faculdades de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro); institucional (1833-1934); universitário (1934-1962) e profissional (a partir de 1962, com a regulamentação dos cursos de Psicologia no Brasil através da Lei 4.119/62).

No Brasil, de acordo com o autor acima mencionado, os primeiros trabalhos com conteúdo psicológico remontam ao período pré-institucional da Psicologia, que começou com os escritos dos missionários, indo até a criação das Faculdades de Medicina, na década de 30 do século XIX. Baseando-se em um estudo de Massimi (1984)<sup>4</sup> Pessotti (idem) afirma que esses primeiros estudos foram elaborados por religiosos e políticos, pessoas de projeção, influenciadas pela cultura européia, que não demonstravam um compromisso com a construção ou a difusão do saber psicológico *per se*. Os textos do período colonial versavam sobre política, teologia, medicina, pedagogia e moral, além de tratarem sobre métodos de ensino, controle das emoções, causas da loucura, controle político, condições do conhecimento, percepção, dentre outros.

Essa produção representava o pensamento da elite cultural desse período acerca de temas que mais tarde constituíram áreas da Psicologia, como por exemplo, aprendizagem, processos cognitivos, personalidade, percepção, desenvolvimento, psicopatologia, psicodinâmica, dentre outras. Além disso, revelava uma tendência da psicologia para a organização da sociedade e do Estado brasileiro, “daí a preocupação dos autores com o problema da conquista dos índios, pela catequese, pela educação, aculturação ou pela força, conforme fosse a categoria social dos autores, sacerdotes, moralistas ou políticos” (Pessotti, 1988, p. 18-19).

Exemplos do caráter de controle alegado por Pessotti (1988) podem ser observados nas produções do período citado. Pessotti (idem) elenca, a partir do estudo de Massimi (1984), uma série de obras surgidas nesse período e que revelam preocupações com a organização social, educacional e política do povo brasileiro. Na categoria da organização

---

<sup>4</sup> Massimi, Marina. *Histórias das idéias psicológicas no Brasil em obras do Período Colonial*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia da USP, 1984.

social apareceram, por exemplo: *Tratados da Terra e Gente do Brasil* (1625), de Fernão Cardin; *Apontamentos para a Civilização dos Índios Bravos do Império do Brasil* (1823), de José Bonifácio de Andrada e Silva; e *Cartas Políticas* (1825), de Miguel Calmon du Pin e Almeida, cujo texto representa uma proposta de reforma da organização social, jurídica e política para o Brasil; na área pedagógica surgiram desde propostas para a educação doméstica como o texto do jesuíta Alexandre de Gusmão, *Arte de Criar Bem os Filhos na Idade da Puerícia* (1665), até indicações para a pedagogia escolar como mostra o título *A Nova Escola para Aprender a Ler, Escrever e Contar* (1772), de Manuel de Andrade Figueiredo.

Mas havia também um outro grupo de trabalhos destinados a um público erudito, que talvez não tivesse suas atenções voltadas para a organização social e política do país, conforme suposto por Pessotti (1988). Ainda baseando-se no estudo de Massimi (1984), o autor citado menciona alguns trabalhos, dentre os quais: os *Sermões*, escritos a partir de 1634 por Antonio Vieira, jesuíta, orador, diplomata e político, cujas considerações nessa obra abrangem o autoconhecimento, a percepção acústica, as ilusões óticas, as paixões e emoções e a influência do clima no temperamento humano. Outra obra do mesmo nível foi *Viridiário Evangélico*, obra teológica composta de quarenta e oito sermões, publicados entre 1711-1751, escrita pelo beneditino Mateus da Encarnação Pinna. As reflexões do abade tratavam do autoconhecimento, das emoções, da psicoterapia e da teoria do amor.

No campo da psicofisiologia e da psicossomática, ainda conforme Pessotti (1988), destacaram-se os trabalhos de Francisco de Mello Franco: *Medicina Teológica* (1794) que, apesar do título, trazia uma visão organicista da vida moral e da função terapêutica da confissão, orientando os confessores a se portarem como médicos dos penitentes em lugar de se conduzirem como condenadores de réus. Outra obra do mesmo autor, versando sobre a teoria psicossomática, a psicofisiologia, a psicopatologia e a psicoterapia, intitulava-se: *Elementos de Hygiene ou Ditames Teoréticos e Práticos para conservar a Saúde e prolongar a Vida* (1813).

As obras citadas revelam, segundo afirmação de Pessotti (1988), a influência de modelos europeus dominantes, representados pelo moralismo cristão, com uma pedagogia racionalista e um naturalismo de matriz empiricista, pautado no organicismo e ênfase nas influências do ambiente. A Psicologia mostra um “caráter dirigista”, revelando o estado de

indigência cultural da população do período colonial. A partir de 1822, com a independência política do país e a criação de instituições destinadas ao desenvolvimento cultural e científico e de escolas de ensino básico, foi possível promover um desenvolvimento diferente do até então observado.

Em 1833, ainda de acordo com Pessotti (1988) iniciou o período institucional da Psicologia brasileira que se estendeu por um século, terminando com a criação da Universidade de São Paulo (USP), em 1934. Em linhas gerais, é durante esse período que ocorre a emergência de uma base institucional para a produção de conhecimento e para a prática relacionadas com fenômenos de natureza psicológica.

Essa base se constituiu nas áreas de Educação e da Medicina. Assim, embora não houvesse uma preocupação específica com problemas da sociedade brasileira (Pessotti, 1988), a produção intelectual desse período refletia as tentativas de criação de instituições educativas e de assistência psiquiátrica, cujo impacto se expressava na organização social do povo brasileiro. Desse modo, as obras de caráter pedagógico evidenciavam a preocupação com a institucionalização de um sistema de ensino abrangente e com a educação da população em moldes científicos, enquanto nas Faculdades de Medicina, as teses informavam sobre as práticas das instituições psiquiátricas e sobre a ação higienista dos profissionais de saúde (Campos, R. 1992).

Gomes (2003) afirma que a exigência das Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia quanto à preparação de uma tese como parte dos requisitos para a conclusão do curso e a obtenção do título de doutor passou a ser optativa a partir de 1931, sendo que na década de 1940 deixou de existir.

Foi, portanto, nas primeiras escolas normais e nas Faculdades de Medicina que nasceram a pesquisa e a reflexão sistematizada acerca de fenômenos de natureza psicológica, buscando-se, aos poucos, a aproximação de um modelo científico para esses estudos. O período institucional possibilitou o começo de um saber psicológico em moldes acadêmicos, com a participação de médicos, alguns com estudos extracurriculares em Psicologia ou áreas afins.

Diversos laboratórios foram criados no Brasil durante o período institucional. Além do Laboratório do Hospital Psiquiátrico do Rio de Janeiro, criado em 1907, Gomes (1996) menciona: o Laboratório de Psicologia da Escola Normal, em São Paulo (1914); o Laboratório do Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro (1923) e o Laboratório para estudo da Psicologia aplicada à organização do trabalho, em São Paulo, criado em 1929.

Segundo Castro (1999a), a criação de laboratórios experimentais teve um papel importante para a construção de uma Psicologia científica brasileira. Além da realização de pesquisas, contribuía na prestação de assessoria e no ensino de Psicologia. Por outro lado, Gomes (2003) diz que a grande contribuição advinda da criação dos laboratórios foi o desenvolvimento da atitude de curiosidade, criatividade e humildade, bem como da disciplina científica, traduzida pelo rigor e sistemática de trabalho. É nesse contexto de criação dos laboratórios que surge, conforme o autor acima citado, a intenção de se fazer pesquisas, ainda que o propósito dessas pesquisas fosse atender demandas aplicadas, sendo as atividades principais relativas a exames em doentes mentais ou assistência a atividades escolares.

Ao se referir aos pioneiros da Psicologia no Brasil, do século XIX, Krüger (2001) diz que eles eram autodidatas. Gomes (2003) ressalta, entretanto, que embora exista alegação de autodidatismo desses pioneiros e que os mesmos eram pouco voltados à experimentação, esses profissionais foram notáveis em suas áreas de atuação e proeminentes na vida intelectual do país, demonstrando interesse em aplicação e pesquisa. Por conta da convivência no exterior de alguns deles com grandes mestres estrangeiros, desenvolveu-se no Brasil um movimento de pesquisa e formação em torno de psicólogos estrangeiros que vieram instalar ou dirigir os primeiros laboratórios. Esse tipo de pesquisa, segundo Gomes (2003), ocorria em ambiente de aplicação.

Lourenço Filho (1955, p. 268-269) documenta o interesse por pesquisa, nessa época, citando alguns trabalhos realizados por alunos do curso de Medicina das Faculdades do Rio de Janeiro e da Bahia.

No Rio de Janeiro, por exemplo, surgiram as seguintes teses com temas psicológicos: *Paixões e Afetos da Alma* (1836), de Manuel Inácio de Figueiredo; *Proposições a respeito da Inteligência* (1843), de José Augusto César de Menezes; *Psicofisiologia da Percepção e das Representações* (1890), de José Estelita Tapajós; *Das emoções* (1890), de



Veríssimo Dias de Castro; *Das emoções* (1891), de Manuel Pereira de Melo Moraes; *Das emoções* (1892), de Adolfo Porchat de Assis; *A Memória e a Personalidade* (1894), de Alberto Seabra. Lourenço Filho (1955) diz que foram apresentadas à Faculdade do Rio de Janeiro 22 teses para doutoramento referindo-se à temática psicológica.

De acordo com Pessotti (1988) o florescimento da pesquisa em Psicologia revela-se com a apresentação das teses: *Métodos em Psicologia* (1907), da autoria de Maurício Campos Medeiros; *Associação de idéias* (1911), de Plínio Olinto que publica mais tarde, em 1934, o volume *Psicologia* e, em 1944, apresenta um panorama sobre a experimentação em *A Psicologia Experimental no Brasil*.

Dentre os trabalhos de caráter mais geral, não especificamente voltados para a Psicologia, conforme salienta Lourenço Filho (1955), surgiu a tese *Da Psicanálise: a sexualidade nas neuroses* (1914), de Genserico Aragão de Sousa Pinto. Esse trabalho foi apresentado à Faculdade do Rio de Janeiro, sendo o primeiro a tratar sobre as idéias de Freud no Brasil.

Pessotti (1988) relata que o primeiro estudo genuíno de Psicologia Experimental foi realizado por Henrique Roxo, sob o título *Duração dos Atos Psíquicos Elementares* (1900), sendo este o primeiro de inúmeros trabalhos do referido.

Além da contribuição de médicos, conforme já mencionado, a Psicologia brasileira recebeu grande influência dos educadores. Lourenço Filho (1955) dedica especial atenção ao desenvolvimento da psicologia educacional no Brasil, a partir de seu ensino nos programas do Ginásio Nacional e das escolas normais, em 1890, passando pela criação do primeiro laboratório de psicologia aplicada à educação – o Pedagogium. Essa instituição pedagógica pioneira no país, conforme assinalam Lourenço Filho (1955) e Pessotti (1988), funcionava como academia de educadores desde 1890, sendo que em 1906, organizou-se o laboratório de Psicologia, o qual funcionou por mais de quinze anos. Da associação dos trabalhos de Manuel Bonfim e Plínio Olinto, nesta instituição, resultaram diversas pesquisas publicadas na revista *Educação e Pediatria*, além do livro de Manuel Bonfim, *Noções de Psicologia* (1917, 1922) e do estudo de Plínio Olinto, *Fadiga intelectual em escolares* (s.d.).

Com a criação da Universidade de São Paulo (USP), em 1934, iniciou o período universitário na história da Psicologia brasileira. A partir de então, a Psicologia tornou-se disciplina obrigatória nos cursos de Filosofia, Ciências Sociais e Pedagogia e nos cursos de licenciatura. Durante esse período, embora a formação fosse especializada, não era profissionalizante. Os cursos formavam conhecedores de teorias, sistemas e algumas técnicas de pesquisa, inclinando-se para a teoria gestáltica, o funcionalismo, a teoria psicanalítica, a psicofísica, as diferenças individuais, as teorias da aprendizagem, do desenvolvimento e da personalidade (Pessotti, 1988).

No Brasil, o primeiro curso de graduação em Psicologia foi criado em 1958 e tinha a duração de três anos, conferindo somente o diploma de Bacharel em Psicologia, impossibilitando o exercício da carreira de psicólogo. Os esforços para regulamentação estimularam discussões acerca da formação não só do curso de Psicologia da USP, como também os de outros estados (Matos, 1998a).

Vale apontar que a preocupação com a formação, que marcava o ambiente psicológico mesmo antes desse momento, pode ser constatada pelas iniciativas de contratação de professores de fora que pudessem trazer aportes teóricos novos para enriquecer o ensino e a prática psicológica no Brasil.

Nesse contexto, desenvolveu-se o movimento de instalação da Análise Comportamental no Brasil, a partir das aulas ministradas pelo Professor Keller na Universidade de São Paulo, em 1961. Ele ensinou inicialmente Psicologia Comparada e Animal e História da Psicologia e, posteriormente, a disciplina Psicologia Experimental, onde apresentava os teóricos Pavlov, Watson, Skinner e Thorndike (Matos, 1998b).

Pessotti (1988) ressalta que a contratação de Fred S. Keller pela USP trouxe conseqüências importantes não só para a Psicologia no Estado de São Paulo, como também para toda a Psicologia brasileira, através do ensino da abordagem sobre a Análise Experimental do comportamento e da Modificação do comportamento. Esse processo ocorreu simultaneamente ao desenvolvimento da formação de psicólogos. Para o autor, a influência da USP no desenvolvimento nacional da Psicologia foi decorrente dessa instituição possuir equipes especializadas nas diversas áreas, servindo de referência na formação de docentes

para outros cursos, além de desenvolver atividade científica diversificada, baseada na concepção da Psicologia Experimental e em áreas aplicadas.

A Análise Experimental do Comportamento, conforme observa Matos (1998b), espalhou-se por todo o Brasil e o Sistema Individualizado de Ensino tornou-se um modo tradicional de ensino da Física em São Paulo e Recife; da Biologia em Salvador e Belo Horizonte; da Matemática em São Paulo, Recife e Belo Horizonte; da Engenharia e Arquitetura em São Paulo, Recife e Salvador.

Nale (1998) afirma que nas décadas de 60 e 70 os cursos de Psicologia Experimental eram dados em todo o país de maneira programada. Contudo, diferentemente do que ocorrera nos Estados Unidos, aqui foi mantida a tradição de pesquisa e de desenvolvimento de trabalhos voltados para as aplicações da Análise do Comportamento ao ensino em uma gama diversificada de áreas, tanto no ensino superior quanto em outros níveis.

A Análise do Comportamento durante seus primeiros quinze anos foi marcada, segundo Matos (1998b) pela pesquisa básica com animais e pela pesquisa aplicada voltada para o ensino. No âmbito da pesquisa aplicada os textos programados constituíam-se em novidade, sendo utilizados não apenas na Psicologia, mas também em áreas do conhecimento como: Física, Engenharia, Química, dentre outras.

Matos (1998b) assinala que essa abordagem sofreu as influências da ditadura militar, no que tange às restrições a que estiveram sujeitos os estudiosos dessa temática, ficando impedidos de viajarem para o exterior, comprar livros estrangeiros, trazer professores de fora ou importar equipamentos. Passado o clima da ditadura, houve mudanças quanto aos estudos nessa linha, que ampliaram o seu foco, passando de esquemas e controle aversivo para estudos com maior abrangência conceitual, sendo uma dessas mudanças relativas ao objeto de estudo, onde no lugar de animais, colocou-se o homem.

Como se observa, o movimento da Psicologia Experimental teve grande amplitude. Segundo Matos (1998b), além dos desenvolvimentos já mencionados, em 1975 foi criada a revista *Psicologia* por analistas do comportamento que trabalhavam na USP. No ano seguinte, a Associação de Modificação do Comportamento criou a revista *Modificação do Comportamento* que, em 1981, foi substituída pela publicação *Cadernos de Análise do*

*Comportamento.* Em relação aos cursos nessa área, além do curso de pós-graduação da USP criado em 1970, surgiram outros, em Campinas, SP e em Brasília. Além disso, a partir de 1980 a Universidade de São Carlos passou a oferecer mestrado em educação especial e a Universidade Federal do Pará, em 1987, criou o mestrado em Análise Comportamental. Vários cursos de especialização também passaram a ser oferecidos por outras universidades do país.

Até o início dos anos sessenta, a prática da Psicologia dependia de profissionais egressos dos cursos de Filosofia, Pedagogia e Medicina (Rosas; Rosas e Xavier, 1988). Após a criação dos primeiros cursos de graduação em Psicologia no Brasil no final da década de 1950 e início dos anos sessenta, foram criados os cursos de pós-graduação na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, na Universidade de São Paulo e na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Gomes, 1996).

A regulamentação da formação acadêmica e da prática psicológica, no Brasil, ocorreu em 1962, através da Lei 4.119/62. A partir da regulamentação, houve um aumento acentuado dos cursos de Psicologia, gerando, inclusive, problemas na qualidade dos mesmos, por falta de formação específica e experiência em ensino e pesquisa por parte dos docentes (Rosas e col, 1988; Gomes, 1996). Embora tradicionalmente a prática da Psicologia tenha se desenvolvido mais nas áreas de educação, trabalho, social e clínica, a formação voltada para essas áreas só ocorreu após 1962, dando início ao período profissional da Psicologia (Pessotti, 1988).

### **3. As idéias psicológicas na Bahia**

Ao referir-se ao começo da pesquisa na Bahia, Guimarães (1979) relata que o primeiro núcleo de pesquisadores surgiu no âmbito universitário, em 1850, constituindo-se uma célula que originou investigações no campo da Medicina Tropical. O grupo ficou conhecido como Escola Tropicalista Bahiana e dele fizeram parte, além de outros, Otto Wucherer, José Francisco da Silva Lima, Patterson e Pirajá da Silva. O trabalho realizado por esse núcleo fez surgir o primeiro jornal de natureza científica – a Gazeta Médica da Bahia. As atividades de pesquisa eram realizadas pela Faculdade de Medicina e pelo Hospital Santa

Isabel. Posteriormente, passaram para o Hospital das Clínicas, atual Hospital Professor Edgar Santos.

No que diz respeito à pesquisa com conteúdo psicológico, o interesse nasceu na Faculdade de Medicina (Lourenço Filho, 1955; Gomes, 2003). De acordo com Lourenço Filho (1955), neste estado foram defendidas 42 teses<sup>5</sup> com questões de Psicologia, dentre as quais: *Psicofisiologia acerca do Homem (1851)*, de Francisco Tavares da Cunha; *Relações da Medicina com as Ciências Filosóficas: Legitimidade da Psicologia (1864)*, de Ernesto Carneiro Ribeiro. Consta-se a preocupação com a higiene mental nesse período, através da repetição em três monografias do tema: *Da influência da civilização no movimento das doenças mentais*, apresentadas em 1853, 1857 e 1888.

A contribuição dos médicos para a Psicologia na Bahia foi assinalada, também, por Pessotti (1988), segundo o qual, no período institucional, destacaram-se: Raimundo Nina Rodrigues, Juliano Moreira, Afrânio Peixoto e Artur Ramos, dentre outros.

Bomfim (2001) relata que Nina Rodrigues (1862-1906) formou-se em Medicina na Bahia, tendo sido professor de Medicina Legal na Bahia e em Pernambuco. Boa parte de sua obra foi publicada nos periódicos com os quais colaborava. Fundou a Revista Médico-Legal e foi redator da Gazeta Médica da Bahia. Suas principais obras foram: *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil (1894)*; *O animismo fetichista dos negros bahianos (1896)*; e *O alienado no direito civil brasileiro (1901)*

Guimarães (1979) observa que as pesquisas de Nina Rodrigues acerca das condições étnicas, sociais e psicológicas do brasileiro contribuíram para a nacionalização do nosso código médico-legal. Ainda conforme esse autor, merece destaque a política referente à associação entre ensino, pesquisa e extensão, recomendada por Nina Rodrigues à Congregação da Faculdade de Medicina e materializada na junção da Cátedra de Medicina Legal e do Instituto Médico Legal da Polícia do Estado. A concretização dessa iniciativa ocorreu com a criação do Instituto Médico Legal, quando o sucessor de Nina Rodrigues, Oscar Freire, encontrava-se como titular da Cátedra de Medicina Legal.

---

<sup>5</sup> Peixoto (1996) citado por Rocha (2000) identificou 49 teses referentes a esse período e defendidas na Faculdade de Medicina da Bahia.

Juliano Moreira (1873-1933) estudou na Faculdade de Medicina da Bahia, onde, em 1896, assumiu o cargo de professor substituto da Seção de Doenças Nervosas, tendo se dedicado à dermatologia e à neuropsiquiatria. Ajudou a fundar a Sociedade de Medicina Legal da Bahia, foi catedrático da Faculdade de Medicina e divulgou as idéias de Freud, sendo considerado por muitos estudiosos como o precursor da psicanálise no Brasil. Após um período realizando estágios em clínicas psiquiátricas em diversos países da Europa, instalou-se no Rio de Janeiro, dedicando-se ao Hospital de Alienados. Incentivou a promulgação da primeira lei federal de assistência aos alienados (1903) e sugeriu mudanças na forma de tratamento dos doentes mentais (Venâncio, 2001).

Lourenço Filho (1955) e Pessotti (1988) relatam que, na Bahia, a pesquisa voltava-se à aplicação social da psicologia, havendo preocupação com aspectos relacionados à Criminologia, à Psiquiatria Forense e à Higiene Mental. Um trabalho produzido nesse período, considerado significativo para a área psicológica, foi a tese *Epilepsia e Crime (1897)*, de Afrânio Peixoto (1876-1947). Esse trabalho, segundo Lourenço Filho (idem), obteve repercussão dentro e fora do Brasil.

Ainda sobre a contribuição dos médicos com as idéias psicológicas, na Bahia, Rocha (2003a) identifica o trabalho de Vital Cardoso do Rego, realizado em 1897, em que o mesmo foi sujeito da experiência, na qual analisou a relação entre a atividade intelectual e a composição da própria urina. Entretanto, a mesma autora argumenta que, apesar dos trabalhos realizados na Faculdade de Medicina da Bahia fazerem referência a questões psicológicas, não se pode falar ainda de investigação psicológica, mas apenas de preocupação com questões psicológicas.

Dentro dessa compreensão, Rocha (2002; 2003b) informa que o mais antigo registro da Psicologia na Bahia, e também o mais antigo das Américas, refere-se ao livro do médico, político e professor da Faculdade de Medicina da Bahia, Eduardo Ferreira França (1809-1857), publicado em 1854, sob o título: *Investigações de Psicologia*. Nesta obra o autor procurou elementos observáveis que pudessem explicar o comportamento moral das pessoas. Um outro dado que mostra essa preocupação com o psicológico, conforme assinalado pela autora citada é que, no final do século XIX, mencionava-se a necessidade da Psicologia fazer parte dos cursos preparatórios para os candidatos à Faculdade de Medicina da Bahia.

Em relação a Arthur Ramos (1903-1949), sua contribuição para a Psicologia na Bahia pode ser notada, sobretudo, pelas obras relacionadas à psicanálise. Sua tese: *Primitivo e loucura*, defendida em 1926, inspirava-se nos estudos de Lévy-Brühl, Freud e Jung. Penna (2001) diz que Arthur Ramos revelou interesse pelas culturas negras no Brasil, mandando reeditar as obras de Nina Rodrigues e de Manoel Quirino. Realizou pesquisas no Hospital São João de Deus e escreveu *Estudos de Psicanálise (1931); Freud, Adler e Jung (1933) e Psiquiatria e Psicanálise (1933)*.

O incremento de idéias psicológicas, neste estado, partiu não só de médicos, mas de estudiosos de vários campos. Por exemplo, Isaías Alves (1898-1968), formado em Direito em Salvador no ano de 1910, foi um homem que se dedicou ao magistério e escreveu várias obras. Em 1926, Isaías Alves realizou a aferição da escala Binet-Simon a qual foi publicada nos Anais Médico-Sociais da Bahia. Trabalhou com testes mentais, publicando diversos ensaios sobre o assunto (Lourenço Filho, 1955).

Dentre as obras de Isaías Alves situam-se: *Teste Individual de intelligencia: noções gerais sobre testes (1927)* que se referia à fórmula Binet-Simon-Burt e sua adaptação para a realidade brasileira e *Os testes e a reorganização escolar (1930)* versando sobre a aplicabilidade dos testes à situação escolar. Publicou, ainda, obras sobre Educação e realizou pesquisas acerca da evolução psicológica da criança, fazendo observações e coletando dados sobre o desenvolvimento infantil, mediante anotações sobre o comportamento dos seus três filhos menores, obtendo, com este trabalho, 36.616 notas (Antunes e Rocha, 2001). De acordo com dados levantados nos Arquivos da UFBA, todo o trabalho de classificação e análise dessas anotações foi realizado por Isaías, tendo sido sistematizado em 1942, no Centro de Estudos Pedagógicos da Faculdade de Filosofia da Bahia.<sup>6</sup>

Isaías lecionou Psicologia Educacional, a partir de 1931, na Escola Normal da Bahia, atual Instituto Central de Educação Isaías Alves, tendo ainda realizado estudos psicológicos com a colaboração de João Ignácio de Mendonça e Simone Bensabath. No período entre 1932 e 1935, montou o Serviço de Medidas Escolares do Instituto de Educação, produzindo vários estudos sobre testes (Antunes e Rocha, 2001).

---

<sup>6</sup> Isaías Alves. *Dados de Psicologia da criança*. Conferência proferida na Faculdade Nacional de Filosofia. Rio de Janeiro, 1944.

Para Rocha (2003b), os fatos mais proeminentes na história da Psicologia na Bahia foram: a criação, no final da década de 50, do Instituto de Orientação Vocacional – IDOV – pertencente à Universidade Federal da Bahia, que teve como seu primeiro diretor Emilio Mira y López, e a instalação do primeiro curso de Psicologia, pela Universidade Federal da Bahia, em 1968.

A criação do IDOV, segundo Carvalho (2003), foi facilitada em função do bom relacionamento de Nelson Pires, que ocupava a cátedra de Psiquiatria e Mira y López, que viera pela primeira vez a Salvador nos anos 50 para ministrar cursos de técnicas psicológicas. Entretanto, a autora lamenta o fato desse Instituto ter sido fechado por ocasião da Reforma Universitária (1965/66), durante a gestão de Roberto Santos como Reitor da Universidade Federal da Bahia. Com o fechamento do IDOV, perderam-se os seus arquivos no Hospital das Clínicas, terminando o sonho do professor João Ignácio de Mendonça em transformá-lo no Serviço de Psicologia. Carvalho (2003) assinala que, por essa época, João Mendonça já idealizava a criação do curso de Psicologia na Bahia.

Oliveira, M. V. (1995) manifesta a idéia de que a emergência da cultura psicológica, na Bahia, está vinculada ao campo da Medicina, especialmente da Medicina Mental, mais tarde, Psiquiatria<sup>7</sup> O autor refere-se ao caráter tardio referente à modernização teórica e prática da Psiquiatria baiana, o que trouxe, como consequência, a condição limitante da expressão do saber psicológico. Por outro lado, à medida que a Psiquiatria foi-se modernizando, deixando de lado as soluções estritas de associação dos loucos e da loucura, constatou-se, segundo esse mesmo autor, a instalação institucional da atividade psicológica na comunidade baiana, através de ofertas assistenciais.

Ainda de acordo com Oliveira, M. V. (1995) são praticamente inexistentes os registros que revelem preocupação em focalizar o processo de implantação da cultura psicológica na Bahia. Essa contingência remete ao pensamento de Féres-Carneiro e Lo Bianco (2003, p. 99) de que “a fragilidade de nossas preocupações com a memória do que fazemos (...) impossibilita o registro apropriado de nossas atividades”. Apesar disso, na trajetória do desenvolvimento de idéias psicológicas na Bahia, tem-se registrado alguns esforços pontuais.

---

<sup>7</sup> Para uma maior compreensão sobre esse assunto, recomenda-se sua leitura em: Oliveira, Marcus Vinícius. *A emergência da cultura psicológica na Bahia: do pré-psiquiátrico ao pós-psicanalítico – cursos e percursos de uma trajetória.*



Oliveira, M. V. (1995, p. 197) destaca, por exemplo, a atuação do catedrático Rubin de Pinho, que movimentou o espaço da Clínica Psiquiátrica favorecendo um “ecletismo para a formação médico-psiquiátrica da época”, além da ampliação do espaço social do psicológico na Bahia dos anos 60. Ainda em relação a essa abertura ao psicológico, segundo Oliveira, M. V. (idem), o Professor Rubin envolveu-se em debate nacional, no âmbito da Associação Brasileira de Escolas Médicas, na defesa do tema “Ensino de Psicologia no Curso Médico”.

Entretanto, o autor anteriormente citado entende que essa apropriação do psicoterapêutico pela Psiquiatria e a sua difusão resultaram no fim do controle exercido pela Psiquiatria sobre o campo psicológico na Bahia. No fim da década de 60, por exemplo, havia na cidade de Salvador diversos consultórios de psiquiatras, mas também de psicólogos egressos dos cursos de Filosofia. Na década de 70, um novo processo de aglutinação apareceria, desta vez, independente da instituição médica e com o objetivo de formação técnico profissional em psicoterapia, movimento que resultou no ingresso da Psicanálise na Bahia (Oliveira, M. V. 1995, p. 199-200).

Ao se referir à instalação da Psicanálise em Salvador e da ligação afetiva com esta cidade, Corrêa (1996, p. 1)<sup>8</sup> diz que veio para a Bahia “sem saber que seria um dos encarregados de trazer a peste, que como a modernização, viesse perturbar definitivamente o sossego e a tranqüilidade daquela gente (...)”.

Esse movimento, que envolveu principalmente um grupo de médicos e psicólogos baianos com interesse em trazer de fora um analista didata, organizou-se paulatinamente, na medida que alguns dos seus membros foram buscar formação analítica em outros estados, como foi o caso de Carlos Tironi que, no final da década de 1970, providenciou a vinda a Salvador de Carlos Pinto Corrêa. O movimento foi crescendo com a realização, primeiro de um curso, depois com a formação do grupo de análise (Corrêa, 1996).

A fundação do Círculo Psicanalítico da Bahia, em 1971, marcou a instalação oficial da Psicanálise nesta cidade, desenvolvendo-se a partir de então, outras instituições também voltadas para o estudo desse campo do conhecimento.

---

<sup>8</sup> Fundador do Círculo Psicanalítico da Bahia

#### 4. A pesquisa em Psicologia como tema de estudo dos psicólogos

Nesta parte apresenta-se a revisão da literatura, expondo-se alguns estudos desenvolvidos por pesquisadores brasileiros, incluindo baianos, através dos quais observam-se diferentes aspectos da produção do conhecimento em diversas áreas da Psicologia. Alguns trabalhos indicam lacunas, permitem comparações, identificam prioridades, além de sugerirem a adequação de recursos e a elaboração de diagnósticos. Outros estudos apresentam sugestões de possibilidades futuras, tanto para a busca de novos conhecimentos, como para a mudança de posturas e práticas a serem implementadas.

De acordo com o Conselho Federal de Psicologia (1992) e Eisenberg (1991), citados por Witter, C. e Yukimitsu (1996), a literatura científica salienta a necessidade de trabalhos que analisem a produção de conhecimento em uma determinada área de estudos, como forma de se obter dados a respeito da quantidade e qualidade de pesquisas e do conhecimento produzido. Este tipo de pesquisa sobre produção científica é denominado, nos meios acadêmicos, de meta-ciência, por investigar o desenvolvimento da própria ciência.

Oliveira, M. H. (1999) salienta que, apesar de alguns teóricos considerarem a pesquisa de meta-análise como sendo apenas um método quantitativo aplicado às pesquisas de literatura, observa-se que esta modalidade de estudo constitui um novo modo de integrar e interpretar resultados de estudos isolados, delineando os limites e os avanços obtidos em uma determinada área. Baseando-se em Kimble (1994)<sup>9</sup>, Oliveira, M. H. (1999, p. 15) explica que meta-análise é “um método quantitativo para integração dos resultados de estudos independentes, que atende ao objetivo de descrever um corpo de pesquisa, de sintetizar o efeito total de um dado tratamento, de identificar as variáveis que interferem nos resultados, quantificando-os”.

A análise da produção científica retrata as direções utilizadas pelos pesquisadores para colocar os conhecimentos produzidos à disposição dos vários segmentos da sociedade. A forma como se investiga e se dissemina o conhecimento permite reconhecer os motivos que originam as produções e as influências que determinam historicamente as diferenças de produções nas diversas áreas da ciência. Witter, G. (1999) afirma que aproximadamente 5 a

---

<sup>9</sup> KIMBLE, G. A. A frame of reference for Psychology. *American Psychologist*, 49 (6), p. 510-519, 1994.

8% da produção científica de uma área constituem-se de trabalhos de meta-análise que avaliam a produção das sub-áreas, comparando-as entre si ou com outras áreas do conhecimento. No Brasil, pesquisadores psicólogos envolvem-se com estudos cujos objetivos implicam em avaliar aspectos da produção científica, como se verá a seguir.

#### **4.1. Os estudos brasileiros de meta-ciência**

Um dos estudos nesse campo foi realizado por Figueiredo e Seminerio (1973) citado por Gomes (2003), no qual os autores levantaram a produção científica em Psicologia veiculada em periódicos brasileiros, localizando 610 artigos publicados entre 1962 e 1971, nas seguintes revistas: Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada; Boletim de Psicologia de São Paulo; Boletim do Instituto de Psicologia do Rio de Janeiro; Boletim da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul; revista de Psicologia Normal e Patológica e Alter-Jornal de Estudos Psicodinâmicos. Os artigos foram classificados em três grupos: 30,8% versavam sobre Psicologia teórica e experimental; 43,4% sobre Psicologia aplicada e 25,6% sobre Psicometria. A partir desses resultados, os autores constataram que 69% dos artigos concentravam-se em questões aplicadas ou instrumentais.

Di Dio (1975) citado por Domingos (1999a) realizou um levantamento sobre pesquisas no campo da Psicologia Educacional, utilizando as fontes existentes nas bibliotecas e Setor de Documentação da USP, classificando os estudos quanto ao conteúdo e método. Uma das conclusões do estudo de Di Dio ao comparar o uso de métodos usados por psicólogos e pedagogos é que os psicólogos revelam maior familiaridade com técnicas estatísticas, testes e métodos de pesquisa que os pedagogos.

Em uma revisão sobre as matérias publicadas nos volumes I a XXV do Boletim de Psicologia, Witter, G. (1975) citada por Domingos (1999a) constatou a predominância de artigos teóricos, sobretudo nos primeiros quinze volumes editados até 1964, o que a autora associou à fase de desenvolvimento da Psicologia no Brasil. Dentre os relatos publicados a autora encontrou 58% de estudos do tipo correlacional, 30% de pesquisas de levantamento e apenas 12% do tipo experimental. Noutro estudo, ainda conforme assinalado por Domingos (1999a), Witter, G. (1986) analisou o aspecto metodológico das publicações em Psicologia na década de 70, localizando, igualmente, um maior número de trabalhos teóricos.

Bueno (1986) citado por Domingos (1999a) efetuou um levantamento de estudos sobre o comportamento animal, utilizando resumos de comunicações, artigos e teses entre o período de 1970-1979. O autor obteve um total de 261 trabalhos, cujos resultados indicaram a predominância de temas estudados pela análise experimental do comportamento da época: esquema de reforço, fuga, esquiva, supressão condicionada, contingência versus não contingência de reforço, entre outros.

Witter, Térzis, Amaral, Darini, Guzzo e Amaral (1988) efetuaram uma análise psicolinguística dos títulos das 94 dissertações de mestrado apresentadas à Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP), no período entre 1975-1987, objetivando o estudo da combinação psicolinguística da estrutura: saber-poder-fazer e suas combinações. As dissertações foram divididas em três grupos: comportamental, psicanalítico e outro. Os autores encontraram maior incidência da tríplice relação poder-fazer-saber (25,53%), seguida de poder-saber (23,40%). As menores incidências foram: poder (10,64%) e fazer (9,57). Os resultados indicam uma tendência global favorável ao equilíbrio esperado pelos autores entre poder-saber-fazer nos títulos das dissertações de mestrado analisadas.

A pesquisa em Psicologia no Brasil foi objeto de estudo de Agatti e Atalla (1992) que realizaram um levantamento a partir das Reuniões Anuais da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), analisando 1077 resumos de pesquisas apresentadas nessas reuniões no período de 1985-1991. Nesse trabalho, os autores categorizaram as pesquisas conforme as seguintes variáveis: ano, área, região, vinculação administrativa, natureza dos sujeitos, modelo teórico, área da Psicologia e tipo de pesquisa.

Os resultados mais relevantes encontrados por Agatti e Atalla (1992) foram: 37% das pesquisas eram provenientes da USP e 60% do estado de São Paulo; as universidades federais e estaduais foram responsáveis por 90% das atividades de pesquisa; 95% das instituições privadas não estavam engajadas em atividades de pesquisa; 50% dos estudos receberam financiamento, sendo que 95% destes, foram destinados às instituições públicas. Os financiamentos foram destinados, sobretudo, para as áreas de Psicobiologia e Análise do comportamento (61%), sendo que apenas 6% dos recursos foram para estudos psicanalíticos; 70% das pesquisas realizadas com animais foram financiadas, enquanto apenas 30% dos estudos envolvendo pessoas o foram; as pesquisas de laboratório, em sua maioria, foram conduzidas em instituições públicas, enquanto as pesquisas de campo, bibliográficas e

teóricas predominaram nas instituições particulares. Os autores sugeriram estudos e providências relativas à modificação do quadro de quase total ausência de atividades de pesquisa nas instituições privadas.

Witter, C., Witter, G., Yukimitsu e Gonçalves (1992) levantaram a produção textual publicada no Brasil entre 1980 e 1992, enfocando a atuação e a formação do psicólogo escolar. O estudo foi realizado mediante a consulta aos anais, periódicos e banco de dissertações e teses da CAPES e de Universidades, num total de 193 textos, assinados por 338 autores.

Os resultados indicaram uma produção global baixa (9,8 trabalhos/ano), predominância de trabalhos apresentados nos anais (n=141) e foco na atuação maior que na formação (74,1%), mostrando uma preocupação maior com a prática, sobretudo a prática voltada para a atuação na escola de primeiro grau.

Como parte de um projeto que incluiu as áreas: Clínica, Educacional, Social e Organizacional, Guedes (1992) realizou um estudo para identificar os textos publicados no Brasil sobre a atuação do psicólogo clínico, recorrendo à análise de dissertações sobre a atuação do psicólogo clínico em periódicos brasileiros e de dissertações e teses defendidas no Brasil no período 1980-1992. Os trabalhos foram identificados através de consulta às seguintes fontes: revistas brasileiras de Psicologia mais duas de áreas conexas; anais de encontros de Psicologia mais dois de áreas conexas e em dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidas em programas de pós-graduação em Psicologia. A autora analisou um total de 321 trabalhos, focalizando o discurso sobre a atuação do psicólogo e não o conhecimento produzido na área. Deu prioridade à busca de teses e dissertações em relação aos resumos apresentados em congressos, por considerá-las fontes privilegiadas pela quantidade de informações oferecidas.

Witter, C. e Yukimitsu (1996) investigaram a produção científica, apresentada sob a forma de comunicações, no I Congresso Nacional de Psicologia Escolar realizado no Brasil, em 1991. O estudo teve como objetivo a análise do conteúdo das sessões de comunicação científica das pesquisas apresentadas pelas universidades públicas e particulares, mediante o levantamento do gênero dos autores, do local e dos sujeitos pesquisados, além dos temas estudados.

Os resultados obtidos indicaram uma predominância de trabalhos de autores do sexo feminino (n=147) em relação ao gênero masculino (n=18); maior quantidade de trabalhos desenvolvidos em escolas do primeiro grau (34,48%) em relação aos demais níveis e maior percentual de trabalhos envolvendo como sujeitos alunos (44,83%) em relação a professores e alunos ou ao psicólogo escolar. No que se refere aos temas estudados por categoria, as autoras ressaltaram que, em Psicologia Escolar, os trabalhos analisados versavam sobre: associação, instituições, formação, atuação, função e papel; os temas relativos ao Professor tratavam de aspectos como: formação, atuação, função, interação com o aluno, metodologia, didática e comportamento; em Ensino/Educação, foram tratados: problemas e distúrbios da aprendizagem, evasão escolar, integração universidade-comunidade, instrumento de avaliação, ensino-aprendizagem, prática pedagógica e adaptação escolar.

As autoras concluem sobre a necessidade de um maior empenho dos pesquisadores, das universidades e órgãos governamentais quanto ao investimento em pesquisas que contribuam tanto para a sociedade quanto para a comunidade acadêmica. Consideram limitados os estudos na área educacional por enfatizarem, sobretudo, alunos e professores, deixando de lado o ambiente escolar, o familiar e a sociedade como um todo.

Witter, G. (1999) reuniu em livro alguns estudos, realizados por diversos autores, com o intuito de analisar a produção do conhecimento voltado para a área da Psicologia e Educação.

Dentre esses estudos, encontra-se o que foi desenvolvido por Oliveira, M. H. (1999) que em sua tese de doutorado discutiu a necessidade de avaliação da produção científica. O estudo foi realizado a partir da revisão de trabalhos de meta-análise focalizando os artigos publicados, a frequência de publicações e de autores citados, tipos de periódicos, temas focalizados, modelos de orientações adotados, entre outros. A autora acima citada salienta a importância dos estudos de meta-ciência como forma de delinear o desenvolvimento de cada área, identificando lacunas e estabelecendo prioridades no atendimento às demandas da sociedade. Além disso, torna-se possível formar um julgamento crítico em relação ao já produzido, encaminhando-se de modo seletivo o foco de pesquisas posteriores.

Bomtempo (1999) mostra a evolução das pesquisas brasileiras e focaliza os jogos, brinquedos e brincadeiras no Brasil, apontando as controvérsias entre televisão, brinquedo, vídeo game, aprendizagem e desenvolvimento social. O trabalho da autora retratou as pesquisas realizadas no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo no período de 1970 a 1995, compreendendo dissertações, teses, artigos publicados em revistas, livros e apresentações em congressos, de autores ligados a esse Instituto. A autora citada analisou os objetivos, a metodologia empregada, os tipos de brinquedos utilizados, os tipos de jogos e brincadeiras observadas. Bomtempo (1999) identificou as relações destas pesquisas com as teorias de desenvolvimento cognitivo; as mudanças sociais dos brinquedos e do ato de brincar; a criatividade; o desenvolvimento da linguagem e o desenvolvimento físico e social.

Ainda na linha de avaliação da produção do conhecimento, Domingos (1999b) analisou os resumos de dissertações de mestrado apresentadas ao programa de Pós-graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade de Campinas, São Paulo, no período de 1992 a 1996, focalizando doze aspectos das dissertações e teses produzidas nesse período nas áreas de Psicologia clínica e educacional.

Algumas conclusões da autora indicam que tanto em uma área quanto em outra predominam os estudos do tipo levantamento e correlacionais, assim como as pesquisas de campo. Os pesquisadores da área Clínica recorrem a uma amplitude maior de instrumentos do que os pesquisadores da área Escolar. No geral, entretanto, a autora encontrou poucas diferenças significativas entre as duas áreas no que tange às variáveis analisadas no estudo.

A produção científica no Brasil foi ainda objeto do estudo realizado por Malozze (1999) no qual a autora citada discutiu e conceituou alguns aspectos e entrelaçamentos entre Educação e Ciência, destacando a produção e veiculação do conhecimento no meio universitário e propondo a canalização do discurso científico para a publicação em periódicos.

Campos, K. e Witter, G. (1999) desenvolveram uma análise da produção veiculada no periódico *Paradigma*, publicado na Venezuela e que trata de temas da área de Educação. As autoras utilizaram como suporte os números publicados desde 1980 até 1997 e a análise consistiu da contagem do número de vocábulos dos títulos dos trabalhos, da verificação da autoria, observando se foi autoria única ou múltipla e da análise dos temas enfocados.

Os resultados mostraram que a média de vocábulos foi de 13,36 e 75,84 toques. Em relação à autoria, houve predomínio da autoria única (91,30%) e no que diz respeito aos temas, a categoria de maior ocorrência foi Ensino-Aprendizagem com 39% dos registros. As autoras concluíram que a relação produtor-consumidor é distante naquele país, pois o produtor precisa oferecer mais informações no título para que o seu produto possa ser aceito entre os consumidores. Outra conclusão refere-se à necessidade de avanço daquela comunidade científica em relação a trabalhos em equipe. Observaram, ainda, grande dispersão relativa aos temas estudados.

Dunker, Azevedo e Oliva (2000) realizaram um mapeamento de dissertações e teses da área da Psicologia produzidas entre 1995-1998, nas quais foi desenvolvido o tema HIV/AIDS, em universidades da cidade de São Paulo. Os autores tomaram como referência as categorias propostas por Figueiredo (1992), as quais expressam diferentes formas de saber sobre a subjetividade contemporânea. A finalidade do estudo foi identificar a distribuição dos vértices epistemológicos subjacentes às pesquisas acadêmicas. Os autores apuraram um total de onze trabalhos, todos inclusos na categoria Liberal, mesclando-se 36,36% inferências Românticas e 63,63% Regime Disciplinar, provenientes de autores de universidades distintas.

Os autores concluem que os trabalhos inscritos na vertente Liberal são predominantes e pautam as ações em relação ao tema AIDS. Por outro lado, as contribuições ligadas ao Regime Disciplinar são baseadas em estratégias de controle social. São reduzidas as pesquisas situadas na vertente Romântica, denunciando a força do contexto institucional e discursivo desenvolvido pelos centros de saúde e instituições assistenciais.

Bastos (2003) relata o trabalho realizado por Borges-Andrade e col (1997) acerca da produção acadêmica em termos de teses e dissertações nas áreas da Psicologia e Administração, encontrando 54 trabalhos vinculados à área de comportamento organizacional entre 1981 e 1995. Essa produção concentrava-se na Universidade de Brasília e na Pontifícia Universidade de São Paulo.

Os resultados indicaram predominância dos temas relativos à saúde do trabalhador. Considerando saúde, estresse, sofrimento e prazer dentro de uma mesma categoria, observou-se que 22 dos 54 trabalhos examinados tratavam desse tema, seguindo-se



os temas percepção/comunicação; comprometimento; desempenho; comportamento gerencial e organização do trabalho.

Tonelli e col (2003) citado por Bastos (2003) fizeram uma análise da produção na área de recursos humanos, abrangendo o período entre 1991-2000, baseando-se nos principais periódicos de Administração e nos Anais do ENANPAD. Neste trabalho, segundo Bastos (idem) não foi possível identificar a participação dos autores psicólogos, mas sabe-se que eles se situam na base dos trabalhos examinados. Tonelli e col (idem) apontam o expressivo aumento das produções no domínio de recursos humanos, além de mostrarem as bases epistemológicas e características metodológicas dos textos examinados.

#### **4.2. Os estudos de meta-ciência realizados por psicólogos baianos**

Na Bahia, a preocupação com o campo da “pesquisa” foi demonstrada por Bastos (1982) que realizou uma investigação sobre as atitudes em relação à ciência entre pesquisadores da Universidade Federal da Bahia. O estudo teve como objetivo descrever o conjunto de crenças, idéias, valores, concepções, sumarizados no conceito de atitude, que o pesquisador teria em relação à ciência. A atitude foi descrita por meio de oito dimensões, baseadas nos estudos de Mitroff (1974) e Merton (1977), sobre normas e contra-normas que caracterizam o “ethos” da ciência moderna. Foi avaliado o grau em que os pesquisadores se aproximavam ou não de uma atitude clássica e se este posicionamento era influenciado por variáveis do pesquisador tais como: sexo, idade, área e nível de formação, local da pós-graduação, experiência com pesquisa e tipo de pesquisa predominantemente desenvolvido.

No que se refere à análise da produção intelectual, tem-se observado o interesse de pesquisadores baianos como: Bastos (1988a; 1997), Fernandes e col (1998a; 1998b); Fernandes (1999) e Rocha (2000; 2001), conforme elucidado a seguir.

Bastos (1988a) efetuou um estudo para caracterizar o “que” e “como” se pesquisa na área de recursos humanos. Utilizando como fonte as principais revistas de circulação nacional, o autor identificou 115 artigos que abordavam questões sobre recursos humanos, no

período entre 1982-1987. O material levantado foi analisado em relação aos temas e metodologias empregadas.

Os resultados desse estudo apontaram a predominância dos temas: treinamento e formação (19%); análise do trabalho, perfil e desempenho profissional (13,9%); aspectos psicossociais relativos a clima e satisfação (13%); organização do trabalho, poder e participação (12%). Quanto à metodologia, 69,7% dos trabalhos não envolviam quantificação e entre os estudos quantitativos, 2/3 limitavam-se à análise de frequência. A maior parte dos trabalhos de campo caracterizava-se como exploratórios ou descritivos. Os instrumentos mais utilizados foram questionários e entrevistas.

Bastos (1997) citado por Bastos (2003) realizou análise da produção científica sobre comportamento organizacional divulgada nos principais periódicos da área da Administração e Psicologia e no principal evento científico de Administração (Reuniões anuais da ANPAD), no período de 1985-1995.

Os resultados indicaram que depois da Administração, a Psicologia é a disciplina que mais contribuiu com o campo, com 17% de autoria dos trabalhos identificados. Os temas mais pesquisados foram: Cultura Organizacional e Impactos de novas tecnologias, seguindo-se: Processos decisórios, Comportamento gerencial, Poder e conflito, Comprometimento no trabalho e Percepções e clima organizacional. Foi constatada a mudança de interesse dos pesquisadores quanto aos temas mais frequentes. Na década de 1980 os temas que mais apareceram foram clima, motivação, satisfação e produtividade, enquanto os anos 90 trouxeram o aumento de interesse por impactos tecnológicos, comprometimento e saúde no trabalho.

Fernandes, Gomes e Tavares (1998a) analisaram, através da literatura, os estudos realizados no Brasil, que adotaram como modelo explicativo a abordagem da Psicopatologia do Trabalho. As autoras confrontaram as estratégias metodológicas com o referencial teórico e a coerência entre os objetivos propostos e os resultados alcançados.

Os resultados mostraram que 9,52% dos estudos adotam a abordagem da psicopatologia do Trabalho e que a metade desses estudos apresenta incongruências entre o modelo teórico e as estratégias metodológicas adotadas, comprometendo seus resultados. Os

dados apontam a necessidade de reavaliação, pelos pesquisadores, dos critérios de planejamento e execução de investigações que adotem a abordagem da psicopatologia do trabalho. Sugerem, ainda, que os órgãos de publicações científicas re-avaliem os critérios adotados para divulgação das pesquisas realizadas.

Em outro estudo, Fernandes, Gomes e Tavares (1998b) levantaram em periódicos especializados, os estudos sobre saúde psíquica, realizados no período de 1986-1997 e que adotaram a abordagem ergonômica. As autoras observaram a carência entre os objetivos propostos e os resultados obtidos e confrontaram o modelo explicativo com as estratégias metodológicas. Foram identificados 87 trabalhos publicados no Brasil abordando a temática saúde psíquica e trabalho, tendo sido levantados: título da publicação; autores/local; abordagem teórica; objetivos; estratégias metodológicas e resultados. A abordagem ergonômica nos estudos sobre saúde mental-trabalho, realizados no Brasil, no período de 1986-1997 corresponde a 12,5%, sendo que a metade desses trabalhos foi publicada entre 1986-1990.

Como resultado do estudo as autoras identificaram que 70% das publicações no campo da ergonomia apresentaram uma articulação coerente em termos do objetivo proposto, metodologia adotada e seus resultados. As autoras concluem que esses resultados dão indicação da qualidade do material apresentado, considerando essa coerência. Concluem também que a ergonomia representa uma pequena parcela na literatura acerca da relação entre trabalho e saúde mental.

Fernandes (1999) analisou a produção nacional sobre saúde mental publicada na década 1987-1997. Os resultados apontam como objeto nessas investigações a análise das repercussões de processos específicos de trabalho na saúde mental dos trabalhadores, havendo poucos estudos que adotaram como eixo questões como crise econômica, desemprego e saúde mental. A autora observou que as demandas são, principalmente, de origem acadêmica.

Quanto ao segmento de trabalhadores estudados, Fernandes (1999) identificou o predomínio do setor de serviços (bancários e informáticos; educação e saúde). Em relação às abordagens adotadas, a autora não observou uma tendência clara, havendo predominância de um amplo eixo teórico genericamente denominado de saúde mental e trabalho. Os estudos em geral têm um caráter empírico e desenho de investigação. A autora afirma que esses estudos

revelam inconsistências teórico-metodológicas e apresentam caráter não conclusivo sobre os resultados principais e quase não incorporam a análise dos aspectos relacionados ao contexto político e sócio-econômico.

Rocha (2000) realizou um levantamento bibliográfico do acervo da Sub-gerência de Obras Raras e Valiosas da Biblioteca Pública do Estado da Bahia, selecionando quatro textos nos quais os autores revelavam preocupação com a relação entre Psicologia e Educação e, ainda que não fosse de maneira explícita, também aparecem preocupações com o educando. Os textos selecionados e que indicam a primeira preocupação foram: *L' enfant à l'école* e *La fatigue intellectuelle*, de Alfred Binet; *Psychologie de l'instruction et d'éducation*, de Gustave Le Bon e *La discipline scolaire*, de L. Chasteau. Para exemplificar a preocupação com o educando, a autora escolheu o educador baiano Abílio Cezar Borges, o Barão de Macaúbas.

Os resultados do estudo de Rocha (idem) indicaram que Binet (1898) analisou, através de experimentos, as repercussões físicas e psicológicas da fadiga intelectual. Em 1909, ele tratou sobre os critérios de uma boa instrução, ressaltando o interesse do indivíduo como fator a ser considerado na adaptação ao meio, incluindo o meio escolar. Por outro lado, Le Bon (1914) descreveu as bases da educação e da instrução, das quais o princípio psicológico seria passar o consciente para o inconsciente. Já Chasteau (1888) retratou em seu trabalho a necessidade de disciplina escolar, apresentando conselhos a esse respeito.

Conforme as observações de Rocha (2000), o baiano Borges apresentou, em 1883, na Exposição Nacional de Educação um aparelho idealizado com o objetivo de facilitar a aprendizagem de conceitos matemáticos, especialmente as frações. Borges destacou-se pela postura de educador contrário aos castigos físicos na escola, além de ter demonstrado preocupações com a melhoria das condições de aprendizagem, incluindo o preparo do corpo docente e a qualidade do material de instrução.

Acerca desses estudos, Rocha (2000) concluiu que, em meados do século XIX, havia preocupação com aspectos conceituais e operacionais relacionados à interface entre Psicologia e Educação, o que redundava em benefício para toda a comunidade, além dos professores e alunos.

Buscando contribuir com a divulgação da produção do conhecimento no campo psicológico na Bahia, Rocha (2001) realizou um estudo das teses apresentadas à Faculdade de Medicina da Bahia, durante o século XIX, as que subsistiram ao incêndio ocorrido em 1906 e que tratam sobre questões de ordem psicológica. As conclusões desse estudo revelam uma forte influência intelectual de autores franceses, uma maior preocupação com a psicopatologia e predominância da estratégia não experimental.

Embora alguns dos estudos realizados por pesquisadores baianos focalizem temas com conteúdo psicológico, não se referem a investigações com objetivo de levantar produções de psicólogos. Nos estudos identificados por Bastos (1988a; 1997), assim como nos levantamentos de Fernandes e col (1998a; 1998b) e Fernandes (1999), supõem-se autorias de profissionais ligados a diferentes áreas do conhecimento. Por outro lado, Rocha (2000; 2001) detém-se na análise de material produzido por educadores do século XIX e, em outro estudo, analisa investigações de estudantes de Medicina.

O trabalho ora desenvolvido situa-se no contexto dos estudos de meta-ciência. Por ser um estudo pioneiro, nesta categoria, sua pretensão é dar uma visão panorâmica sobre o tema e contribuir para a identificação de fatores relevantes que possam ser abordados em estudos posteriores. As indagações levantadas transformaram-se em pontos de reflexão que, no decorrer do trabalho e das leituras efetuadas tornaram-se mais claras, possibilitando uma investigação criteriosa e, mesmo que de forma parcial, uma ampliação do conhecimento na área pesquisada, somando-se às contribuições já existentes.

### CAPÍTULO III

## PESQUISA COMO INSTRUMENTO DE PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

Neste capítulo são discutidas algumas tentativas de conceituação sobre o que se entende por pesquisa já que a utilização desse termo é freqüente neste trabalho, sendo necessário algumas precauções contra eventuais confusões conceituais. São vários os conceitos sobre pesquisa, não havendo consenso a esse respeito. Apesar disso, tem-se como referência a idéia de que pesquisa é uma atividade complexa que comporta aspectos filosóficos, políticos, econômicos, psicológicos, sociológicos e lingüísticos, conforme Witter, G.<sup>10</sup> citada por Pacheco e col (1992).

Nesta seção apresenta-se, ainda, uma revisão dos tipos de pesquisa discutidos por vários autores, não havendo também uniformidade nas classificações. A seguir, são apresentadas algumas posições teóricas sobre metodologia de pesquisa, mostrando-se como, ao longo da história, houve ruptura na forma de conceber método.

Finalmente, faz-se referências à ética na pesquisa, cotejando-se esses pontos de vista com os de autores que descrevem a pesquisa em Psicologia.

### 1. Considerações gerais sobre o conceito de pesquisa

A palavra pesquisa, em português, vem do latim *perquirere*, que significa indagar, questionar, inquirir, voltar-se sobre um mesmo assunto para esclarecer pontos obscuros. No inglês – *research* – e em francês – *recherche* – a conotação de voltar sobre o já conhecido para preencher lacunas torna-se mais evidente por causa do prefixo *re* que, em latim, corresponde a *per*, não tão claramente assimilado com esse significado em nosso idioma (Sigelman, 1976). No italiano – *ricerca* – a conotação de busca (*cerca*) torna-se mais clara por causa do prefixo *ri* que indica a ação de voltar sobre o conhecido, da mesma forma que nos demais idiomas citados.

---

<sup>10</sup> Witter, Geraldina P. *Pesquisa como processo de tomada de decisão: variáveis relevantes*. (Pré-print), PUCCAMP, 1989.

Partindo dessa perspectiva, tem-se a compreensão de que a atividade de pesquisa visa o preenchimento de lacunas em uma determinada área do conhecimento. A percepção dessas lacunas leva o pesquisador à indagação que se traduziria, de acordo com Sigelman (1976), em estado de perplexidade diante de uma situação percebida como dificuldade, ou ainda como “problema”. Assim, a justificativa para o início de uma “pesquisa” seria a existência de um problema em determinado campo do conhecimento. Um fato só passa a ter relevância quando relacionado a um problema, uma dúvida, um questionamento que necessite de resposta.

Segundo Asti Vera (1983), a palavra pesquisa não possui um sentido claro, podendo assumir feições diversas conforme o campo do conhecimento estudado. Para esse autor, o uso da palavra “pesquisa” tem levado a algumas identificações abusivas: “pesquisa é igual a ciências positivas; pesquisa equivale à indagação empírica” (p. 10). Por essa perspectiva, segundo o autor citado, abandona-se o pensamento de que há investigação nas ciências humanas e no campo filosófico, havendo, ainda, uma redução da pesquisa à simples busca de fatos ou de dados.

O argumento do autor acima citado encontra, em parte, sustentação no exame da literatura sobre o tema, podendo-se observar que, embora o entendimento de alguns autores sobre o conceito de pesquisa seja simplista, relacionado à indagação empírica apenas, há outros cuja concepção sobre esse tema é abrangente, uma vez que o conceito engloba outras áreas “não positivas”.

Ander-Egg (1978, p. 28) citado por Marconi e Lakatos (1990) diz que pesquisa é um “procedimento reflexivo sistemático, controlado e crítico, que permite descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis, em qualquer campo do conhecimento”. Por essa ótica, a pesquisa seria um procedimento formal, requerendo tratamento científico e resultando num processo de procura e desvendamento de uma realidade.

A definição de pesquisa apresentada por Gil (1987, p. 43) aponta para o entendimento de que esse processo “formal e sistemático de desenvolvimento do método científico (...) permite descobrir respostas para problemas (...) obtendo novos conhecimentos no campo da realidade social”. Dentro desta perspectiva, a realidade social envolveria todos

os aspectos que dizem respeito ao homem no seu relacionamento com outros homens e instituições sociais.

Booth, Colomb e Williams (2000, p.7) conceituam pesquisa como a atividade de “reunir informações necessárias para encontrar resposta para uma pergunta e assim chegar à solução de um problema”. O ato de pesquisar tem para Booth e col (2000, p. 6) o sentido de um trabalho “árduo, mas, assim como todo trabalho desafiador bem feito, tanto o processo quanto os resultados trazem enorme satisfação”. Para esses autores, a pesquisa é um ato social, exigindo constante reflexão do pesquisador em relação ao tema pesquisado e aos seus resultados. Como ato público, a pesquisa pode levar à mudança na forma de pensar, assim como à mudança de vida de uma comunidade.

O esforço em atender esses requisitos parece dar à pesquisa não apenas um caráter árduo como imaginam Booth e col (2000), mas fornece-lhe um movimento tateante, que ganha maior precisão à medida que se confrontam os métodos utilizados e os resultados. Trata-se de uma operação dinâmica a qual, na compreensão de Bruyne, Herman e Schoutheete (s.d.), não se reduz a uma seqüência de procedimentos imutáveis, de transformação da metodologia numa tecnologia, ou ainda, na mania do projeto.

Esse dinamismo permite que o pesquisador intercale aspectos epistemológicos, teóricos, morfológicos e técnicos da pesquisa, embora a divisão do trabalho e a profissionalização do pesquisador conduzem a automatismos burocráticos (Bruyne e col idem). Esses autores argumentam que qualquer pesquisa é condicionada por esses quatro pólos que atuam paralelamente, numa interação dialética.

Assim, o pólo epistemológico, conforme elucidado pelos autores acima citados, possui a função de vigilância, atuando no sentido de garantir a explicitação do problema de pesquisa, decidindo acerca das regras de produção dos fatos e criticando seus fundamentos. Por outro lado, o pólo teórico dá sustentação para a elaboração de hipóteses e conceitos, além de propor regras de interpretação dos fatos e de definição das soluções encontradas para as questões estudadas. Tem-se no âmbito deste pólo os quadros de referência do positivismo, da compreensão, do funcionalismo e do estruturalismo.



O pólo morfológico, por sua vez, estrutura e ordena o objeto de estudo, fornecendo à pesquisa as regras de sua configuração. Aqui surgem as tipologias, o tipo ideal, o sistema e os modelos estruturais como modalidades de métodos de ordenação. Por último, o pólo técnico comanda a coleta dos dados, confrontando-os com a teoria que os embasou. Os estudos de casos, os estudos comparativos, as experimentações e a simulação constituem, neste pólo, modos de investigação.

A pesquisa é definida por Gomes (2003, p. 23) como “um conjunto de atividades que têm por finalidade a descoberta de novos conhecimentos no domínio científico, literário ou artístico; a investigação ou indagação minuciosa; e/ou atividades de laboratório”.

Essa configuração proposta pelo autor acima citado dá à pesquisa uma amplitude diferenciada, pois a coloca como possibilidade em qualquer campo da atividade humana, além de sugerir formas diversas para sua realização. Pesquisar, então, seria uma prática definida como “ato de fazer, ação, execução, realização ou exercício”, devendo-se, entretanto, distinguir “prática” de “pesquisa” (Gomes, 2003, p. 23). Uma forma de diferenciação dos dois termos, segundo esse autor, seria atribuir ao termo “prática” o sentido de uma ação direta sobre a realidade, enquanto que para o termo “pesquisa”, poder-se-ia atribuir o caráter de criação teórica.

Embora Gomes (*idem*) reconheça que a distinção entre os termos é sutil e a relação entre ambos pode ser de proximidade ou de separação, o autor sugere que o termo pesquisa seja concebido como ação que busca, descobre ou cria novos conhecimentos, enquanto prática seja entendida como a transferência desse conhecimento em recurso de aplicação.

Compreende-se, entretanto, que a relação entre pesquisa e prática pode ser reversa, uma vez que a prática pode gerar pesquisa, produzindo novos conhecimentos que serão utilizados na prática, enquanto a pesquisa pode ser utilizada para verificação, avaliação ou atualização da prática. Nesse sentido, a pesquisa torna-se um instrumento de produção de conhecimento, podendo melhorar a prática profissional.

Há, porém, um outro ângulo em que esta relação se coloca e que é alertado por Gomes (2003). Trata-se do fato de que a prática é, normalmente, conduzida sem pesquisa,

estando sujeita a equívocos ou à construção de um conhecimento que irá desaparecer juntamente com o seu criador. Por outro lado, há pesquisas desinteressadas, em que o pesquisador não se ocupa em colocar suas descobertas a serviço de uma prática imediata. A relação entre pesquisa e prática seria então uma relação simbólica e, ainda de acordo com o autor acima mencionado, pode ser uma relação de exclusão – uma se diferenciando da outra – ou de inclusão, em que a existência de uma pressupõe a outra.

Ao estudar diferentes tipos de trabalho científico, Terry Shinn (1982) citado por Oliveira, J. B. (1985, p. 38-39) ilustra a existência dentro de determinado campo científico, como em campos distintos, de diferenças de concepção sobre o que seja fazer ciência e fazer pesquisa. O autor analisa as conseqüências dessas definições em termos de estruturas organizacionais, apresentando três casos: um laboratório de química mineral, um laboratório de computação e um núcleo de pesquisa de física do estado sólido. Observou que, no primeiro caso, concebe-se como pesquisa a identificação, classificação e qualificação de determinadas substâncias, para a seguir entender as mudanças na mistura ou solução com agentes químicos análogos. No laboratório de computação, por sua vez, a atividade intelectual concentra-se na formalização, sendo que a tarefa principal consiste em estabelecer valores matemáticos ou identificar relações simbólicas. Compreende um trabalho de natureza cerebral em oposição à atividade técnica. Já no terceiro caso, a idéia de pesquisa consiste basicamente em testar efeitos eletromagnéticos, medindo durante os testes suas trajetórias e interconexões. A precisão exigida nas medidas dificulta uma separação rígida entre atividade intelectual e atividade manipulativa, de modo que, ainda que estas atividades sejam realizadas por pessoas diferentes, exige-se colaboração e interdependência.

A partir desses exemplos, Oliveira, J. B. (1985, p. 39) esclarece ser difícil falar de pesquisa no singular, quer dizer, apontando tecnologias de produção do trabalho científico que sejam “uniformes, típicas ou características dessa atividade”. Para o autor citado, a definição dos modos de produção científica repousa em um conteúdo social, obtido através de tradição e consenso.

Ao tratar da pesquisa em Psicologia, Figueiredo (1995, p. 68) diz que a pesquisa acadêmica, ou não acadêmica, diz respeito à

Exploração de um campo previamente delimitado e homogêneo de experiências – ou seja, implica no estudo sistemático de uma região de fenômenos congêneres e interconectáveis – de forma (1) a descobrir novos fenômenos e, principalmente, (2) a elaborar conceitualmente novas interconexões entre fenômenos de forma a gerar e enriquecer nossas teorias.

As alternativas que surgem a partir dessa descrição do autor são diversas. Segundo ele próprio, é possível concebê-las como descritivas e classificatórias, como explicativas ou ainda metafóricas – originando modelos que não explicam nem descrevem, apenas oferecem uma visão analógica, podendo funcionar também como jogos de linguagem, servindo a comunidades com interesses práticos. Em qualquer um desses casos, as teorias não seriam verdadeiras nem falsas, mas serviriam para “tornar inteligível e manejável um campo de experiências compartilháveis” (Figueiredo, 1995, p. 69).

A discussão levantada por esse autor situa-se no campo da Filosofia da ciência e gira em torno do estatuto da estrutura e das funções das teorias científicas, bem como em torno do estatuto dos fenômenos investigados, não cabendo nesta seção uma discussão mais extensa a respeito desses assuntos. Entretanto, o que interessa neste item apresentado pelo autor é a sua conceituação de pesquisa que não diverge, em linhas gerais, de outros pontos de vista apresentados anteriormente.

Pesquisar em Psicologia tem o mesmo sentido que em outros campos do conhecimento, ou seja, representa sempre uma busca, a exploração de algo que não se conhece. Essa busca é efetuada dentro de certos limites de espaço, tempo e conteúdo pesquisado, o que lhe confere a característica de ser específica, por englobar aspectos da mesma natureza. Caracteriza-se, entretanto, como uma “atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. É uma atividade de aproximação da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teorias e dados” (Minayo, 1996, p. 23).

Com base na literatura percorrida, neste estudo entende-se por “pesquisa” o procedimento reflexivo sistemático que permite a descoberta de fatos ou dados e a obtenção de respostas para problemas. Caracteriza-se como uma atitude e uma prática de constante busca e aproximação da realidade podendo abranger: reflexão sobre a prática profissional,

experimentos, estudos de casos, reflexão metodológica ou investigação teórica (Ander-Egg, 1978; Gil, 1987; Minayo, 1996).

Embora ao longo do tempo a palavra pesquisa tenha assumido um caráter preponderante em relação à palavra investigação, por associação desta última aos trabalhos de pesquisa policial, neste estudo os dois vocábulos são utilizados indistintamente.

## **2. Tipologia de pesquisa**

Qualquer classificação ou tipologia representa a subdivisão de um objeto em suas partes e essa subdivisão é feita a partir de critérios de análise que estão sujeitos a certas categorias de agrupamento. Abramo (1974, p. 17) diz que os critérios e as categorias devem originar, sempre que possível, a subdivisão do objeto em classes mutuamente exclusivas. Entretanto, conforme adverte o mesmo autor, toda classificação é relativa aos critérios e às categorias adotados, não havendo classificação errada, desde que ela apresente um critério e constitua categorias exclusivas.

Existem várias tipologias de pesquisa, as quais funcionam como instrumentos teóricos úteis para esclarecer, analisar e expor determinado aspecto da realidade, podendo se constituir em modelos mais ou menos adequados na representação dessa realidade, a depender de como foram estabelecidas. Apesar da variedade, entretanto, esses modelos não se esgotam, podendo ser tão diversos quanto os critérios adotados para sua classificação.

Pierson (1962, p. 64) citado por Abramo (1974) apresenta um esquema onde não explicita os critérios adotados na classificação, nem esclarece se há uma correspondência entre os métodos e as técnicas listadas por ele. Pierson (idem) apresenta uma classificação que engloba os seguintes métodos: estudo de caso; estatístico; observação participante; observação em massa e comparativo. Como técnicas de pesquisa, o autor sugere: observação simples; entrevista; formulário; questionário e história de vida.

A classificação feita por Pierson (1962) parece ter sido originada a partir do critério do procedimento metodológico empregado na pesquisa, incluindo os instrumentos utilizados. Outros autores também dividem as pesquisas levando em conta o método utilizado.

Abramo (1974) menciona a classificação apresentada por Maria Isaura Pereira de Queiroz (1969), onde ela classifica em três tipos as pesquisas conforme os procedimentos: pesquisas quantitativas; pesquisas qualitativas e pesquisas experimentais. Esta mesma autora sugere dois outros tipos de classificação, utilizando como critérios o objeto de investigação e em outro a finalidade do estudo. Dentro do primeiro critério estariam as pesquisas exploratórias, onde o objeto é desconhecido; as pesquisas elucidativas, em que o objeto é parcialmente conhecido, e as pesquisas-piloto, nas quais o objeto é o próprio instrumento de observação. Participando do critério “finalidade” estariam as pesquisas puras, também chamadas de fundamentais; pesquisas operacionais ou aplicadas e as pesquisas ativas, nas quais o pesquisador intervém deliberadamente na situação.

Uma das classificações mais comuns é a que considera o critério de finalidade da pesquisa, dividindo-a em pesquisa pura e pesquisa aplicada. Abramo (1974) e Gil (1987) observam que a classificação de pesquisa pura ou pesquisa aplicada baseia-se no critério de utilização dos resultados, considerando, portanto, a finalidade da pesquisa, sendo esse um dos critérios assumidos por grande parte dos autores, conforme observado na literatura. De acordo com Gil (1987), essa classificação tem por objetivo indicar se a pesquisa decorre de razões de ordem intelectual, de conhecer por simples desejo ou satisfação, ou se decorre de intenções práticas, originando-se do desejo de conhecer para agir.

A classificação acima considerada representa um ponto de vista teórico refutado por Bulmer (1978) citado por Minayo (1996, p. 25-26), segundo o qual essas denominações são falsas, na medida em que as pesquisas teóricas podem ter importantes conseqüências práticas e pesquisas aplicadas têm, também, contribuições teóricas.

O autor citado sugere uma alternativa de classificação considerada dentro de um *continuum*, sem excluir as demais classificações. A proposta serviria para compreender o campo analisado sem pretender reproduzir a realidade ou torná-la estanque. Assim, a pesquisa básica teria a finalidade de construir e testar teorias, além de poder influenciar e subsidiar decisões e o avanço do movimento social. A pesquisa estratégica teria a finalidade de prever soluções práticas para os problemas, utilizando como instrumento teórico e metodológico a pesquisa básica. Por outro lado, a pesquisa orientada para um problema específico teria o objetivo de solucionar problemas práticos, geralmente sendo realizada em instituições. A pesquisa-ação acompanharia a ação de programas para medir seu impacto, porém sem o

envolvimento do pesquisador conforme concebido por Thiollent (1987) em relação a pesquisa dessa natureza. Já a pesquisa de inteligência seria representada pelos levantamentos de dados demográficos, econômicos e estatísticos, realizados com o objetivo de formular políticas.

Outras classificações são apontadas por Abramo (1974) nas quais se utilizam diferentes critérios. Há tipologias organizadas segundo os campos do conhecimento ou atividade humana, como por exemplo, as pesquisas monodisciplinares, multidisciplinares e interdisciplinares. Há outras que se fundamentam nos processos de estudo, incluindo as pesquisas: estruturais; históricas; comparativas; funcionalistas; estatísticas e monográficas. Ou ainda, na natureza dos dados, como ocorre com a pesquisa de dados objetivos e a pesquisa de dados subjetivos ou de opiniões.

Demo (1985) distingue quatro linhas básicas de pesquisa nas ciências sociais: a teórica, a metodológica, a empírica e a prática. Para esse autor, embora essa classificação não seja rígida, serve ao propósito de não tornar exclusiva a pesquisa empírica como forma de descoberta da realidade – sendo esta entendida como “todas as dimensões que compõem nossa forma de viver e o espaço que a cerca” (p. 27).

A pesquisa teórica é a que estrutura os quadros teóricos de referência. O autor acima citado admite que não existe pesquisa puramente teórica, ou seja, a simples especulação ou reflexão subjetiva, feita de modo independente da realidade e sem possibilidade de ser refeita pelo próprio pesquisador ou por outro. Esse enfoque justifica as exigências postas para a formação de um quadro teórico de referência. Uma primeira exigência seria o domínio dos clássicos de determinada disciplina por parte do investigador, de modo a poder avaliar as polêmicas vigentes, o âmbito das discussões e as possíveis cristalizações de certas práticas. Além disso, o pesquisador deve dominar a bibliografia fundamental, estabelecendo uma crítica permanente durante as leituras, a fim de discernir os passos a seguir. A aquisição de uma personalidade teórica própria é outro passo fundamental para os construtores do saber.

A pesquisa metodológica tem, para Demo (1985), importância crucial no cultivo da atitude crítica, dando ao pesquisador a oportunidade não só de descobrir os rumos seguidos pelos estudiosos para a construção do conhecimento e de problematizar sobre tais caminhos, mas ainda, descobrir sua própria opção teórica. O autor elucida que a reflexão metodológica

trata dos instrumentos de captação e manipulação da realidade e a sua ausência sugere mediocridade científica.

Por outro lado, a pesquisa empírica retrata o lado experimental dos fenômenos, manipulando fatos e dados e traduzindo seus resultados em dimensões mensuráveis, tendendo a quantificar esses dados. Demo (1985) assinala a importância desse tipo de pesquisa para as ciências sociais, particularmente no aspecto do compromisso dessas ciências a favor de afirmações controláveis e contra especulações subjetivas ou a teorização excessiva. O autor acima referido critica, entretanto, a supervalorização dada por alguns pesquisadores às análises estatísticas e as descrições dos fenômenos, deixando de lado sua explicação.

Independente da dimensão percebida, a prática é uma maneira que o homem dispõe para descobrir a realidade. Demo (1985) afirma que a pesquisa prática é realizada por meio do teste prático de posições teóricas ou de possíveis idéias, sendo função da prática verificar se a teoria é especulação ou é real. A prática é representada tanto pela omissão, pois favorece a situação vigente, quanto pela ação. Mas esse autor ressalta que:

Prática é, sobretudo, a tomada de posição explícita, de conteúdo político, diante da realidade. Tal asserção torna-se mais compreensível, se voltarmos à idéia de que as ciências sociais são intrinsecamente ideológicas, no que se distinguem profundamente das ciências naturais, onde a ideologia aparece extrinsecamente. Se assim é, a prática é consequência natural do engajamento ideológico, que todos têm, mesmo a nível de omissão (Demo, 1985, p. 26-27).

Ao caracterizar os tipos de pesquisa em educação, Triviños (1987) sugere três tipos de estudos cujas finalidades são distintas. Para o autor citado, há estudos exploratórios, descritivos e experimentais.

Nos estudos exploratórios o pesquisador parte de uma hipótese, circunscrevendo seu estudo dentro dos limites de uma realidade específica, procurando antecedentes de modo a aumentar seu conhecimento sobre aquela realidade. Os estudos exploratórios servem ainda ao objetivo de levantar possíveis problemas de pesquisa, ou delimitar um amplo campo de estudo, servindo de base para um outro tipo de estudo. O autor acima citado alerta para a seriedade que deve ser mantida pelos pesquisadores que decidem fazer estudos exploratórios, pois estes requerem o emprego das mesmas regras que qualquer outro tipo de pesquisa.

Os estudos descritivos têm como característica principal a descrição de fatos e fenômenos de determinada realidade. Quando um estudo descritivo não se resume apenas à coleta, ordenação ou classificação dos dados, mas estabelece relações entre as variáveis estudadas, é denominado de descritivo correlacional. Os estudos descritivos podem ser representados pelos estudos de casos, pela análise documental, pelos estudos causais comparativos ou estudos *post facto*.

Dentro dessa subcategorização apresentada por Triviños (1987) os estudos de casos têm a finalidade de aprofundar a descrição de determinada realidade, podendo incluir um indivíduo, uma instituição ou uma determinada situação, estudando-se todas as variáveis da realidade escolhida. Os resultados obtidos com o estudo de casos são válidos somente para a realidade estudada. O valor desse tipo de pesquisa é a possibilidade de se formular hipóteses para o encaminhamento de outros estudos.

Na análise documental o pesquisador pode reunir uma gama variada de informações, trabalhando a partir de documentos. Por outro lado, nos estudos comparativos ele pode determinar como é o fenômeno, de que maneira ele ocorre e por que ocorre, sendo que a busca das causas de um fenômeno leva o pesquisador a planejar estudos experimentais. De acordo com o autor acima citado, os estudos descritivos são criticados, pois a descrição dos fenômenos e dos fatos nem sempre permite a verificação através da observação, além de estarem sujeitos à manipulação das informações, podendo gerar conclusões falsas.

Quanto aos estudos experimentais, Triviños (1987) diz que seu uso é criticado nas ciências sociais e na educação. Essa modalidade de estudo segue as seguintes etapas: formulação do problema e das hipóteses; seleção da amostra; elaboração dos instrumentos para a coleta dos dados; determinação da validade interna e externa do experimento; experimentação.

Köche (1982, p. 78) salienta que na pesquisa experimental a manipulação de variáveis proporciona estudar a relação entre causas e efeitos de determinado fenômeno, de tal modo que o pesquisador pode “controlar a dosagem da quantidade ou qualidade dessas relações”. Para esse autor, a pesquisa experimental não se confunde com a pesquisa de laboratório, uma vez que um estudo pode ser experimental tanto em contexto de campo quanto em laboratório, embora seja mais freqüente sua realização em contexto de laboratório.



Ainda conforme o autor acima mencionado, a pesquisa pode ser classificada como descritiva e bibliográfica. O primeiro tipo estuda as relações entre duas ou mais variáveis de um fenômeno, sem manipulá-las, enquanto o segundo objetiva conhecer e analisar as principais contribuições teóricas sobre um determinado assunto, tema ou problema.

Para finalizar esta seção, descreve-se a pesquisa documental, a qual é muito utilizada nos estudos de natureza histórica, inclusive neste. Witter, G. (1990, p. 22) diz que a pesquisa documental “é aquela cujos objetivos ou hipóteses podem ser verificados através da análise de documentos bibliográficos ou não bibliográficos, requerendo metodologia (coleta, organização, análise de dados) compatíveis com os mesmos”.

### **3. Metodologia de pesquisa**

Na história do conhecimento, a concepção de verdade, leis e teorias sofreu evolução, conforme assinalado anteriormente. Desde a Grécia Antiga, havia uma disposição dos filósofos para organizar sistemas explicativos de modo a encontrar a verdade. A concepção de método na filosofia antiga tinha uma conotação diferente daquela que mais tarde assumiria a filosofia moderna. Naquele período, o conhecimento estava ligado à filosofia e a preocupação era a busca do saber, da compreensão da natureza das coisas e do homem. Köche (1982) diz que vigorava nessa época o método da especulação racional, cujo critério para assegurar a verdade era o da coerência lógica, cabendo à filosofia e à ciência assegurar a demonstração dos princípios intuídos (conhecimento imediato, subjetivo) mediante a dedução silogística (conhecimento mediato, objetivo).

Köche (idem) assinala que toda racionalidade da ciência grega sustentava-se na idéia intuitiva, em que os fatos particulares eram interpretados a partir do sentido que adquiriram como parte do todo. Como os princípios eram intuídos, não havia um processo de descoberta, mas de demonstração e justificação com base na lógica silogística. Assim, a demonstração da verdade ocorria no plano sintático, caracterizando uma ciência do discurso.

As explicações filosóficas que predominavam desde os pré-socráticos, passando pelos períodos clássico e helenístico da civilização grega, aportam no período greco-romano, este último sendo marcado pelo surgimento do ecletismo e pelo cristianismo. As mudanças

sociais decorrentes desse contexto refletiram no modo de analisar a realidade e caracterizaram toda a Idade Média (Pádua, 2000).

Nesse período, o teocentrismo vigente era caracterizado por uma metodologia baseada em questões teleológicas, de explicações finalistas, deslocando a preocupação com o saber medir para a conciliação razão-fé, uma vez que o cosmos indicava a expressão da vontade de Deus. Como assinala Pádua (2000), esse período foi marcado pela transformação dos textos bíblicos em fonte de autoridade científica, vigorando uma atitude de preservação e contemplação da natureza, tida como sagrada.

O início do cientificismo surgiu no Renascimento, com os procedimentos de experimentação, provocando divergências entre filosofia e ciência. A partir desse período, passou-se a valorizar as evidências experimentais na comprovação da verdade científica. Por esta perspectiva cientificista (Köche, idem), o mundo era visto de forma mecanicista, cabendo à ciência medi-lo e quantificá-lo, extraindo as explicações da realidade por meio da observação e da experimentação.

Foi Galileu (séc. XVII) que iniciou o questionamento acerca do melhor procedimento para se chegar a resultados científicos mais seguros, sendo considerado o principal teórico do método experimental. O método da “indução experimental” proposto por ele consistia em concluir uma lei geral a partir da observação de casos particulares. Segundo Köche (1982), o método de Galileu era composto dos seguintes passos: observação do fenômeno; análise dos seus elementos constituintes, estabelecendo relações quantitativas entre eles; indução de hipóteses a partir da análise da relação desses elementos; verificação das hipóteses mediante a experimentação e generalização dos resultados, obtendo-se uma lei a partir da confirmação das hipóteses.

Nesse mesmo período surgiu Francis Bacon, segundo o qual, na argumentação lógica tal como queria Aristóteles, o intelecto estaria sujeito a guiar-se pelos eventos afirmativos, o que conduziria à perpetuação do erro. Para Bacon, a teoria aristotélica de mundo continuava influenciando o pensamento e a ciência naquele momento, porque o consenso sobre o qual havia sido ajuizada sustentava-se na autoridade (Köche, 1982). A proposta de Bacon era que se utilizasse o método da observação sistemática e da experimentação dos fenômenos e fatos naturais. Para ele, a autoridade do conhecimento

religioso e dogmático embora servisse para fazer crer, não permitia a compreensão da natureza das coisas nas quais se acreditava (Köche, *idem*).

Ainda no século XVII, surgiu Descartes (1596-1650) que manifestou preocupação similar à de Galileu e Bacon sobre a fraqueza do método silogístico no que se refere ao contexto da descoberta. Descartes, entretanto, em vez da adoção do método da indução experimental, optou pelo método dedutivo, na tentativa de justificar o contexto da descoberta por meio da razão. Escolheu o caminho da anulação de qualquer crença amparada na autoridade, defendendo a concepção de que tudo deveria ser questionado de modo sistemático até alcançar princípios indubitáveis. Esse questionamento de Descartes originou a dúvida metódica, a qual tornou-se o símbolo do racionalismo moderno (Köche, 1982). O chamado racionalismo, segundo Köche (*idem*), foi ainda desenvolvido por Malebranche (1638-1715), Espinosa (1631-1677) e Leibniz (1646-1716).

O empirismo e o racionalismo resultaram dessas duas propostas de método: indutivo e dedutivo. Essas correntes se dividiram ao longo da história do pensamento moderno e geraram questionamentos dos estudiosos sobre qual o melhor caminho a seguir na investigação científica. Pádua (2000) afirma que, a partir da análise do empirismo e do racionalismo, Kant (1724-1804) argumentou que, se de um lado o conhecimento é a síntese ou conexão dos dados que somente a experiência pode fornecer, por outro lado, a síntese é impossível sem os elementos racionais.

Tal análise provocou mudanças na posição filosófica até então assumida, em que o pesquisador teria de se adequar ao objeto (fatos) e apontou novas direções para analisar a questão do método. O sujeito passou a ser visto como ordenador e construtor da experiência, mediante a ordem do pensamento sobre os fenômenos (Pádua, 2000).

A dialética hegeliana surgiu como crítica ao sistema proposto por Kant. Hegel (1770-1831) achava a explicação de Kant a-histórica, por entender que o conhecimento não indica somente a “capacidade de apreensão daquilo que é ou existe, mas também e principalmente da apreensão do processo pelo qual as coisas vêm a ser, tornando-se isto ou aquilo” (F. Leopoldo e Silva, 1984, p. 109) citado por Pádua (2000).

A Revolução Francesa (1789-1815) marcou, segundo Pádua (2000), o fim do período moderno dando início ao período contemporâneo. Por essa época, as idéias sobre método evoluíram e a experimentação se desenvolveu cada vez mais, firmando-se como critério do estabelecimento da verdade e o conhecimento científico sendo considerado como neutro, independente de valores éticos ou morais.

No início do século XX, houve uma reviravolta na concepção de ciência e método científico. O mundo contemporâneo trouxe a discussão e o questionamento acerca da infalibilidade do conhecimento científico com a expressão do Círculo de Viena nas décadas de 1920-30. Pensadores como R. Carnap (1891-1970), O. Neurath (1881-1945) e H. Reichenback (1891-1953), representantes do neopositivismo (empirismo lógico) afirmavam que a lógica, a matemática e as ciências empíricas “esgotam” o domínio do conhecimento possível da realidade (Pádua, 2000).

Com Popper e Kuhn, o dogmatismo de natureza positivista que havia imperado até então, arrefeceu, dando lugar à crítica da indução como método para chegar ao conhecimento da realidade.

Pádua (2000) assinala que Popper propõe a substituição do indutivismo pelo método hipotético-dedutivo, afirmando que numa hipótese deve-se testar não sua possibilidade de verificação, mas a de refutação. Sua contribuição como epistemólogo foi decisiva, de acordo com Japiassu (1979, p. 93-94), para desvendar dois problemas fundamentais e relacionados entre si. O primeiro diz respeito à demarcação entre ciência e metafísica e o segundo refere-se à indução e seu valor para a ciência. Popper se opõe ao empirismo lógico, especialmente à posição de Carnap, um dos integrantes do Círculo de Viena.

Por outro lado, Kuhn aborda o método a partir do entendimento sobre ciência, situando-a em dois momentos: no primeiro momento, a ciência trabalharia para resolver problemas relativos aos pressupostos conceituais, metodológicos e instrumentais compartilhados pela comunidade científica, constituindo-se um paradigma, ampliando e aprofundando o aparato conceitual desse paradigma, sem alterá-lo. Já no segundo momento, à medida que o desenvolvimento do conhecimento requer explicações que não podem ser fornecidas pelo paradigma vigente, a ciência passaria por uma crise, podendo gerar uma

revolução científica, como as que ocorreram com as teorias de Newton, Darwin e Einstein. A partir dessa última perspectiva, evidencia-se o caráter provisório dos enunciados científicos e a idéia, segundo Kuhn, de que a ciência não opera com verdades irrefutáveis (Pádua, 2000, p. 20-21).

Essa polêmica iniciada com Popper e Kuhn fortaleceu o debate acerca do método científico com a crítica de Feyerabend sobre as posições neopositivistas, afirmando que o método, ao estabelecer normas para os procedimentos científicos, deixa de ser um instrumento de descoberta. Feyerabend propõe, inclusive, uma “anarquia” do método para mostrar que a ciência avança sem um plano ordenado previamente (Pádua, 2000).

Enquanto nas ciências chamadas naturais o método contribuiu para as explicações científicas, nas ciências humanas apareceram problemas para a elaboração de sistemas explicativos, pela dificuldade em se encontrar parâmetros científicos que dessem conta de entender ou controlar a dinâmica de grupos, classes ou indivíduos, incluindo suas motivações para o comportamento social. Pádua (2000) afirma que, embora essas preocupações tenham sido assinaladas por pensadores modernos como Rousseau (1712- 1778), foi em Comte (1798-1857) e em Karl Marx (1818-1883), que se encontrou as abordagens mais significativas no século XIX, exercendo relevante influência na discussão do método, debate retomado sob diferentes perspectivas por pensadores do século seguinte.

A partir de Comte (Pádua, 2000), a racionalidade e objetividade do método assumiram a dianteira do saber científico, passando-se a considerar a ciência de modo onipotente na resolução das questões sociais de forma geral. As decisões eram tomadas em favor da eficiência e da técnica e o poder compartilhado com aqueles que tinham a informação científica. Tratava-se, conforme elucida Pádua (2000, p. 23-24), da era da tecnocracia, ou seja, o poder baseado na técnica, trazendo a noção de leis do desenvolvimento progressivo, em que a previsibilidade dos fenômenos deve ser buscada por meio de leis gerais.

Nesse cenário é importante ter-se a convicção de que a ciência não é construída desvinculada de seus aspectos históricos, sociais, filosóficos e políticos. A Psicologia, conforme Teixeira e Nunes (2000) caracterizada pelo foco no comportamento individual e questionamentos que integram a tradição intelectual européia tem suas raízes filosóficas no

pensamento grego e judaico-cristão, ligando-se, por sua vez, às ciências físicas e biológicas, compartilhando com essas ciências sua origem na renascença européia.

O desejo de Wundt de que a Psicologia se tornasse uma ciência independente da filosofia dedutiva e especulativa levou-o a adotar o estilo de investigação usado pelas ciências naturais. Para Wundt (Teixeira e Nunes, 2000, p. 70-71), o psiquismo deveria ser estudado como um fenômeno natural, logo, seria visto pelos métodos da indução e experimentação. Por esta ótica, a Psicologia era a ciência da consciência e seu método, a introspecção. Mais tarde, Watson a denominaria de ciência do comportamento, embora ainda sendo vista como ciência natural.

A compartimentalização do saber e de várias áreas do conhecimento para se adaptarem aos novos princípios de racionalidade e objetividade, indica que a metodologia ocupou seu espaço em decorrência da necessidade dessas áreas terem seus procedimentos científicos garantidos.

No final do século XIX e início do século XX, houve, de acordo com Pádua (2000) a estruturação de diversas áreas do conhecimento. Surgiram, por exemplo, estudos na Antropologia, na Lingüística, na Sociologia e na Política, trazendo diferentes perspectivas de análise. Figueiredo (1986) afirma que a psicanálise de Freud (1856-1939) e a psicologia analítica de Jung (1875-1961) trouxeram a proposta de entendimento do comportamento do indivíduo sob a perspectiva do método clínico, da observação e da conversação como meios de captar a experiência dos sujeitos.

Por outro lado, Karl Marx, retomando a idéia desenvolvida por Hegel, interpreta a história não como um processo de desenvolvimento da própria razão (Pádua, 2000). Sua concepção de história parte do princípio de que a produção e o intercâmbio de bens materiais constituem a base de toda ordem social. Por essa perspectiva, as idéias (a razão) não determinam o comportamento do homem, mas os pensamentos e ações são determinados pela forma com que os homens participam da produção de bens. Como essa determinação é complexa, dinamizando-se nas relações entre os diversos níveis da estrutura social (o econômico, o jurídico-político e o ideológico), a análise do processo de construção do conhecimento deve levar em conta a integração desses três níveis e o papel de cada um deles na construção histórica dos modos de produção, inclusive a produção capitalista.

A busca de explicações para o que ocorre no real não se daria, na ótica marxista, por meio do estabelecimento de relações causais ou analógicas, mas no desvelamento do “real aparente” para se chegar ao “real concreto”. A ciência revelaria o mundo e o homem como ser social, onde o papel da cultura e do trabalho é fundamental, possibilitando, em cada momento histórico, a aquisição e a expansão de conhecimentos, mas não só. Possibilitaria, ainda, ultrapassar o nível da simples descrição dos fenômenos, chegando a sínteses explicativas que não se encerrariam na primeira solução encontrada (Pádua, 2000, p. 22-23).

Contraopondo-se ao marxismo, apareceu a obra de Max Weber (1864-1920), que representou um marco para a sociologia compreensiva. De acordo com a autora acima citada, Weber elaborou a síntese de sua obra em *Economia e Sociedade*, considerado um clássico da sociologia contemporânea.

A contribuição de Weber no domínio da metodologia das ciências culturais – ciências humanas e sociais – foi no sentido de acentuar que, no estudo dos fenômenos sociais e históricos, deve-se levar em conta a dimensão do significado. Assim, conforme esse teórico, só é possível compreender a dinâmica social considerando-se os significados, pois o homem age por motivações que são provenientes daquilo em que ele acredita.

No entanto, Weber reconhece que não bastam os valores, as idéias e os significados para fazerem com que o homem aja, pois existem condições complexas de ordem política, econômica, tecnológica e outras que o levam a depositar sua motivação em uma ou outra idéia de valor (Rüdiger, 1997).

Foi nas décadas de 1930 e 1940 que houve uma maior organização das ciências sociais e consolidação de posturas metodológicas distintas, no que tange à compreensão do homem visto tanto individualmente quanto nos grupos sociais. Nesse sentido, destaca-se (Pádua, idem) a Escola de Frankfurt que tinha como núcleo central Horkheimer (1895-1973), Adorno (1903-1969), Marcuse (1889-1979) e Benjamin (1892-1940), aos quais juntaram-se W. Reich, H. Arendt, J. Habermas, E. Fromm, dentre outros. Esses estudiosos tomaram como referência as obras de Kant, Hegel e Marx e, sem se prenderem a esses clássicos, elaboraram uma teoria crítica da sociedade e da técnica, destacando nessa crítica o positivismo, o totalitarismo, o papel da ciência e da técnica, entre outras.

Outras abordagens organizaram-se nas ciências sociais. Além do estruturalismo, criado a partir da antropologia de Lévi-Strauss, a Cibernética (Norbert Wiener, 1948) a teoria matemática da informação (C. E. Shannon) e a teoria dos jogos matemáticos (J. von Neumann, 1944) suscitaram debate nas ciências sociais, sendo absorvidas pela abordagem sistêmica. Essa abordagem, conforme elucida Pádua (2000) utiliza a mesma postura positivista, entendendo que, assim como a natureza, também a sociedade é um sistema, podendo ser cientificamente apreendida e controlada.

Na Psicologia, de acordo com Figueiredo (1986), surgiram duas alternativas extremas: de um lado, alguns projetos da Psicologia tentaram situar-se no plano da experiência imediata, descrevendo-a e elucidando-a, na tentativa de abordar a subjetividade em todos os seus aspectos. Esta vertente foi denominada de fenomenologia psicológica. De outro lado, aparece o behaviorismo, assumindo o espírito da ciência moderna, negando a experiência imediata como objeto de estudo e como forma de produção de conhecimento.

Conforme observa o autor citado acima, a fenomenologia não lida com seu objeto conforme a lógica da ciência, desconfiando dele, negando-o para a seguir recuperá-lo. Ao contrário, fascina-se por ele, iludindo-se com seu pretense imediatismo. O behaviorismo, por outro lado, reconhecendo a precariedade da experiência, nega-a, buscando o que pode ser estudado em um terreno sólido: o comportamento, o ambiente, as estruturas fisiológicas, dentre outras. Ainda de acordo com Figueiredo (1986), tanto uma quanto a outra abordagem não conseguem responder quais os determinantes e quais os significados ocultos das ações e experiências subjetivas dos indivíduos.

Para Figueiredo (idem) há enfoques que estabelecem com seus objetos uma relação dialética e sobressaem como obras paradigmáticas: a Psicologia da Gestalt, a Psicogenética de Piaget e a Psicanálise de Freud. Essas três abordagens, chamadas por Figueiredo de “metapsicologias”<sup>11</sup> assim como a “parapsicologia” de Skinner utilizam com frequência metáforas, as quais possibilitam chamar a atenção para a semelhança entre duas coisas, sendo úteis porque ajudam a ver, embora não descrevam nem expliquem. Citando Davidson (1984, p. 261), Figueiredo (1986, p. 8) argumenta:

---

<sup>11</sup> “Teorias que, inspiradas nas disciplinas físicas ou biológicas e/ou na cibernética (...) propõem níveis de explicação e compreensão da experiência imediata, que a definem como uma ilusão necessária, ou seja, como fenômeno mental, na medida em que não traduz fielmente a realidade físico-químico-biológica que a determina, e natural, já que está submetida às regularidades que caracterizam a natureza” (Figueiredo, 1986, p. 7).



Sem dúvida as metáforas freqüentemente fazem-nos perceber aspectos de coisas que não haviam sido percebidas antes; elas nos provêm com espécies de lentes ou enquadres, como diz Black, através dos quais nós vemos os fenômenos relevantes.

Tal análise fornece uma visão geral do espectro de abordagens metodológicas em que se situa a Psicologia. Uma compreensão mais abrangente das questões e críticas que cercam esse campo advém provavelmente da análise do seu caráter diverso. A pluralidade de enfoques metodológicos, de teorias e tentativas de fundamentação epistemológicas é um fato dentro do campo psicológico. Esta contingência leva ao entendimento de que é impossível estabelecer-se um único caminho de acesso à realidade nas pesquisas psicológicas.

Atkinson e col (1995) citados por Castro (1999a) apontam os seguintes métodos de investigação em Psicologia: método experimental, método correlacional, método observacional e método de levantamento. Além desses modelos, a forma de tratamento de dados pode ter um enfoque quantitativo, qualitativo, ou pode-se utilizar uma metodologia mista, conforme expresso por autores como Fernandes (1996), Civiletti (1996), Carneiro (1996) e Guareschi (1996) citados por Castro (1999a).

Uma outra questão polêmica que surge nas pesquisas em Psicologia (e nas ciências sociais em geral) diz respeito à discussão relativa aos métodos quantitativos e qualitativos. A dicotomia que se estabelece na prática, de acordo com Minayo (1996), deixa, de um lado, relevâncias e dados que não podem ser considerados numericamente e, de outro lado, contempla apenas os significados subjetivos, abandonando a realidade estruturada. Apoiando-se em Gurvitch (s. d.), a autora acima citada diz que o conjunto de dados considerados qualitativos precisa referenciar-se na coleta e interpretação de natureza quantitativa, embora advertindo que as duas modalidades interagem por serem interdependentes, não podendo, portanto, ser concebidas separadamente.

Essa polêmica, segundo Minayo (1996), origina-se das diferentes formas de perceber a realidade social, tendo recebido influência do positivismo mediante o uso de termos matemáticos e a linguagem de variáveis para especificar atributos e qualidades do objeto investigado. Essa linguagem traria a possibilidade de expressar generalizações com precisão e objetividade.

Há críticas às abordagens quantitativas assim como às abordagens qualitativas, identificando-se limites em ambas. Parece que a compreensão atual mais corrente é de que essas abordagens não devem ser vistas de modo dicotômico, não se justificando a negação ou o desprezo pelos elementos tanto quantitativos, quanto qualitativos. Existe uma luta no campo metodológico em relação ao positivismo clássico ou ao psicologismo. Essa luta se expressa nas diferentes formas como cada abordagem pressupõe seu objeto de estudo.

Nas ciências sociais, por exemplo, conforme elucidado por Minayo (1996, p. 34-35), o funcionalismo destaca a importância do sentido social da conduta humana em oposição à atribuição individual dos motivos que gerariam as condutas, o que significa a substituição de explicações subjetivistas pelos determinantes sociais. Por outro lado, a sociologia compreensiva de Weber define como caráter da ação social o seu sentido. Considerando que a ação humana contém a conduta, esta possui um sentido atribuído pela pessoa.

A fenomenologia, por sua vez, considera a linguagem, as práticas e as coisas inseparáveis, enfatizando os significados oriundos da interação social, defendendo a idéia de que nos significados e através deles é que são construídas as realidades sociais. Já no marxismo, a realidade é interpretada como uma totalidade onde os fatores visíveis assim como as representações sociais integram e configuram uma forma de vida que é condicionada pelo modo de produção específico. Destaca-se nesta perspectiva a base material como determinante da produção da consciência, embora admitindo a importância das representações sociais tanto na produção da consciência, quanto na construção da realidade de um modo geral.

Conforme assinala Minayo (1996, p. 36), a polêmica que integra as duplas: quantitativo-qualitativo e objetivo-subjetivo não pode ser assumida como opção pessoal do pesquisador, pois o objeto do conhecimento – o ser humano e a sociedade – “se recusa peremptoriamente a se revelar apenas nos números ou a se igualar com sua própria aparência”.

De toda essa explanação percebe-se que, ao longo da história, houve uma ruptura na forma de compreender a realidade. Como afirma Pádua (2000, p. 26), “o método substituiu os mitos, as religiões, pela racionalidade, pela lógica, pela objetividade”, entretanto a discussão sobre uma ciência única e infalível é discutida na atualidade como um mito

positivista. Embora a ciência tenha buscado, ao longo do tempo, eliminar incertezas e imprecisões, o que resultou foi uma organização de ciência que trabalha com o aleatório, o incerto, o indeterminado e o complexo. Em qualquer área, mas, sobretudo nas ciências sociais, a visão de método traz a idéia de um pensamento transdisciplinar, conforme defendido por Morin (1989) citado por Pádua (2000).

Depreende-se que o processo de tornar a Psicologia uma ciência foi moroso, tendo iniciado a partir das idéias de Descartes sobre investigação humana, em que considerava o comportamento sujeito a leis naturais e concretas, logo, passível de observação empírica. Entretanto, o status de ciência só apareceu três séculos depois, com Wundt (1879). Castro (1999a) diz que depois de Wundt, surgiram outras iniciativas de estudiosos como Freud, Jung, Skinner, Piaget, além de outros que se tornaram expoentes nesse campo devido às suas produções e formulações teóricas e metodológicas.

Na atualidade a Psicologia dispõe de uma grande variedade de modelos teóricos e pontos de vista metodológicos de investigação. As diferentes abordagens sobre método não anulam o crescimento e a produção intelectual. Compartilha-se da opinião de Castro (1999a) acreditando-se que a Psicologia pode caminhar entre a concepção positivista e a idealista, entre o concreto e o abstrato, o objetivo e o subjetivo, o teórico e o empírico, sem comprometer sua identidade. Conforme elucidado por Guareschi (1998, p. 174): “o tipo de objeto possui a última palavra na questão da metodologia”.

Nesta investigação, embora se privilegie o aspecto quantitativo dos dados levantados, abre-se espaço para análises qualitativas, entendendo-se que uma maior compreensão do problema poderá ser obtida se for levada em conta a integração de ambos os modelos.

#### **4. Ética na pesquisa**

O termo “ética” origina-se dos vocábulos gregos *êthos* e *ethos*. *Ethos* significa primitivamente: morada, país, lugar, estância, residência..., sendo usado também na poesia, referente aos animais, fazendo-se alusão ao lugar onde são criados ou o lugar de pastagens.

Posteriormente, esse termo foi aplicado para designar os hábitos, os costumes e a forma de ser ou o caráter do homem (Benavides e Antón, 1987).

Para os autores acima citados, são três os elementos a considerar em qualquer definição de Ética: uma presença (o Bem); uma ordem normativa e um viver, identificado com o fazer humano. Por essa perspectiva, a Ética seria a “ciência do viver humano ordenado à realização do Bem” (Benavides e Antón, 1987, p. 39).

A pesquisa em Psicologia é feita tanto em laboratórios como em comunidades flutuantes e heterogêneas, exigindo atenção e posição crítica do pesquisador para a convivência adequada com a problemática psicológica. Por envolver o homem como sujeito das investigações, a pesquisa em Psicologia determina um trabalho criterioso e ético (Chaves, 1995).

Os princípios éticos podem ser pensados em diferentes níveis de aplicação e organização. De acordo com Debert-Ribeiro (1994), o foco na relação e interação entre indivíduos constitui o campo da microética, enquanto o foco nas relações numa comunidade, entre indivíduos de um grupo, relativo aos valores culturais, seria o campo da macroética. Dada a natureza coletiva da atividade de pesquisa, a ética será compreendida, aqui, como macroética. Embora não se pretenda perder de vista o indivíduo, incorpora-se a visão macro pela abrangência e peculiaridades da atividade focalizada. Esta opção converge para a tendência adotada neste estudo que é a de considerar os eventos (e também os sujeitos) como inseridos num contexto – que se entende como marcado por influências culturais (sociais, econômicas, políticas, históricas).

Segundo Hutz (1999), até há pouco tempo não havia, no Brasil, uma preocupação institucional com os aspectos éticos da pesquisa, ignorando-se as razões pelas quais a sociedade concedia permissão aos cientistas para pesquisar em seres humanos da forma julgada necessária. As primeiras normas sobre limites à pesquisa com seres humanos surgiram no Código de Nuremberg, em 1946, numa tentativa de coibir as atrocidades praticadas nas experimentações médicas dos nazistas. Nas décadas de 1960 e 1970 surgiram e se consolidaram vários códigos e normas para pesquisas nos Estados Unidos, Canadá e Europa. Hutz (idem) esclarece que nessa época o Brasil estava submetido a um regime e a uma ideologia, onde não havia espaço para preocupações com a dignidade humana.

A primeira regulamentação brasileira sobre ética na pesquisa com seres humanos foi criada em 1988, com a aprovação pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS) da Resolução 1/88. Embora esse fato tenha representado um avanço no campo da ética, Flores (1997) pontua que o CNS decidiu rever esta resolução, a fim de incorporar novos conhecimentos e questões antes não contempladas. Foi criada, então, a Resolução 196/96, a partir das discussões em vários setores da sociedade, incluindo secretarias de saúde, universidades, faculdades de direito, dirigentes de instituições, associações de portadores de patologias, conselhos estaduais de saúde e associações de usuários.

De acordo com esta resolução a pesquisa com seres humanos é descrita como:

Uma classe de atividades cujo objetivo é desenvolver ou contribuir para o conhecimento generalizável. O conhecimento generalizável consiste em teorias, princípios ou relações, ou no acúmulo de informações sobre as quais estão baseadas, que possam ser corroboradas por métodos científicos aceitos de observação e inferência (CIOMS / OMS, 1995, p. 100).

Sabe-se que a produção do conhecimento é gerada, principalmente, pela pesquisa, que busca o saber e a transformação da realidade. No Brasil, a Resolução 196/96 estabeleceu as diretrizes e normas que regulamentam a pesquisa envolvendo seres humanos em todas as áreas do conhecimento, articulando os princípios da beneficência, respeito e justiça (Hutz, 1999) sugerindo-os como parâmetros para a conduta ética na pesquisa.

A pesquisa envolvendo seres humanos inclui: estudos de processo fisiológico, bioquímico ou patológico, ou ainda a resposta a uma intervenção específica, seja física, química ou psicológica; testes controlados de medidas diagnósticas, preventivas ou terapêuticas; estudos para determinação das conseqüências para indivíduos e comunidades de medidas terapêuticas ou preventivas específicas e estudos relativos a comportamentos humanos ligados à saúde em uma gama de circunstâncias e ambientes.

Interessam à Psicologia, particularmente, as pesquisas que empregam a observação ou intervenção psicológica e as que geram registros contendo informações sobre o indivíduo. No Brasil, os psicólogos que trabalham com pesquisas envolvendo seres humanos devem observância também ao Código de Ética Profissional da categoria, cuja última revisão

foi efetuada em 1997, estando atualmente submetido à discussão em nível nacional, visando adequar à Legislação atual.

Conforme a versão atual do Código de Ética do Psicólogo, está estabelecido no item “d” do artigo 30 o veto na condução de pesquisas que “interfiram na vida dos sujeitos sem que estes tenham dado seu livre consentimento para delas participar, e sem que tenham sido informados de possíveis riscos a ela inerentes”. Entretanto, como salientam Ghiringhelo, Vilarinho, Penazzo, Evangelista e Golegã (2001), o Código não aborda questões específicas com as quais o pesquisador se depara, além de não submeter ao seu cumprimento os pesquisadores que não são psicólogos e que realizam pesquisas em Psicologia.

Hutz (1999) salienta que os pesquisadores psicólogos, brasileiros, em geral não demonstram preocupação com aspectos éticos da pesquisa, o que, segundo ele, se deve à falta de regras explícitas que tratem de dificuldades específicas que estes pesquisadores enfrentam ao lidar com grupos em situação de risco, por exemplo. Além das normas gerais, Hutz (idem) defende a criação de normas específicas para atender situações singulares enfrentadas pelos pesquisadores psicólogos.

Ao tratar da questão ética na pesquisa, em seu aspecto “moral”, Krüger (1995) diz que a responsabilidade moral na ciência é assumida pelos pesquisadores, mesmo que implicitamente, durante as fases em que se desenvolve a investigação, desde a escolha do tema até as aplicações dos resultados. Krüger (1995, p. 35) discute sobre a importância da ética conforme concebida por Jonas (1903-1993)<sup>12</sup>, que utiliza como principal categoria de análise a responsabilidade. Embora seja uma ética “centralizada na análise de nossas relações com a Natureza, colocando, por conseguinte, em segundo plano o problema do compromisso com nossos semelhantes, assunto fundamental em toda a Ética tradicional”, a responsabilidade discutida por Jonas (1984) citado por Krüger (1995) manifesta-se através da preocupação em preservar os ecossistemas, face às ameaças frequentes de extinção de algumas espécies.

---

<sup>12</sup> Hans Jonas foi um dos mais significativos filósofos do séc. XX no campo da Ética. Foi discípulo de Bultmann, Spranger, Jaspers e Heidegger e postulava que a análise ética deve ir além do plano de nossa vida de relação social, incluindo nosso vínculo com o meio ambiente (Krüger, 1995, p. 37).

As normas morais se estabelecem a partir das percepções que o homem revela sobre os fatos e dependem de contingências sócio-culturais, sendo ainda influenciadas por crenças religiosas, tradições culturais, interesses econômicos e ideologias. Entretanto, apesar do seu caráter efêmero (Krüger, 1995), os pesquisadores não estão isentos das influências da moral vigente na sociedade em que vivem, no momento de suas pesquisas. São os valores predominantes numa sociedade que determinam os limites dos campos de pesquisa, estabelecendo as demarcações metodológicas e condicionando a divulgação e a aplicação dos resultados da investigação. Além disso, as normas existentes numa sociedade orientam o processo de formação dos pesquisadores, sugerindo critérios de avaliação do seu desempenho, conforme salientado por Krüger (*idem*).

Entende-se que, independentemente da pesquisa envolver ou não seres humanos como objeto de estudo, sua finalidade social não deve ser esquecida, até mesmo porque o ser humano está sempre presente, senão como objeto de estudo, ele aparece seja na condição de beneficiado ou de prejudicado, de modo direto ou indiretamente.

Na discussão do papel social da ciência, conforme ressaltado por Krüger (1995), está implícita a compreensão de que qualquer ação significativa (e a pesquisa é uma delas), repousaria sobre uma base valorativa, não em termos de doutrinas ou dogmas, mas de uma ética que promova a condução de propostas coerentes e conseqüentes.

Mas, o que significa ter preocupações éticas na pesquisa? Tomando-se como parâmetro os princípios da beneficência, respeito e justiça, contidos na Resolução CNS 196/96, ressalta-se que esses princípios envolvem uma relação de aproximação entre si. O princípio da beneficência, por exemplo, que determina a maximização dos benefícios e a minimização de danos decorrentes da pesquisa, exigindo que haja garantia de que danos previsíveis sejam evitados, contém aspectos que implicam no respeito e na justiça em relação aos seres objeto de estudo.

O respeito, por sua vez, reflete uma preocupação moral com relação à manutenção da autonomia dos participantes da pesquisa, de tal modo que pessoas vulneráveis (fisicamente, socialmente) devem ter protegidos os seus direitos de serem informadas sobre o processo de pesquisa do qual participam. Por outro lado, a justiça refere-se à obrigação ética de dar tratamento equânime aos pesquisados. Na prática, esse princípio significa dar um

tratamento independentemente da classe social, idade ou sexo das pessoas que constituem o objeto de estudo, o que implica em respeito às mesmas (Hutz, 1999).

Neste trabalho, a preocupação ética se manifestou de diversas formas. Como exemplo, cita-se o cuidado na escolha da amostra, feita através do critério de inclusão dos trabalhos de todos os psicólogos que pudessem ser identificados como tal. Para isso utilizou-se a listagem fornecida pelo Conselho Regional de Psicologia e não a indicação apontada nos trabalhos dos autores. Imaginou-se que o atendimento a essa condição constituiria um critério justo por considerar tanto os psicólogos vivos quanto os falecidos, deixando de fora aqueles que não podem ser legalmente considerados psicólogos por falta de inscrição no órgão de classe. Com esta decisão, garantiu-se uma caracterização mais precisa do grupo pesquisado, assegurando, ainda, o respeito à categoria de psicólogos.

Em relação ao princípio da beneficência, acredita-se tê-lo cumprido pelo cuidado com o desenho da pesquisa, levando inclusive à mudança de um projeto para outro, na tentativa de tornar o trabalho mais sólido, visando a obtenção de resultados mais consistentes e que favoreçam suas aplicações. Esse interesse possibilitou, ainda, a condução do trabalho orientado para o bem-estar daqueles que, eventualmente, se envolveram de modo mais direto com a pesquisa, tendo que fornecer informações para subsidiar a análise documental.

Em suma, os princípios acima citados guiaram o trabalho desde a sua concepção, estando presentes em todas as suas etapas. À luz desses princípios, definiu-se o quadro teórico, estabeleceu-se a metodologia de trabalho, denominou-se as categorias estudadas e concebeu-se os resultados.



## CAPÍTULO IV

### RELAÇÃO ENTRE ENSINO E PESQUISA E OS DESAFIOS DA FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA<sup>13</sup>

Pretende-se, neste capítulo, situar a importância do ensino e da pesquisa em Psicologia face aos desafios da formação. Toma-se como referência os aspectos levantados por Gil-Pérez; Montoro; Alis; Cachapuz e Praia (2001) sobre as visões deformadas dos professores acerca do trabalho científico, cotejando-os com pontos de vista de outros autores que tratam da temática em foco, notadamente no que concerne à forma como o ensino é apresentado na graduação de Psicologia e as implicações deste modelo para a formação científica do psicólogo.

Gil-Pérez e col (2001) argumentam sobre a importância de os professores conhecerem as visões deformadas com o objetivo de, uma vez tornando-se conscientes dessas deformações, serem capazes de modificar suas concepções epistemológicas acerca da natureza da ciência e do ensino de ciências.

Essas visões deformadas de que falam os autores acima citados permeiam o ensino de ciências, independente de qual seja a formação profissional dos docentes. Eles baseiam essa argumentação em estudos tais como os realizados por Cleminson,(1990); Matthews (1991); Stinner (1992); Hodson (1993); Thomaz *et al.* (1996) dentre outros. Em razão disso, as concepções dos estudantes seguem a mesma linha, gerando uma imagem distorcida da ciência que é associada a um “suposto método científico, único, algorítmico, bem definido e quiçá, mesmo, infalível” (Gil-Pérez e col, 2001, p. 126). Além disso, os conhecimentos transmitidos são elaborados previamente, sem dar ao aluno a oportunidade de um ensino do tipo investigativo.

Mas, a despeito de o conhecimento continuar sendo transmitido, cumprindo uma das funções das instituições educacionais, inclusive universitárias, há que se ter consciência de que existem incoerências na forma como é feita esta transmissão. Partindo desta premissa, os autores salientam a necessidade de estabelecer uma tentativa de consenso do que deve ser

---

<sup>13</sup> Este capítulo é derivado de dois trabalhos da autora apresentados ao Programa de Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências. Um dos trabalhos foi publicado na Revista *Ideação*, v. 9, p. 125-142 – Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS/NEF, 2002.

evitado, apresentando um elenco de sete tópicos referentes às visões deformadas identificadas na literatura.

Especificamente em relação à Psicologia são inúmeros os trabalhos que mostram a preocupação com a necessidade de revisão da formação do psicólogo, sendo maior essa preocupação para aqueles que estão envolvidos direta ou indiretamente com o ensino de Psicologia. Duran (1994) informa que além dos trabalhos de autores como Borges (1988), Buettner (1990), Witter *et al.* (1992), Bastos (1993), Rocha (1993) e outros, também no âmbito das universidades verificam-se movimentos de discussão a esse respeito. Entretanto, apesar dessa preocupação aparecer como uma constante nos meios acadêmicos e nortear discussões organizadas por órgãos regionais e federais de regulamentação da profissão (Castro, 1999b), as críticas feitas por alguns autores indicam que, na prática, as condições em que o ensino opera são “difusas e precárias para responder aos desafios da realidade” (Marques, 1996, p. 13).

Autores como Duran (1994) e Bock (1999b) salientam a importância de que a formação acadêmica em Psicologia seja geradora de um perfil que possibilite encarar o fenômeno psicológico na sua interdependência com o contexto sócio-cultural, o preparo para trabalhar em equipes multidisciplinares, o engajamento nos movimentos de transformação social, além da geração de conhecimento e tecnologias apropriadas à realidade em que atua.

Essa perspectiva de aproximação do que se estuda com o contexto sócio-cultural foi abordada largamente por Matthews (1994), embora esse autor se refira ao ensino de modo geral, não ao ensino da Psicologia. Para Matthews (*idem*) deve haver uma revisão nos currículos, a fim de possibilitar que o ensino seja amparado pela história e filosofia da ciência, o que facilitaria a visão contextual sugerida.

A partir dessas reflexões é possível pensar como Gargantini (1996) citado por Calais e Pacheco (2001) que considera a existência do currículo não apenas como uma questão legal e burocrática, e sim como uma questão acadêmica, onde “ensinar um conteúdo não é gerar cópias dele, mas, sim, ensinar a fazer ciência, é recriá-lo” (p. 12). Constata-se que, de fato, não adianta incluir determinadas perspectivas teóricas e metodológicas como parte do currículo, ou redefinir e introduzir disciplinas (Weber, 1985), uma vez que os discursos que permeiam muitas das alterações curriculares não evidenciam como

determinadas regras ou práticas correntes da instituição se sobrepõem a questões pedagógicas (Duran, 1994).

Observa-se, pois, o quanto a instituição formadora afeta as ocorrências do processo de formação. Resta, entretanto, a crença de que é possível esta instituição propiciar uma formação voltada ao desenvolvimento da capacidade de problematizar e buscar soluções, articulando as diversas dimensões usualmente apresentadas como pólos opostos. Com essas considerações iniciais que circunscrevem as reflexões a serem apresentadas, coloca-se a seguir, o contexto de produção das mesmas, reconhecendo-se que, embora elas sejam apresentadas em tópicos, estão interligadas entre si.

Uma das visões deformadas sobre o trabalho científico é, de acordo com Gil-Pérez e col (2001), a visão empírico-indutivista que coloca em destaque a neutralidade na observação e na experimentação, como se não houvesse influência das idéias apriorísticas do pesquisador. Entretanto, embora seja salientado o papel da observação e da experiência, o ensino é baseado em livros, relegando ao segundo plano o trabalho experimental.

Trazendo essa concepção para análise no âmbito da Psicologia, há dois aspectos a considerar. O primeiro diz respeito à pretendida neutralidade na observação e experimentação e o segundo refere-se à relação entre teoria e prática. Com relação à neutralidade, Guareschi (1983) ressalta que, durante muito tempo, as ciências sociais mantiveram a ilusão de poder estudar a sociedade do mesmo modo que as ciências naturais estudavam a natureza, procurando quantificar os fenômenos, desde ações sociais, acontecimentos históricos, hábitos, dentre outros. Pretendia-se estudar tudo de forma objetiva, definindo-se objetividade como “a capacidade que os estudiosos teriam de dissecar os fatos sociais como se fossem coisas” (Guareschi, 1983, p. 80), mantendo uma rígida separação entre o sistema de valores do cientista e os fatos sociais observados.

Essa concepção, que representa o quadro teórico da filosofia positivista (Guareschi, 1983, p. 81) tem, do lado oposto, o enfoque da sociologia compreensiva de Max Weber. Enquanto na primeira a objetividade é a coisa fora, na segunda, representa a compreensão e o sentido da coisa estudada. “Tudo deve passar pela lente subjetiva do pesquisador, e ele, em última análise, decide o que é objetivo”.

O que Weber rejeita, conforme já foi colocado em capítulo anterior, é a interpretação unilateral da sociedade ou das situações. Apesar de sua concepção compreensiva no estudo dos fenômenos sociais, ele não suprime as condições de ordem técnica ou econômica que estão presentes no estudo de qualquer fenômeno, seja natural ou social. Portanto, o “afastamento” do objeto de estudo também é contemplado por essa perspectiva.

Guareschi (idem) chama à atenção para o fato de que toda teoria, sobretudo no campo psicossocial, contém pelo menos dois níveis de suposições: o primeiro é constituído pelos postulados e são formulados explicitamente. O segundo nível é constituído por um pano de fundo que poderia ser chamado de pressupostos básicos. Esses não são formulados explicitamente, mas existem, embora nem sempre o pesquisador se dê conta deles.

Citando Gouldner (1971), Guareschi (1983) salienta que esses pressupostos representam o “cimento invisível” que liga os diversos postulados, influenciando o trabalho científico do começo ao fim. Não se pode, portanto, dizer que o pesquisador é um observador imparcial situado fora da situação que ele analisa, pois ele é influenciado por um conjunto de crenças a respeito de aspectos da vida e da sociedade. Nesse sentido, a conclusão do autor é de que parece impossível separar o sujeito da pesquisa e seu objeto, do mesmo modo que é impossível separar a pesquisa com seu método de seu resultado prático.

Transportar para o ensino a discussão dessas questões possibilita ao estudante tomar consciência das implicações a que está sujeito o trabalho científico. Explicitar qual a visão de homem e qual a visão de produção de conhecimento estão embasando as visões teóricas que são dadas, possibilita que a dimensão filosófica esteja presente contribuindo para uma formação mais crítica.

No que tange à relação entre teoria e prática, pode-se pensar na possibilidade do ensino em Psicologia criar e fortalecer uma mentalidade voltada à atividade científica, nos diferentes níveis acadêmicos, embora sabendo que esta idéia esbarra em questões importantes (Mac Fadden e Oliveira, M. R. 1996) que incluem desde a estrutura curricular dos cursos, suas dimensões filosóficas e sociais, até a qualidade do cargo docente, os recursos materiais e financeiros.

A importância da relação entre teoria e prática é sentida por estudantes e profissionais que apontam para a descontextualização entre o que aprendem na faculdade e o que necessitam para embasar a prática científica quando se encontram longe dos bancos acadêmicos (Francisco e Bastos, 1992). Mas a prática, como afirmam esses autores, não deve ser vista como “simples aplicação de achados científicos” (p. 223). Ao contrário, o contexto prático deve ser visto como espaço para a produção de conhecimento, o que exige um modelo ampliado do que seja fazer ciência.

Ao processo educacional caberá fazer a articulação dos domínios da teoria e da prática, mediante estudos apoiados em múltiplas perspectivas e desenvolvendo habilidades de reflexão crítica e investigações adequadas ao contexto a que se aplica, dando oportunidade ao estudante de elaborar questões da prática como problemas de pesquisa (Francisco e Bastos, idem). A habilidade reflexiva representa uma condição básica para a administração de vieses que surgem durante o desenvolvimento do trabalho científico.

A interação entre teoria e prática deve favorecer o contato do estudante com diferentes paradigmas de investigação, como também fazer com que avalie os limites e alcances de cada um deles. Para Francisco e Bastos (1992), é fundamental que o estudante saiba que a Psicologia é uma ciência em construção, não se constituindo em um conhecimento acabado e universalmente aceito.

Com efeito, é o reconhecimento da Psicologia como ciência em construção, por parte da crescente massa crítica que atua nas instituições universitárias, que tem proporcionado a introdução de mudanças nos cursos de graduação, numa tentativa de atender exigências relacionadas à formação, sendo uma dessas exigências a criação de um maior espaço para a pesquisa (Weber, 1985).

Um segundo ponto levantado por Gil-Pérez e col (2001) diz respeito à visão rígida que coloca o método científico como um conjunto de etapas a seguir mecanicamente. Esta visão, conforme os autores acima citados, revela-se pela preocupação obsessiva com relação a garantir a confiabilidade dos trabalhos científicos, evitando-se a ambigüidade, havendo com isso uma distorção do que seria o trabalho científico que, além de incerto, constitui-se em um trabalho intuitivo, que deve dar margem à criatividade e à reflexão.

A perspectiva de que, ao ensinar, deve-se admitir a consciência do não rigoroso como via de acesso à tomada de consciência do rigor está contida na obra de Bachelard (1977), que advoga como indispensável o papel da escola em mostrar que a ciência é uma escola permanente, uma vez que o conhecimento objetivo nunca tem fim, surgindo sempre novos objetos e novos assuntos. Desse modo, todo ensino científico está sujeito “ao fluxo e refluxo do empirismo e do racionalismo” (Bachelard, 1999, p. 302).

Por essa perspectiva, segundo Bachelard (1977), o erro é visto de forma positiva, de tal modo que não havendo uma única verdade, mas verdades múltiplas, torna-se possível compreender o método científico de forma menos rígida. Em relação ao ensino, trata-se de rever conceitos, não necessariamente para extingui-los, mas para retificá-los, abandonando o dogmatismo e a idéia tradicional de uma razão absoluta e imutável. Como define Bachelard (1977, p. 26): “a filosofia pluralista das noções científicas é uma garantia de fecundidade do ensino”.

Embora esse autor não tenha escrito obra específica sobre educação, alguns dos seus textos fazem referências ao conhecimento científico na escola, admitindo como “a tarefa mais difícil: colocar a cultura científica em estado de mobilização permanente, substituir o saber fechado e estático por um conhecimento aberto e dinâmico” (Bachelard, 1999, p. 24) citado por Barreto (2002, p. 128). O método é visto como “uma astúcia de aquisição”, não como “sabedoria adquirida”, daí, a dúvida após cada aquisição de conhecimento (Bachelard, 1971, p. 136). Por essa ótica, não há espaço para a rigidez, não sendo possível propor um caminho único na busca de soluções.

Em relação à Psicologia, Bock (1999b) diz que a formação deveria privilegiar o ensino de técnicas como instrumentos a serviço de finalidades amplas, em vez de ser ensinado como elemento fechado em si mesmo. Para a autora, não se ensina ao estudante a ter atitude crítica, aberta, que possibilite ao mesmo desvendar relações no uso dos instrumentos. Esse fechamento no ensino de Psicologia se apresenta ainda com relação ao não aproveitamento dos aportes de outras ciências que possam enriquecer esse campo do conhecimento, como também na falta de preparação do estudante para o trabalho profissional coletivo.

Esse modelo de ensino conduz a implicações importantes quando se considera a prática profissional. Francisco e Bastos (1992) dizem que, na prática, o profissional se depara

com problemas que nem sempre estão estruturados e, por isso, demandam a observação permanente para descrever quadros complexos. Nesses casos, percebe-se as limitações do modelo de ciência dominante, que é fechado e rígido. Os autores acima citados sugerem a adoção de uma atitude de reflexão crítica para evitar não só a cristalização de modelos inapropriados e a construção de “sua prática na base do ensaio e erro ou a transformando em experiência repetitiva e ritualista” (p. 218), mas para o aproveitamento do novo como contributivo para o avanço do conhecimento.

Com efeito, a formação passiva leva a uma postura também passiva do futuro profissional, havendo a preocupação de saber o que fazer (Francisco e Bastos, 1992; Bock, 1999b), faltando, entretanto, “habilidade para estudar, analisar, elaborar, testar e desenvolver projetos de trabalho profissional a partir de problemas da população ou de necessidades do país, da região, do município ou da instituição onde se insere o psicólogo” (Botomé, 1988, p. 277).

Um outro desafio a ser superado no ensino de ciências, conforme assinalado por Gil-Pérez e col (2001), é a visão a-problemática e a-histórica, dogmática e fechada, que transmite o conhecimento já pronto, sem indicar como se chegou até ele, o percurso que ele fez, os desafios e os limites que encontrou, deixando de lado a visão de que todo conhecimento responde a uma pergunta; logo, há um ponto de partida, um contexto e, portanto, uma história.

A esse respeito, Bock (1999b, p. 7), criticando a formação tradicional dada nos cursos de Psicologia, salienta que um dos indícios desse tipo de formação é que “não trabalhamos a Psicologia numa perspectiva histórica, mostrando que seu conhecimento está em movimento e se processa conforme a sociedade se modifica”.

O ensino da Psicologia é marcado por uma ênfase no que fazer em determinadas circunstâncias, mas não no como decidir “o que fazer” em qualquer situação, deixando transparecer uma relação autoritária do professor sobre o aluno, onde o que sabe ensina e o que não sabe, aprende. Não há ênfase na pesquisa, privilegiando-se no lugar da produção do conhecimento, o ensino do conhecimento. “Não ensinamos a criar a Psicologia e sim a reproduzi-la” (Bock, 1999b, p. 8). A autora defende uma formação que estimule o aluno a fazer pesquisa, a problematizar e estranhar o que lhe é familiar, compreendendo que as

respostas encontradas para questões em um determinado momento da sociedade refletem aquele momento.

Os conteúdos desvinculados dos contextos de aplicação normalmente formam profissionais que dispõem de conhecimentos prontos para serem reproduzidos como tais, porém, são pouco preparados para compartilharem estes conhecimentos com outros profissionais ou se mostram incapazes de aplicar o que aprenderam, de modo a transformar a realidade.

Há um aspecto que parece anteceder a esta falta de contextualização e que se encontra na base do ensino, estando vinculado à formação dos docentes. Ao tratar sobre a formação do professor, Matthews (1994, p. 203) sugere que a contextualização do ensino de ciências envolva, na discussão dos conteúdos ensinados, seus contextos intelectuais, econômicos, religiosos e ideológicos como forma de mostrar a interação da ciência estudada e seus contextos mais amplos. Não se deve ter a pretensão, conforme expressa o autor, em formar historiadores e filósofos da ciência, mas despertar o interesse dos professores e treiná-los para que possam perceber os temas da história e da filosofia de ciências que surgem em função dos conteúdos estudados.

Por outro lado, a visão analítica que destaca a divisão parcelar dos estudos e não considera a conexão entre os diversos campos do conhecimento, resulta, conforme Gil-Perez e col (2001) no esquecimento dos processos de unificação que caracterizam a evolução dos conhecimentos científicos, a exemplo da síntese newtoniana das mecânicas celeste e terrestre, recusadas por mais de um século.

A fragmentação em relação à formação oferecida pelos cursos de Psicologia tem sido discutida por vários autores, dentre os quais: Francisco e Bastos (1992) e Raserá, Balaz e Yazlle (1998). A questão da fragmentação do campo psicológico que permeia o ensino na graduação será colocada aqui sob dois ângulos. O primeiro refere-se à divisão ou falta de conexão existente na própria Psicologia, revelada no caráter disperso das diversas abordagens e especialidades, conforme discutido por Francisco e Bastos (1992). O segundo aspecto é caracterizado por uma divisão no sentido de colocar o conhecimento da Psicologia alheio ao conhecimento das demais disciplinas, aspecto tratado por Bock (1999b).



Francisco e Bastos (1992, p. 216) argumentam que a dispersão em termos de abordagens e especialidades não seria um mal, se os diversos campos não se mostrassem tão delimitados, excluindo os demais. Essa demarcação gera debates inclusive a respeito da existência da “ciência psicológica ou de ciências psicológicas”, constituindo por vezes em impasses na prática profissional.

Ao analisar as discussões que são travadas acerca dos conteúdos da disciplina Teorias da Personalidade, Gomes (1996, p. 47) diz que, “tradicionalmente, a disciplina caracteriza-se por um desfile de teorias que se auto-definem como sistemas independentes e colocam-nos diante de uma legítima escolha digital, ou uma ou outra”.

O autor critica as discussões em torno da disciplina que, segundo ele, caracterizam uma disputa por hegemonia ontológica e epistemológica e que, muitas vezes, traz frustrações aos alunos, que levam para a sala de aula expectativas sobre teorias que gostariam de conhecer e que nem sempre são atendidas. Por outro lado, os professores optam pela teoria que mais lhe agrada e, no final, o espírito da disciplina torna-se empobrecido.

Constata-se, pelo exposto, que a divisão parcelar dos estudos resulta não apenas do modelo formal constituído pela grade curricular, mas das preferências ou do domínio demonstrado pelo professor de cada disciplina.

Em relação ao segundo aspecto, relativo à divisão que exclui do ensino da Psicologia o conhecimento de outras disciplinas, Bock (1999b) advoga o ensino da Psicologia que contemple uma formação interdisciplinar no sentido de incluir aportes de outras ciências. A autora argumenta ainda não haver apenas uma formação possível para os psicólogos, devido às multiplicidades e complexidades no campo da Psicologia. A defesa da autora é no sentido de que a formação seja generalista, que inclua diversas teorias, sem descuidar, entretanto, da preocupação com a solidez dos conteúdos ensinados, devendo, ainda, incluir no ensino a perspectiva filosófica e epistemológica que confere o embasamento a cada teoria.

A idéia de incluir na graduação aportes de outras disciplinas converge para as afirmações de Yukimitsu (1999) citada por Calais e Pacheco (2001) que salienta a importância da formação do psicólogo conter bases para pesquisas e práticas nas áreas biológica, social, cognitiva e afetiva, por entender que só é possível conceber a Psicologia em

um corpo de conhecimentos científicos. Converte ainda, para a ampla defesa feita por Matthews (1994) em relação à inclusão da história e filosofia no ensino de ciências, de um modo geral, sem a qual a discussão de qualquer tema tenderá a ser truncada e desprovida de crítica, conforme citado pelo autor.

Ainda no contexto do ensino de ciências, observa-se, de acordo com Gil-Pérez e col (2001), uma visão acumulativa e linear dos conhecimentos científicos, a qual corresponde a uma visão simplista, que ignora a complexidade da evolução do conhecimento científico, suas crises, suas transformações, seus confrontos e controvérsias.

Essa concepção, de acordo com Bachelard (1953, 1988) representa o caráter de filosofias como o empirismo, o positivismo e o cartesianismo. A crítica do autor em relação à idéia de continuidade está ligada à possibilidade defendida por estas perspectivas de que o conhecimento comum pode ser modificado pelo conhecimento científico, seguindo uma seqüência. Ele coloca sua posição afirmando:

Com efeito, não reconhecemos em nós o direito de impor o contínuo quando constatamos sem cessar e em toda parte o descontínuo; recusamo-nos a postular o pleno da substância, já que qualquer de suas características aparece no pontilhado do diverso (Bachelard, 1988, p. 33).

A crítica bachelardiana refere-se à insistência dos “continuistas” em caracterizar a história com o sentido de “unidade e continuidade de um livro” (Bachelard, 1953, p. 209). Esse autor defende que a história da ciência deve ser ajustada permanentemente e se constituir o tecido de juízos sobre o valor das descobertas científicas. (Bachelard, 1972) citado por Barreto (2002, p. 129-130).

No âmbito da Psicologia, conforme salientam Francisco e Bastos,

Quando socializados no modelo científico dominante, os profissionais tendem a ficar restritos a uma prática técnica “estreita” ou limitada a uma classe de problemas, desenvolvendo modelos formais que divergem dos contextos complexos e “incertos” da prática “real” (Francisco e Bastos, 1992, p. 218).

Outra visão deformada, levantada por Gil-Pérez e col (2001), trata-se da ótica individualista e elitista da ciência, que ignora o trabalho coletivo e as interações entre pessoas, como se o conhecimento fosse resultado do esforço de “gênios isolados”. Por essa ótica, omite-se para o aluno a imagem da ciência como empreendimento social.

Essa crítica remete ao que Bachelard (1953) destaca como sendo uma defesa dos continuistas. Trata-se de uma posição criticada por esse filósofo, a qual se refere ao progresso científico como resultante de esforços isolados de pessoas anônimas. Por esta perspectiva, não se analisa o conhecimento como inserido na cultura, mas ao contrário, os acontecimentos são encarados desvinculados das visões de mundo, constituindo-se numa visão descontextualizada.

Bock (1999b) levanta questionamentos relativos à intervenção que se deseja ensinar, defendendo, no lugar de ações isoladas, ações focadas em equipes multiprofissionais e no contexto. Questiona ainda as fontes de conhecimento que embasam a prática ensinada – se são uni ou multidisciplinares e se os recursos técnicos ensinados são oriundos da Psicologia apenas, ou de outras ciências.

Todos esses questionamentos apontam para a necessidade de uma formação integrada às várias dimensões da realidade. Dentro desse espírito deve ser formado o pesquisador, de modo que o profissional se reconheça como parte de um contexto e, por conseguinte, possa reconhecer seu compromisso com a sociedade, retirando daí a finalidade social do seu trabalho.

Gil-Pérez e col (2001) acrescentam um outro obstáculo no ensino de ciências que é a visão que transmite uma imagem descontextualizada e socialmente neutra das ciências impossibilitando a compreensão da relação entre ciência, tecnologia e sociedade e os cientistas são vistos como seres superiores.

A abordagem que defende a relação entre ciência, tecnologia e sociedade é, segundo Matthews (1994, p. 47) uma forma de fazer o ensino contextual de ciência e de evitar o abstracionismo nesses cursos. Independente do que conste como conteúdo do currículo, o autor postula que seja feita esta conexão. Segundo Matthews (idem, p. 87), nos cursos em que se efetuam tais conexões existe um grande espaço para o acolhimento de contribuições

proporcionadas pela filosofia – aspecto que ele considera como de grande importância em todo o percurso da formação científica, mesmo ainda na pré-escola.

Bock (1999b) ressalta que os cursos de Psicologia são distanciados da realidade, debatendo-se pouco sobre a realidade brasileira. Em lugar de incluir a realidade nas aulas, nos exercícios e trabalhos acadêmicos, ensina-se muitas técnicas. A autora critica a atitude em relação ao conhecimento, às técnicas e às práticas da Psicologia que se mostra a maioria das vezes como uma atitude consumista, de utilizar o conhecimento gerado em outros contextos, em vez da adoção de uma atitude crítica, acompanhada do empenho em gerar conhecimento e tecnologia apropriados à realidade onde vive.

Seguindo-se o fio argumentativo apresentado pela autora pode-se imaginar que um ensino descontextualizado provoca nos alunos a impressão de que a ciência não interessa e as propostas de trabalhos científicos, por tratarem de assuntos desvinculados da realidade dos mesmos, só interessam aos cientistas professores. Admitir que existem interesse e motivação no conhecimento científico, independente dos contornos definidos pelo processo histórico, das circunstâncias vivenciadas pelos alunos, ou seja, desvinculado dos projetos pessoais e coletivos, trata-se de uma idéia pré-concebida do que seja educação científica e que, ao se manter cristalizada, constitui-se em obstáculo ao desenvolvimento da prática científica.

Considerando que a ciência não é neutra e que não se pode negar sua dimensão social, conforme assinala Japiassu (1979), caberia ao ensino engendrar formas de desenvolver no estudante uma consciência do seu papel, enquanto futuro profissional. À graduação, compete sinalizar que o estudante e o profissional têm a pesquisa como instrumento para o pensamento e a ação, podendo servir-lhes ainda como forma de revisão e aperfeiçoamento de sua aprendizagem e prática científica.

Ao se tomar o conhecimento enquanto construção social, abrem-se perspectivas de múltiplos paradigmas e de múltiplos modos de racionalidade, já que as diversas atividades geradoras de conhecimento podem ser influenciadas por diferentes fatores individuais e sociais (Francisco e Bastos, 1992, p. 221).

Nessa perspectiva, a produção do conhecimento e a atividade profissional, cujo preparo é feito no âmbito acadêmico, devem ser incrementadas dentro de modelos mais abrangentes, demandando habilidades e posturas distintas do corpo docente. Obter um perfil diferenciado do professor constitui-se muitas vezes em um problema para a universidade, como esclarece Matthews (1994). Esse autor defende a existência de bons professores, que estejam bem preparados, o que significa não apenas ensinar, mas ensinar de forma contextualizada, desenvolvendo currículos locais e participar do desenvolvimento de políticas que indiquem não somente o que vai ser ensinado, mas que integre a visão de para quem e em que nível será ensinado. Embora o autor se refira ao ensino na escola secundária e média, suas concepções podem ser aplicadas ao ensino universitário, nível de formação em que a preocupação com o estudante deveria ser mantida.

Diante de tantas mudanças na sociedade, acredita-se que somente a partir da reflexão crítica compartilhada pelas instituições formadoras é possível transformar o ensino – entendido aqui como as relações estabelecidas entre os conteúdos e a forma como se ensina e, ainda, as relações dentro das instituições universitárias, envolvendo o corpo docente e técnico/administrativo e o corpo discente. Essa abertura para o debate possibilita a construção de um contexto propício ao enfrentamento dos desafios contidos nas divergências epistemológicas, propiciando também a formulação de princípios norteadores das práticas de ensino.

Quando se fala na transformação de uma visão rígida, linear, supostamente neutra, a-histórica, fragmentada, elitista e descontextualizada do conhecimento científico parece óbvio que a solução seria substituí-las pelo seu oposto. Sabe-se, entretanto, que embora o desejável fosse provocar um impacto na graduação de modo a gerar um perfil técnico e científico capaz de estabelecer um padrão de excelência para o ensino, existem vários entraves que impedem ou dificultam essa proposta.

Dentre esses fatores, a literatura reconhece, por exemplo: a falta de titulação de professores; a baixa incidência de tempo integral dos docentes; as disciplinas obrigatórias que não atendem interesses individuais; turmas muito grandes, dificultando as relações e ainda, uma administração burocrática ineficaz (Marques, 1996). Além desses fatores, pode-se acrescentar a falta de motivação tanto de estudantes quanto de professores, a falta de

condições materiais de estudo: condições físicas inadequadas, bibliotecas mal aparelhadas, dentre outras.

Com efeito, é necessário não só trazer à tona especificidades que influenciam o processo de formação em Psicologia, mas produzir discursos e práticas fundamentadas em discussões epistemológicas, objetivando maior coerência com a realidade sócio-cultural e enfatizando uma postura crítica permanente. Essa postura, defendida por autores como Francisco e Bastos (1992); Matthews (1994) e Bock (1999b) é um requisito que contribui para a decisão sobre o que é mais conveniente, em qual cultura ou contexto, além de favorecer a interação da ciência com uma visão global e estimular a participação dos estudantes, conforme discutido por Matthews (1994, p. 34-35).

## CAPÍTULO V

### ASPECTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo são descritos e fundamentados os aspectos metodológicos relativos ao projeto de pesquisa ora desenvolvido: natureza da investigação; fontes consultadas; locais de busca dos dados; composição do material trabalhado; procedimento de coleta e o tratamento e análise dos dados.

#### 1. Natureza da investigação

Trata-se de uma pesquisa documental, em que se utiliza como suportes resumos de teses, dissertações, artigos, comunicações apresentadas em congressos, livros e capítulos de livros, tomando-se como subcategorias de análise: pesquisas acadêmicas e não acadêmicas; temas pesquisados; áreas de concentração; meios de divulgação; fontes de financiamento. A escolha das categorias relacionadas acima foi justificada pelas seguintes razões:

a) As teses e dissertações constituem trabalhos de natureza científica em cursos de pós-graduação. Conforme assinala Salvador (1977), resultam de estudos teóricos ou de pesquisas de observação ou experimentais e têm caráter reflexivo. Representam fontes privilegiadas de informação por serem de natureza primária.

b) Os artigos são trabalhos científicos em si mesmos, apesar de possuir uma extensão menor que as teses e dissertações. Através deles podem ser abordados temas controvertidos ou mesmo temas conhecidos vistos de uma nova perspectiva. Seu conteúdo, assim como sua ordenação, exige o mesmo rigor técnico de outras modalidades de trabalhos científicos (Salvador, 1977).

c) As comunicações apresentadas em congressos representam estudos breves, sugestões para a solução de um problema ou ainda, apreciações críticas sobre um tema e textos que esclareçam alguma questão. Sua elaboração exige a estrutura e aparato técnico dos artigos (Salvador, 1977). Sabe-se, entretanto, que as comunicações em congressos podem superar o caráter de simples estudos breves, constituindo-se resultados preliminares de pesquisas relevantes.

d) Os livros constituem produções mais amplas que as citadas anteriormente. Sua inclusão neste estudo foi contemplada em etapa posterior ao delineamento desta investigação, admitindo-se a possibilidade de dar uma maior amplitude ao trabalho.

Os critérios de inclusão dessas categorias levaram em conta não apenas o caráter formal subjacente às mesmas, como também o fato de que pudessem abranger tanto as produções acadêmicas como as não acadêmicas. Assim, foram escolhidas duas categorias (teses e dissertações) que são produzidas por psicólogos inseridos na vida acadêmica como alunos da pós-graduação e três categorias (artigo, comunicação em congresso e livro) que possibilitam mapear produções não necessariamente realizadas por alunos de pós-graduação ou docentes, podendo atingir os profissionais fora da universidade. Três categorias de profissionais foram alvo de abrangência nesta investigação: aluno de pós-graduação; docente e profissional sem vínculo acadêmico.

O estudo teve um foco predominantemente descritivo, observando-se as circunstâncias de tempo e lugar como possíveis fatores condicionantes da produção correspondente ao período de 1973-2002. Nesta perspectiva, o viés epistemológico pode ser definido como “externalista” - compreensão de desenvolvimento do saber científico como determinado pelas condições presentes no campo social (Jacó-Vilela, 2000; Krüger, 2001). Pretendeu-se identificar e compreender a possível relação dessa produção com os movimentos da profissão no Brasil e a emergência de novas abordagens teóricas utilizadas pelos psicólogos.

## **2. Fontes**

Nesta investigação utilizou-se como suporte, inicialmente, fontes secundárias (catálogos de teses e dissertações, periódicos, anais de congressos) a fim de chegar-se às fontes primárias, com as quais se trabalhou na segunda etapa da investigação. Em alguns casos, na segunda etapa utilizou-se fonte secundária (programação científica de congressos) pela inexistência da fonte primária correspondente. A seguir apresenta-se a relação dessas fontes e sua localização:



## 2. a) Das dissertações e teses:

Catálogo, fichário e/ou listagem de teses e dissertações das unidades de ensino da UFBA, a saber: Escola de Administração; Faculdade de Educação; Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas e Instituto de Saúde Coletiva. Estas unidades têm tradição no desenvolvimento de cursos de pós-graduação, concentrando alunos de diversas formações acadêmicas, inclusive psicólogos. Considerou-se ainda, como critério, a escolha de unidades de ensino cuja criação dos cursos de Mestrado e Doutorado possibilitasse a cobertura do período em estudo. A Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas criou o mestrado em Ciências Sociais em 1968 (tendo sido mais tarde desmembrado em duas áreas: História e Sociologia). A Faculdade de Educação iniciou o mestrado em 1971 e o doutorado em 1992. Em 1974, o Instituto de Saúde Coletiva instituiu o mestrado em Saúde Comunitária e, em 1989, o doutorado, enquanto a Escola de Administração criou o mestrado em Administração no ano de 1983 e o doutorado, em 1992. Como o mestrado em Psicologia foi criado somente em 2002, esta pesquisa não inclui as produções dos psicólogos inseridos no mesmo.

## 2. b) Dos artigos:

Foram utilizados periódicos nacionais indexados de acordo com as normas e critérios técnicos e metodológicos adotados na avaliação de revistas científicas pela Comissão de Avaliação de Revistas Científicas em Psicologia da CAPES-ANPEPP (2000) nas categorias A, B e C. Levou-se em conta os periódicos mais antigos, criados inclusive antes de 1973, independente da sua classificação, pretendendo-se, com esta alternativa garantir o máximo possível de cobertura do período estudado. Embora alguns desses veículos tenham periodicidade irregular, no decorrer desta investigação foi adotada a nomenclatura de “periódico” para designá-los. A seguir, a relação dos escolhidos com indicação, entre parênteses, das letras A, B ou C correspondente à referida classificação:

*Arquivos Brasileiros de Psicologia* (A) – publicação trimestral, criada em 1949. Atualmente sua publicação é feita pelo Instituto de Psicologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

*Boletim de Psicologia* (C) – publicação semestral, criada em 1949 pela Sociedade de Psicologia de São Paulo.

*Psico PUC/RS* (A) – periódico semestral, criado em 1971 e divulgado pelo Instituto de Psicologia da PUC/RS. A partir de 1980, a revista passou a ter uma nova numeração.

*Psicologia: Ciência e Profissão* (A) - publicação oficial do Conselho Federal de Psicologia, criada em julho de 1979.

*Psico USF* (A) – periódico semestral, surgiu em 1983 (v. 1), reaparecendo em 1989 (v. 2), sendo que desde 1996 voltou a circular com a edição do volume 1, permanecendo como publicação semestral. Divulgada pela Universidade São Francisco, Bragança Paulista, São Paulo.

*Estudos de Psicologia / PUCCAMP* (A) – publicação quadrimestral, criada em 1984 pelo Instituto de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP).

*Psicologia: Teoria e Pesquisa* (A) - Periódico quadrimestral, criado em 1985 pelo Instituto de Psicologia de Brasília.

*Psicologia: Reflexão e Crítica* (A) - Publicação semestral, foi instituída em 1986 pelo curso de pós-graduação da PUCRS.

*Psicologia USP* (B) – Publicação semestral do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, lançada em 1990.

*Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano* (B) – Publicação semestral do Centro de Estudos do Crescimento e Desenvolvimento do Ser Humano, São Paulo, criada em 1991.

*Temas em Psicologia* (B) - Publicação com periodicidade irregular, criada em 1993 pela SBP – Sociedade Brasileira de Psicologia.

*Estudos de Psicologia / UFRN* (A) – Criada em 1996, este periódico é uma publicação semestral do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

*Psicologia em Estudo* (A) – Publicação semestral do departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá. Criada em 1996.

*Psicologia Escolar e Educacional* (B) – Publicação semestral, criada em 1996 pela ABRAPEE – Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional.

Esses periódicos representam instrumentos de comunicação dos psicólogos, propiciando a apresentação de trabalhos enquadrados nas categorias: relatos de pesquisa, estudos teóricos, comunicações e revisões críticas da literatura relativa a assuntos de interesse para o desenvolvimento da Psicologia. Contribuem com a divulgação das várias linhas de pesquisa, abordagens e tendências da Psicologia em seus aspectos teóricos, metodológicos e aplicados. Além de contemplarem a divulgação de produções da Psicologia, supôs-se que seus exemplares estariam, em grande parte, disponíveis nas bibliotecas das Faculdades de Psicologia de Salvador.

No total, foram escolhidos quatorze periódicos nacionais, assim configurados: nove na categoria A; quatro na categoria B e um na categoria C. O critério primordial na escolha dessas fontes foi a garantia de que houvesse, em todo o período estudado, veiculação de algum periódico para que se pudesse efetuar o levantamento.

Considerando a possibilidade de haver divulgação de trabalhos em revistas locais, optou-se pela inclusão de alguns desses veículos, embora nem todos apresentassem uma periodicidade regular. Desse modo, além dos periódicos nacionais já citados, entraram na composição das fontes as seguintes revistas:

*Revista de Filosofia e Ciências Humanas* – Revista idealizada com o intuito de funcionar como veículo de publicação da produção teórica da UFBA, permitindo a discussão, a crítica e utilização em sala de aula. Criada em 1980 (v. 1), editando-se o volume número 2 somente em 1991 e o número 3 e último, em 1992.

*Interfaces* - criada em 1997 pela UFBA, foram editados dois números da revista, o primeiro em 1997 e o segundo e último em 1999.

*Organizações e Sociedade* – publicação quadrimestral da Escola de Administração da UFBA. De acordo com informação contida na própria revista, a mesma constitui-se em veículo de divulgação de trabalhos de professores, pesquisadores e alunos, relacionados à investigação de temas relativos ao campo das organizações e sociedades, estando aberto ainda a contribuições externas a esse campo.

Foram ainda utilizadas como fontes para o levantamento dos artigos as bases de dados: LILACS (Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e PsycINFO. Esta última é uma versão on-line da publicação Psychological Abstracts que reúne e divulga a literatura relevante publicada internacionalmente na área da Psicologia. Até o início do levantamento de dados desta pesquisa (setembro/2002), a PsycINFO indexava treze títulos de periódicos em língua portuguesa, dos quais oito eram publicados no Brasil conforme Sampaio e Peixoto (2000). Acessou-se, ainda, a biblioteca virtual SciELO (Scientific Electronic Library Online).

## 2. c) Das comunicações em Congressos, Jornadas e Encontros:

As fontes utilizadas foram constituídas dos Anais e Programações Científicas de eventos realizados em Salvador e em outros estados brasileiros, conforme discriminados a seguir.

### Eventos locais (eventos realizados em Salvador):

- I e II Congressos Norte/Nordeste de Psicologia (1999 e 2001).
- II Semana Nordestina de Psicologia (1990).
- 

Pensou-se que esses eventos, por sua natureza voltada primordialmente para os profissionais da área, constituiriam um foro para a produção de trabalhos com conteúdo psicológico. Além disso, por terem um caráter generalista, permitiriam o aparecimento de trabalhos das mais diversas áreas da Psicologia. Entretanto, considerando que os mesmos foram casuais e que deixavam descoberta boa parte do período estudado, optou-se por outras alternativas, conforme segue:

Congressos, Jornadas e Encontros de: Psicodrama, Psicossomática, Psicologia Hospitalar, Psico-Oncologia, Psicomotricidade e Psicanálise. Apesar do caráter específico desses eventos e de alguns deles constituírem campos de estudo e prática não exclusivos de psicólogos, sua inclusão deu-se em razão das poucas opções de fontes disponíveis para o levantamento da categoria “comunicação em congresso”.

O Psicodrama e a Psicossomática constituem abordagens utilizadas por psicólogos e seus adeptos compõem Associações com sede nesta capital. Já a Psicologia Hospitalar é uma área que vem se desenvolvendo cada vez mais nos últimos anos, inclusive com a promoção de cursos por profissionais vinculados à mesma, percebendo-se um movimento crescente dessa área em Salvador. A Psico-Oncologia é definida como “área de interface entre a Psicologia e a Oncologia que usa o conhecimento educacional, profissional e metodológico proveniente da Psicologia da Saúde” (Sociedade Brasileira de Psico-Oncologia - SBPO, 1995). A Psicomotricidade, por sua vez, é uma área de interface com a Neurologia, a Educação e a Psicologia. Em Salvador, existe uma seção da Sociedade Brasileira de Psicomotricidade, tendo sido promovidos nesta capital alguns eventos nessa área. A Psicanálise tem um forte apelo junto aos psicólogos, existindo nesta capital algumas escolas e grupos constituídos.

Eventos nacionais (eventos anuais realizados em diferentes estados brasileiros):

- Reunião Anual de Psicologia (antes denominada de Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia –SBP).
- Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)
- 

Essa escolha justificou-se em virtude desses encontros ocorrerem anualmente, cobrindo todo o período focalizado neste estudo. O fato de terem sido denominados de eventos nacionais para distingui-los dos eventos locais, ocorridos em Salvador, não lhes tira a possibilidade da sua realização ter ocorrido também neste estado.

Foram também utilizadas como fontes, dentre outras, as seguintes bases de dados: [www..Scielo.Br](http://www..Scielo.Br); [www.prossiga.cnpq.br](http://www.prossiga.cnpq.br); [www.anpepp.org.br](http://www.anpepp.org.br) e [www.pol.org.br](http://www.pol.org.br).

## 2. d) Dos livros:

Foram acessadas as seguintes fontes: Base Bibliográfica da UFBA (BaBiUfba); Curriculum Lattes (CNPq); Fichários da Biblioteca da Universidade Católica de Salvador (Bib UCSAL); Biblioteca do Conselho Regional de Psicologia (CRP-03); Biblioteca pessoal, além de informações de pesquisadores psicólogos.

Por se tratar de uma categoria de produção mais rara e por dificuldades operacionais neste levantamento, incluindo a delimitação de tempo para a conclusão do trabalho, utilizou-se como estratégias de busca: primeiramente consulta à lista dos autores identificados neste estudo, casando-se esse critério com a consulta ao Curriculum Lattes e à BaBiUfba. Os demais critérios: consulta às Bibliotecas da UCSAL e do CRP-03 foram acrescentados posteriormente.

## **3. Local da pesquisa**

Embora o trabalho tenha sido planejado para ser efetuado somente na cidade de Salvador, aproveitou-se a ida à cidade de João Pessoa para participar em Congresso de Psicologia, visitando-se a Biblioteca Central da Universidade Federal daquela cidade à procura de periódicos bem como de anais das Reuniões Anuais da SBP e da SBPC não localizados nas bibliotecas de Salvador. Esta iniciativa, entretanto, resultou na descoberta de apenas cinco produções. A seguir, lista-se os endereços visitados durante a etapa de levantamento dos dados.

### 3. a) Das teses e dissertações:

Efetuuou-se pesquisa nas unidades de ensino da Universidade Federal da Bahia (cf item 2, letra a). Esta escolha baseou-se nos seguintes critérios: antiguidade da Universidade Federal da Bahia e única instituição cujo curso de Psicologia já formara vários psicólogos até o momento de realização desta pesquisa. Quanto às unidades escolhidas, levou-se em conta o fato de estarem, de algum modo, relacionadas a áreas tradicionais da Psicologia: Organizacional, Educacional, Social e Clínica.

### 3. b) Dos artigos:

Foram pesquisados os periódicos contidos nas bibliotecas das faculdades de Psicologia de Salvador: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH) da UFBA; Faculdades Salvador (FACS); Faculdade Ruy Barbosa (FRB); Faculdade de Tecnologia e Ciência (FTC) e Fundação para o Desenvolvimento da Ciência (FDC). Foram consultadas também as Bibliotecas Centrais das Universidades Federais da Bahia e da Paraíba.

### 3. c) Das comunicações em congressos:

Foi realizado o máximo esforço na busca das comunicações científicas apresentadas em congressos, não se restringindo essa busca somente aos locais onde funcionam os cursos de Psicologia. A seguir são listados outros endereços de busca: Associações e Secretarias organizadoras dos Congressos, Jornadas e Encontros relativos às áreas de: Psicodrama, Psicossomática, Psicologia Hospitalar, Psico-Oncologia, Psicomotricidade e Psicanálise.

Entretanto, considerando que há eventos, como as Reuniões Anuais da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, que contemplam a participação de profissionais de todos os campos do conhecimento, não só de psicólogos, decidiu-se ampliar a busca dos seus Anais em outras unidades de ensino conforme relatado abaixo:

Bibliotecas das Faculdades de Psicologia de Salvador; Bibliotecas Centrais das Universidades Federais da Bahia e da Paraíba; Bibliotecas das seguintes unidades de ensino e/ou pesquisa da UFBA: Faculdade de Educação; Faculdade de Medicina; Instituto de Ciências da Informação; Instituto de Física; Instituto de Geociências; Instituto de Saúde Coletiva (ISC); Escola de Administração; Escola Politécnica; Escola de Música; Centro de Estudos Interdisciplinares para o Setor Público (ISP) e Universidade Católica de Salvador.

### 3. d) Dos livros:

Foi efetuada pesquisa na biblioteca da Universidade Católica de Salvador; no Conselho Regional de Psicologia e em biblioteca pessoal.

#### 4. Material

O material utilizado nesta pesquisa foi constituído do resumo de: teses, dissertações, artigos, comunicações em congresso, além de livros produzidos por psicólogos baianos no período de 1973 a 2002.

Em relação ao levantamento das teses e dissertações foram pesquisados todos os catálogos, fichários e/ou listagens de teses e dissertações das quatro unidades de ensino relacionadas (item 2, letra a), considerando-se na análise todas as teses e dissertações identificadas e defendidas durante os trinta anos estudados.

Para o levantamento dos artigos foram pesquisados todos os números dos periódicos listados, conforme descrição feita anteriormente, incluindo-se na amostra todos os artigos localizados. A inclusão de todos os números dos periódicos listados e de todos os artigos encontrados foi motivada pela idéia fundada na literatura que narra uma produção científica em Psicologia pouco numerosa, decidindo-se por um trabalho que, embora sendo mais demorado, trazia a expectativa de poder registrar um volume maior de estudos.

O levantamento das produções em congressos foi feito a partir dos Anais e, na ausência desses, considerou-se as informações contidas nas Programações Científicas de todos os eventos descritos (item 2, letra c). A opção em considerar as indicações de produções contidas na Programação Científica e não apenas nos Anais ocorreu a partir da constatação de que nem sempre os trabalhos apresentados nos congressos são organizados na forma de Anais.

Dentre os eventos considerados neste trabalho, 50% (Congressos Norte/Nordeste de Psicologia; Reunião Anual de Psicologia; Reunião Anual da SBPC; Congresso de Psicologia Hospitalar e Congresso de Psico-Oncologia) divulgaram as produções em Anais, sendo que os demais dispunham apenas da Programação Científica. Todas as comunicações de psicólogos baianos, localizadas nos suportes descritos, fizeram parte da amostra.

O levantamento dos livros constituiu-se em um rastreamento mais difícil, pela falta de catálogos divulgados pelas universidades ou pelas editoras. Assim sendo, apelou-se



para todas as possibilidades de descoberta, conforme descrito anteriormente (item 2, letra d). Foram considerados no estudo todos os livros e capítulos de livros localizados, assim como verbetes que se apresentaram compondo livro.

## **5. Coleta dos dados**

### **5.1 Instrumento**

Fez-se a análise documental mediante o uso de ficha previamente elaborada para cada categoria e onde constavam as subcategorias pesquisadas. O instrumento foi testado preliminarmente, a fim de se obter uma visão das reais possibilidades para o seu uso, tendo sido ajustado para atender à pesquisa propriamente dita. As fichas para a coleta dos dados foram organizadas considerando os seguintes aspectos: Título do trabalho; autor (es); ano da publicação; tema pesquisado; área de concentração; fonte de financiamento; estatuto do (s) autor (es), diferenciando-se em alguns itens, conforme a categoria. Alguns itens da ficha constituem apenas indicações que poderão auxiliar a localização dos trabalhos levantados, não tendo sido utilizados como categorias de análise (Anexo A).

### **5.2 Procedimentos**

Os procedimentos metodológicos abrangeram dois grandes eixos: o levantamento bibliográfico das fontes e a análise documental.

1. Para o levantamento bibliográfico das fontes foram utilizadas as seguintes vias:

1.1 Bibliotecas das universidades, especialmente as bibliotecas das unidades de ensino da UFBA (item 2, letra a), a fim de identificar as dissertações e teses, mediante a verificação dos seguintes itens de controle: nome do autor; inscrição no Conselho Regional de Psicologia e número de registro da dissertação ou tese na biblioteca da unidade. Uma vez identificada a tese ou dissertação, providenciou-se uma cópia do seu Resumo para análise posterior.

1.2 Periódicos científicos selecionados (item 2, letra b), visando a identificação dos artigos, observando-se os seguintes itens: nome do(s) autor(es); estado de origem da produção, identificando-se os trabalhos da Bahia; inscrição do(s) autor(es) no Conselho Regional de Psicologia. Após esta identificação, foi providenciada uma cópia do material para subsidiar a análise documental.

1.3 Anais e Programações Científicas dos Congressos, Jornadas e Encontros (item 2, letra c), para conhecimento das comunicações veiculadas nesses eventos, observando-se os seguintes pontos: nome do(s) autor (es); produções da Bahia; inscrição no Conselho Regional de Psicologia (CRP-03). Todas as produções que atenderam aos critérios colocados pelo estudo foram copiadas para análise posterior. Quando o conteúdo do trabalho não estava disponível, fez-se contato telefônico com o seu autor para viabilizar o acesso ao material. Em alguns casos, o acesso à produção foi obtido mediante entrevista telefônica, estruturada com base na ficha de análise documental. Admite-se que essa estratégia inviabilizou boa parte dos contatos e, conseqüentemente, a obtenção das informações desejadas. Além disso, não produziu o efeito esperado, mesmo nos casos em que se concretizou o contato com o autor, seja por falta de disponibilidade do mesmo no momento da ligação, seja por falta de envio do material solicitado.

1.4 Base Bibliográfica da Universidade Federal da Bahia e do Curriculum Lattes (CNPq), a fim de identificar os livros e capítulos de livros. Essa busca foi efetuada mediante consulta via eletrônica, a partir dos nomes identificados na listagem de autores das teses e dissertações, dos artigos e das comunicações em congresso; consulta a professores e pesquisadores da UFBA e da Faculdade Ruy Barbosa; à biblioteca do CRP-03 e da UCSAL e, finalmente, verificação em biblioteca pessoal. Após a identificação do material, fez-se anotação dos dados na ficha de análise documental.

A segunda parte da investigação foi orientada da seguinte forma:

1.1 A coleta dos dados foi conduzida a partir do material identificado na primeira fase, utilizando-se a ficha de análise documental (Anexo A). Para cada modalidade de produção (artigo, dissertação, tese, comunicação em congresso e livro) foi reservada uma ficha, observando-se as especificidades das mesmas, sendo que para o levantamento das teses e dissertações foi utilizado o mesmo modelo.

1.2 Empregou-se uma ficha por produção, de modo que a cada resumo foi anexada uma ficha, sendo a mesma preenchida e organizada conforme a categoria. Além disso, registrou-se à parte a frequência de produções localizadas por evento, periódico ou no caso das teses e dissertações, por área de estudo. Registrou-se, ainda, a fonte onde foi encontrada cada produção. Ao final do levantamento foi possível identificar o número de periódicos acessados, tendo-se formulado, ainda, uma idéia de como estão organizadas as bibliotecas no que diz respeito à seção dos periódicos.

1.3 Para evitar a contagem dupla de uma mesma produção veiculada através de meios diferentes, foi feita a análise dos trabalhos da mesma autoria, observando-se os dados referentes ao conteúdo e à data de divulgação. Trabalhos de um mesmo autor e com o mesmo teor foram mantidos quando se tratavam de duas modalidades distintas, como por exemplo: dissertação e comunicação em congresso; dissertação e artigo. Entende-se que a dissertação e a tese constituem-se trabalhos mais amplos e possuem formato diferente dos artigos e das comunicações em congresso. Além disso, os trabalhos originados a partir dessas duas modalidades de produção podem abordar diferentes aspectos do mesmo tema.

1.4 No caso da repetição de uma mesma produção foi considerada, para efeito de contagem, a produção divulgada primeiro.

## **6. Tratamento quantitativo e análise dos dados**

Os dados contidos nas fichas de análise documental foram digitados em base de dados especificamente estruturada para esta etapa do trabalho. Utilizou-se o programa Excel, que possibilita a geração de listagens com as variáveis selecionadas para cruzamento das informações. Foram registrados os dados relativos aos itens: Título do trabalho; ano da divulgação; autor(es) e co-autor (es), separando-se em colunas distintas os autores psicólogos dos não psicólogos; evento por meio do qual foi divulgada a produção (no caso dos congressos) ou nome do periódico onde foram localizados os artigos; área de concentração; tema estudado; fonte de financiamento; estatuto do pesquisador. Devido ao grande número de dados, procedeu-se a uma seleção daqueles considerados mais relevantes para atender às questões de investigação.

A análise relativa às categorias estudadas foi realizada, ora segundo uma perspectiva meramente descritiva, ora buscando-se nexos explicativos, com base em outros estudos que contribuem com proposições para a compreensão dos aspectos levantados.

Para identificação dos dados analisados procedeu-se à leitura do material e, em alguns casos, consultou-se o autor do trabalho. O procedimento de classificação e análise foi efetuado levando em conta as questões de estudo e conforme descrito a seguir:

1. Classificou-se o número de pesquisas por categoria: dissertação; tese; artigo; comunicações em congressos; livros e capítulos de livros ou verbetes. Esta classificação permitiu a identificação de parte das produções acadêmicas independentemente da informação fornecida pelo autor, como é o caso das dissertações e teses.

2. Os trabalhos foram distribuídos de acordo com o período de realização, tendo sido organizados períodos de cinco anos: 73-77; 78-82; 83-87; 88-92; 93-97; 98-02. Esta categorização privilegiou o aspecto quantitativo da pesquisa, que foi complementado pela análise qualitativa, mediante a observação de fatos ocorridos nesses intervalos de tempo, ou em momentos pontuais, buscando-se compreender os contextos que poderiam justificar o aumento de produções em certos períodos ou a “eclosão” de determinados temas.

3. Pesquisas acadêmicas e pesquisas não acadêmicas – Para obter essa distinção, levantou-se o estatuto do pesquisador, tendo sido considerado o estatuto conforme segue: nas dissertações e teses: aluno; nos artigos, nas comunicações em congressos e nos livros foi considerado o estatuto informado no documento produzido.

4. Os temas pesquisados foram classificados a partir da leitura e análise do resumo de cada produção, não necessariamente a partir do título do trabalho, tendo sido digitados na coluna reservada para esse fim. Num segundo momento, fez-se a categorização dos temas, realizando-se essa atividade em duas etapas. Apesar de reconhecer a importância da informática no levantamento e cruzamento de informações, processou-se manualmente a categorização dos temas pesquisados. Para verificação do grau de precisão na categorização, utilizou-se o julgamento de dois juízes, psicólogos, ambos docentes universitários. A tabela 8 (Anexo B) informa sobre os temas mais pesquisados.

5. Área de concentração das pesquisas – Considerando-se a dificuldade em estabelecer limites entre os conjuntos de atividades que constituem uma área de atuação do psicólogo, optou-se por considerar a classificação adotada pela Sociedade Brasileira de Psicologia (SBP) que inclui vinte e uma categorias (Anexo C).

Essa referência, no entanto, foi considerada apenas para as produções não classificadas. A classificação dos trabalhos nos quais já constava a indicação da área foi respeitada, embora algumas tenham divergido em alguns aspectos da classificação seguida pela SBP e adotada neste estudo. Em tal condição situam-se os trabalhos apresentados nos Congressos Norte/Nordeste de Psicologia, em que a designação SAUSM foi usada para indicar trabalhos das áreas de Saúde e Saúde Mental, enquanto a classificação adotada pela SBP considera essas duas áreas em separado: SAU (Psicologia da Saúde) e SM (Saúde Mental). Considerou-se, neste caso específico, a denominação SAUSM não só para os trabalhos apresentados nos Congressos acima citados, mas para todos aqueles que se inserissem em uma das duas áreas: Saúde e Saúde mental. Esta decisão fundamentou-se no fato de o Congresso Norte/Nordeste ter obtido uma significativa participação dos psicólogos baianos, em comparação a outros eventos da mesma natureza.

Em relação às produções que se situam em mais de uma área, privilegiou-se na classificação a área que emergia como sendo a principal. Para os casos duvidosos foi obtida a participação de três juízes, psicólogos com atuação em áreas distintas, dos quais dois têm experiência em docência universitária. Os juízes participaram da classificação de 7% das produções levantadas, realizando o julgamento de forma independente. Utilizou-se como critério mínimo de aceitação da classificação a obtenção de 66% (2/3) de acordo entre eles. Entretanto, em 20% das análises não houve concordância dos juízes quanto à área de concentração, tendo-se acatado a divergência, assinalando-se nesses trabalhos: “Outras áreas”.

6. Meios de divulgação – Foram considerados como meios de divulgação: Catálogos de teses e dissertações (embora reconhecendo que a sua função é manter registrada a produção, em vez de fazer sua divulgação); Periódicos; Congressos; Base Bibliográfica da UFBA e Curriculum Lattes.

7. Fontes de financiamento – Considerou-se as seguintes subcategorias: órgãos de fomento; outros órgãos; sem financiamento e não informada. Na primeira subcategoria

situam-se todas as produções em que houve a citação de uma das agências de fomento (CNPq; CAPES, dentre outras); na segunda, as produções que receberam apoio de organizações internacionais, de fundações e empresas ou outros; na terceira, as que explicitam o não financiamento aos seus estudos e, por último, situam-se aqueles estudos em que o autor não faz referência a ter recebido apoio.

## **CAPÍTULO VI**

### **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Inicia-se o capítulo com informações gerais de modo a caracterizar o grupo de psicólogos da Bahia, tendo em vista oferecer ao leitor uma idéia sobre o mesmo no que se refere: ao número de psicólogos formados pela UFBA nesses trinta anos, à natureza das instituições formadoras, bem como ao perfil demográfico dos psicólogos inscritos no Conselho Regional de Psicologia, 3ª Região, de modo específico os residentes no estado da Bahia.

Num segundo momento procede-se à apresentação e discussão dos resultados em que 589 produções foram levantadas no trabalho de campo. No primeiro sub-item desta seção, utilizando o critério puramente quantitativo, são apresentadas as produções de acordo com a fonte, ilustrando-se o processo de levantamento dos dados com informações relativas ao material potencialmente disponível e o real encontrado.

No segundo sub-item, procura-se responder à questão central deste estudo: Qual é o perfil da produção intelectual em Psicologia, realizada por psicólogos baianos no período de 1973-2002? Julgou-se necessário que as informações fossem divididas conforme colocadas nas questões de pesquisa, de modo que sua análise baseia-se nas questões que compõem o problema, considerando-se: o nível global das produções por: categoria (dissertação; tese; artigo; comunicação em congresso, livro e capítulo de livro); período do estudo; pesquisas acadêmicas e pesquisas não acadêmicas; temas pesquisados; áreas de concentração dos trabalhos; meios de divulgação e fontes de financiamento.

A análise do material de estudo inclui: abordagem quantitativa envolvendo o levantamento da frequência de cada categoria estudada, assim como as diferenças entre elas. Por outro lado, a análise qualitativa envolve a reflexão sobre a possível vinculação entre os temas pesquisados e áreas de concentração e o contexto cultural.

Por último são apresentados os resultados mais relevantes, indicando-se as lacunas e fazendo-se considerações finais.

## **1. Caracterização dos psicólogos baianos**

### **1.1 Número de psicólogos formados pela UFBA**

Durante o período de 1973 a 2002 1.796 psicólogos concluíram o curso de Psicologia na Universidade Federal da Bahia. É necessário esclarecer que esse número inclui somente os formandos que fizeram o curso de Formação de Psicólogo, excluindo-se os que constavam do Livro de Ata como tendo concluído apenas a licenciatura ou o bacharelado em Psicologia. O Anexo D1 mostra a quantidade de formandos, por ano de conclusão do curso e por período.

### **1.2 Natureza das instituições formadoras e pós-graduação em Psicologia na Bahia**

Em estudo realizado por Santos (1998) foi identificado que a formação básica dos psicólogos da Bahia e de Sergipe é realizada, em sua maioria, em instituições públicas federais (56,5%). A autora identificou ainda que 2,7% haviam cursado a graduação em instituições municipais ou estaduais e 21,7% em instituições particulares. Na pesquisa de Santos (idem) 19,1% dos respondentes não informaram sua situação relativa à instituição formadora.

Atualmente existem em funcionamento na capital baiana cinco cursos de graduação em Psicologia, sendo quatro oferecidos por instituições privadas. A instalação desses cursos ocorreu nos últimos cinco anos havendo, na atualidade, um movimento crescente de algumas faculdades no sentido da instalação de mais cursos de graduação em Psicologia, não só na capital como em cidades do interior deste estado, onde também já existem alguns cursos de graduação em Psicologia.

Esse aumento de cursos, ao tempo em que abre espaço para a profissionalização, traz também preocupações no que concerne à qualidade do ensino e a conseqüente preparação dos profissionais para atender as demandas da sociedade, conforme tratado em capítulos anteriores. O aumento do número de cursos e de profissionais formados não garante o maior número de produção de conhecimento, logo, também não garante o desenvolvimento da profissão. De acordo com Serrat e Witter, G. (1988), no Brasil, o ensino superior tende a



valorizar a profissionalização mais do que a produção do conhecimento e isto ocorre, segundo os autores acima citados, por questões ideológicas, políticas e econômicas.

Com relação ao preparo profissional em nível de pós-graduação em Psicologia, na Bahia, são poucas as iniciativas nesse sentido. Santos (1998) constatou que, numa população de 1.622 psicólogos, somente 382 (23,5%) haviam realizado uma pós-graduação. Destes, 83% concluíram cursos de especialização; 10,4% realizaram mestrado; 6,3% fizeram o doutorado e 0,3% concluiu o pós-doutorado. A partir desse quadro, a autora citada conclui sobre a existência de uma força de trabalho com nível reduzido de formação pós-graduada formal, uma vez que o número de mestres e doutores naquela ocasião era muito baixo. Santos (1998) atribui esses resultados à falta de oferta de cursos de pós-graduação em Psicologia neste estado.

Há uma relação indiscutível entre Pós-graduação, pesquisa e produção científica, justificada pelos próprios objetivos deste nível de ensino. Os cursos de pós-graduação visam a capacitação de técnicos e especialistas de alto padrão, a formação de professores para o ensino superior e a formação de pesquisadores. É na pós-graduação que ocorre a preparação, em nível formal, de profissionais aptos a realizar pesquisas e é nesses cursos onde se aprimoram ou se desenvolvem as habilidades críticas para realizar e analisar criticamente pesquisas. Na pós-graduação ocorre uma sistematização e aprofundamento do conhecimento científico, embora esse desenvolvimento deva, conforme assinala Witter, G. (2000), seguir adiante através dos programas especiais de uma educação continuada, do acompanhamento das publicações e das produções científicas, da integração em grupos e da participação em eventos técnico-científicos.

Na atualidade, existe em Salvador um mestrado em Psicologia, criado há dois anos e que abrange três linhas de pesquisas. A oferta de vagas não atende a demanda da categoria, sobretudo porque há muitos psicólogos que concluíram a graduação e desejam continuar estudando para obter melhor qualificação profissional e, com isso, ampliar as possibilidades de atuação. A procura por cursos em áreas correlatas ou em outros estados, conforme identificado por Santos (1998), continua existindo e isso se deve, certamente, não apenas à falta de cursos específicos de pós-graduação em Psicologia. Acredita-se que, aos poucos, os psicólogos estão se abrindo para outros campos do conhecimento, o que os levaria a buscarem essas outras oportunidades de desenvolvimento.

### **1.3 Perfil demográfico dos psicólogos inscritos no CRP-03**

Embora o Conselho Regional de Psicologia, 3ª Região (CRP-03) inclua os estados da Bahia e de Sergipe, nesta seção, assim como em todo o relatório, faz-se referências somente aos psicólogos baianos, por razões que dizem respeito aos objetivos deste trabalho.

O perfil do profissional de Psicologia na Bahia, no que se refere ao sexo, mantém a tendência nacional, que, conforme levantamento efetuado pelo Conselho Federal de Psicologia - CFP (2001) é caracterizado como sendo uma profissão predominantemente feminina (92,2%). Na Bahia, o percentual de profissionais psicólogos do sexo feminino é de 88,7% de acordo com os dados levantados junto à Secretaria do Conselho Regional de Psicologia em setembro de 2003. Considerando o número de autores de ambos os sexos cujas produções foram levantadas neste estudo, identificou-se o percentual de 85,5% de participação feminina.

Ainda de acordo com os dados fornecidos pelo CRP-03, o número de profissionais inscritos no Conselho Regional de Psicologia em todo o estado da Bahia é de 1.869. Destes, 1.453 estão na capital e 416 distribuídos por cidades do interior do estado. No que se refere à área de atuação, os dados disponíveis no CRP-03 estão defasados e se baseiam em cadastramento efetuado em 1996. O Anexo D2 espelha o quadro relativo às áreas de atuação dessa categoria naquele momento.

Conforme pode ser constatado no anexo acima citado, a área de maior concentração é a clínica, seguida da área organizacional. Vale salientar, entretanto, que alguns psicólogos assinalaram mais de uma área de atuação, o que pode justificar a alta frequência da área clínica. Sabe-se, por exemplo, que há psicólogos que, embora trabalhando em outra área, dedicam-se também à clínica. Nota-se que o setor da pesquisa é o que apresenta a frequência mais baixa, apesar do número de pessoas que indicaram a docência como área de atuação, o que leva a supor que nem todos os docentes atuam em pesquisa.

Embora esses resultados não representem a resposta de todos os psicólogos inscritos no Conselho Regional de Psicologia e apesar da possibilidade do assinalamento de mais de uma área de atuação podendo uma das escolhidas ser a clínica, é possível concluir-se

sobre a preferência dos psicólogos da Bahia pela área clínica, confirmando uma tendência nacional, conforme observado através da literatura.

Em termos regionais, Cavalcante (1984) verificou que entre os psicólogos que atuavam em uma única área, as preferências recaíam nas mesmas proporções nas áreas clínica e organizacional, cada uma com 28,6%. No que tange àqueles que tinham atuação em duas áreas, o maior percentual foi de 23,1% e envolvia na combinação a clínica e outra área.

A preferência pela área clínica foi também identificada em um levantamento realizado por Bastos (1988b). Nesse estudo, o autor em referência verificou que dos 73% dos psicólogos que se dedicavam a uma só área, 39,3% trabalhavam na clínica. Identificou, ainda, que pelo menos 60,7% dos psicólogos do Brasil tinham um trabalho em clínica, embora na jurisdição do CRP-03 (Ba e Se) esse percentual fosse menor que nas demais jurisdições. Os dados encontrados por Bastos (1988b) são compatíveis com os achados por Cavalcante (1984).

## **2. Resultados e Discussão**

### **2.1. Dados da produção**

Com este levantamento obteve-se 589 produções nas categorias: Comunicações em congressos; Teses e dissertações; Artigos, Livros, capítulos de livros e verbetes. Desse total, 15 estudos (2,5%) eram repetidos, tendo sido desconsiderados na análise.

Portanto, as análises mostradas nesta seção tomam como base o número de 574 trabalhos. Para que se possa ter uma visão mais detalhada sobre o processo de levantamento das produções, apresentam-se esses dados na forma de tabelas e gráficos.

Nas Tabelas 1 e 2 verifica-se a frequência de comunicações em congressos, levantadas nos anais e programações científicas, por evento, mantendo-se a classificação de eventos locais e eventos nacionais conforme já descrito anteriormente.

Embora não conste dos objetivos deste trabalho o levantamento do tipo de autoria das produções, apresenta-se esse dado referindo-o às comunicações em congressos e aos livros, supondo-se que o mesmo poderá servir a eventuais estudos posteriores.

Tab. 1 PRODUÇÕES LEVANTADAS EM ANAIS E PROGRAMAÇÕES CIENTÍFICAS  
– EVENTOS LOCAIS (1973-2002)

Congressos e Jornadas	Quantidade	Produções da Bahia	Perc. (%)	Perc. Autoria Única
Norte/Nordeste de Psicologia	02	122	39,6	57
Psicomotricidade	18	44	14,3	68
Psicanálise	14	44	14,3	98
Psicologia Hospitalar	01	38	12,3	79
II Semana Nordestina de Psicologia	01	31	10,0	39
Psicodrama	02	13	4,2	15
Psico-Oncologia	01	10	3,3	20
Psicossomática	07	06	2,0	83
Total	46	308	100	-

Os dados da tabela acima atestam que oportunidades de divulgação são desejadas pelos psicólogos e devem ser estimuladas pelas instituições responsáveis pelo desenvolvimento da profissão. O contingente de participação nos congressos realizados em Salvador é um dado significativo. Destaca-se, por exemplo, o número de trabalhos apresentados nos dois congressos Norte/Nordeste de Psicologia (122), representando 39.6% do total de produções na modalidade de eventos locais. Os dados referentes à autoria revelam que 57% dos trabalhos apresentados nesses dois eventos tiveram autoria única, sendo os demais produzidos por mais de um autor.

Também é surpreendente a quantidade de comunicações divulgadas em um só congresso de Psicologia Hospitalar (38), mostrando um percentual de 12,3% dentro da categoria congresso. Sabe-se que esta área é bastante nova, havendo um movimento que evidencia o seu crescimento nesta cidade. Ao lado da participação dos psicólogos baianos em Psicologia Hospitalar observa-se ainda o interesse pela Psico-Oncologia que surge em parceria com a primeira. Nota-se que alguns psicólogos apresentam trabalhos nos dois campos, reforçando a convivência de ambos. Dos estudos apresentados em Psicologia Hospitalar, 79% (30) tiveram autoria única, enquanto em Psico-Oncologia o percentual de autoria única foi de 20%, constatando-se que, nesta última, os trabalhos em parceria são mais frequentes.

Os dados relativos aos trabalhos apresentados nos congressos ou jornadas de Psicanálise referem-se ao levantamento efetuado junto ao Círculo Psicanalítico da Bahia, instituição mais antiga nessa área, em Salvador. O Círculo realizou 14 jornadas durante os seus trinta anos de existência, com um total de 44 trabalhos, o que representa 14,3% em relação ao total de estudos divulgados nos eventos locais. Sem pretender descer à análise do conteúdo desses trabalhos, registra-se, no entanto, o caráter eminentemente teórico revelado nesses estudos e a preferência dos autores pela produção solitária (98%).

Por outro lado, as produções divulgadas nas jornadas e congressos de Psicomotricidade correspondem a 14,3% dos trabalhos apresentados nos eventos locais e se dividem basicamente em duas direções: a clínica e a escola. A Sociedade de Psicomotricidade, seção Bahia, nos 18 eventos que promoveu, obteve um volume de 44 trabalhos, dos quais 68% (30) situavam-se na condição de ter um autor apenas.

A II Semana Nordestina de Psicologia contou com 31 apresentações de trabalhos de psicólogos baianos, o que corresponde a 10% em relação ao total dos estudos apresentados em eventos realizados em Salvador. Identifica-se autoria única em 39% (12) das produções. A análise desse material foi efetuada a partir da programação científica, uma vez que não foram localizados seus anais.

Em relação ao Psicodrama só foi possível localizar material de dois congressos, obtendo-se 13 trabalhos. Já a Psicossomática apresenta o menor volume de estudos dentre todos os pesquisados, embora tendo sido localizados sete eventos entre congressos e jornadas

realizados em Salvador. Enquanto os autores das produções divulgadas nos eventos de Psicossomática elegem a condição de autoria única (83%), no Psicodrama, a preferência dos autores foi pela autoria múltipla (85%), verificando-se, nesse caso, o menor percentual de autoria única (15%) dentre as modalidades inclusas no item eventos locais.

Constituem exemplos de comunicações apresentadas em congressos, dentre outros: CORRÊA, Carlos Pinto: “Nós de novo: reflexão sobre a reanálise” (1996); BARUCH, Aída Gláucia F: “Câncer e gravidez: aspectos psicológicos” (1996); BASTOS, Ana Cecília e col: “Indicadores de resiliência em famílias de baixa renda no interior da Bahia” (1999); MENDES, Maria do Carmo S.: “Voluntariado e Psicologia no contexto hospitalar: uma relação delicada” (2001) e NETTO, Liana Rodrigues: “Fobia de espaço: relato de caso” (2002).

Tab. 2 - PRODUÇÕES LEVANTADAS EM ANAIS E PROGRAMAÇÕES CIENTÍFICAS  
– EVENTOS NACIONAIS (1973-2002)

Reuniões Anuais	Quant.	Anais Localiz.	Produções da Bahia	Perc. Autoria única
Reunião Anual da SBP	30	12	73	38
Reunião Anual da SBPC	30	28	38	47
Total	60	40	111	-

Os dados constantes da Tabela 2 destacam-se pela freqüência de produções nas Reuniões Anuais da Sociedade Brasileira de Psicologia, embora só tendo sido localizados doze dos Anais, contabilizando-se as produções de onze Reuniões, sendo que, em uma delas, não foi localizada produção. A média de trabalhos por Reunião foi de 6,6%. No período focalizado, participaram dessas reuniões 19 autores com apresentação de 73 trabalhos. Destas produções, 38% (28) tiveram autoria única e 62% (45) dos trabalhos revelaram autoria múltipla, seja compartilhada com outro psicólogo ou com profissional de outra área.

As Reuniões Anuais da SBPC, das quais foram localizados 28 volumes dos Anais, revelaram apenas 38 trabalhos de psicólogos baianos, sendo que 47% deles tiveram autoria única. Verifica-se que a participação nessas Reuniões se restringiu a 12 psicólogos, sendo que um deles participou de 55% das comunicações apresentadas, seja na condição de autoria única ou coletiva.

Embora não sendo objetivo deste trabalho a análise da forma de apresentação das comunicações, levantou-se esse dado mediante inclusão do mesmo na ficha de análise documental. O Anexo D4 indica que as duas modalidades de apresentação mais frequentes foram: mesa redonda e painel, situando-se no mesmo patamar, com resultados percentuais de: 28% e 27%, respectivamente.

As demais modalidades estão representadas por percentuais que variam de 2% a 13%. Em alguns casos não foi possível identificar qual a forma utilizada na apresentação do trabalho, sendo então considerada como “não informada”. A nomenclatura adotada na designação dessas modalidades de apresentação foi a mesma que constava do próprio trabalho.

A seguir, apresenta-se na Tabela 3 a frequência das produções nas categorias teses e dissertações e suas respectivas áreas de estudo. A classificação da área foi mantida conforme constava do material analisado.

Ressalta-se que, embora tendo sido localizadas duas produções, uma dissertação de mestrado e uma tese de doutorado da psicóloga Nádia Rocha, essas produções não foram incluídas na análise, pois sua realização ocorreu em período anterior à formação da profissional em Psicologia.

Tab. 3 - PRODUÇÕES LEVANTADAS EM CATÁLOGOS DE TESES E DISSERTAÇÕES POR NÍVEL DA PÓS-GRADUAÇÃO E ÁREA DE ESTUDO (1973-2002)

Área de estudo	Nível da pós-graduação		Número de Produções	Percentual por área
	Mestrado	Doutorado		
Administração	05	-	05	9,0
Ciências	-	01	01	1,8
Comunicação	-	01	01	1,8
Educação	20	02	22	39,2
Psicologia	01	02	03	5,3
Psicologia clínica	01	-	01	1,8
Psic. Experimental	01	02	03	5,3
Saúde Comunitária	12	02	14	25,0
Sociologia	05	-	05	9,0
Teoria Psicanalítica	01	-	01	1,8
<b>Total</b>	<b>46</b>	<b>10</b>	<b>56</b>	<b>100</b>

Das 56 teses e dissertações localizadas, 10 foram produzidas em instituições universitárias fora do estado da Bahia, sendo: duas em Brasília; uma no Rio de Janeiro; uma no Rio Grande do Sul e seis em São Paulo. Dentre as 10 teses de doutorado, apenas 4 foram desenvolvidas na Universidade Federal da Bahia, sendo 2 na Faculdade de Educação e 2 no Instituto de Saúde Coletiva.

São exemplos de estudos apresentados a instituições fora do estado da Bahia, as teses de: CARVALHO, Anamélia A. de: “Planejamento de condições ambientais para produzir mudanças de comportamento” (1979); CARVALHO, Mercedes Cunha C. de: “Análise das condições para implantação e desenvolvimento de programas com populações de baixa renda por instituições presentes na comunidade – Relato de experiência de trabalho do psicólogo” (1985) e CHAVES, Antonio Marcos: “Crianças abandonadas ou desprotegidas?” (1998).



Dentre as teses e dissertações identificadas neste levantamento, verifica-se a preferência dos psicólogos pela área de Educação (39,2%). Nessa área, apenas um dentre os vinte e dois trabalhos foi realizado em outro estado. Ressalta-se que o Mestrado em Educação cuja criação data de 1971, constituiu-se durante muito tempo uma das poucas possibilidades de pós-graduação, nesse nível, em Salvador.

Um dos trabalhos situados no Mestrado em Educação é a dissertação de SAMPAIO, Sônia Maria R.: “A contradição dentro da sala de aula: um estudo exploratório sobre a transmissão de ideologia” (1981).

A área de Saúde Comunitária contém 25% das escolhas. Nessa classificação incluem-se os estudos identificados por: Saúde Comunitária ou Saúde Coletiva. O Mestrado nessa área foi criado em 1974 e o doutorado em 1989.

Exemplificam pesquisas nesse campo as teses de FERNANDES, Sônia Regina P.: “Tecnologia informática e saúde psíquica: estudo da associação entre dimensões psicossociais do trabalho e sintomas psicológicos em duas empresas” (1997) e de FRANCO, Anamélia Lins e Silva: “A relação médico-paciente no contexto do Programa de Saúde da Família: um estudo observacional em três municípios baianos” (2002).

Os campos da Administração e da Sociologia despontam com 9% das produções, cada uma, enquanto em Teoria Psicanalítica só foi possível obter 1,8% de trabalhos, uma vez que as demais dissertações não se encontravam disponíveis na biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - UFBA. Admite-se, pois, a falta dos dados relativos a esse campo, embora sabendo que o mestrado em Teoria Psicanalítica acolheu treze psicólogos baianos.

Exemplificam trabalhos apresentados junto ao Mestrado em Administração as dissertações de CARVALHO, Bárbara Cristina T. de: “Terceirização e comprometimento no trabalho: um estudo de caso na Coelba” (2000) e de BRITO, Ana Paula Moreno Pinho: “Comprometimento organizacional sob a ótica dos gestores de uma organização petroquímica” (2001).

Ilustrando o campo da Sociologia encontram-se as dissertações de BAHIA, Sônia: “Os caminhos e descaminhos do trabalho: impasses e rupturas na construção de um modelo de gestão” (1999) e de ALBUQUERQUE, Carlos Francisco L.: “Escola de bravos: cotidiano e currículo numa academia de polícia militar” (1999).

As dissertações e teses que focalizaram a Psicologia como campo de estudo, todas produzidas em outros estados, totalizam um percentual de 12,4% das preferências. Por outro lado, os campos denominados Ciências e Comunicação, cada qual com uma produção em nível de doutorado realizado fora da Bahia, representam, cada um, 1,8% das produções.

A seguir, apresenta-se nas Tabelas 4 e 5 o número de artigos localizados por periódico, sendo possível, ainda, ter-se uma idéia da quantidade de volumes consultados durante o levantamento.

Tab. 4 - PRODUÇÕES LEVANTADAS EM PERIÓDICOS LOCAIS (1973-2002)

Periódico	Volumes Editados	Volumes localizados	Perc. Localiz.	Produções da Bahia
Interfaces	02	02	100	02
Organizações e Sociedade	24	23	96	07
Ver. Filo e Ciências Humanas	03	03	100	-
Total	29	28	96	09

Das revistas citadas na Tabela 4, acima, apenas uma – Organizações e Sociedade – continua em circulação. Verifica-se que a veiculação de trabalhos nessa revista está relacionada à inclusão dos autores, docentes ou alunos de pós-graduação, no Programa de Pós-graduação da Faculdade de Administração da Universidade Federal da Bahia, não tendo sido localizados trabalhos de psicólogos fora desse critério de inclusão, apesar da proposta da revista sugerir oportunidade de veiculação de artigos de outros interessados.

São exemplos de produções veiculadas nessa revista os trabalhos de BASTOS, Antonio Virgílio: “Organização e cognição: explorando um olhar da Psicologia sobre os processos organizacionais” (1999); BASTOS, Antonio Virgílio e LIRA, Sidney B.: “Comprometimento no trabalho: um estudo de caso em uma instituição de serviços” (1997) e FERNANDES, Sônia Regina P.: “Transformação no mundo do trabalho e a saúde psíquica: a ótica do estresse ocupacional” (1999).

A Revista de Psicologia Interfaces deixou de circular em 1999. Nela foram localizados apenas os trabalhos de BASTOS, Ana Cecília e ALMEIDA FILHO, Milton: “Eventos disruptivos, modos de partilhar e trajetórias de desenvolvimento no contexto de famílias vivendo em pobreza” (1999) e CHAVES, Antonio Marcos: “Famílias de meninos pobres abrigados na Casa Pia e Colégio dos Órfãos de São Joaquim” (1825-1992).

Por outro lado, não foram identificados estudos de psicólogos na Revista de Filosofia e Ciências Humanas. O último número da referida revista localizado neste levantamento data de setembro de 1992.

No que diz respeito aos periódicos nacionais, ressalta-se que a criação de vários dos que foram aqui contemplados ocorreu ao longo do período estudado. Desse modo, até 1978 só existiam três desses veículos em circulação. Em 1979 foi criada a Revista Psicologia, Ciência e Profissão, em 1983 surgiu a Psico USF que circulou por pouco tempo, reaparecendo em 1996. Na década de 90 surgiram seis dentre os quatorze periódicos considerados como fontes neste estudo.

Ressalta-se, além do reduzido número desses veículos, a falta de regularidade na publicação de alguns deles, o que restringe ainda mais as possibilidades de divulgação de trabalhos de pesquisa assim como o levantamento das produções existentes.

Na Tabela 5 verifica-se a participação dos psicólogos baianos através dos artigos divulgados em periódicos nacionais da área de Psicologia.

Tab. 5 - PRODUÇÕES LEVANTADAS EM PERIÓDICOS NACIONAIS  
(1973-2002)

Periódico	Volumes Editados	Volumes Localizados	Perc Local.	Produções da Bahia
Arquivos Brás. de Psicologia	120	94	78	02
Boletim de Psicologia	51	51	100	-
Estudos de Psicologia (PUCCAMP)	50	48	96	03
Estudos de Psicologia (Natal)	14	12	86	02
Psicologia, Ciência e Profissão	67	60	89	07
Psicologia em Estudo	14	13	93	02
Psic. Escolar e Educacional	16	11	69	01
Psico PUC / RS	50	42	84	04
Psicologia, Reflexão e Crítica	35	27	77	06
Psicologia, Teoria e Pesquisa	54	46	85	08
Psico USF	14	13	93	01
Psicologia USP	26	21	81	01
Temas em Psicologia	24	11	46	02
Rev. Bras. Crescimento e Des. Humano	24	24	100	05
<b>Total</b>	<b>559</b>	<b>473</b>	<b>85</b>	<b>44</b>

Algumas considerações podem ser feitas quanto aos dados expostos na Tabela 5. A primeira delas refere-se à quantidade de periódicos consultados (14) e os volumes encontrados (473 dos 559 previstos), o que representa um percentual de 85% de material consultado. Considera-se um volume bastante alto, embora o número de produções localizadas não corresponda no mesmo nível. Uma outra consideração diz respeito à distribuição da quantidade de produções, quase que uniforme, entre os diversos veículos de divulgação, excetuando-se quatro deles.

A maior frequência de artigos aparece no periódico: *Psicologia, Teoria e Pesquisa* com 18% das produções, seguindo-se a revista *Psicologia Ciência e Profissão* com 16% e *Psicologia Reflexão e Crítica* que evidenciou 14% do total de artigos.

Um exame mais minucioso do resultado apresentado na *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano* (11%), ocupando o quarto lugar na preferência dos meios de divulgação na categoria periódicos, indica que a produção dos psicólogos baianos para essa revista é recente, pois 80% dos artigos são datados a partir do ano 2000, embora a revista circule desde 1991.

O *Boletim de Psicologia*, um empreendimento da Sociedade de Psicologia de São Paulo, apesar de sua existência desde 1949 e de se propor à publicação de trabalhos de interesse da Psicologia em geral, não registrou produções de psicólogos da Bahia nesses trinta anos. Um trabalho de análise da natureza das produções que, em geral, são veiculadas nesse periódico talvez ajude a compreender a presente situação.

Constituem exemplos de produções divulgadas em periódicos nacionais, mais precisamente no periódico *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, os artigos de BASTOS, Ana Cecília e ALMEIDA FILHO, Naomar: “Determinação social da saúde mental infantil: revisão da literatura epidemiológica” (1988); BASTOS, Antonio Virgílio: “Mudanças tecnológicas, cultura e indivíduo nas organizações: o desafio de construir sistemas de trabalho de alto desempenho” (1997) e LORDELO, Eulina da Rocha: “Efeitos da experiência de creche no desenvolvimento da criança: uma revisão” (1997).

A seguir, na Tabela 6, registra-se a frequência dos livros, capítulos de livros e verbetes localizados, caracterizando-os por tipo de autoria.

Tab. 6 - LIVROS, CAPÍTULOS DE LIVROS E VERBETES IDENTIFICADOS (1973-2002)

Categoria	Autoria única	Autoria múltipla	Organizador	Produções da Bahia	Perc. categoria
Livro	06	04	03	13	28,3
Capítulo de livro	13	12	-	25	54,3
Verbetes	07	01	-	08	17,4
Total	26	17	03	46	100

A Tabela 6 expressa um volume de 46 participações na categoria livro, sendo que 56,5% tiveram autoria única. Por outro lado, o percentual de livros em que o psicólogo aparece como organizador é de 6,5%. Os livros completos representam 28,3% do total de produções; os capítulos de livro representam 54,3%, enquanto os verbetes, que tratam de biografias de pioneiros, despontam com 17,4%. A produção baiana na categoria livro, incluindo capítulo de livro e verbete é bastante tímida. Entretanto, sobre esses resultados é importante registrar que o rastreamento de livros talvez não tenha cumprido sua finalidade devido às limitações já consideradas na descrição metodológica deste trabalho. Um levantamento mais eficaz envolveria o critério de inclusão e abrangência de outras fontes, além de um tempo maior para a investigação, o que não foi possível efetivar.

Na categoria ora analisada, representam exemplos de produções de autoria única os livros de SOARES, Antonio Rodrigues: “Tipologias e personalidade” (1973) e de GUIMARÃES, Jorge Lessa: “Mandar é fácil.. Difícil é liderar; o desafio do comando na nova economia” (2001). A autoria múltipla identificada na categoria livro pode ser constatada em: LORDELO, Eulina da Rocha, SILVA, Ana Maria Almeida C. e KOLLER, Sílvia: “Infância brasileira e contextos de desenvolvimento” (2002).

Constituem exemplos de capítulos de livros, os trabalhos de BASTOS, Antonio Virgílio: “A Psicologia no contexto das organizações: tendências inovadoras no espaço de atuação do psicólogo”. Em: Psicólogo brasileiro: construção de novos espaços. Ed. Átomo,

1992 e CHAVES, Antonio Marcos: “A vida e o viver em um internato: o ponto de vista de meninos residentes”. Em: *Infância brasileira: contextos de desenvolvimento*. Ed. Casa do psicólogo e EDUFBA, 2002.

Exemplificam os verbetes, as produções de SANTOS, Romélia: “Alice de Oliveira Costa” (2001); ROCHA, Nádia Maria D.: “Cidália Dias Mendez” (2001) e CARVALHO, Mercedes Cunha C. de: “João Ignácio de Mendonça” (2001).

## 2.2. Distribuição das produções conforme as categorias estudadas

Nesta parte do relatório apresenta-se as respostas às questões colocadas no início desta investigação. Os elementos obtidos possibilitam a elaboração de um quadro representativo da situação atual da produção em Psicologia na Bahia. Inicialmente, a tabela 7 mostra a frequência e o percentual das quatro categorias de produção.

Tab. 7 - PRODUÇÕES POR CATEGORIA (1973-2002)

Categoria	Quantidade	Percentual
Comunicações em congressos	419	73
Teses e dissertações	56	10
Artigos	53	09
Livros / cap. Livros	46	08
Total	574	100

O exame dos dados constantes da Tabela 7 mostra que o maior volume de produções surge através das comunicações em Congressos (73%). Esse dado expressa a preferência dos pesquisadores baianos por essa forma de divulgação de seus trabalhos, talvez por ser a de mais fácil acesso. Por meio dos congressos é possível divulgar seu produto,

mesmo que este ainda esteja inacabado, o que favorece o compartilhamento com outros pesquisadores, em tempo hábil, de assuntos que considerem novidade.

O percentual registrado na categoria de teses e dissertações é equivalente ao de trabalhos na categoria artigos (10% e 9%, respectivamente). Por outro lado, o percentual de livros e capítulos de livros é justificado pelo fato de ser esta categoria a que exige maior esforço de elaboração por parte do pesquisador do que uma comunicação ou artigo.

### 2.3. Distribuição percentual das produções por período

Conforme pode ser observado na figura 1, abaixo, os períodos estudados foram divididos em blocos de cinco anos, sendo indicado em cada período o percentual de trabalhos identificados.

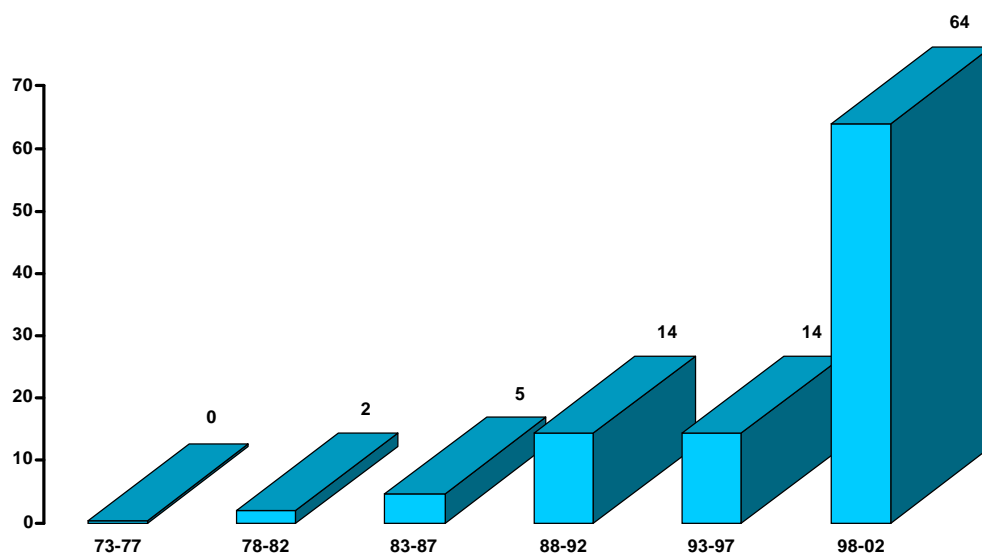


Figura 1 - Distribuição percentual das produções por período

A Figura 1 mostra o perfil geral da produção identificada. Considerando-se o total dos 574 trabalhos ao longo dos trinta anos, obtém-se uma média anual de 19 produções. Constata-se que essa produção apresentou um crescimento paulatino nos primeiros períodos,



tendo dado um salto no último período. Para entender melhor a evolução dessa produção, pode-se recorrer ao Anexo D3, onde se registra a produção média anual em cada período.

Observa-se, tanto na figura acima, quanto no anexo citado uma produção com médias muito baixas (0,4; 2,4 e 5,4 respectivamente) nos três primeiros períodos, correspondentes aos primeiros quinze anos do estudo. A frequência de trabalhos durante todo esse tempo foi de 41 produções, com média de 2,7 trabalhos por ano. Ressalta-se que, ao final desses primeiros quinze anos, 808 psicólogos já haviam concluído a graduação na UFBA.

No quarto e quinto períodos (1988-1992 e 1993-1997) a média anual de produções (17,4 e 16, respectivamente) expressa um avanço considerável em relação aos períodos anteriores, embora ainda seja uma produção irrisória, considerando-se o número de psicólogos (1.445) existentes na sociedade até aquele momento (1997). Identifica-se um total de 167 produções nesses dois períodos e a média anual de trabalhos, que anteriormente era de 2,7, passa para 16,7. A soma das produções nesses primeiros vinte e cinco anos é de 208.

No último período (1998-2002) registra-se um total de 366 trabalhos, suplantando todos os índices anteriores. A produção desse período representa 64% em relação ao total levantado nesta investigação, com média de 73,2 produções por ano. Esse resultado sugere o efeito dos dois congressos Norte-Nordeste de Psicologia (1999 e 2001) e do congresso da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar (2001), ocorridos em Salvador. Assinala-se que esses três eventos foram responsáveis por 44% (160) das produções desse último período.

Em 2001 ocorreram também, em Salvador, a Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, onde foram apresentados nove trabalhos de psicólogos baianos, além do II Congresso Internacional do Colégio de Psicanálise da Bahia e a XIII Jornada do Círculo Psicanalítico da Bahia, sendo que os dois últimos somaram oito produções.

Vale ressaltar, ainda, que nesse mesmo período foram instalados nesta cidade quatro cursos de Psicologia em instituições particulares que promoveram, sem dúvida, um movimento de reorganização no âmbito acadêmico pela acolhida de professores com titulação em nível de mestrado e doutorado, alguns provenientes de outros estados brasileiros. Esse movimento proporcionado pelos novos cursos pode ter influenciado na efetiva participação

desta categoria em atividades científicas, atendendo demanda de maior qualificação profissional. O Anexo D3 informa as produções por ano, indicando o somatório por período, bem como a média de cada período.

O desenho expresso na figura 1 é condizente com o identificado em estudo dessa natureza (Barreto, 2003), em que o último período (1997-2000) registra o maior volume de produções (60%) em relação aos períodos anteriores. No referido estudo, a autora verificou que 52% dos informantes possuíam curso de pós-graduação e destes, 68% haviam concluído o curso no período citado, o que sugere a correlação entre pesquisa e pós-graduação.

Um total de duzentos e um autores participou das 574 publicações em análise, resultando uma média de menos de três produções por autor. Dentre os que produziram, 39% (79) assinaram mais de um trabalho, enquanto 61% (122) divulgaram seus estudos somente uma vez. Por outro lado, os estudos de autoria única somam 54% (309), verificando-se que a maioria dos psicólogos baianos opta, em suas investigações, pelo trabalho individual.

Considerando os trabalhos realizados em parceria (265) constata-se que esta envolve, em geral, psicólogo e estudantes ou psicólogo e profissionais de outras áreas, sendo mais rara a ocorrência de parceria entre psicólogos. Nesse último caso, o percentual observado foi de 26%.

Embora estatisticamente possa parecer insignificante a diferença entre a autoria única (54%) e a autoria múltipla (46%), esses dados podem indicar o nível de intercomunicação entre os pares. Servem, ainda, de base para delinear outros estudos que contemplem a natureza e o significado dos trabalhos em equipe.

## 2.4. Pesquisas acadêmicas e pesquisas não acadêmicas

A seguir, apresenta-se o resultado indicativo da produção acadêmica, realizada por alunos e por docentes e a produção não acadêmica, efetuada pelos demais psicólogos.

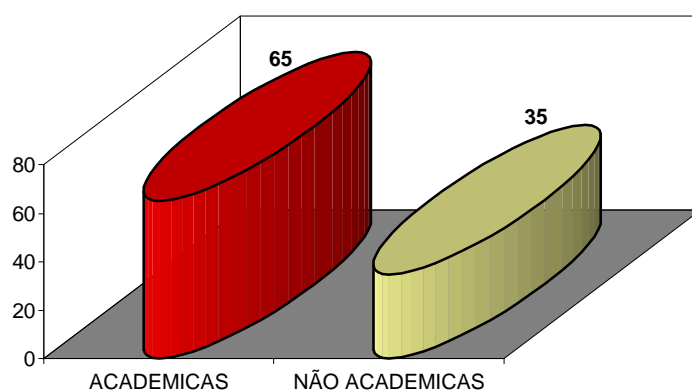


Figura 2 – Distribuição percentual das pesquisas acadêmicas e não acadêmicas

Conforme expresso na Figura 2, o maior percentual das pesquisas realizadas por psicólogos baianos ocorre na esfera acadêmica (65%), sendo que os docentes participam com 50% (288 estudos) desse percentual. Esse resultado confirma a expectativa revelada através da literatura de que a universidade é responsável pela geração do saber. Por outro lado, os estudos realizados fora do âmbito acadêmico representam 35% em relação às produções levantadas nesta investigação, mostrando o nível de participação da categoria “profissional” nesse tipo de atividade.

Em trabalho anterior desta autora (Barreto, 2003), a categoria “profissional” apresentou um número maior de produções (46%) quando comparada com a categoria “aluno” (26%) e com a categoria “docente” (28%). Entretanto, somando-se os percentuais obtidos nas duas últimas categorias, observa-se que o resultado indicativo da produção

acadêmica é, como no estudo atual, superior à produção não acadêmica, indicando compatibilidade, em relação a esse aspecto, entre um estudo e outro.

Embora não se tenha discriminado os trabalhos produzidos por docentes vinculados ao ensino público e os realizados por docentes das instituições particulares, admite-se que o primeiro grupo apresenta um volume maior de produções, o que é compreensível, a julgar pela recente instalação dos cursos de Psicologia nas faculdades particulares de Salvador. A conclusão a que se chega é de que a produção acadêmica ocorre, sobretudo, na esfera do ensino público.

Com efeito, à universidade cabe o papel de destaque no que se refere ao domínio do saber, à sua produção e à preparação da comunidade de estudantes. Mas um preparo adequado do futuro profissional para estudar cientificamente sua realidade ultrapassa os limites da formação para atuar no mercado de trabalho. Vai além de uma simples instrumentalização para o trabalho técnico de pesquisar enquanto aluno ou de uma aproximação da carreira acadêmica.

Como nem todos serão “pesquisadores” ou “professores”, mas nem por isso deixarão de ser profissionais, uma ênfase na aprendizagem dos elementos básicos que favoreçam a operacionalização das pesquisas é necessário. Nessa preparação, a formulação de problemas de pesquisa a partir do cotidiano do estudante, a realização de trabalhos fora da sala de aula e a liberdade de inventar que é concedida podem ser úteis para a incorporação de uma atitude científica que sustentaria o interesse pela pesquisa, mesmo fora da academia.

Esse profissional preparado para atuar em um ou vários campos de sua atividade profissional será capaz também de organizar as ações do seu trabalho cotidiano de maneira a produzir um conhecimento novo, constatando que o resultado obtido pode significar um avanço em relação ao que era antes conhecido (Luna, 1989). Nessa perspectiva, ele pode lançar mão da pesquisa no seu próprio trabalho, buscando subsídios para suas ações profissionais, não necessariamente acadêmicas.

## **2.5. Temas pesquisados**

### **2.5.1. Categorias temáticas empregadas na classificação dos estudos**

Conforme indicado no capítulo V, item 6, relativo à Metodologia utilizada para categorização dos temas pesquisados, recorreu-se às categorias levantadas a partir da análise do material de estudo. Quando em um mesmo trabalho emergiu mais de um tema, para fins de descrição, associou-se ao estudo apenas uma categoria, decidindo-se por aquela que se revelasse mais representativa do trabalho. Na primeira etapa do levantamento dos temas obteve-se, nas 574 produções, um total de 157 temas pesquisados. Na segunda etapa, efetuou-se o agrupamento desses temas, obtendo-se 12 categorias principais e 88 subcategorias, constituindo 96% do total de trabalhos. Os demais estudos foram categorizados em Outros temas.

A tabela 8 (Anexo B) relaciona os temas pesquisados, sendo possível identificar sua vinculação às categorias principais. Por se tratar de uma lista extensa, optou-se por apresentá-la em separado. O critério de subdivisão adotado é meramente didático, não havendo a pretensão de restringir a análise dos temas a categorias exclusivas. Na tabela 8, assim como na seção seguinte, será apontada a frequência de cada tema em relação à categoria a que está vinculado.

### **2.5.2 Temas mais focalizados nos estudos baianos**

Na categoria Processos de Desenvolvimento verifica-se que o tema mais pesquisado é Infância (34%), seguindo-se Desenvolvimento psicossocial (23%) que engloba aspectos como: relação mãe-criança, interação entre crianças, formação do eu, personalidade, subjetividade, dentre outros. O tema Contexto de desenvolvimento surge em 16% dos trabalhos e focaliza condições ambientais familiares, internato e creche, sendo este último o que mais aparece nesta subcategoria.

Analisando apenas os temas infância, adolescência e idade adulta, nota-se uma prevalência dos estudos nas faixas de idade menores, sendo raros os trabalhos que abordam idades mais avançadas. Esse dado foi também verificado por Barreto (2003) em trabalho

anterior, em que observou a preferência dos psicólogos baianos pelo tema Infância / adolescência que reuniu 22% dos trabalhos em relação a todos os temas pesquisados.

A escolha dos temas que estão inclusos na categoria Processos de Desenvolvimento indica que os pesquisadores baianos mostram-se atentos ao novo foco de investigação nesse campo, que revela a preocupação em integrar o estudo do intrapsíquico com o interpessoal, direcionando a abordagem para o estudo do indivíduo no seu cotidiano. Nessa perspectiva, ressalta-se os aspectos socioculturais da vida do sujeito, o que pode ser constatado, sobretudo, nos temas: Desenvolvimento psicossocial e Contexto de desenvolvimento, o último referindo-se não apenas à ambiência em termos meramente físicos, mas principalmente como espaço de relações sociais, econômicas, culturais.

Essa forma de abordagem que integra os aspectos intra e interpessoal é condizente com a perspectiva observada por Roazzi e col (2003, p. 63), para os quais, na última década, o desenvolvimento tem sido analisado como “fenômeno contextual e fundamentado ecologicamente”.

Em relação aos Transtornos Psicológicos, observa-se que mais da metade (52%) dos trabalhos está contida na subcategoria Toxicomania, revelando o nível de preocupação e atualidade dos autores em relação ao tema. A Toxicomania, tema que fornece poucos dados em termos de pesquisas no Brasil, segundo Cordeiro e col (1987), foi tratada em oito estudos de psicólogos baianos, sendo a maior frequência relacionada ao estudo do alcoolismo.

Os Processos Interpessoais e Grupais apontam a preferência dos autores pelos temas Relações familiares (43%) e Interação e habilidades sociais (37%). Estando entre os dezenove temas mais pesquisados, concebe-se essa escolha como resultado das relações vividas atualmente tanto na família como na sociedade, o que possivelmente originou a preocupação desses autores. Um estudo mais aprofundado sobre esta questão tornaria evidente que as relações interpessoais, como qualquer outro fenômeno humano, aparecem intimamente ligadas à situação concreta de uma época, assumindo características distintas em diferentes grupos sociais. Na atualidade, supõe-se que essas relações seriam influenciadas por padrões de comunicação e valores do mundo eletrônico. Considerando tal contexto, infere-se acerca da possibilidade de que os psicólogos baianos estariam atentos a essas circunstâncias e

inclinados ao estudo dos referidos temas, o que requer, entretanto, uma análise mais minuciosa.

Na categoria Processos Sociais e Culturais destacam-se as subcategorias: Representação social (32%) e Violência (30%). Tanto um tema quanto o outro são focalizados em relação a contextos urbanos, familiares e escolares. A Representação social surge, ainda, em estudos vinculados às áreas da Saúde bem como Organizacional. A identificação desses temas como objeto de pesquisa dos psicólogos mostra, em relação à Representação social, o interesse por um instrumento valioso no diagnóstico psicossocial e na intervenção em diversas situações da prática profissional.

Em relação à Violência, sugere a preocupação que os autores teriam com um tema recorrente nos meios de comunicação, onde é apresentada atualmente como uma epidemia. Na escola, nas ruas ou dentro de casa, a violência passou a ser considerada tema obrigatório de discussão de toda a sociedade, sendo esperado que a categoria de psicólogos também esteja inserida nesse debate. O interesse por esse tema é dominante nos estudos relativos à área da Psicologia da Saúde (Bucher, 2003) e Psicologia Social (Sarriera e col, 2003), o que reflete a compatibilidade entre os achados neste trabalho e os dos autores acima referidos.

A categoria Processos Organizacionais contempla uma variedade de temas, entretanto, o tema Comprometimento foi o único predominante, com percentual de 42%. Temas como: Cognição e processos organizacionais (8%); Desenvolvimento organizacional (6%); Cultura organizacional (6%); Mudanças organizacionais (6%); Processo e tecnologia de trabalho (4%); Gestão de pessoas (4%); Carreiras (4%); Avaliação nas organizações (4%); Análise de cargos (2%) e outros foram abordados em poucos estudos.

Comparando esses resultados com os achados de Bastos (1988a) foi observada concordância em relação aos temas que retratam a formação do psicólogo organizacional bem como o seu desempenho profissional. Outros aspectos observados naquele estudo, como clima e satisfação, organização do trabalho, poder e participação não foram encontrados na presente investigação.

Por outro lado, no que se refere ao levantamento realizado por Bastos (1997), citado por Bastos (2003), observou-se uma aproximação do presente estudo em relação aos

resultados encontrados pelo citado autor nos temas: Cultura Organizacional, Impactos de novas tecnologias e Comprometimento no trabalho. Ressalta-se que os estudos citados não avaliaram a produção baiana especificamente, de modo que as comparações elaboradas aqui devem ser tomadas com precaução.

Dentre os temas mais focalizados em Processos Educacionais situa-se Ensino-aprendizagem com 38%, fazendo-se, nesse âmbito, referências às dificuldades de aprendizagem e à aprendizagem via computador. O tema relativo ao Processo de educação foi assinalado em 18% dos trabalhos e faz referência a repertório básico para a escrita, à atividade docente, à educação especial, relação entre o professor e o aluno, dentre outros, enquanto Planejamento e método pedagógico surge em 16% dos estudos. Outros temas como: Formação de professores, Avaliação do desempenho escolar, Aprendizagem em grupo também foram objeto de estudo, porém em menor escala.

Os dados referentes a Processos educacionais, identificados na presente investigação são condizentes, em parte, com o estudo efetuado por Witter, C. e Yukimitsu (1996), onde as autoras observaram que, em Psicologia escolar, os temas referentes ao professor eram relativos à formação destes, à atuação, interação com o aluno, metodologia e didática. Por outro lado, as autoras identificaram também a predominância dos temas: Ensino-aprendizagem, integração universidade-comunidade, distúrbios da aprendizagem, instrumentos de avaliação, prática pedagógica e adaptação escolar.

Os resultados indicam, ainda, compatibilidade com os achados de Campos, K. e Witter, G. (1999), nos quais as autoras observaram a ocorrência do tema Ensino-aprendizagem em 39% dos registros obtidos na análise efetuada no periódico Paradigma, publicado na Venezuela.

Em relação à categoria Formação Profissional, identifica-se a predominância de trabalhos que focalizam aspectos da Formação em nível da graduação (36%). Outros estudos avaliam aspectos relativos ao Currículo (16%), à Escolha da profissão (16%) e aos Estágios (13%). A Qualificação profissional e a Ética são temas menos frequentes, verificando-se o percentual de 8% para cada um deles.



O Exercício Profissional constitui, no âmbito das categorias principais, a segunda mais focalizada. Os temas referidos nos estudos são: Prática profissional (50%), Relação profissional-cliente (19%), Papel profissional (15%) e Interfaces (14%).

Ressalta-se que os temas inclusos na categoria Exercício Profissional não são exclusivos de determinada área de atuação, tendo-se observado que os mesmos são focalizados sob óticas diferentes, conforme os autores os situem em uma ou outra área de estudo. Assinala-se ainda que, tanto a formação quanto o exercício profissional são assuntos relacionados, tendo sido tratados dessa forma em grande parte dos trabalhos.

Por outro lado, a legislação vigente na Psicologia permite que o psicólogo atue em qualquer área, independentemente da ênfase de sua formação. Esse fato muitas vezes provoca insatisfações por conduzir psicólogos motivados por determinada área a atuar em outro campo, em consequência das oportunidades de trabalho que surgem, ou até mesmo, pela falta dessas.

Comparando os dados deste levantamento com o estudo realizado por Witter, G. e col (1992) no que tange ao discurso dos psicólogos sobre formação e exercício profissional, observa-se que, tanto em um estudo quanto em outro, existe predominância de produções que analisam a prática profissional mais do que a formação. A mesma tendência foi observada por Oliveira (1992), citado por Witter, G. e col (1992).

Na categoria Saúde e Prevenção destacam-se os temas: Saúde mental e Saúde da família, cada um sendo focalizado em 20% dos trabalhos inclusos nesta categoria. Os dados apontam, ainda, para o interesse dos autores por assuntos relativos à Saúde ocupacional (17%) e aos Distúrbios psicossomáticos e oncológicos (16%), além de outros.

A Saúde ocupacional também apareceu como tema predominante das áreas de Psicologia e Administração no estudo realizado por Borges-Andrade e col (1997), citado por Bastos (2003), onde 22 dos 54 trabalhos faziam referência a esse tema.

Pela análise dos temas inseridos na categoria acima, verifica-se que os mesmos revelam a preocupação de seus autores não só com o objetivo de tratamento de doenças, mas

também com a prevenção. Os temas Saúde e desenvolvimento humano, Qualidade de vida, Saúde Ocupacional, dentre outros, indicam essa preocupação.

Os Métodos e Técnicas são focalizados através dos temas: Processo terapêutico que desponta com o maior percentual dos estudos (38%); Avaliação psicológica (26%) e Metodologia de pesquisa (17%). O tema Processo terapêutico situa-se na área de concentração da Psicologia Clínica, enquanto os dois últimos situam-se, respectivamente, em Técnicas do Exame Psicológico e Metodologia da Pesquisa e Instrumentação.

O interesse predominante em abordar o processo terapêutico fortalece duas tendências observadas neste estudo: a centralização dos trabalhos na área da Psicologia clínica e a preocupação com a prática profissional.

Nos estudos analisados, relativos à categoria Abordagens de intervenção e Sistemas em Psicologia, predomina a abordagem psicanalítica que é ressaltada em 41% dos trabalhos, estando inserida nos estudos da área clínica. A seguir surgem os temas Psicometria (25%) e Psicodrama (19%), ambos retratando aspectos relacionados à clínica e à escola. Os demais temas inclusos nessa categoria carecem de maior atenção dos pesquisadores baianos, devido aos baixos percentuais observados.

Por fim, a categoria História da Psicologia reúne pesquisas focalizando a expressão de estudiosos acerca do desenvolvimento da Psicologia no contexto baiano, desde os seus primeiros passos, incluindo biografias de pioneiros nesse campo. O objetivo desses trabalhos é de reconstrução da historiografia da Psicologia, assim como o são os demais estudos nessa mesma linha realizados por outros autores brasileiros. Os trabalhos contidos nesta categoria representam 5% em relação ao total dos estudos levantados, sendo que 37% dos mesmos são estudos biográficos.

O registro de Outros temas indica o nível de dispersão dos estudos analisados, uma vez que aí foram aglutinados todos os demais assuntos que não se enquadravam nas categorias eleitas e cuja frequência não justificava a criação de outras categorias. Esses temas representam 4% do total de trabalhos levantados.

Analisando os temas de um modo geral, não mais por categoria, verifica-se que os mais pesquisados, com frequência acima de 10, constituem 56% do total de estudos. Na ordem decrescente de frequência, os mais focalizados foram: Comprometimento no trabalho (30); Prática profissional (29); História da Psicologia (27); Infância (25); Desenvolvimento psicossocial (17); Representação social (17); Violência (16); Processo terapêutico (16); Ensino-aprendizagem (15); Saúde da família (15); Saúde mental (15); Relações familiares (13); Formação (13); Saúde ocupacional (13); Psicanálise (13); Contexto de desenvolvimento (12); Interação e habilidades sociais (11); Relação profissional-cliente (11); Avaliação psicológica (11).

O resultado observado confirma a hipótese aventada no início desta pesquisa de que haveria um amplo espectro de temas pesquisados, a julgar pela diversidade de áreas de atuação dos psicólogos. Essa dispersão pode sinalizar ausência de programas de formação que orientem linhas de estudo.

Apesar dessa variedade, no entanto, foram omitidos temas que caracterizam movimentos em curso na sociedade de um modo geral. Percebe-se, por exemplo, a ausência de trabalhos voltados para a defesa ecológica e o planejamento ambiental, temática que já se tornou popular em outros meios. Faltam estudos sobre aspectos relacionados à circulação humana na cidade envolvendo o deslocamento das pessoas em espaços como o trânsito, áreas de lazer e outras.

Um tema em torno do qual não há consenso – a Psicologia on-line – também foi ignorado nos estudos de psicólogos baianos. Sabe-se que somente com pesquisas é possível avaliar a eficácia do atendimento mediado pelo computador.

Outro tema negligenciado foi o debate acerca das influências dos meios de comunicação de massa na vida das pessoas, e outro ainda mais distante dos interesses dos autores refere-se aos estudos acerca de determinados grupos. Não foram identificados estudos sobre adotados, presidiários, descasados, afrodescendentes, aidéticos, dentre outros.

Além disso, existem áreas como a gerontologia e a psicossomática, que são estudadas por outras categorias profissionais e que, no entanto, passaram quase despercebidas dos psicólogos baianos que produziram estudos nesses últimos trinta anos.

## 2.6 Áreas de concentração das pesquisas

A figura abaixo delinea o perfil da produção em Psicologia, por área de concentração dos estudos.

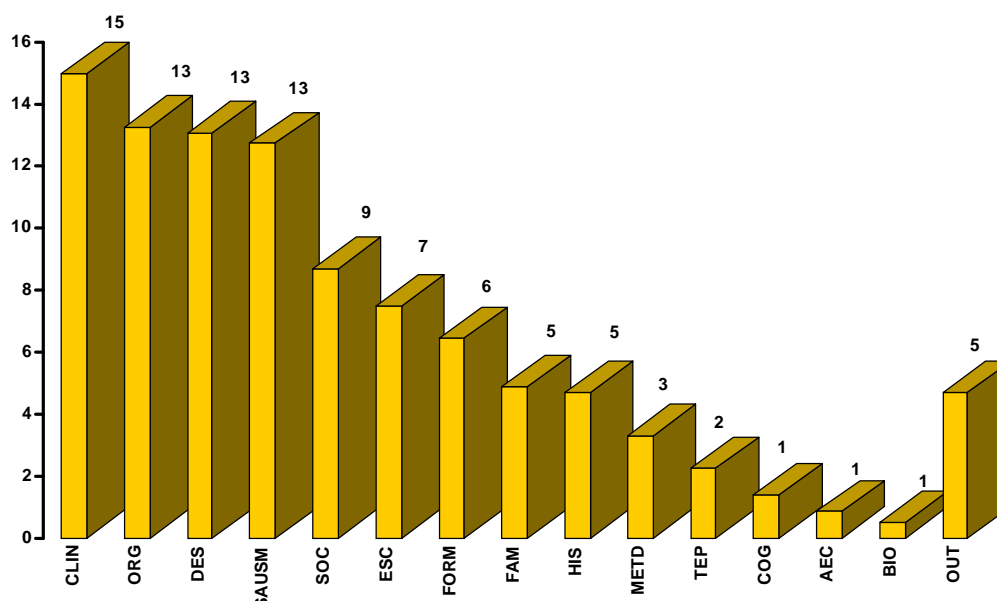


Figura 3 – Distribuição percentual das produções por área de concentração

A análise relativa às áreas de concentração dos estudos focalizados mostra uma maior centralização na área clínica que desponta como a favorita. Essa área engloba temas relativos aos processos de desenvolvimento, aos transtornos psicológicos, ao processo de psicoterapia, às relações entre o profissional e o cliente, dentre outros. Um fator a se considerar quanto à ênfase nessa área poderia vir em decorrência da atuação profissional do psicólogo na referida área.

Esse desenho é compatível com os dados observados na literatura (Cavalcante, 1984; Bastos, 1988b;) que retratam a predominância de atuação profissional em Psicologia Clínica. Embora esses dados sejam antigos, o perfil que ora se apresenta indica que os movimentos que por ventura estejam ocorrendo no campo profissional e na sociedade ainda

não foram suficientes para provocarem uma mudança nos rumos profissionais da categoria de psicólogos. Assim, os mesmos mantêm-se voltados para uma atuação clínica, ainda que os contextos sejam distintos, conforme salientam Bastos e Achcar (1994), modificando a clientela e o local, mas a atividade da clínica tradicional prevalece.

Essa concepção dos autores acima citados é corroborada por esta autora que, a partir de um levantamento realizado em 2001, através de questionário (Barreto, 2003), junto à comunidade de psicólogos de Salvador, verificou que o maior volume de produções informadas situavam-se na área clínica (33%), sendo ainda, predominantemente clínica a área de atuação dos informantes (33%).

Mas, apesar desse resultado relativo à área clínica, observa-se um movimento de aproximação de outros campos, havendo uma concentração de trabalhos também nas áreas de: Psicologia Organizacional, Psicologia do Desenvolvimento e Psicologia da Saúde que ocupam posições equivalentes, conforme observado nesta investigação.

Em relação à Psicologia Organizacional, na qual foram identificados 76 trabalhos, sua posição corresponde à citação de Bastos (1992) sobre estudos que apontam esta área como a segunda, depois da clínica, em termos de preferência para atuação dos psicólogos. Entretanto, embora haja diferença em termos da quantidade de estudos em cada uma das três áreas acima citadas, essa diferença diz respeito apenas à frequência dos trabalhos, sendo observado o mesmo percentual em todas elas (13%).

Os dados aqui obtidos indicam que a Psicologia Organizacional apresenta um potencial considerável para produzir conhecimento, comparada à grande maioria das áreas aqui consideradas, uma vez que se situa entre as que detêm maior volume de trabalhos. Entretanto, observa-se que o “boom” de produções dessa área é determinado pelo empenho de poucos pesquisadores. Só para exemplificar: 64% das produções identificadas nesse campo revelam a participação de um único autor.

Quanto à Psicologia do Desenvolvimento nota-se um direcionamento relativo à pesquisa sobre infância, o que pode estar ocorrendo em função da prática profissional de alguns pesquisadores junto às instituições educacionais, creches, faculdades ou hospitais e, nesses casos, os trabalhos apresentados seriam resultantes da sistematização da própria prática

cotidiana. O aparente desinteresse pela faixa dos adultos idosos chama à atenção, uma vez que esse grupo vem ganhando visibilidade nos meios de comunicação, seja pela participação crescente em atividades de educação e lazer, seja pelos movimentos em busca de melhoria para a aposentadoria. Além disso, o país não é formado apenas por jovens. Ressalta-se que, dentre as 75 produções identificadas, 51% foram realizadas por dois pesquisadores situados entre os cinco que apresentam maior volume de trabalhos, conforme identificado nesta investigação.

A área da Psicologia da Saúde, cuja função é “desenvolver um conjunto de conhecimentos científicos e de atividades no âmbito da promoção e da proteção da saúde, da prevenção e do tratamento das doenças”, conforme assinalado por Bucher (2003, p. 227), concentra 73 produções, estando nela incluídos os estudos relativos à Saúde mental, Saúde do trabalhador, Psicologia hospitalar, dentre outros. Três pesquisadores, entre os dez maiores produtores, contribuíram com 34% dos estudos desta área. O restante das contribuições foi proveniente do trabalho de diversos pesquisadores, mostrando que a preocupação com esse campo é compartilhada de forma ampla.

A seguir vem a Psicologia Social com 50 trabalhos, representando 9% do total de estudos. Como ocorre com as demais áreas analisadas, verifica-se que a elevação do percentual dessa área se deve aos trabalhos de poucos autores. Nesse caso específico, os dados relativos à produção individual indicam que um único pesquisador responde por 32% da produção dessa área. Por outro lado, outros 20% correspondem às produções de quatro psicólogos que se situam entre os dez maiores pesquisadores identificados neste trabalho. Assim, evidencia-se que 52% dos trabalhos em Psicologia Social foram realizados por cinco psicólogos, enquanto os 48% restantes distribuem-se entre os demais componentes do grupo.

Os temas relativos a trabalho infantil, drogas, violência, entre outros expressam o nível de interesse dos psicólogos por aspectos de cunho social, o que demonstra ser compatível com a opinião de Sarriera e col (2003) de que os estudos em Psicologia Social, a partir da década de 90, centram-se na análise dessa temática.

A Psicologia Escolar, por sua vez, considerada uma das áreas tradicionais da Psicologia, alcançou uma posição similar à Social, em termos percentuais de produção (8%). Entretanto, não se observa o predomínio de estudos por parte de determinados pesquisadores

a ponto de favorecer a elevação do índice de produções da área. Apenas 21% dos trabalhos foram realizados por psicólogos que se situam entre os doze com maior volume de produção. Esse dado sugere que a produção em Psicologia Escolar se apresenta distribuída no grupo como um todo, não se constituindo uma prática intensiva de determinados psicólogos como ocorre com a maior parte das áreas até então analisadas.

No que tange à área de Formação em Psicologia, foram localizados 37 estudos, o que indica 6% do total de estudos analisados. Destes, 54% foram produzidos por seis entre os doze psicólogos com maior quantidade de trabalhos, ressaltando-se que um deles realizou 30% desses estudos.

Quanto às áreas de Psicologia da Família e História da Psicologia apresentaram, respectivamente, 28 e 27 de trabalhos, tendo cada uma concentrado 5% dos estudos analisados. Ambas mostram um desenvolvimento mais recente a julgar pelos estudos aqui levantados: 88% dos estudos em Psicologia da Família foram efetuados entre 1998 e 2002, enquanto que 78% dos trabalhos em História da Psicologia ocorreram igualmente nesse mesmo período. Tanto uma área quanto a outra revelaram a participação de poucos psicólogos nos estudos analisados. A Psicologia da Família obteve 32% de trabalhos de um só autor, enquanto a História da Psicologia mostrou, em 55,5% dos trabalhos divulgados, a participação predominante de um só psicólogo.

As áreas de Metodologia de Pesquisa e Instrumentação e Técnicas de Exame Psicológico apresentaram 19 e 13 produções, respectivamente. Quanto à primeira, existe predominância de trabalhos de uma só pessoa (58%). Em relação à segunda, porém, os trabalhos aparecem distribuídos por todo o grupo.

As demais áreas: Psicologia Cognitiva; Análise Experimental do Comportamento; Psicobiologia e Neurociências; Ergonomia e Psicologia da Religião revelam resultados abaixo de dez produções, cada uma. No total, essas áreas obtiveram 20 trabalhos durante todo o período pesquisado.

Por outro lado, foram identificadas 27 produções classificadas na categoria “Outras áreas”, sendo que 20% dos trabalhos com essa classificação resultaram do julgamento

efetuado por três juízes, no aspecto da não concordância dos mesmos acerca da área de concentração de alguns dos trabalhos por eles analisados.

Ao analisar a natureza dos estudos realizados pode-se constatar que, na primeira década abrangida por esta investigação os estudos, embora fossem raros, revelavam interesses relacionados às áreas tradicionais da Psicologia. Focalizavam a formação, aspectos organizacionais de resolução de conflitos, atitudes, dentre outros. Por essa época, o psicólogo Antonio Rodrigues Soares lançou dois livros, um de Sociologia e outro sobre Tipologias e personalidade, sendo esses os trabalhos mais antigos localizados nesta investigação.

Na década seguinte, a preocupação dos psicólogos mantém-se em relação aos temas já citados, surgindo novos interesses relacionados à saúde, ao desenvolvimento infantil, aos testes psicológicos e outros. No final dessa década intensificam os estudos que abordam a formação e o exercício profissional, além de outros trabalhos na área de Psicologia do Desenvolvimento e de Psicologia Organizacional.

Na última década, constata-se um perfil de pesquisa “poliexpressivo”, onde a temática é completamente aberta, revelando um comportamento múltiplo, com diversas opções sendo abordadas, ainda que não seja uma produção volumosa. Nos últimos cinco anos essa produção parece romper algumas amarras, superando a quase inércia produtiva de anos anteriores.

Em linhas gerais, verifica-se um direcionamento em relação a alguns assuntos que sugerem a existência de linhas de pesquisa já constituídas. Esse raciocínio de caráter especulativo baseia-se não só na observação da maior frequência com que tais assuntos aparecem, como também na constatação de que o único Mestrado em Psicologia contempla exatamente linhas de pesquisa que correspondem a três áreas dentre aquelas focalizadas prioritariamente, conforme observado nesta investigação. A par desse fato, acredita-se que a probabilidade do aumento de estudos nesses campos será cada vez maior, mesmo fora do âmbito acadêmico, sendo conveniente fazer-se uma revisão em estudos posteriores.



## 2.7 Meios de divulgação das pesquisas

A seguir apresenta-se o perfil das produções conforme o meio de divulgação utilizado pelos psicólogos. Aborda-se a escolha dos seguintes canais de comunicação, alguns deles funcionando mais como meio de registro dos estudos realizados do que propriamente como meios de divulgação: os Catálogos de teses e dissertações; a Base bibliográfica da UFBA e o Currículo Lattes; os Periódicos e os Congressos.

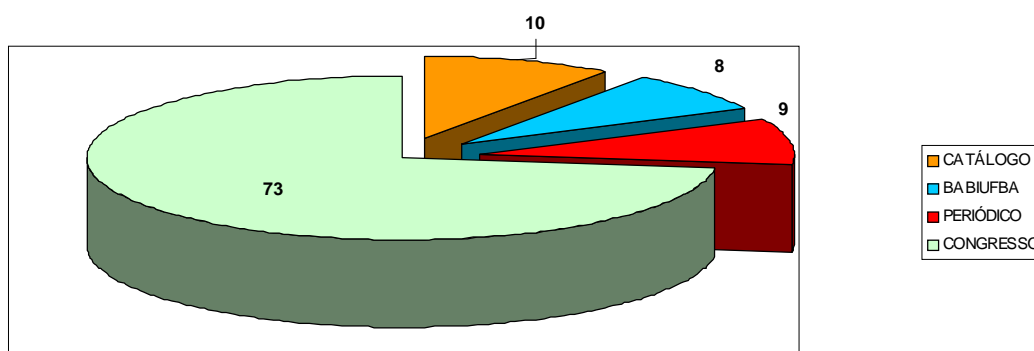


Figura 4 – Distribuição percentual das produções por meios de divulgação

A Figura 4 mostra que o meio privilegiado de divulgação das produções dos psicólogos baianos é representado pelos congressos, com 73%. Seguem-se os catálogos de teses e dissertações (10%), uma forma exclusivamente acadêmica, depois os periódicos (9%) e por último, a Base bibliográfica da UFBA e o Currículo Lattes com 8%.

A produção do conhecimento assim como sua organização e divulgação ocorrem dentro de um contexto social em que os meios de comunicação científica ocupam um relevante papel. Seja qual for a forma escolhida de comunicação dos resultados das pesquisas realizadas, trata-se de uma iniciativa suficientemente importante para gerar informação para toda a comunidade científica ou leiga.

A importância atribuída às universidades quanto à realização de pesquisas não deve restringir sua divulgação aos meios acadêmicos. Concebendo-se a pesquisa como instrumento de produção de informações úteis, sendo estas reconhecidas como possibilidades de fazer avançar o conhecimento sobre determinada área, nada mais propício do que fazer chegar ao consumidor as propostas desenvolvidas, e os congressos seriam, conforme sugerem os dados aqui obtidos, a forma mais popular de divulgação.

Essa alternativa de comunicação das pesquisas foi observada também em trabalho anterior da autora, em que 44% dos estudos foram divulgados através dos congressos, de acordo com informação dos respondentes.

## 2.8 Órgãos de financiamento das pesquisas

Na figura 5 são retratados os percentuais obtidos de acordo com a fonte de financiamento utilizada pelos pesquisadores psicólogos baianos.

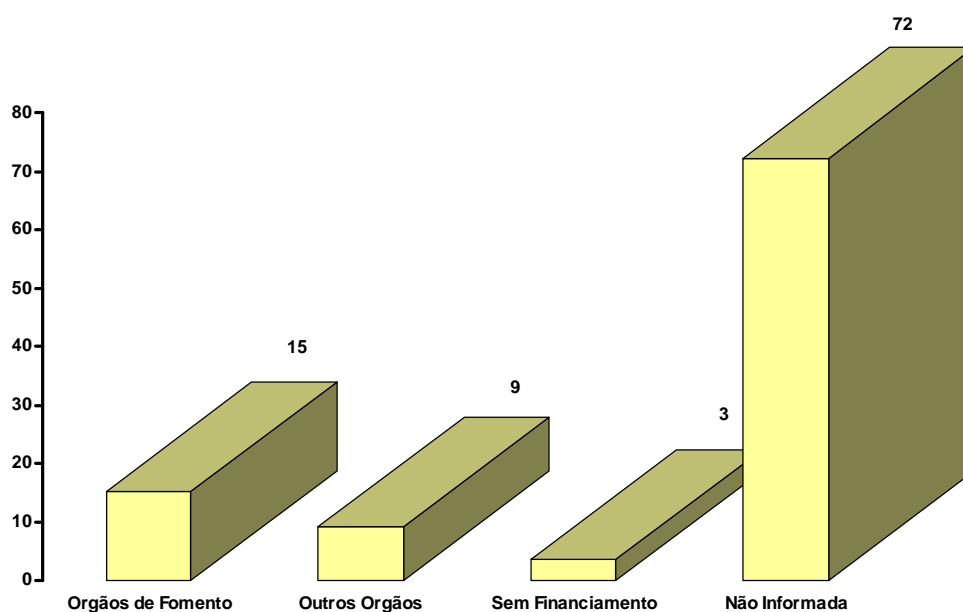


Figura 5 – Distribuição percentual das produções por fonte de financiamento

Os estudos financiados por órgãos oficiais de fomento à pesquisa representam apenas 15%. Por outro lado, 9% dos trabalhos foram realizados com o apoio de organizações internacionais ou de fundações e empresas nacionais, conforme vinculação explicitada pelos próprios autores. De forma isolada, foi mencionado em um trabalho o apoio pessoal do seu financiador, incluindo-se o mesmo na rubrica: Outros Órgãos.

Ressalta-se o alto percentual dos trabalhos cujos autores não mencionam algum tipo de financiamento ou apoio (72,5%), o que pode sugerir falta de financiamento. Entretanto, apesar dessa possibilidade ser sugerida, manteve-se o dado classificado como não informado.

Os estudos que expressamente não receberam financiamento representam 3,5% e sua identificação só foi possível graças aos contatos telefônicos com alguns autores por ocasião da busca de dados sobre os trabalhos cujo conteúdo não se achava disponível para análise, apesar de ser referenciado na fonte acessada.

Dentre as agências oficiais que financiaram os estudos realizados por psicólogos baianos sobressai o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) com financiamento de 80% (70 trabalhos), seguindo-se a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que financiou 17% (15) dos trabalhos.

Os resultados aqui obtidos são compatíveis com as colocações dos autores pesquisados de que as pesquisas em Psicologia recebem pouco financiamento (Pfromm Netto, 1971; Yamamoto, 2001). Embora se acredite que esse não seja o motivo principal de haver um reduzido número de trabalhos e que a Psicologia não é o único campo de estudo submetido a essa condição, admite-se que a realização de pesquisa está subordinada a uma série de fatores, dentre os quais o financiamento pode estar incluso.

Ao discutir a questão da produção científica de docentes de ensino superior, Luna (1992, p. 100) aponta dois fatores que explicariam a baixa produção: “1. O professor pode, sabe e quer fazer pesquisa, mas não lhe são oferecidas condições para isso e 2. O pesquisar não é a atividade preferida de parte dos professores”.

A partir dessas duas colocações feitas pelo autor acima referenciado, pode-se questionar: De que forma o professor poderá incentivar nos estudantes o gosto pela pesquisa se ele próprio não está motivado? Uma segunda questão, noutra direção, trata-se de explicar como ocorre a motivação por pesquisa naqueles professores que, mesmo estando submetidos a condições restritivas, desenvolvem seus trabalhos? Que fatores limitam ou facilitam a produção científica?

Admite-se que as peculiaridades da atividade de pesquisa e as características do pesquisador se entrecruzam, fazendo com que esta atividade seja mais ou menos escolhida pelas pessoas, a depender da motivação suscitada. Há autores que fazem referências às qualidades intelectuais e sociais do pesquisador, embora não indiquem de que forma é possível desenvolvê-las. Bachrach (1972, p. 7), por exemplo, afirma que “entre as qualidades de que necessita um bom pesquisador a mais importante é a que Pasteur denominou de mente preparada”. Para o autor citado, isso significa cuidar do planejamento e execução da pesquisa, sem ser rígido, ou seja, deve combinar “conhecimentos básicos acumulados e uma prontidão para perceber o extraordinário”.

### **3. Considerações finais**

Retomando o propósito deste estudo – obter o panorama da produção intelectual em Psicologia na Bahia – considera-se nesta última parte do relatório alguns resultados que contribuíram para o avanço na compreensão da temática focalizada. Por se tratar de um estudo amplo, admite-se que o mesmo deixou muitas lacunas. Torna-se lícito concluir que, nesse sentido, deve-se limitar as pretensões e o alcance de uma abordagem aprofundada sobre o tema.

Entretanto, embora o quadro delineado não represente toda a amplitude do problema investigado, indica particularidades que sugerem o caráter da profissão de Psicologia na Bahia no âmbito da produção do conhecimento. Acredita-se que as considerações apresentadas aqui podem servir de indicadores para ações, sobretudo, por parte das instituições de ensino superior de Psicologia, pois, embora admitindo que a produção do conhecimento não deva ocorrer somente na universidade, é nesse contexto que ocorre a preparação para tal.

Um item levantado nesta investigação refere-se ao desenho da produção intelectual dos psicólogos baianos, identificado ao longo de três décadas. A análise dos dados apresentados na seção anterior permite que se constate que essa produção é pequena considerada no seu conjunto. Entretanto, vale ressaltar que se trata de uma produção que sinaliza o avanço, sugerindo possibilidade de crescer ainda mais em virtude do movimento em torno da formação, tanto no nível da graduação com a criação de cursos de Psicologia na capital e no interior do estado, assim como pela inauguração do primeiro Mestrado em Psicologia na Bahia, pela UFBA.

Ao analisar a participação dos autores, verifica-se uma certa centralização dos trabalhos numa pequena parcela do grupo de pesquisadores, de tal forma que apenas treze psicólogos, do total de 201, possuem seis ou mais trabalhos divulgados. O total de autores identificados representa 10,7% em relação ao número de psicólogos baianos atualmente inscritos no Conselho Regional de Psicologia.

Uma segunda questão levantada neste estudo diz respeito à temática pesquisada. A produção em Psicologia na Bahia exhibe uma série de temas, indicando os diferentes interesses dos pesquisadores e os vários campos de aplicação dos estudos, caracterizando um quadro temático diversificado, apesar das lacunas. Percebe-se que os recortes do campo de interesse representam tentativas de aproximação da realidade sócio-cultural, mas por se tratar de uma produção pequena, os nexos explicativos devem ser estabelecidos com precaução.

As ocorrências temáticas sinalizadas neste levantamento sugerem que as escolhas que guiam os interesses dos psicólogos baianos parecem representar forças dentro da Psicologia. De um lado, seguiriam o caminho da sua tradição cultural, construindo a história dentro de um padrão em que os estudos seguem linhas ou áreas já consolidadas. De outro lado, a produção assume um percurso diferente, com a inclusão de novos temas, sobretudo a partir da década de 90, percebendo-se determinadas questões que se aliam a projetos em curso na comunidade de onde emergem. Entretanto, o que ora se apresenta aqui são indícios acerca do percurso de uma produção em ascensão, não sendo possível assumir um lado único na direção de análise dessa temática.

Quanto às áreas de concentração dos estudos, acredita-se que as linhas de pesquisa estabelecidas nos cursos de pós-graduação são úteis para orientar estudos nesse campo do conhecimento. Porém, a necessidade de produzir conhecimento dentro desse esquema de obediência a linhas de estudo leva à especialização cada vez maior daqueles que se inserem nesses grupos.

A forma que essa determinação assume dificulta, ou até mesmo impossibilita, a inovação em termos de produzir algo diferente. Do ponto de vista da profissão, supõe-se que o avanço do conhecimento se daria não apenas através do já estabelecido, mas se completaria pelo acréscimo de outras possibilidades que poderiam ser promovidas a partir da própria universidade, ao admitir a abertura de outras linhas de pesquisa.

A tendência a aumentar a produção nas áreas identificadas neste trabalho como sendo as preferidas torna-se maior na medida que as linhas de pesquisa do único Mestrado em Psicologia privilegiam tais campos.

Outro item de interesse nesta investigação foi a identificação do estatuto dos pesquisadores. Constatou-se a predominância de pesquisas de docentes e alunos inseridos nos programas de pós-graduação, ou seja, 65% dos trabalhos levantados foram produzidos no âmbito acadêmico. A mudança desse perfil não se daria repentinamente, uma vez que depende não apenas de condições práticas, econômicas, de preparação técnica ou do desejo pessoal. Vincula-se à mudança de mentalidade, ao reconhecimento da pesquisa como base do conhecimento.

Do ponto de vista da escolha dos canais de divulgação, os psicólogos privilegiam os congressos. Esse meio é extremamente importante na medida que torna públicos os resultados das pesquisas a outros especialistas, o que possibilita as sugestões que podem aprimorar o trabalho. Além disso, torna evidentes as áreas estudadas, o que serve de indicativo para outros estudos.

Um outro ponto levantado nesta investigação refere-se ao apoio para as pesquisas. Constatou-se que apenas 24% dos trabalhos receberam financiamento, sendo 15% provenientes de órgãos oficiais de fomento e 9% de outros órgãos. Esse baixo percentual de financiamento poderia justificar, em parte, a reduzida produção intelectual, embora não se acredite que esse constitua o motivo principal. Há, sem dúvida, um espectro de razões que serviriam para justificar essa questão e que dariam motivos para outros estudos.

Em suma, o perfil da produção intelectual dos psicólogos baianos, revelado nesta investigação aponta para: reduzido número de pesquisas nos primeiros vinte e cinco anos abrangidos pelo estudo, que reuniu apenas 36% dos trabalhos em relação ao total; maior concentração dos estudos nos últimos cinco anos (1998-2002) com 64% dos trabalhos; constatação de que apenas 6,4% dos 201 autores identificados neste trabalho produziram seis ou mais estudos; maior concentração dos estudos nas áreas tradicionais da Psicologia; no âmbito da Psicologia clínica, há predominância da psicanálise na abordagem dos estudos; os dezenove temas mais escolhidos, com frequência acima de 10, constituem 56% do total dos estudos; há diversidade temática, apesar da pouca frequência de trabalhos por tema; os congressos representam o meio de divulgação mais utilizado, com 73% das preferências; 65% dos trabalhos são realizados no âmbito acadêmico por docentes ou alunos da pós-graduação; há pouco financiamento das pesquisas por órgãos de fomento ou outros órgãos (24%).

Numa tentativa de avaliação do trabalho realizado, pode-se considerar seu caráter basicamente descritivo, formulado a partir dos dados que puderam ser extraídos das fontes disponíveis. É oportuno ressaltar, entretanto, que as limitações decorrentes da falta de algumas fontes e do tempo limitado para concluir este trabalho, foram percebidas e admitidas desde o início, o que levou ao estabelecimento de uma busca panorâmica.

Por outro lado, mesmo com todas as limitações citadas, durante o desenvolvimento da investigação que ora se finda, verificou-se a diversificação das contribuições no campo da Psicologia na Bahia, sobretudo em relação aos temas objeto de estudo, embora uma gama variada de temas ainda se encontre descoberta. Estes foram os principais aspectos observados, havendo, certamente, outros enfoques que poderão ser tratados a partir deste levantamento.

A expectativa é de que este trabalho contribua para ampliar o conhecimento sobre a Psicologia na Bahia e para motivar a expansão de outros estudos nessa linha, de modo a tornar conhecida a nossa história e a nossa identidade como categoria profissional.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, P. **Pesquisa em Ciências Sociais**. Salvador: Universidade Federal da Bahia - Centro Editorial e Didático, 1974
- AGATTI, A. P. R. e ATALLA, M. M. A. A pesquisa psicológica no Brasil: um estudo a partir das reuniões anuais da SBPC. XXII REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOLOGIA. **Anais**. Ribeirão Preto, 1992
- AGUIAR NETTO, M. C. A. A produção do conhecimento psicológico fora do espaço acadêmico. CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Quem é o Psicólogo brasileiro?** São Paulo: EDICON, 1988, cap. 7, p. 123-137
- ALVES, Isaías. **Dados de Psicologia da criança**. Conferência proferida na Faculdade Nacional de Filosofia. Rio de Janeiro, 1944
- ANDERY, Maria Amália Pie Abib; MICHELETTO, Nilza e SÉRIO, Tereza Maria de Azevedo Pires. O pensamento exige método, o conhecimento depende dele. Em: ANDERY, Maria Amália Pie Abib e col. **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo; São Paulo: EDUC, 2001, p. 57-96
- ANDRADE, Jailson Bittencourt. Apresentação. II SEMINÁRIO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO e XX SEMINÁRIO ESTUDANTIL DE PESQUISA: **Resumos**. Salvador: Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da Universidade Federal da Bahia, 2002
- ANPEPP – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA [www.anpepp.org.br/revista.html](http://www.anpepp.org.br/revista.html), 2000
- ANTUNES, Mitsuko Aparecida M. e ROCHA, Nádya Maria D. Isaías Alves (1898-1968). Em: CAMPOS, Regina Helena de F. **Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil**. Rio de Janeiro: Imago Editora; Brasília, DF: CFP, 2001 (Pioneiros da Psicologia Brasileira)

ASTI VERA, A. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Trad. Maria Helena Guedes Crespo e Beatriz Marques Magalhães. 7. ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1983

BACHELARD, Gaston. **Le Matérialisme rationel**. 1re ed. Paris: PUF, 1953

\_\_\_\_\_. **A epistemologia**. Trad. Fátima Lourenço Godinho e Mário Carmino Oliveira. Rio de Janeiro: Edições 70, s.d. (Título original: *L'épistemologie*. Paris: PUF, 1971)

\_\_\_\_\_. L'actualité de l'histoire des sciences. Em: **L'Engagement rationaliste**. Paris: PUF, 1972

\_\_\_\_\_. **O racionalismo aplicado**. Trad. Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1977 (Título original: *Le rationalisme appliqué*. Paris: PUF, 1950)

\_\_\_\_\_. **A dialética da duração**. Trad. Marcelo Coelho. São Paulo: Editora Ática S. A., 1988 (Título original: *Le dialectique de la durée*. Paris: PUF, 1950)

\_\_\_\_\_. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma análise do conhecimento. Trad. Estela dos Santos Abreu. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999 (Título original: *La formation de l'esprit scientifique: contribution à une psychanalyse de la connaissance*. Paris: J. Vrin, 1938)

BACHRACH, Arthur J. **Introdução à pesquisa psicológica**. Trad. Geraldina Porto Witter. 2. ed. São Paulo: Editora Herder, 1972 (Original americano: *Psychological research, an introduction*. New York, 1965)

BARRETO, Maria da Conceição. Pedagogia da ruptura: conhecimento como processo descontínuo. **Ideação** - Revista do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas Filosóficas da Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana: UEFS / NEF, 2002, v. 9, p. 123-142

\_\_\_\_\_. Produção científica em Psicologia. Em: Construindo a Psicologia Brasileira: desafios da ciência e prática psicológica. **Anais**. v. II, p. 357. III CONGRESSO NORTE-NORDESTE DE PSICOLOGIA. João Pessoa, 2003

BASTOS, Antonio Virgílio B. **Atitudes em relação à ciência entre pesquisadores da UFBA**. Dissertação de Mestrado. Salvador: Faculdade de Educação, 1982.

\_\_\_\_\_. Tendências de Pesquisa em Recursos Humanos. REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOLOGIA. **Resumos**. 1988a

\_\_\_\_\_. Áreas de atuação - Em questão o nosso modelo de profissional. Em: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Quem é o psicólogo brasileiro?** São Paulo: EDICON, 1988b

\_\_\_\_\_. A Psicologia no contexto das organizações; tendências inovadoras no espaço de atuação do psicólogo. Em: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Psicólogo brasileiro: construção de novos espaços**. Orgs: Ana Lúcia Francisco, Carolina de Rocio Klomfahs, Nádia Maria Dourado Rocha. Campinas: Editora Tomo, 1992, p. 55-124

\_\_\_\_\_. Psicologia Organizacional e do Trabalho; Que resposta estamos dando aos desafios contemporâneos da sociedade brasileira? Em: YAMAMOTO, Oswaldo H. e GOUVEIA, Valdiney Velôso (Orgs.) **Construindo a Psicologia Brasileira: desafios da ciência e prática psicológica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003, p. 139-166.

BASTOS, Antonio Virgílio B. e ACHCAR, Rosemary. Dinâmica profissional e formação do psicólogo: uma perspectiva de integração. 2. ed. Em: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Coord. Rosemary Achcar. **Psicólogo brasileiro: práticas emergentes e desafios para a formação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994, p. 245-271

BENAVIDES, Miguel F. B. e ANTÓN, Eustáquio C. **Ética Profissional: Deontologia da profissão de Psicólogo**. Brasília, DF: Thesaurus, 1987

BOCK, Ana Mercês B. Atuação profissional e formação do psicólogo; os desafios da modernidade. **Psicologia em Estudo**. Edição especial. Maringá, PR: Universidade Estadual de Maringá, 1999, v. 4, n. 1, p. 1-12

- BOMFIM, Elizabeth de Melo. Raymundo Nina Rodrigues (1862-1906). Em: CAMPOS, Regina Helena de F. **Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil**. Rio de Janeiro: Imago Editora; Brasília, DF: CFP, 2001, p. 252-254
- BOMTEMPO, Edda. Contribuições da pesquisa sobre jogos, brinquedos e brincadeiras no Brasil. Em: WITTER, Geraldina P. (Org.) **Produção Científica em Psicologia e Educação**. Campinas, SP: Editora Alínea, 1999, p. 23-46
- BOOTH, Wayne C. ; COLOMB, Gregory G. e WILLIAMS, Joseph M. **A Arte da Pesquisa**. Trad. Henrique A. Rego Monteiro. São Paulo: Martins Fontes, 2000 (Título original: *The craft of research*. Chicago, Illinois, U. S. A., 1995)
- BOTOMÉ, S. P. Em busca de perspectivas para a psicologia como área de atuação e como campo profissional. CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Quem é o psicólogo brasileiro?** São Paulo: Edicon, 1988, p. 273-297
- BRUYNE, P.; HERMAN, J. e SCHOUTHEETE. **Dinâmica da pesquisa em Ciências Sociais**: os pólos da prática metodológica. Trad. Ruth Joffily. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora S. A., s.d. (Original francês: *Dynamique de la recherche en sciences sociales*. Paris: Presses Universitaires de France, s. d.)
- BUCHER, Júlia Sursis N. F. Psicologia e saúde no contexto da saúde pública; uma complexidade crescente. Em: YAMAMOTO, Oswaldo H. e GOUVEIA, Valdiney Veloso (Orgs.) **Construindo a Psicologia Brasileira**: desafios da ciência e prática psicológica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003, p. 213-239.
- CALAIS, S. L. e PACHECO, E. M. de C. Formação de psicólogos; análise curricular. **Psicologia Escolar e Educacional**. Campinas, SP: ABRAPEE, 2001, v. 5, n. 1, p. 11-18
- CAMPOS, Keli Cristina de Lara e WITTER, Geraldina P. Análise de títulos do periódico Paradigma. Em: WITTER, Geraldina P. (Org.) **Produção Científica em Psicologia e Educação**. Campinas, SP: Editora Alínea, 1999, p 123-129

CAMPOS, Marcio D'Oliveira. Formação do pesquisador; um processo em questão. Em: FÉLIX, M. e col. **Coleção Encontros com a Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, v. 16, p. 88-91

CAMPOS, Regina Helena de F. Notas para uma história das idéias psicológicas em Minas Gerais. Introdução. Em: CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA – 4ª Região. **Psicologia: possíveis olhares, outros fazeres**. Belo Horizonte, 1992, p. 13-63

CARVALHO, Mercedes Cunha C. A Psicologia na Bahia, ontem, hoje e amanhã. Mesa Redonda. **Comemoração do Dia do psicólogo**. Salvador, ago/2003

CASTRO, Paulo Francisco de. Reflexões em Psicologia e Ciência; uma análise da pesquisa aplicada à Psicologia clínica. **Psicologia Teoria e Prática**. São Paulo: Faculdade de Psicologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie, 1999a, v. 1, n. 1, jan/jun. p. 3-13

\_\_\_\_\_. O Papel das atividades práticas na formação em psicologia clínica. **Psico - USF Bragança Paulista**, v. 4, n. 2, p. 337-50, 1999b.

CAVALCANTE, Maria Luisa do P. **O Psicólogo egresso da UFBA: subsídios para análise da força de trabalho em Psicologia na Grande Salvador**. Dissertação de Mestrado, Salvador: Faculdade de Educação, 1984

CHAVES, Lenir Ferreira. A pesquisa em Psicologia. **Psique** – Revista do Departamento de Psicologia Geral e Aplicada da FAHL. Belo Horizonte: Faculdades Integradas Newton Paiva, 1994, ano 4, n. 4, p. 62-72

\_\_\_\_\_. Alguns problemas éticos da pesquisa psicológica. **Psique** – Revista do Departamento de Psicologia Geral e Aplicada da FAHL. Belo Horizonte: Faculdades Integradas Newton Paiva, 1995, ano 5, n. 7, p. 96-105

CIOMS / OMS - CONSELHO PARA ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS DE CIÊNCIAS MÉDICAS / ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Diretrizes éticas internacionais para pesquisas biomédicas envolvendo seres humanos (1993). **Bioética** -

Revista do Conselho Federal de Medicina. Brasília: Conselho Federal de Medicina, 1995, v. 3, n. 2, p. 95-136

COLLI, Walter. Ciência é como Arte: ingovernável. **Jornal da Ciência**. Rio de Janeiro: SBPC, 2002, ano XVII, n. 491, p. 5

CONGRESSO NORTE/NORDESTE DE PSICOLOGIA. **Anais**. Salvador: NEHP/CPD/UFBA, 1999

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Mira y López. **Psicologia Ciência e Profissão**. Brasília, DF, 1999, ano 19, n. 1, p. 93

\_\_\_\_\_. **Pesquisa junto a associados do Conselho Federal de Psicologia**. Relatório final. Brasília: Who, fev / 2001, p. 1-18

CORDEIRO, José Mário; BUCHER, Richard; TOTUGUI, Márcia; AMARAL, Sônia M. B.; COSTA, Elizabeth; LUSTOSA, Ana Carolina e OLIVEIRA, Edila. **Psicologia Ciência e profissão**. Brasília / DF: CFP, ano 7, n. 1, 1987, p. 5-8.

CORRÊA, Carlos Pinto. Vinte e cinco anos. Apresentação. XI CONGRESSO DO CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE. **Anais**. Salvador, 1996

CUNHA, Luiz Antonio. Ensino e pesquisa; uma associação problemática. Em: FÉLIX, M. e col. **Coleção Encontros com a Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, v. 16, p. 82-87

DEBERT-RIBEIRO, Myriam Bruna. Ética e Epidemiologia. **Revista Bioética**. Brasília: Conselho Federal de Medicina, 1994, v. 2, n. 1, p. 7-11

DEMO, Pedro. **Introdução à Metodologia da Ciência**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1985

DOMINGOS, Neide Aparecida Micelli. Análise da estrutura dos resumos de dissertações e teses em psicologia. Em: WITTER, Geraldina P. (Org). **Produção Científica em Psicologia e Educação**. Campinas, SP: Editora Alínea, 1999a, p. 47-78

\_\_\_\_\_. Perspectivas da produção científica da pós-graduação em psicologia da PUC-Campinas. Em: WITTER, Geraldina P. (Org). **Produção Científica em Psicologia e Educação**. Campinas, SP: Editora Alínea, 1999b, p. 79-102

DUNKER, Christian Ingo L., AZEVEDO, Auro Mauro e OLIVA, Maria Cristina A. Identificação das variáveis históricas-epistemológicas nas dissertações e teses sobre HIV / AIDS na área de Psicologia. I ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – Universidade Presbiteriana Mackenzie. **Anais**. São Paulo, ago / 2000

DURAN, A. P. Alguns dilemas na formação do psicólogo; buscando sugestões para superá-los. Em: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Psicólogo Brasileiro**; práticas emergentes e desafios para a formação. 2. ed. Coord. Rosemary Achcar. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. Trad. Gilson Cesar Cardoso de Souza. 16. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001 (Original it. *Como se fa una tesi di laurea*. Casa Editrice Valentino Bompiani & C. S. p. A., 1977)

FERES-CARNEIRO, Terezinha e LO BIANCO, Anna Carolina. Psicologia clínica: uma identidade em permanente construção. Em: YAMAMOTO, Oswaldo H. e GOUVEIA, Valdiney Velôso (Orgs.) **Construindo a Psicologia Brasileira**: desafios da ciência e prática psicológica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003, p. 99-119

FERNANDES, Sônia Regina P. Trabalho e saúde: estudos no Brasil. I CONGRESSO NORTE/NORDESTE DE PSICOLOGIA. **Anais**. Salvador: NEHP/CPD/UFBA, 1999

FERNANDES, Sônia Regina P.; GOMES, Aline Lira V. e TAVARES, Jeane S. C. Trabalho e Saúde Psíquica; a ótica da psicopatologia do trabalho – Revisão de estudos. XXVIII REUNIÃO ANUAL DA SACIEDADE BRASILEIRA DE PSICOLOGIA – **Resumos**. 1998 a, p. 202

\_\_\_\_\_. Trabalho e Saúde; a perspectiva dos estudos ergonômicos. XXVIII REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOLOGIA – **Resumos**. 1998b, p. 202

FIGUEIREDO, Luis Cláudio M. Reflexões acerca dos projetos de Psicologia como ciência independente. **Psicologia**. São Paulo: Sociedade de estudos psicológicos, 1986, ano 12, n. 3

\_\_\_\_\_. **Matrizes do pensamento psicológico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991

\_\_\_\_\_. Investigação em Psicologia Clínica. Em: FRANCISCO, Ana Lúcia; SCHNEIDER, Daniela Ribeiro; SILVA, Marcus Vinícius de Oliveira; SILVA, Nélio Pereira da; AMARAL, Nympha e MORETZSOHN, Ricardo Figueiredo. **Psicologia no Brasil: direções epistemológicas**. Brasília, DF: O Conselho, 1995

FLECHA, Renata Dumont. Pesquisa participante/pesquisa-ação; uma opção metodológica. **Psique** – Revista do Departamento de Psicologia Geral e Aplicada da FAHL. Belo Horizonte: Faculdades Integradas Newton Paiva, 1995, ano 5, n. 7, out. p. 82-94

FLORES, Magda. A ética e a vida humana. **Jornal do Federal**, 1997, p. 6. Brasília: CFP , 1997

FRANCISCO, Ana Lúcia. e BASTOS, Antonio Virgílio B. Conhecimento, formação e prática: o necessário caminho da integração. Em: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Psicólogo Brasileiro: construção de novos espaços**. Campinas: Editora Tomo, 1992, p. 211-227.

GHIRINGHELLO, Lúcia; VILARINHO, Myriam A. S.; PENAZZO, Arnaldo Antonio; EVANGELISTA, Sanny C. e GOLEGÃ, Luciana T. A pesquisa e a pessoa deficiente: uma contribuição para a discussão dos procedimentos éticos. **Boletim de Psicologia**. Número Especial, v. LI, n. 115, p. 235-244, jul/dez. São Paulo: Sociedade de Psicologia de São Paulo, 2001

GIANFALDONI, Mônica Helena Tieppo Alves. O universo é infinito e seu movimento é mecânico e universal: Isaac Newton. Em: ANDERY, Maria Amália e col. **Para compreender a ciência**. 10. ed. Rio de Janeiro: espaço e Tempo; São Paulo: EDUC, 2001, cap. 14



GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Editora Atlas S. A., 1987

GIL – PÉREZ, Daniel; MONTORO, Isabel Fernández; ALIS, Jaime Carrascosa; CACHAPUZ, Antonio e PRAIA, João. Para uma visão não deformada do trabalho científico. **Ciência & Educação**, v. 7, n. 2, p. 125-153, 2001.

GOMES, William B. Pesquisa e ensino em psicologia: articulações possíveis entre graduação e pós-graduação. Em: CARVALHO, Regina Maria L. Lopes (Org.) **Repensando a formação do psicólogo: da informação à descoberta**. Campinas, SP: Editora Alínea, 1996 (Coletâneas da ANPEPP, 9, p. 33-50)

\_\_\_\_\_. Pesquisa e prática em Psicologia no Brasil. Em: YAMAMOTO, Osvaldo H. e GOUVEIA, Valdiney Veloso (Orgs.). **Construindo a psicologia brasileira: desafios da ciência e prática psicológica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003, p. 23-59

GUARESCHI, Pedrinho A. Algumas considerações sobre epistemologia e pesquisa. **Psico**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica. v. 6, n. 2, p. 76-87, 1983.

\_\_\_\_\_. Quantitativo versus qualitativo: uma falsa dicotomia. **Psico** Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica, 1998, v. 29, n.1, jan/jul, p. 165-174

GUEDES, M. C. Atuação do psicólogo clínico; análise de dissertações em periódicos brasileiros e de dissertações e teses defendidas no país no período 1980-1992. Em: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Psicólogo Brasileiro: construção de novos espaços**. Campinas, SP: Editora Átomo, 1992, p. 11-21

GUIMARÃES, Armênio Costa. A evolução histórica da pesquisa na Bahia. Apresentação. **Catálogo de pesquisas da UFBA (1974-1977)**. Salvador, 1979, p. 11-15

HAGSTROM, W. O. O controle social dos cientistas. Em: DEUS, Jorge Dias de (org.). **A crítica da ciência: sociologia e ideologia da ciência**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979

HERSSNSTEIN, R. J. e BORING, E. G. (Orgs) **Textos básicos de história da Psicologia.**

Trad. Dante Moreira Leite. São Paulo: Editora Herder, 1971 (Original americano: *A Source Book in the History of Psychology*. Cambridge, Massachussetts: Harvard University Press, 1966)

HUTZ, Cláudio S. **A ética na produção do conhecimento em psicologia.**

<http://www.ufba.br/conpsi/conpsi1999/F017.html>.08/12/99

HUTZ, Cláudio S. e BANDEIRA, Denise R. Avaliação psicológica no Brasil; situação atual e desafios para o futuro. Em: YAMAMOTO, Oswaldo H. e GOUVEIA, Valdiney Veloso (Orgs.) **Construindo a Psicologia Brasileira: desafios da ciência e prática psicológica.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003, p. 261-277.

INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE Madre Cristina Sodré Dória. **Psicologia, Ciência e Profissão.** Brasília/CFP, 1998, ano 18, n. 1, p. 69

JACÓ-VILELA, Ana Maria. Construindo a História da Psicologia no Brasil; abordagens e modelos. **Seminário de Historiografia da Psicologia.** São Paulo: GEHPAI/FAPESP, 2000, p. 33-48

JAPIASSU, Hilton Ferreira. **Introdução ao pensamento epistemológico.** Rio de Janeiro: F. Alves, 3. ed., 1979.

KELLER, Fred S. **A definição da Psicologia: uma introdução aos sistemas psicológicos.** Trad. Rodolfo Azzi. São Paulo: Editora Herder, 1972

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 7. ed. Ampliada. Caxias do Sul: Editora Vozes, 1982

KRÜGER, Helmuth, Aspectos morais da pesquisa científica. **Arquivos Brasileiros de Psicologia.** Rio de Janeiro: ISOP/FGV, 1995, v. 47, n. 3, p. 31-38

- \_\_\_\_\_. Eliezer Schneider e a Psicologia Social no Rio de Janeiro. Em: JACÓ-VILELA, Ana Maria (org). **Eliezer Schneider**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2001, v. 1, p. 49-74 (Coleção Pioneiros da Psicologia Brasileira).
- LE GOFF, Jacques. **A Civilização do Ocidente Medieval**. Trad. Manuel Ruas. Lisboa: Editorial Estampa, 1983, v. 1 (Original francês: *La Civilisation de l'Occident Medieval*. B. Arthaud, Paris, 1964)
- LOURENÇO FILHO, Manuel Bergström. A Psicologia no Brasil. Em: AZEVEDO, Fernando de (Org.) **As Ciências no Brasil**. São Paulo : Edições Melhoramentos, 1955, v. II, p. 265-296
- LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986 (Temas básicos de educação e ensino)
- LUNA, S. V. O falso conflito entre tendências metodológicas. Em: FAZENDA, Ivani. (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1989
- MAC FADEN, Maria Adélia Jorge e OLIVEIRA, Marli R. Guimarães de. A política e a estrutura das universidades públicas favorecem ou não o desenvolvimento de uma mentalidade de pesquisa? Em: CARVALHO, Maria Regina L. Lopes (Org.). **Repensando a formação do psicólogo: da informação à descoberta**. Campinas, S. P.: Editora Alínea, 1996, p. 25-32 (Coletânea da ANPEPP, 9).
- MALOZZE, Gertrudes Lydia M. Produção Científica; periódicos. Em: WITTER, Geraldina P. (Org.) **Produção Científica em psicologia e Educação**. Campinas, SP: Editora Alínea, 1999, p. 103-122
- MALUF, Maria Regina. Psicologia Escolar; reafirmando uma nova formação e atuação profissional. Em: YAMAMOTO, Oswaldo H. e GOUVEIA, Valdiney Veloso (Orgs.) **Construindo a Psicologia Brasileira: desafios da ciência e prática psicológica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003, p. 121-138.

- MARCONI, Maria de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990
- MARQUES, J. C. O impacto da iniciação científica na formação do psicólogo. **Psico-PUC**. Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 9-21, 1996.
- MARX, Melvin H. e HILLIX, William A. **Sistemas e Teorias em Psicologia**. Trad. Álvaro Cabral, 13. ed., São Paulo: Editora Cultrix Ltda, 2001 (Original: *Systems and Theories in Psychology*. 2. ed. EUA: McGraw-Hill Book Company, 1973)
- MASON, S. F. **História da Ciência**: as principais correntes do pensamento científico. Trad. Flávio e José Vellino de Lacerda. (Original inglês: *Main Currents of Scientific Thought; a History of the Sciences*). Porto Alegre: Editora Globo, 1962
- MATTHEWS, Michael R. **Science teaching** – the role of history and philosophy of science. (caps. 1, 3, 5, 10). New York, Philosophy of education research library, 1994
- MATOS, Maria Amélia. Produção e formação científica em Psicologia. Em: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Quem é o psicólogo brasileiro?** São Paulo: EDICON, 1988, cap. 6, p. 100-122
- \_\_\_\_\_. Carolina Bori; a Psicologia brasileira como missão. **Psicologia USP**. São Paulo: USP/IP, 1998a, v. 9, n. 1, p. 67-70
- \_\_\_\_\_. Contingências para a Análise Comportamental no Brasil. **Psicologia USP**. São Paulo: USP/IP, 1998b, v. 9, n.1, p.89-100
- MINAYO, Maria Cecília de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 4. ed. São Paulo-Rio de Janeiro, 1996
- MOLES, Abraham A. **A Criação Científica**. Trad. Gita K. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva Editora da USP, 1971

- MOREIRA, J. O. A invenção do psicológico; considerações sobre a dispersão no campo psi. **Psique** – Revista do Departamento de Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras. Belo Horizonte: Faculdades Integradas Newton Paiva, 1997, ano 7, n. 10, p. 8-15
- NALE, Nivaldo. Programação de Ensino no Brasil; o papel de Carolina Bori. **Psicologia USP**. São Paulo: USP/IP, 1998, v. 9, n.1, p. 275-301
- OLIVEIRA, João Batista Araújo e **Ilhas de competência**: carreiras científicas no Brasil. São Paulo: Brasiliense; Brasília: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e tecnológico, 1985
- OLIVEIRA, Marcus Vinícius. **A emergência da cultura psicológica na Bahia**: do pré-psiquiátrico ao pós-psicanalítico – cursos e percursos de uma trajetória. Dissertação de Mestrado. Salvador: Instituto de Saúde Coletiva – Universidade Federal da Bahia, 1995
- OLIVEIRA, Maria Helena Mourão A. Avaliação da Produção Científica. Em: WITTER, Geraldina P. (Org.) **Produção Científica em Psicologia e Educação**. Campinas, SP: Editora Alínea, 1999, p. 9-22
- PACHECO, Elizabeth M.; GOUVEIA, Heliete R.; PADULA, Luiza Helena A.; BARRETO, Maria Fernanda M.; MENDES, Marina P.; POLYDORO, Soely Aparecida J.; CIASCA, Sílvia Maria e ALEXANDRE, Yolanda. Comparação do conceito de pesquisa entre pós-graduandos iniciantes em Psicologia e professores universitários. **Estudos de Psicologia**. Campinas, SP: PUCCAMP, 1992, n. 2, maio/ago, p. 130-145
- PÁDUA, Elisabete Matallo M. de. **Metodologia da Pesquisa**: abordagem teórico-prática. 7. ed. Campinas, SP: Papirus, 2000 (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).
- PENNA, Antonio Gomes. Arthur Ramos (1903-1949). Em: CAMPOS, Regina Helena de Freitas (Org.). **Dicionário biográfico da Psicologia brasileira**. Rio de Janeiro: Imago editora; Brasília, DF: CFP, 2001, p. 316-318

PESSOTTI, Isaías. Notas para uma história da Psicologia brasileira. Em: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Quem é o Psicólogo brasileiro?** São Paulo: EDICON, 1988, cap. 1, p.17-31

PFROMM NETTO, Samuel. As prioridades da pesquisa em Psicologia da Educação. **Ciência e Cultura**, 1971, v. 23, n. 6, p. 733-738

\_\_\_\_\_. Pesquisa científica em Psicologia; lacunas, fragilidades e desafios nos anos noventa. Em: GOMES, William B. e ROSA, J. T. (Orgs.). **Divulgação de pesquisas em psicologia no Brasil**. São Bernardo do Campo, IMS, 1992, p. 107-125. (Cadernos da ANPEPP, n. 1)

POPPER, K. **A Lógica da Pesquisa Científica**. Trad. Leônidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Editora Cultrix, 1972

RASERA, E. F., BALAZ, F. M. S. e YAZLLE, C. H. D. O currículo oculto em psicologia – a experiência dos alunos. **Temas em psicologia**. Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Psicologia, 1998, v. 6, n. 1, p. 45-50

ROAZZI, Antonio; NASCIMENTO, Alexsandro M. do e DIAS, Maria da Graça Bompastor B. A Psicologia do desenvolvimento em contexto brasileiro; perspectivas atuais e questões cardeais no alvorecer do milênio. Em: YAMAMOTO, Oswaldo H. e GOUVEIA, Valdiney Velôso (Orgs.) **Construindo a Psicologia Brasileira: desafios da ciência e prática psicológica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003, p. 61-97.

ROCHA, Nádía Maria D. Psicologia e Educação; um percurso histórico. XXX REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOLOGIA – **Resumos**. Sociedade Brasileira de Psicologia, 2000

\_\_\_\_\_. Questões psicológicas nas teses da Faculdade de Medicina da Bahia no século XIX; análise preliminar das influências intelectuais. Em: JACÓ-VILELA, A. M.; CERZZO, A. C. e RODRIGUES, H. B. C. (org.) **Clio-Psyché ontem: Fazeres e dizeres psi na história do Brasil**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2001

- \_\_\_\_\_. **A influência francesa na Bahia:** a preocupação com o psicológico nos Oitocentos. Exposição. Salvador, mar/ 2002
- \_\_\_\_\_. A Psicologia na Bahia ontem, hoje e amanhã. Mesa Redonda. **Comemoração do Dia do psicólogo.** ago/2003a
- \_\_\_\_\_. De olho no futuro. **Jornal do psicólogo** – Conselho Regional de Psicologia, 3ª Região – Bahia e Sergipe, abr / 2003b, p. 4
- ROSAS, Paulo; ROSAS, Argentina e XAVIER, Ivonete Batista. Quantos e quem somos. Em: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Quem é o Psicólogo brasileiro?** São Paulo: EDICON, 1988, cap. 2, p. 32-48
- RÜDIGER, Francisco. Pensamento histórico contemporâneo: de Weber a Foucault. **Ciências & Letras:** Teorias da História. Revista da Faculdade Porto Alegrense de Educação. Porto Alegre, 1997, n. 18.
- SALVADOR, Ângelo Domingos. **Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica.** 6. ed. Porto Alegre: Sulina, 1977
- SAMPAIO, Maria Imaculada C. e PEIXOTO, Maria L. Periódicos Brasileiros de Psicologia Indexados nas bases de Dados LILACS e PsycINFO. **Boletim de Psicologia.** São Paulo: Sociedade de Psicologia de São Paulo, 2000, v. 50, n. 112, p. 65-73
- SANTOS, Manoelita Mota dos. **Escolha, comprometimento com a profissão e iniciativas de qualificação profissional:** um estudo entre psicólogos do CRP-03 – Ba & Se. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 1998
- SARRIERA, Jorge Castellá; QUINTAL DE FREITAS, Maria de Fátima e SCARPARO, Helena. Para onde caminha a Psicologia (Social) Comunitária no Brasil? Um balanço a partir dos frutos da sua trajetória. Em: YAMAMOTO, Oswaldo H. e GOUVEIA, Valdiney Veloso (Orgs.) **Construindo a Psicologia Brasileira:** desafios da ciência e prática psicológica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003, p. 167-183.

- SCHULTZ, Duane P. e SCHULTZ, Sydney Ellen. **História da psicologia moderna**. 8. ed. Revista e ampliada. São Paulo: Cultrix, 1992, caps. 12 e 13
- SCHWARTZMAN, Simon. **Ciência, universidade e ideologia: a política do conhecimento**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981
- \_\_\_\_\_. O desempenho da pesquisa universitária. Em: SCHWARTZMAN, Simon e CASTRO, Cláudio de Moura (Orgs.). **Pesquisa universitária em questão**. Campinas: Editora da UNICAMP, Ícone Editora, São Paulo – CNPq, 1986
- SEMINERIO, F. Lo Presti. Alienação na pesquisa (Editorial). **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. Rio de Janeiro: ISOP/FGV, 1985, v. 37, n. 2, p. 3-8
- SERRAT, Saulo Monte e WITTER, Geraldina P. Auto-avaliação em um curso de mestrado em psicologia Clínica; a contribuição de ex-alunos. **Estudos de Psicologia**. Campinas, SP: PUCCAMP, 1988, n. 2, p. 29-47
- SIGELMANN, Elida. O problema em pesquisa. **Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada**. Rio de Janeiro/FGV, 1976, v. 28, n. 3, p. 125-130
- SOARES, Antonio Rodrigues. Prólogo. **Psicologia, Ciência e Profissão**. Brasília: CFP, 1979. Edição Especial, n. o, p. 7-8
- SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICO-ONCOLOGIA- SBPO. **Estatuto 1995**
- SOUZA, Heitor G. de As universidades e a formação de recursos humanos para a área da ciência e tecnologia. **Ciência e Cultura**. SBPC, 1973, v. 25, n. 11
- TEIXEIRA, Rita Petrarca e NUNES, Maria Lúcia T. A natureza científica da Psicologia. **Revista Psicologia Argumento**. Curitiba, PR: Champagnat, 2000, ano VIII, n. XXVII
- THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 2. ed. São Paulo: Editora Cortez, 1987



TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987, cap. 4, p. 91-114

WEBER, S. Currículo mínimo e o espaço da pesquisa na formação do psicólogo. **Psicologia, Ciência e Profissão.** Brasília: CFP, 1985, ano 5, n. 2, p. 11-13

WITTER, Carla e YUKIMITSU, Maria Terezinha C. P. Análise de conteúdo das sessões de comunicação científica do I Congresso Nacional de Psicologia Escolar. **Psicologia Escolar e Educacional.** Campinas, SP: ABRAPEE, 1996, v. 1, n. 1, p. 67-72

WITTER, Geraldina P. Pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e busca de informação. **Estudos de Psicologia** – Revista do Instituto de Psicologia da PUCCAMP, 1990, v. 7, n. 1, p. 5-30

\_\_\_\_\_. Avaliação da Produção Científica sobre Leitura na Universidade (1989-1994). **Psicologia Escolar e Educacional.** Campinas, SP, 1996, v. 1, n. 1, p. 31-38

\_\_\_\_\_. (Org.) **Produção Científica em Psicologia e Educação.** Campinas, S. Paulo: Alínea, 1999

\_\_\_\_\_. Base científica, formação e atuação. Editorial. **Psicologia Escolar e Educacional.** Campinas, SP, 2000, v. IV, n. 1

WITTER, Geraldina P.; TÉRZIS, Antonio; AMARAL, Elaine B. G. do; DARINI, Jorge A.; GUZZO, Raquel Souza L. e AMARAL, Vera Lúcia A. Raposo do. Saber, poder e fazer nos títulos de dissertações de mestrado em psicologia da PUCCAMP. **Estudos de psicologia.** Campinas, SP, 1988, n. 2

WITTER, Geraldina P.; WITTER, Carla; YUKIMITSU, Maria Terezinha C. P. e GONÇALVES, C. L. C. Atuação do psicólogo escolar e educacional no Brasil; perspectivas através de textos (1980-1992). Em: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Psicólogo Brasileiro: construção de novos espaços.** Campinas: Átomo, 1992

YAMAMOTO, Oswaldo H. Financiamento da pesquisa no Brasil; distorções e desigualdades. **Estudos de Psicologia**. Editorial. Campinas, SP, 2001, v. 18, n. 2

VENÂNCIO, Ana Teresa A. Juliano Moreira (1873-1933). Em: CAMPOS, Regina Helena de Freitas (Org.). **Dicionário biográfico da Psicologia brasileira**. Rio de Janeiro: Imago editora; Brasília, DF: CFP, 2001

ZIMAN, John. **Conhecimento público**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1979 (original inglês: *Public knowledge; the social dimension of science*. London: Cambridge University Press, 1968)

# **A N E X O A**

FICHAS DE ANÁLISE DOCUMENTAL

FICHA DE ANÁLISE DOCUMENTAL DAS TESES E DISSERTAÇÕES

Título: .....

Autor: .....

Ano da publicação: .....

Estatuto do pesquisador: .....

Tema pesquisado: .....

Área de concentração: .....

Fonte de financiamento: .....

Unidade de ensino: .....Número do registro na Biblioteca: .....

Comentários adicionais: .....

.....

.....

FICHA DE ANÁLISE DOCUMENTAL DOS ARTIGOS

Título: .....

Autor (es): .....

Periódico: ..... Volume: ..... Nº: ..... Ano: .....

Estatuto do(s) pesquisador(es).....

Tema pesquisado: .....

Área de concentração: .....

Fonte de financiamento: .....

Comentários adicionais: .....

.....

.....

.....

.....

FICHA DE ANÁLISE DOCUMENTAL DAS COMUNICAÇÕES EM CONGRESSO

Título: .....

Autor (es): .....

Título do evento: ..... Ano: .....

Estatuto do(s) pesquisador(es).....

Tema pesquisado: .....

Área de concentração: .....

Fonte de financiamento: .....

Forma de apresentação :.....

Comentários adicionais: .....

.....

FICHA DE ANÁLISE DOCUMENTAL DOS LIVROS

Título: .....

Autor (es): .....

Ano da publicação: .....

Estatuto do(s) pesquisador(es).....

Tema pesquisado: .....

Área de concentração: .....

Fonte de financiamento: .....

Tipo de produção (livro completo; capítulo): .....

Comentários adicionais: .....

.....

.....

.....

# **A N E X O B**

**CATEGORIAS TEMÁTICAS DOS ESTUDOS**



Tab. 8 - CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS TEMÁTICAS DOS ESTUDOS

N = 574

CATEGORIAS	Nº PROD.	SUBCATEGORIAS	PERC. %
PROCESSOS DE DE- SENVOLVIMENTO	73	Infância	34
		Adolescência	12
		Gerontologia	7
		Desenvolvimento psicossocial	23
		Contexto de desenvolvimento	16
		Desenvolvimento cognitivo	8
TRANSTORNOS PSICOLÓGICOS	15	Toxicomania	52
		Psicose puerperal	7
		Neurose / ansiedade	13
		Conflito	7
		Fobia / medo	7
		Transtorno do humor	7
		Perversão	7
PROCESSOS INTERPESSO- AIS E GRUPAIS	30	Relações familiares	43
		Interação e habilidades sociais	37
		Organização grupal	20

CATEGORIAS	Nº PROD.	SUBCATEGORIAS	PERC. %
PROCESSOS SOCIAIS E CULTURAIS	53	Atitudes	11
		Normas e valores	4
		Representação social	32
		Violência	30
		Inclusão e exclusão social	5
		Ideologia	4
		Cidadania e loucura	2
		Cultura	4
		Feminismo	4
		Voluntariado	2
		Mercado de trabalho	2
PROCESSOS ORGANIZACIONAIS	72	Aprendizagem organizacional	6
		Comprometimento	42
		Desenvolvimento organizacional	6
		Mudanças organizacionais	6
		Gestão de pessoas	4
		Análise e descrição de cargos	2
		Comportamento organizacional	2
		Avaliação nas organizações	4
		Cultura organizacional	6
		Significado do trabalho	2
		Processo e tecnologia de trabalho	4
		Movimentação de pessoal	2
		Carreiras	4
		Cognição e processos organizacionais	8
		Administração pública	2

CATEGORIAS	Nº PROD.	SUBCATEGORIAS	PERC. %
PROCESSOS EDUCACIONAIS	38	Ensino-aprendizagem	38
		Processo de educação	18
		Avaliação de desempenho escolar	8
		Orientação educacional	5
		Formação de professores	3
		Aprendizagem em grupo	3
		Atendimento psicopedagógico	3
		Planejamento e método	16
		Educação e trabalho	3
		Ensino participativo	3
FORMAÇÃO PROFISSIONAL	37	Currículo	16
		Estágio	13
		Ética	8
		Pós-graduação	3
		Qualificação profissional	8
		Escolha profissional	16
		Formação-graduação	36
EXERCÍCIO PROFISSIONAL	58	Papel profissional	15
		Prática profissional	50
		Relação profissional - cliente	19
		Conselhos	2
		Interfaces	14

CATEGORIAS	Nº PROD.	SUBCATEGORIAS	PERC. %
SAÚDE E PREVENÇÃO	75	Saúde e desenvolvimento humano	5
		Saúde e educação	5
		Qualidade de vida	7
		Saúde da família	20
		Saúde mental	20
		Saúde ocupacional	17
		Reabilitação	10
		Distúrbios psicossomáticos e oncologia	16
MÉTODOS E TECNICAS	42	Sociometria	2
		Expressão corporal	7
		Pesquisa e metodologia de pesquisa	17
		Validação de instrumentos	5
		Avaliação psicológica	26
		Processo terapêutico	38
		Multirreferencialidade	5
ABORDAGENS E SISTEMAS	32	Psicanálise	41
		Psicodrama	19
		Psicomotricidade	25
		Biossíntese	3
		Modificação do comportamento	6
		Construtivismo	3
		Psicologia cognitiva	3
HISTÓRIA DA PSICOLOGIA	27	Biografias	37
		Diversos	63
OUTROS TEMAS	22	Outros	100

# **A N E X O C**

**CATEGORIAS ADOTADAS NA CLASSIFICAÇÃO DAS ÁREAS  
DE CONCENTRAÇÃO**

## CATEGORIAS ADOTADAS NA CLASSIFICAÇÃO DAS ÁREAS DE CONCENTRAÇÃO

Conforme descrito no capítulo V, item 6 da Metodologia deste trabalho, para a classificação das áreas de concentração dos estudos analisados, foram utilizadas as categorias adotadas pela Sociedade Brasileira de Psicologia, conforme relacionadas abaixo.

Quadro 1 – CÓDIGOS DAS ÁREAS DA PSICOLOGIA<sup>14</sup>

CÓDIGO	TÍTULO DA ÁREA
AMB	Psicologia Ambiental
AEC	Análise Experimental do Comportamento
BIO	Psicobiologia e Neurociências
CLIN	Psicologia Clínica e da Personalidade
COG	Psicologia Cognitiva
DES	Psicologia do Desenvolvimento
ERG	Ergonomia
ESC	Psicologia Escolar e da Educação
ESP	Psicologia do Esporte
FAM	Psicologia da Família e da Comunidade
FORM	Formação em Psicologia
HIS	História da Psicologia
METD	Metodologia de Pesquisa e Instrumentação
ORG	Psicologia Organizacional e do Trabalho
PERC	Percepção e Psicofísica
REL	Psicologia da Religião
SAU	Psicologia da Saúde
SM	Saúde Mental
SOC	Psicologia Social
TEP	Técnicas do Exame Psicológico
OUT	Outras áreas

<sup>14</sup> Fonte: Sociedade Brasileira de Psicologia – <http://sites.netsite.com.br/sbp>

# **A N E X O D**

TABELAS ADICIONAIS

Tab. D1 – NÚMERO DE PSICÓLOGOS FORMADOS PELA UFBA POR ANO DE CONCLUSÃO DO CURSO E POR PERÍODO (1973-2002)<sup>15</sup>

Ano de conclusão	Número de formandos	
	Por ano	Por período
1973	88	298
1974	59	
1975	27	
1976	66	
1977	58	
1978	89	288
1979	45	
1980	65	
1981	60	
1982	29	
1983	47	222
1984	35	
1985	46	
1986	32	
1987	62	
1988	58	321
1989	65	
1990	74	
1991	76	
1992	48	
1993	60	316
1994	60	
1995	61	
1996	79	
1997	56	
1998	70	351
1999	68	
2000	63	
2001	85	
2002	65	
Total	1.796	1.796

<sup>15</sup> Fontes: Cavalcante (1984) e Livros de Atas de colação de grau da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (1973-2002).



Tab. D2 – DISTRIBUIÇÃO DOS PSICÓLOGOS DO CRP-03 POR ÁREA DE ATUAÇÃO<sup>16</sup>

Área de atuação	Frequência	Percentual
Clínica	400	47%
Organizacional	145	17%
Educacional	92	11%
Hospitalar	82	9%
Docência	64	7%
Avaliação psicológica	37	4%
Social	23	3%
Jurídica	8	1%
Pesquisa	7	1%
Total	858	100%

<sup>16</sup> Fonte: Levantamento realizado a partir dos dados identificados no cadastramento realizado pelo CRP-03 em 1996.

Tab. D3 – NÚMERO DE PRODUÇÕES POR ANO, SOMATÓRIO POR PERÍODO E MÉDIA DE CADA PERÍODO (1973-2002)

Ano	Frequência	$\Sigma$ por período	Média do período
1973	2		
1974	0		
1975	0	2	0,4
1976	0		
1977	0		
1978	0		
1979	3		
1980	1	12	2,4
1981	1		
1982	7		
1983	4		
1984	2		
1985	3	27	5,4
1986	6		
1987	12		
1988	17		
1989	9		
1990	33	87	17,4
1991	4		
1992	24		
1993	12		
1994	8		
1995	6	80	16
1996	21		
1997	33		
1998	34		
1999	92		
2000	39	366	73,2
2001	163		
2002	38		
Total	574	-	-

Tab. D4 - FORMAS DE APRESENTAÇÃO DOS TRABALHOS EM CONGRESSOS (1973-2002)

Categoria	Frequência	Percentual
Comunicação	54	13
Conferência	11	03
Curso	07	02
Mesa Redonda	120	28
Painel	112	27
Palestra	12	03
Relato de Experiência	32	08
Sessão Coordenada	13	03
Simpósio	24	06
Tema em Debate	09	02
Workshop	01	0
Não informada	24	05
<b>TOTAL</b>	<b>419</b>	<b>100</b>

# **A N E X O E**

**PRODUÇÃO INTELECTUAL DOS PSICÓLOGOS BAIANOS  
(1973 – 2002)**

**PRODUÇÃO INTELECTUAL DOS PSICÓLOGOS BAIANOS (1973 – 2002)**

TÍTULO DO TRABALHO	AUTOR (ES)	CO-AUTOR (ES)	ANO
Evolução da sociologia	SOARES, Antonio Rodrigues		1973
Tipologias e personalidade	SOARES, Antonio Rodrigues		1973
Prólogo	SOARES, Antonio Rodrigues		1979
Planejamento de condições ambientais para produzir mudanças de comportamento	CARVALHO, Anamélia Araújo de		1979
Dados para uma avaliação de currículo do curso de psicologia da UFBA: caracterização do aluno, análise das condições de ensino oferecido pela instituição	CARVALHO, Mercedes Cunha C. de		1979
Resolução de conflitos inter e intragrupais nas organizações, através da técnica de grupo operativo	DEL BARRIO, Maria Alice Nabuco A.		1980
A contradição dentro de uma sala de aula: um estudo exploratório sobre a transmissão de ideologia	SAMPAIO, Sônia Maria R.		1981
Narcisismo: implicações técnicas	CORRÊA, Carlos Pinto		1982
Uma proposta de instrumento para avaliar a atitude de pesquisadores frente à ciência	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt		1982
Atitudes em relação à ciência entre pesquisadores da Universidade Federal da Bahia	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt		1982
A contradição dentro de uma sala de aula: um estudo exploratório sobre a transmissão de ideologia	SAMPAIO, Sônia Maria R.		1982
Doenças que geram crises	CORRÊA, Carlos Pinto		1982
Atitudes em relação à ciência entre pesquisadores da Universidade Federal da Bahia	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt		1982
Repertório básico motor da escrita - uma proposta para seu estudo	SODRÉ, Liana Gonçalves P.		1982
A interdição sexual e dissociação afetivo sexual em adolescentes submetidos a uma educação familiar autoritária	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt	NEVES, Pedro Roberto Ivo das	1983
Uma proposta de instrumento para avaliar as dimensões interdição sexual e dissociação afetivo sexual da sexualidade adolescente	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt	NEVES, Pedro Roberto Ivo das	1983
Políticas de controle de natalidade e ideologia de paternidade responsável	OLIVEIRA, Célia Cristina de		1983
O analista de ocupações: uma proposta de descrição de suas atividades ao subsidiar currículo	GALVÃO, Ana Helena C.		1983
Atendimento a um grupo de crianças em uma escola pública de São Paulo - análise de uma experiência de intervenção clínica em ambiente institucional	GOMES, Marcia Myrian		1984

**PRODUÇÃO INTELECTUAL DOS PSICÓLOGOS BAIANOS (1973 – 2002)**

TÍTULO	AUTOR (ES)	CO-AUTOR (ES)	ANO
O psicólogo egresso da UFBA: subsídios para análise da força de trabalho em psicologia na grande Salvador	CAVALCANTE, Maria Luiza do P.		1984
A comunidade científica baiana: análise das normas e valores sociais que pautam a conduta dos seus integrantes	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt		1985
Um estudo da formação de professores primários	GOMES, Celma Borges		1985
Análise de condições para implantação e desenvolvimento de programa com populações de baixa renda por instituições presentes na comunidade: relato de uma experiência de trabalho do psicólogo	CARVALHO, Mercedes Cunha C. de		1985
A família: palavras de abertura da jornada	CORRÊA, Carlos Pinto		1986
Formação e exercício profissional do psicólogo: dados regionais	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt		1986
Aspectos peculiares da terceira região	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt ULIAN, Ana Lúcia A. de O. CARVALHO, Anamélia Araújo de ALMEIDA, Maria Alice de CAVALCANTE, Maria Luiza do P. SODRÉ, Liana Gonçalves P.		1986
Variáveis sócio-econômicas, ambiente familiar e saúde mental infantil em uma área urbana da Salvador, Bahia	BASTOS, Ana Cecília S.		1986
Feminismo na Bahia, 1930 - 1950	ALMEIDA, Maria Amélia F. de		1986
Comportamento de cuidado entre crianças	LORDELO, Eulina da Rocha		1986
A formação do psicólogo organizacional - reflexões a partir do caso baiano	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt GALVÃO, Ana Helena C.	SILVEIRA, Isa Germânia TIRONI, Márcia Oliveira S.	1987
Padronização dos procedimentos visando a obtenção das tabelas de frequência cromática regionais (contribuição ao estudo das pirâmides de cores no Brasil) - uma proposta metodológica	FREITAS, Edmundo Leal de		1987
Variáveis sócio-econômicas, ambiente familiar e saúde mental infantil em uma área urbana da Salvador, Bahia	BASTOS, Ana Cecília S.		1987
O psicólogo organizacional: o que caracteriza seu exercício profissional	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt	SILVEIRA, Isa Gerânia A. TIRONI, Márcia Oliveira S.	1987
Concepção de ciência e do seu papel social II: a postura do pesquisador não acadêmico	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt		1987
O psicólogo organizacional: como é avaliada a formação oferecida pela UFBA	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt	SILVEIRA, Isa Gerânia A. TIRONI, Márcia Oliveira S.	1987
Concepção de ciência e do seu papel social I: a postura do pesquisador acadêmico	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt		1987
Comportamento infantil de cuidado dirigido a crianças	LORDELO, Eulina da Rocha	CARVALHO, Ana Maria de Almeida	1987
Valores e normas que orientam a conduta do cientista - a questão da autonomia da ciência	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt		1987

**PRODUÇÃO INTELECTUAL DOS PSICÓLOGOS BAIANOS (1973 – 2002)**

TÍTULO	AUTOR (ES)	CO-AUTOR (ES)	ANO
O psicólogo organizacional - características do seu exercício profissional	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt		1987
Um espaço a ser conquistado pelo psicólogo organizacional	GALVÃO, Ana Helena C.		1987
Repensando criticamente uma experiência em organização de comunidade	COSTA, Iara Silveira		1987
Determinação social da saúde mental infantil: revisão da literatura epidemiológica	BASTOS, Ana Cecília S.	ALMEIDA FILHO, Naomar de	1988
A pesquisa no contexto organizacional - o papel do psicólogo	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt GALVÃO, Ana Helena C.		1988
A busca da profissão: valores implícitos nos motivos apontados por psicólogos	CARVALHO, Anamélia Araújo de ULIAN, Ana Lúcia A. de O. SODRÉ, Liana Gonçalves P. BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt CAVALCANTE, Maria Luiza do P.		1988
Movimentação de pessoal como alternativa de intervenção psicossocial em órgão superlotado: relato de uma experiência	GALVÃO, Ana Helena C.		1988
Prevalência de morbidade psiquiátrica infantil em uma área urbana de Salvador	BASTOS, Ana Cecília S.	ALMEIDA FILHO, Naomar de FUCS, Flávio ASSUNÇÃO, Zaíra CABUS, Esdras	1988
Tendências de pesquisa em recursos humanos	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt		1988
Satisfação no trabalho: a pesquisa como instrumento de intervenção em organizações	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt ANJOS, Azenilda P. dos		1988
Representação social do psicólogo	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt LORDELO, Eulina da Rocha		1988
Condições ambientais na educação do indivíduo especial	CARVALHO, Anamélia Araújo de	MATOS, Maria Amélia SOBRINHO, F. de Paula N.	1988
Industrialização e educação: o caso de Camaçari	ALMEIDA, Jessy Bastos Bonfim de		1988
Paidagogein: ajuste de contas com a epistemologia	FIALHO, Nádia Hage		1988
A cena iluminada (psicanálise e cinema)	ANDRADE, Regina Glória N.		1988
A escolha da profissão: alguns valores implícitos nos motivos apontados pelos psicólogos. Em: Quem é o psicólogo brasileiro	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt CARVALHO, Anamélia Araújo de ULIAN, Ana Lúcia A. de O. SODRÉ, Liana Gonçalves P. CAVALCANTE, Maria Luiza do P.		1988

**PRODUÇÃO INTELECTUAL DOS PSICÓLOGOS BAIANOS (1973 – 2002)**

TÍTULO	AUTOR (ES)	CO-AUTOR (ES)	ANO
O apego e a separação	LORDELO, Eulina da Rocha		1988
Saúde e educação sexual do jovem baiano - alguns dados preliminares	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt FERNANDES, Sônia Regina P.		1988
Áreas de atuação: em questão o nosso modelo profissional. Em: Quem é o psicólogo brasileiro.	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt		1988
Quem é o psicólogo brasileiro?	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt	GOMIDE, P. I. C.	1988
Comportamento de cuidado entre crianças - uma revisão	LORDELO, Eulina da Rocha	CARVALHO, Ana Maria A.	1989
Com a palavra, duas coordenações de curso	CHAVES, Antonio Marcos		1989
O psicólogo brasileiro: sua atuação e formação profissional	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt	GOMIDE, Paula Inez C.	1989
A produção científica em recursos humanos	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt		1989
Alguns aspectos do comportamento reprodutivo: a opinião dos jovens. Em: Saúde e educação sexual do jovem: um estudo em Salvador-Ba	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt FERNANDES, Sônia Regina P.		1989
Metodologia. Em: Saúde e educação sexual do jovem: um estudo em Salvador-Ba	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt		1989
Quem é o jovem: características pessoais, familiares e sociais. Em: Saúde e educação sexual do jovem	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt		1989
Atitudes do adolescente bahiano frente à sexualidade. Em: saúde e educação sexual do jovem	BASTOS, Ana Cecília S.		1989
Saúde e educação sexual do jovem - um estudo em Salvador	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt FERNANDES, Sônia Regina P.	MORRIS, L.	1989
Mercado de trabalho: uma velha questão e novos dados	BASTOS, Antonio Virgílio		1990
Traços de perversão na neurose	BACELAR, Jardelina Maria A.		1990
Efeito do aspecto gráfico das lâminas do TAT s/ o perfil de responsabilidade em sujeitos adultos	BARRETO, Leda Moreira	RIBEIRO, Dival PÓVOAS, Cacilda	1990
O técnico de DRH na administração pública baiana I e II	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt	FONTES, Maria das Graças	1990
O comportamento organizacional	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt		1990
O ensino participativo: um desafio na educação	BRITO, Hélio Soares de		1990
Terapeuta e transferência: uma primeira aproximação	CALMON, Analicea		1990



**PRODUÇÃO INTELECTUAL DOS PSICÓLOGOS BAIANOS (1973 – 2002)**

TÍTULO	AUTOR (ES)	CO-AUTOR (ES)	ANO
Práticas institucionais de psicologia no nordeste	CARVALHO, Mercedes Cunha C. de		1990
Atitudes em relação à família e relações familiares entre homens de Salvador	CARVALHO, Anamélia Araújo de CHAVES, Antonio Marcos LORDELO, Eulina da Rocha		1990
O curriculum de psicologia e o preparo para a prática institucional	CHAVES, Antonio Marcos	TUPINAMBÁ, Cauby DIAS, Cristina Maria de S. Rique FERNANDES, Paulo	1990
Experiência com idosos num abrigo de Salvador	COSTA PINTO, Maria de Lourdes M.	SABACK, Marta	1990
Médias das frequências das escolhas das cores e das tonalidades por sujeitos de Salvador	FREITAS, Edmundo Leal de		1990
Descrição e análise de treinamento de atendimento de enfermagem e disposição de novas contingências capazes de produzir mudanças no comportamento de pacientes crônicos de um Hospital Geral	JESUS, Jussara Rocha de		1990
Desenvolvimento organizacional	LEMOS, Denise Vieira S. BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt	SIMÕES, Ângela Maria C.	1990
O uso de técnicas em psicologia	LIBÓRIO, Maria Guadalupe Robeiro DITTMAR, Constanze Maria VERAS, Maria Mônica R.	OLIVEIRA, Ivana B.	1990
Educação alternativa	MAGALHÃES, Sônia Maria Coni C.	PINHEIRO, Ângela M. de A. TRIGO, Isa Maria Faria	1990
O analista de ocupações: uma proposta de descrição de suas atividades ao subsidiar currículo	GALVÃO, Ana Helena C.		1990
Postura e formação ética do psicólogo: reflexão de psicólogos organizacionais da Bahia	GALVÃO, Ana Helena C. SANTOS, Valter José A.		1990
Uma experiência de atendimento infantil no serviço de psicologia	NASCIMENTO, Eliane Maria V. do LOPES, Aura Cristina B. L.	GUIMARÃES, Olga	1990
A prática da psicologia em hospital psiquiátrico	OLIVEIRA, Marcus Vinícius de	SANTOS, Paulo S. Amado dos YNOVE, Osório Sin Iti	1990
Psicologia hospitalar	QUEIROZ, Kátia V. M.	NEDER, Matilde BANDEIRA, Lúcia de Fátima ROLIM, Gilson Pereira	1990
O manicômio e sua contestação: uma abordagem paradigmática	OLIVEIRA, Marcus Vinícius de		1990

**PRODUÇÃO INTELECTUAL DOS PSICÓLOGOS BAIANOS (1973 – 2002)**

TÍTULO	AUTOR (ES)	CO-AUTOR (ES)	ANO
Caracterização da população atendida no serviço de psicologia da UFBA	RIBEIRO, Jorge Luiz L. Sales	COTISIFIS, Vélia	1990
Estudo descritivo das diferentes formas de aplicação e interpretação de testes psicológicos	RIBEIRO, Jorge Luiz L. Sales MASCARENHAS, Maria do Carmo	BRASIL, Rita	1990
Estudo comparativo entre as formas zoomórficas e antropomórficas do CAT	RIBEIRO, Jorge Luiz L. Sales MASCARENHAS, Maria do Carmo	BRASIL, Rita	1990
Estudo longitudinal em alcoolismo	RIBEIRO, Jorge Luiz L. Sales	FRANCO, Ana Amélia MORAES, Eduardo Saback de MOTTA, Mirella C.	1990
Uma experiência em psicologia educacional numa escola pública em Salvador	RISTUM, Marilena	FIGUEIREDO, Maria D. FREITAS, Ana Lúcia R. de	1990
O corporativismo e a profissão do psicólogo	SANTOS, Valter José A.	ARAÚJO, Lindair SILVEIRA, Carmem SARNO, Silvana SIVIERI, Luiz Humberto SILVA, Francisco Paulo da	1990
Coordenação motora à escrita	SODRÉ, Liana Gonçalves P.		1990
Atuação do psicólogo em instituição psiquiátrica	TEIXEIRA, Maria Angélica		1990
Bioenergia e psicodrama	MATTOS, Nicoleta Mendes de	VALLADARES, Thereza	1990
Novas perspectivas para o processo de psicodiagnóstico clínico	VERAS, Maria Mônica R.		1990
Conjunto - imagem de um grupo: forma e conteúdo a nível de linguagem - análise do relato de uma experiência de grupo com estudantes do curso de magistério	ROCHA, Vera Lúcia		1990
Validação da escala "locus de controle no trabalho" (Spector, 1988)	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt		1991
Idéias sobre a criação de filhos: uma invenção cultural	BASTOS, Ana Cecília S.		1991
Mas o que é grupo terapêutico?	CORRÊA, Carlos Pinto		1991
Locus de controle no contexto organizacional: um estudo entre servidores de uma instituição de ensino superior	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt		1991
Questões metodológicas que cercam a produção científica em psicologia - o caso das pesquisas sobre locus de controle no contexto organizacional	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt		1992
Medidas de comprometimento no contexto de trabalho: um estudo preliminar de validade discriminante	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt		1992

**PRODUÇÃO INTELECTUAL DOS PSICÓLOGOS BAIANOS (1973 – 2002)**

TÍTULO	AUTOR (ES)	CO-AUTOR (ES)	ANO
Desafios colocados pelo desenvolvimento da pesquisa organizacional	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt		1992
Grupoterapia psicanalítica: sua posição na psicanálise hoje	CORRÊA, Carlos Pinto		1992
A psicologia nas organizações: análise de tendências de inovação na atuação do psicólogo organizacional	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt		1992
Confusão conceitual no estudo de atitudes no trabalho	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt		1992
Padrões de comprometimento no trabalho: um estudo de caso em uma organização de informática	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt		1992
Organização do trabalho e seus efeitos psíquicos	FERNANDES, Sônia Regina P.		1992
Diferenças teóricas na investigação da saúde no trabalho	FERNANDES, Sônia Regina P.		1992
Brincadeira: ficção e realidade	CARVALHO, Gildete Lino de	DESOBEAU, F.	1992
Resgatando a cultura infantil nas escolas rurais	COUTINHO, Sônia Souza		1992
Psicomotricidade na pré-escola	GOMES, Maria Amélia Lira V.		1992
Terapias corporais	MAGALHÃES, Romero Francisco B. de		1992
Com o que tratamos, a quem escutamos?	MENDES, Maria Juliêta da S. V. B.		1992
Arte e educação com crianças e adolescentes especiais	MENDES, Maria Juliêta da S. V. B.		1992
O corpo na adolescência	QUEIROZ, Kátia V. M.	BRITO, Odile	1992
Terapias corporais	SILVA, Tânia Alda Buarque da	SABACK, Marta WAGNER, Cely	1992
O corpo e a letra	SOLEDADE, Taya Maria		1992
Trabalho informatizado e distúrbios psico-emocionais: estudo em três empresas de processamento de dados	FERNANDES, Sônia Regina P.		1992
O amor na transferência e um recorte na obra de Machado de Assis	GOES, Lilian Darzé de A.		1992
A psicologia no contexto das organizações: tendências inovadoras no espaço de atuação do psicólogo. Em: Psicólogo brasileiro: construção de novos espaços.	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt		1992

**PRODUÇÃO INTELECTUAL DOS PSICÓLOGOS BAIANOS (1973 – 2002)**

TÍTULO	AUTOR (ES)	CO-AUTOR (ES)	ANO
Atuação do psicólogo: espaços e movimentos. Em: Psicólogo brasileiro: construção de novos espaços	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt	WITTER, G. P. BOMFIM, E. M. GUEDES, M. C.	1992
Conhecimento, formação e prática: o necessário caminho da integração. Em: Psicólogo brasileiro: construção de novos espaços	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt	FRANCISCO, Ana Lúcia	1992
Psicólogo brasileiro: construção de novos espaços	ROCHA, Nádia Maria Dourado	FRANCISCO, Ana Lúcia KLOMFAHS, Carolina de R;	1992
A trajetória de construção de uma teoria do comportamento humano nas organizações	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt		1993
Representação social de família entre jovens estudantes de escolas públicas e particulares	CHAVES, Antonio Marcos	ANDARI, Elizabeth MARANHÃO, Wilson BOTELHO, Ana Cristina SANTOS, Mirela	1993
Um novo bebê: interpretações sobre competências	LORDELO, Eulina da Rocha	BORTOLETTO- Ana Cristina	1993
Notas sobre a perversão	CORRÊA, Carlos Pinto		1993
Ensaio de ser adulto: a emergência da responsabilidade na criança no contexto da trama cotidiana da vida de famílias em um bairro de Salvador - um estudo de caso	BASTOS, Ana Cecília S.		1993
Movimentos inovadores na prática em psicologia organizacional - uma análise da literatura científica a partir dos anos 80	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt		1993
Padrões de comprometimento no trabalho: um estudo de casos em organizações com distintas missões organizacionais	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt		1993
Interação social entre crianças de 1 a 2 anos em situação de creche - interferência do adulto	LORDELO, Eulina da Rocha		1993
Comprometimento organizacional nos setores público e privado	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt		1993
Serviços de psicologia: aspectos estruturais e alternativas de estágio	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt		1993
O estágio nos serviços de psicologia: aspectos processuais na ótica do coordenador técnico	ROCHA, Nádia Maria Dourado		1993
Um estudo do efeito das mudanças na concepção de alfabetização do professor sobre a sua prática de avaliação	MASCARENHAS, Aline Vianna Cerqueira		1993
A brincadeira na formação do eu	GOMES, Maria Amélia Lira V. CARVALHO, Gildete Lino de	MOURÃO, Helena Maria	1994

**PRODUÇÃO INTELECTUAL DOS PSICÓLOGOS BAIANOS (1973 – 2002)**

TÍTULO	AUTOR (ES)	CO-AUTOR (ES)	ANO
Brincadeiras de menino e de menina	QUEIROZ, Kátia V. M.		1994
A importância do brincar por brincar	SOLEDADE, Taya Maria		1994
Relato de observação clínica	SCALDAFERRI, Maria da Conceição		1994
Aspectos fisiopatológicos da somatização: a fala do órgão	MOTA, Vera Dantas de Souza		1994
Modos de partilhar: a inserção da criança na vida cotidiana de famílias de um bairro popular. Um estudo de casos	BASTOS, Ana Cecília S.		1994
Concepções e atividades emergentes na psicologia clínica: Implicações para a formação. Em: Psicólogo Brasileiro: Práticas emergentes e desafios para a formação.	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt	BIANCO, A. C. L. NUNES, M. L. T. SILVA, R. C.	1994
Dinâmica profissional e formação do psicólogo: uma perspectiva de integração. Em: Psicólogo brasileiro: práticas emergentes e desafios para a formação.	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt	ACHCAR, R.	1994
Significado do trabalho: um estudo entre trabalhadores inseridos em organizações formais	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt	PINHO, Ana Paula Moreno COSTA, Cleriston A.	1995
Resultados parciais acerca do desenvolvimento de bebês de 0 a 12 meses de idade, atendidos em uma instituição de saúde pública utilizando um instrumento de avaliação neurocomportamental	SODRÉ, Liana Gonçalves P.	SIMÕES, Agda C.	1995
Mudanças tecnológicas, cultura e indivíduo nas organizações: o desafio de construir sistemas de trabalho de alto desempenho	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt		1995
A emergência da cultura psicológica na Bahia: do pré-psiquiátrico ao pós-psicanalítico - cursos e percursos de uma trajetória	OLIVEIRA, Marcus Vinícius de		1995
Psicologia no Brasil: direções epistemológicas	OLIVEIRA, Marcus Vinicius de	FRANCISCO, Ana Lúcia SCHNEIDER, Daniela Ribeiro SILVA, Nélio Pereira da AMARAL, Nym Pha MORETZSOHN, R.Figueiredo	1995
Qualidade competitiva no Brasil; transformando valores, atitudes e comportamento na busca da qualidade total	GUIMARÃES, Jorge Lessa		1995
Padrões de comprometimento no trabalho: um estudo de casos	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt	BORGES-ANDRADE, J. E.	1996
Vinte e cinco anos	CORRÊA, Carlos Pinto		1996
Nós de novo: reflexão sobre a reanálise	CORRÊA, Carlos Pinto		1996
Especificidade do grupo terapêutico psicanalítico	CORRÊA, Carlos Pinto		1996

**PRODUÇÃO INTELECTUAL DOS PSICÓLOGOS BAIANOS (1973 – 2002)**

TÍTULO	AUTOR (ES)	CO-AUTOR (ES)	ANO
Um tipo de transferência na análise de grupo	FARIAS, Ana Lúcia S.		1996
Nós no tempo	PERES, Urânia Maria T.		1996
Dificuldade de aprendizagem - uma relação entre a clínica psicopedagógica, psicomotora e familiar	GODINHO, Kátia Maria Argolo	SÁ, Iris de BRASILEIRO, Maria Helena	1996
A criança especial e a escola - escolarização, essa possibilidade	MELLO, Andaiá Lima COUTINHO, Sônia Souza		1996
Reflexões sobre a toxicomania	REGO, Marize Prisco P.		1996
Instrumento de coleta de dados psicológicos para a clínica de dor	BANDEIRA, Suzane MENDES, Maria do Carmo Silva BARUCH, Aída Gláucia Fonseca DRATOVSKY, Carla Cristina de B.		1996
Câncer e gravidez: aspectos psicológicos	BARUCH, Aída Gláucia Fonseca		1996
Relato de experiência da implantação do serviço psicológico do Hospital Aristides Maltez	DRATOVSKY, Carla Cristina de B BARUCH, Aída Gláucia Fonseca. MENDES, Maria do Carmo Silva BANDEIRA, Suzane		1996
Uma proposta de reabilitação do paciente laringotomizado - aspectos psicológicos	DRATOVSKY, Carla Cristina de B.		1996
Determinantes psicológicos na gênese do câncer infantil	FREITAS, Ana Lúcia Ribeiro de	RODRIGUES, Bárbara	1996
Por que escutar o paciente oncológico terminal?	LEMONS, Clarice Bacelar		1996
Atendimento interdisciplinar em clínica de dor. Será que nosso modelo é eficaz?	MENDES, Maria do Carmo Silva BANDEIRA, Suzane	SANTOS, E. G. SANTANA, A. ABREU, J. M. R. RAMOS, A. C. C. KALIL, L.	1996
A importância do conhecimento do diagnóstico do câncer	SAMPAIO, Patrícia Prata BANDEIRA, Suzane BARUCH, Aída Gláucia Fonseca DRATOVSKY, Carla Cristina de B. MENDES, Maria do Carmo Silva		1996
Psicoterapia em pacientes terminais	TAVARES, Maria do Socorro	SAMPAIO, Carlos BOENTE, Paulo	1996

**PRODUÇÃO INTELECTUAL DOS PSICÓLOGOS BAIANOS (1973 – 2002)**

TÍTULO	AUTOR (ES)	CO-AUTOR (ES)	ANO
Grupo de crescimento: uma experiência de revisão da relação com o paciente grave e/ou terminal	TIRONI, Márcia Oliveira S. VALENTE, Olívia Bustani		1996
Ambiente de desenvolvimento humano: uma reflexão a partir do contexto creche	LORDELO, Eulina da Rocha		1996
Ansiedade de familiares de crianças hospitalizadas: uma análise funcional de locuções	FRANCO, Anamélia Lins e Silva		1996
Efeitos da experiência de creche no desenvolvimento da criança: uma revisão	LORDELO, Eulina da Rocha		1997
Comprometimento no trabalho: um estudo de caso em uma instituição de serviços na área de saúde	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt LIRA, Sidney Barbosa de		1997
Trabalho gerencial e saúde psíquica: um estudo sobre estresse psicológico	FERNANDES, Sônia Regina P. COPQUE, Helen Lúcia Freitas VIANA, Anderson César Veloso		1997
Psicanalista - Formação..., desejo de..., instituição de...	BARBIERE, Cibele Prado		1997
O mal estar humano: questão de vida ou morte	BARBIERE, Cibele Prado		1997
Desejo e mal estar no final do século	CARVALHO, Gildete Lino de		1997
Desejo em três tempos	CORRÊA, Carlos Pinto		1997
O menino, sujeito do desejo	VIEIRA, Maria da Conceição		1997
Padrões de comprometimento com a profissão e a organização: o impacto de fatores pessoais e a natureza do trabalho	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt LIRA, Sidney Barbosa de	CORREA, Nívea Cristina Nunes	1997
Comprometimento no trabalho em uma instituição hospitalar: insumos para a avaliação das políticas de gestão de pessoal	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt LIRA, Sidney Barbosa de		1997
Autismo e psicose precoce	ANDRADE, Maria Angelina de Araujo		1997
Alguma coisa acontece no meu coração	CANOVAS, Vera Fabiana Francisco		1997
O sintoma psicomotor	CASTRO, Leandra Dias		1997
Intervenção médico psicossocial precoce	COUTINHO, Eneida Cristina V. WANDERLEY, Daniela de Brito		1997

**PRODUÇÃO INTELECTUAL DOS PSICÓLOGOS BAIANOS (1973 – 2002)**

TÍTULO	AUTOR (ES)	CO-AUTOR (ES)	ANO
A representação dos pais e a construção da imagem corporal da criança	FIGUERÊDO, Sara Jane Carmo		1997
O corpo do adulto e o corpo da criança	FIGUERÊDO, Sara Jane Carmo		1997
Instrumentos de avaliação psicomotora	GODINHO, Kátia Maria Argolo	CARDOSO, Auredite PORTUGAL, Márcia	1997
O olhar, o sentir e o fazer interativo	GODINHO, Kátia Maria Argolo	SÁ, Iris de RODRIGUEZ, Saadya Argôlo	1997
A psicomotricidade e a arte	GODINHO, Kátia Maria Argolo DENOVARO, Daniel Becker		1997
Construindo um conhecimento nas diferentes realidades	LIBERATO, Ana Cristina R.		1997
Educação de corpo e alma	MAGALHÃES, Romero Francisco B. de		1997
Maternidade e perda	NASCIMENTO, Eliane Maria V. do		1997
Evolução e tratamento da psicose puerperal	PESSOA, Silvana Souza		1997
Contribuições de áreas afins: psicanálise	RAMOS, Helson Francisco de Jesus		1997
Desejo feminino	REQUIÃO, Eulália		1997
Fantasma da rejeição e a linguagem	MIRANDA, Camila da Costa		1997
O corpo na instituição escolar	SAMPAIO, Sônia Maria R.	SILVA, Daniel SÁ, Iris de	1997
Somatização na infância - uma visão psicanalítica	TEIXEIRA, Ângela Baptista Rio		1997
Psicomotricidade e organicidade	VIEIRA, Miliane de Lemos		1997
Diálogo sem palavras - clínica com bebês	WANDERLEY, Daniela de Brito		1997
Um espaço para a escuta dos pais	WANDERLEY, Daniela de Brito		1997
Tecnologia informática e saúde psíquica: estudo da associação entre dimensões psicossociais do trabalho e sintomas psicológicos em 2 empresas	FERNANDES, Sônia Regina P.		1997



PRODUÇÃO INTELECTUAL DOS PSICÓLOGOS BAIANOS (1973 – 2002)

TÍTULO	AUTOR (ES)	CO-AUTOR (ES)	ANO
Comprometimento no trabalho: Os caminhos da pesquisa e os seus desafios teórico-metodológicos. Em: Trabalho, organizações e cultura	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt		1997
Os vínculos do trabalhador com a organização e o sindicato: padrões de comprometimento e valores relativos ao trabalho	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt	COSTA, Paula Rebouças	1998
Carolina Bori e a criação do curso de psicologia da UFBA	CARVALHO, Mercedes Cunha C. de	MORAES, Eduardo Saback D.	1998
Creche como contexto de desenvolvimento: parcerias adulto-criança e criança-criança	LORDELO, Eulina da Rocha	CARVALHO, Ana Maria A.	1998
Representação social de crianças acerca da sua realidade escolar	CHAVES, Antonio Marcos	BARBOSA, Márcio F.	1998
Inserção do psicólogo em programas de atenção primária à adolescência: uma experiência em Salvador-Bahia	FRANCO, Anamélia Lins e Silva	SILVA, Luis Augusto Vasconcelos OLIVEIRA, Rodrigo Freire	1998
O papel do adulto e da criança como parceiros do desenvolvimento em Vygotsky	LORDELO, Eulina da Rocha		1998
Psicanálise da criação: sublimação e repetição	BARBIERE, Cibele Prado		1998
A criação artística - um comentário, apenas	CARVALHO, Gildete Lino de		1998
Término de análise e amor	CORRÊA, Carlos Pinto		1998
Criar, para quem?	CORRÊA, Carlos Pinto		1998
Imaginação e criatividade: uma introdução ao tema da criação e psicanálise	CORRÊA, Carlos Pinto		1998
O luto pela garrafa - como criar uma saída	GALVÃO, Virgínia Lúcia B. S.		1998
Toxicomania e criação: construindo histórias	GELLMAN, Ester Aída	NUNES, Maria Eugênia	1998
Algumas considerações sobre psicanálise e educação	GUIMARÃES, Terezinha de Jesus D.		1998
A criação e o processo de escolha na demanda vocacional	VERAS, Maria Mônica R.		1998
Ajustamento organismo-ambiente em contextos de educação infantil	LORDELO, Eulina da Rocha		1998
A imagem da psicologia organizacional e do trabalho entre estudantes de psicologia: o impacto de uma experiência acadêmica	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt	MORAIS, José Henrique Miranda de FARIAS, Ivan	1998
O estudante e a psicologia organizacional: fatores que dão suporte ao afastamento e aproximação desta área de atuação	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt		1998

**PRODUÇÃO INTELECTUAL DOS PSICÓLOGOS BAIANOS (1973 – 2002)**

TÍTULO	AUTOR (ES)	CO-AUTOR (ES)	ANO
Trabalho e saúde: a perspectiva dos estudos ergonômicos	FERNANDES, Sônia Regina P.	GOMES, Aline V. TAVARES, Jeane Saskya C.	1998
Trabalho e saúde psíquica - a ótica da psicopatologia do trabalho - revisão de estudos	FERNANDES, Sônia Regina P.	GOMES, Aline V. TAVARES, Jeane Saskya C.	1998
Subjetividade: relações entre a constituição do conceito e da realidade	OLIVEIRA, Marcus Vinicius de	GONÇALVES, Maria da Graça M. FURTADO, Odair	1998
A psicologia do século XIX no acervo cultural baiano: revisitação preliminar	ROCHA, Nádia Maria Dourado		1998
Mulher: paciente e agente de saúde	BASTOS, Ana Cecília S.	SIEBEL, Márcia Teresa F. TRAD, Leny B. SANTOS, Sílvia Regina de Souza BROMBERG, Maria Helena	1998
Estratégias de combate à violência	CHAVES, Evenice S. RISTUM, Marilena		1998
Formação de profissionais de saúde - um trabalho multiprofissional em parceria com a comunidade	RISTUM, Marilena	VIANA, Maria Isabel NOVAES, Valda SILVA, Lúcio Alves da SANTOS, Joselina SOBRINHO, Carlito Nascimento ALMEIDA, Maria Zélia de	1998
A dimensão psicomotora na clínica	CASTRO, Leandra Dias	MIDLEJ, Sumaia PORTUGAL, Márcia CARDOSO, Auredite MENDES, Ignez Helena M. HUBNER, Suely	1998
O corpo do sujeito no saber psicomotor	CASTRO, Leandra Dias		1998
A dimensão psicomotora na escola	DENOVARO, Daniel Becker	LEIRO, César SANTOS, Tânia SABACK, Marta COSTA, Marineide M. M.	1998
O corpo em expressão	DIAS, Luciana de Mattos	INGUAGGIATO, Maria Luisa	1998
A psicomotricidade e a terceira idade	DIAS, Luciana de Mattos		1998
Estrutura e dinâmica da personalidade	BARRETO, Maria da Conceição		1998

**PRODUÇÃO INTELECTUAL DOS PSICÓLOGOS BAIANOS (1973 – 2002)**

TÍTULO	AUTOR (ES)	CO-AUTOR (ES)	ANO
O imaginário do adolescente sobre o consumo do álcool e o processo de construção de identidade: implicações na educação e prevenção	BOA SORTE, Nadir Ferreira		1998
Escolha, comprometimento com a profissão e iniciativas de qualificação profissional: um estudo entre psicólogos do CRP-03, Bahia e Sergipe	SANTOS, Manoelita Mota dos		1998
Crianças abandonadas ou desprotegidas?	CHAVES, Antonio Marcos		1998
Notícia: proposta de diretrizes curriculares para curso de graduação em psicologia e projeto de resolução para a sua regulamentação	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt	COMISSÃO DE ESPECIALISTAS	1999
Organização e cognição: explorando um 'olhar' da psicologia sobre os processos organizacionais	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt		1999
Transformações no mundo no trabalho e a saúde psíquica: a ótica do estresse ocupacional	FERNANDES, Sônia Regina P.		1999
O impacto no ambiente familiar nos primeiros anos de vida: um estudo com adolescentes de uma invasão de Salvador-Bahia	BASTOS, Ana Cecília S.	URPIA, Ana Cláudia M. PINHO, Lídia ALMEIDA FILHO, Naomar de	1999
Migração, estresse e fatores psicossociais na determinação da saúde da criança	FRANCO, Anamélia Lins e Silva	MOTA, Eduardo Luiz A. MOTA, Mirela Cardoso	1999
Família de meninos pobres abrigados na Casa Pia e Colégio dos Órfãos de São Joaquim (1825-1992)	CHAVES, Antonio Marcos		1999
Eventos disruptivos, modos de partilhar e trajetórias de desenvolvimento no contexto de famílias vivendo em pobreza	BASTOS, Ana Cecília S.	ALMEIDA FILHO, Milton Barbosa	1999
O papel do psicólogo no programa de proteção a vítimas e familiares de vítimas da violência	AGUIAR, Euzilene R.		1999
Contribuição da psicanálise na ação do psicólogo organizacional	ALMEIDA, Margarida Neves de		1999
Os diversos olhares da psicologia sobre a organização	BAHIA, Sônia		1999
A abordagem neuropsicológica no programa de reabilitação do paciente com lesão cerebral	BARATA, Adriano Albiani ABREU, José Neander Silva		1999
Condições de vida e práticas de cuidado à criança: um estudo com famílias de Lauro de Freitas	BASTOS, Ana Cecília S.	SANTOS, Sílvia Regina de S.	1999
Repensando o continuum risco-proteção: uma análise na interface saúde e desenvolvimento humano	BASTOS, Ana Cecília S.		1999
Usos da noção de contexto no estudo do desenvolvimento humano: problemas e implicações	BASTOS, Ana Cecília S.		1999
Indicadores de resiliência em famílias de baixa renda no interior da Bahia	BASTOS, Ana Cecília S.	SIEBEL, Márcia Teresa	1999

**PRODUÇÃO INTELECTUAL DOS PSICÓLOGOS BAIANOS (1973 – 2002)**

TÍTULO	AUTOR (ES)	CO-AUTOR (ES)	ANO
O lugar do PSF nos modos familiares de partilhar a atenção à saúde	BASTOS, Ana Cecília S.	ALMEIDA FILHO, Milton Barbosa	1999
Os rumos da qualificação para o trabalho: a literatura internacional e a realidade brasileira	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt		1999
As bases de comprometimento organizacional: a validação fatorial das escalas propostas por Meyer e Allen (1997) para o contexto organizacional	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt	MORAIS, José Henrique Miranda de FARIA, Ivan	1999
Os focos de comprometimento organizacional: a validação fatorial das escalas de comprometimento com a organização, o trabalho e a equipe para o contexto organizacional	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt	MORAIS, José Henrique Miranda de FARIA, Ivan	1999
Padrões de comprometimento no trabalho: comparando duas organizações públicas brasileiras	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt	MORAIS, José Henrique Miranda de FARIA, Ivan	1999
Qualificação entre empregados da construção civil: uma avaliação pelos empregados de uma experiência organizacional	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt	ANDRADE, Rayana S.	1999
Significado do trabalho: um estudo comparativo entre dois grupos ocupacionais	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt	COSTA, Fabíola Marinho AROUCA, Myla de Lima	1999
Terceirização e comprometimento no trabalho: um estudo de caso numa organização	BRITO, Ana Paula Moreno Pinho	CARVALHO, Bárbara C. DE BASTOS, Antonio Virgílio B.	1999
Psicanálise e instituição: como pensar o trabalho da transferência	CALMON, Analicea		1999
Atuação do psicólogo na unidade de cardiologia	CARDOSO, Ira M. Santana		1999
O curso de psicologia da Faculdade Rui Barbosa: uma graduação inovadora	CARVALHO, Anamélia Araújo de		1999
Ética e formação do psicólogo	CARVALHO, Mercedes Cunha C. de		1999
Violência contra crianças e adolescentes	CHAVES, Antonio Marcos	GUIRRA, Raquel Cardoso SIMÕES, Flávia STOCK, Rafaela	1999
O adolescente pobre e seu cotidiano	CHAVES, Evenice S.	CABUS, Roberto MACEDO, Celuta Mara	1999
Educação e saúde: inter-relações emergentes na prática profissional	CHAVES, Evenice S.	CABUS, Roberto MACEDO, Celuta Mara	1999
Introdução aos quatro principais modelos de psicoterapia familiar	CRUZ, Maria Ângela Teixeira		1999

**PRODUÇÃO INTELECTUAL DOS PSICÓLOGOS BAIANOS (1973 – 2002)**

TÍTULO	AUTOR (ES)	CO-AUTOR (ES)	ANO
A inserção do psicólogo nas U. C. I's adulto e neonatal do Hospital Santo Amaro	DINIZ, Andrea		1999
Percepção dos riscos pelos trabalhadores de enfermagem em hospital público universitário	FERNANDES, Sônia Regina P.	RODRIGUES FILHO, E. G. COLAVOLPE, Flávia Finotti GADÊLHA, Marcelo Almeida	1999
O trabalho dos cinegrafistas e a saúde psíquica	FERNANDES, Sônia Regina P.	MESQUITA, Crisvânia PASSOS, Maria Fabiana PEREIRA, Paula Sanders	1999
Estudos ergonômicos: uma revisão histórica no Brasil de 1986-1997	FERNANDES, Sônia Regina P.	GOMES, Aline Lira V.	1999
Trabalho e saúde: estudos no Brasil	FERNANDES, Sônia Regina P.		1999
Trabalho e saúde psíquica - avaliação dos estudos publicados no Brasil 1987-1997	FERNANDES, Sônia Regina P.	GOMES, Aline Lira V. TAVARES, Jeane Saskya C.	1999
Uma retrospectiva dos estudos sobre saúde e trabalho na ótica da psicopatologia do trabalho	FERNANDES, Sônia Regina P.	TAVARES, Jeane Saskya C.	1999
Atendimento a casos especiais	FERREIRA, Ana Rita	ANDRADE, Maria A. Araújo GUIMARÃES, Claudete C; NASCIMENTO, Eliane M; V.	1999
Mães adolescentes e práticas educativas	FONSECA, Ana Lúcia B. da		1999
Ambiente de desenvolvimento e percepção materna do estado de saúde de crianças até 2 anos	FRANCO, Anamélia Lins e Silva	MOTA, Eduardo	1999
Desnutrição, desmame e razões maternas para incluir na dieta infantil alimentos de consumo habitual da família	FRANCO, Anamélia Lins e Silva	MOTA, Eduardo	1999
Profissão: uma escolha possível?	GONZALES, Rita de Cássia Fagundes		1999
Experiência psicanalítica junto a pacientes com AIDS	LEAL, Maia Alice Ramos F.		1999
A aplicação da psicologia social como aporte teórico e metodológico para o desenvolvimento do papel do psicólogo como agente social de mudança nas organizações	LEMOS, Denise Vieira S.		1999
A inserção de uma equipe de psicólogos em uma organização não governamental: uma experiência em concurso	LIMA, Antonio José T. TEIXEIRA, Ana Emília T. e AMADO, Alexandra	VENÂNCIO, Mirian SANTOS, Paulo S. Amado dos	1999
Continência e sentido: gestos e códigos corporais numa instituição policial militar. Por uma compreensão do corpo em Norbert Elias	ALBUQUERQUE, Carlos Francisco L.		1999
Práticas de cuidado à criança em difrentes contextos sócio-econômicos	LORDELO, Eulina da Rocha	ARAUJO, Mariana L. V. B. de MOINHOS, Maria V. de C.	1999

**PRODUÇÃO INTELECTUAL DOS PSICÓLOGOS BAIANOS (1973 – 2002)**

TÍTULO	AUTOR (ES)	CO-AUTOR (ES)	ANO
Estado comportamental da criança e nível de responsividade do ambiente doméstico	LORDELO, Eulina da Rocha	ARAUJO, Mariana L. V. B. de MOINHOS, Maria Vitória de C.	1999
Estratégias de comunicação empregadas pelo adulto em ambiente doméstico e em creche	LORDELO, Eulina da Rocha ALCÂNTARA, Miriã Alves R. de	NEVES, Gabriela Oliveira	1999
Níveis de interação em ambiente doméstico e de creche	LORDELO, Eulina da Rocha ALCÂNTARA, Miriã Alves R. de	ARAUJO, Mariana L. V. B. de MOINHOS, Maria Vitória de C.	1999
Responsividade materna e condições ambientais: integrando dimensões físicas e sociais do ambiente	LORDELO, Eulina da Rocha ALCÂNTARA, Miriã Alves R. de	ARAUJO, Mariana Lamego V. B. de	1999
A vergonha	MAGALHÃES, Sônia Maria Coni C.		1999
Cidadania e loucura, educação e violência simbólica	MATOS, Juliano Sousa		1999
Psicologia hospitalar	MENDES, Maria do Carmo Silva FREITAS, Ana Lúcia Ribeiro de	BROMBERG, Maria Helena	1999
A criança e o momento atual: violência versus depressão	NASCIMENTO, Eliane Maria V. do		1999
Alternativas para o saber - fazer com as dificuldades de aprendizagem	PESSOA, Silvana Souza		1999
Espontaneidade: a mais avançada forma de inteligência	REBOUÇAS, Rosana Maria de S.		1999
As concepções de violência de professores e sua relação com as práticas em sala de aula	RISTUM, Marilena	SANTANA, Juliane Prates	1999
A violência na escola e da escola: uma questão de direitos humanos	RISTUM, Marilena		1999
Psicanálise e hospital	ROCHA, Letícia Maria T. FERREIRA, Maria Alice Ramos		1999
Orientação profissional: a questão da escolha	OLIVEIRA, Gilvando da Conceição de MIRANDA, Camila da Costa		1999
Corpo, infância e educação: a aventura de Pinóquio	SAMPAIO, Sônia Maria R.		1999
O psicólogo na equipe de saúde: o caso do Programa de Saúde da Família	SANTANA, Edyara de M.		1999
Escolha e comprometimento com a carreira: um estudo entre psicólogos baianos	SANTOS, Manoelita Mota dos BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt		1999

PRODUÇÃO INTELECTUAL DOS PSICÓLOGOS BAIANOS (1973 – 2002)

TÍTULO	AUTOR (ES)	CO-AUTOR (ES)	ANO
A formação em psicologia da perspectiva do currículo oculto	SENNE, Wilson Alves	LEITE, Sergio BOCK, Ana	1999
O papel da aprendizagem em grupo	SOARES, Sandra R.		1999
Uma ética do objeto	TEIXEIRA, Marcus do Rio		1999
Reforma curricular da UFBA: ajustando o modelo à realidade social e de mercado	SCHAER, Júlia Lobão		1999
Psicanálise e educação	CARVALHO, Gildete Lino de		1999
O analista do círculo e os núcleos de estudo	CORRÊA, Carlos Pinto		1999
Os pais da criança em análise	GALVÃO, Virgínia Lúcia B. S.		1999
Psicanálise e família	PITHON, Tereza de Jesus C.		1999
O que há de psicanalítico em um acompanhamento vocacional	VELLOSO, Rosana L.		1999
Clínica: eu faço assim...	VIEIRA, Maria da Conceição		1999
O treinamento profissional como prática de proteção a meninos pobres	CHAVES, Antonio Marcos	SIMÕES, Flávia G. Amado BORRIONE, Roberta Tavares de Melo	1999
Significado de proteção à menina pobre na Bahia do século XIX	CHAVES, Antonio Marcos	GUIRRA, Raquel Cardoso	1999
As causas da violência na visão de professores de 1º grau	RISTUM, Marilena		1999
Estimulação ambiental e práticas de cuidado: uma med. de desenv., indicando risco e prot. à criança no contexto de fam. de Areia Branca, Bahia	BASTOS, Ana Cecília S.	SANTOS, Sílvia Regina de Souza SIEBEL, Márcia Teresa F.	1999
Indicadores da rel. entre ações do prog. de saúde da fam. (PSF) e os modos fam. de partilhar cuidados com a saúde	BASTOS, Ana Cecília S.	ALMEIDA FILHO, Milton B.	1999
Comprometimento organizacional: explorando as bases ou natureza desse vínculo	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt	MORAIS, José Henrique Miranda de	1999
Desenvolvimento de competências e aprendizagem organiz.: avaliando os impactos do prog. cuidar-se para cuidar	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt FERNANDES, Sônia Regina P.	VIANA, Anderson Veloso	1999
Os padrões de compromet. no trabalho e os proc. de mudança org.: um estudo em uma emp. petroquímica de Camaçari	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt	MORAIS, José Henrique M. de COSTA, Fabíola Marinho	1999

**PRODUÇÃO INTELECTUAL DOS PSICÓLOGOS BAIANOS (1973 – 2002)**

TÍTULO	AUTOR (ES)	CO-AUTOR (ES)	ANO
Programa de qualificação básica e comprometimento no trabalho: um estudo em uma empresa de construção civil	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt	MORAIS, José H. Miranda de ANDRADE, Rayana S.	1999
Traços de personalidade e aprendizagem por conflito sócio cognitivo	PACHECO, Lilian Miranda Bastos		1999
A psicologia e as teses da Faculdade de Medicina da Bahia no séc. XIX: análise preliminar das influências intelectuais	ROCHA, Nádia Maria Dourado	ROBRIGUES, Lais Oliveira FIGUEIRA, Luana Dourado PEREIRA, Luzineide da Silva SILVEIRA, Paloma Silva	1999
A psicologia médica do século XIX	ROCHA, Nádia Maria Dourado	KUBIAK, Fabiana CUNHA, Letícia Oliveira	1999
O conceito de saúde: análise dos principais debates nos discursos contemporâneos de referência científica	COELHO, Maria Thereza A. Dantas		1999
Escola de bravos: cotidiano e currículo numa academia de polícia militar	ALBUQUERQUE, Carlos Francisco L.		1999
Os caminhos e descaminhos do trabalho: impasses e rupturas na construção de um modelo de gestão	BAHIA, Sônia		1999
Privatização e regulação no transporte de bens: marcos atuais para a evolução do setor	SIMÕES, Marcia Leite		1999
Concepções de mães usuárias de creches sobre educação de filhos	MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos		1999
Carreiras profissionais em transformação: fatores que interferem nas estratégias de carreira dos funcionários do Banco do Brasil	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt	OLIVEIRA, Francisco D. de	2000
A preocupação com questões psicológicas nas teses da Faculdade de Medicina da Bahia no século XIX	ROCHA, Nádia Maria Dourado		2000
Mudanças tecnológicas e o trabalho na contemporaneidade: aspectos subjetivos	FERNANDES, Sônia Regina P.		2000
Responsividade do ambiente de desenvolvimento: crenças e práticas como sistema cultural de criação de filhos	LORDELO, Eulina da Rocha FONSECA, Ana Lúcia B. da	ARAÚJO, Mariana L. V. B. de	2000
O fenômeno psicológico como objeto de estudo transdisciplinar	CHAVES, Antonio Marcos		2000
Práticas de atenção à saúde no contexto familiar: um estudo comparativo de casos	BASTOS, Ana Cecília S.	OLIVEIRA, Maria Luiza	2000
Desenvolvimento motor da mão dominante nos movimentos identificados como reponsáveis pela produção da escrita	SODRÉ, Liana Gonçalves P.		2000
Os significados das crianças indígenas brasileiras	CHAVES, Antonio Marcos		2000



**PRODUÇÃO INTELECTUAL DOS PSICÓLOGOS BAIANOS (1973 – 2002)**

TÍTULO	AUTOR (ES)	CO-AUTOR (ES)	ANO
O lugar sem pai ou um eixo para a subversão institucional	CORRÊA, Carlos Pinto		2000
Gôzo e alcoolismo	GALVÃO, Virgínia Lúcia B. S.		2000
Significados de proteção à infância: proteção do estado a meninas na Bahia do século XIX	CHAVES, Antonio Marcos	SIMÕES, Flávia G. Amado GUIRRA, Raquel Cardoso BORRIONE, Roberta Tavares de Melo	2000
A criança e o adolescente em conflito com a lei compreendendo o campo jurídico-legal/ECA e as possibilidades de atendimento na perspectiva da psicanálise	FIALHO, Nádia Hage		2000
Representações sociais do adolescente em situação de risco nos discursos de diferentes atores em contexto educativo	BASTOS, Ana Cecília S.	AMORIM, Elisa Maria Barbosa de SERGIO, Juliana COSTA, Thais Almeida	2000
Redirecionando trajetórias de desenvolvimento: um estudo de caso1	BASTOS, Ana Cecília S.	COSTA, Júlia Gonçalves SANTOS, Darci Neves	2000
"Nosso caminho": avaliando um programa de mudança sob prisma da aprendizagem organizacional	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt	GOMES, Alexandre G. M.	2000
O "Schema" de trabalhador comprometido: elemento definidor da identidade no trabalho	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt	SANTOS, Mariana Viana	2000
Programa de qualificação e treinamento: uma avaliação dos seus impactos em uma empresa de serviços marítimos	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt	VIEIRA, Sergio Ricardo Franco	2000
Mapas cognitivos: discutindo seu uso como ferramentas de análise e intervenção nos processos macro e micro organizacionais	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt		2000
Organização e cognição: o que emerge desta interface?	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt		2000
Práticas educativas no contexto familiar de mães adolescentes	FONSECA, Ana Lúcia B. da BASTOS, Ana Cecília S.		2000
Discutindo o conceito de responsividade em estudos sobre interação adulto-criança	LORDELO, Eulina da Rocha		2000
Estágio do espelho	MENDES, Maria Juliêta da S. V. B.		2000
Contribuição da psicogênese no desenvolvimento psicomotor	QUEIROZ, Isabella Regina Gomes de		2000
A construção imaginária do corpo na prematuridade	WANDERLEY, Daniela de Brito		2000
Pelo meu estado de viver triste: uma etnografia de comportamentos depressivos	JESUS, Mônica Lima		2000
Com a palavra o adolescente: resignificando trajetórias de risco num espaço de fronteiras - uma experiência em educação para a saúde	SANTOS, Mirela Figueiredo		2000

**PRODUÇÃO INTELECTUAL DOS PSICÓLOGOS BAIANOS (1973 – 2002)**

TÍTULO	AUTOR (ES)	CO-AUTOR (ES)	ANO
O profissional faz acontecer: comprometimento no trabalho - avaliando uma dimensão do programa de saúde da família	SCALDAFERRI, Maria da Conceição		2000
Filhos e violência: como a família lida em situações de perda	SILVA, Gessé de Souza		2000
Terceirização e comprometimento no trabalho: um estudo de caso na COELBA	CARVALHO, Bárbara Cristina T. de		2000
Universidade multicampi: modalidade organizacional, espacialidade e funcionamento	FIALHO, Nádia Hage		2000
Prática educativa no contexto familiar das mães adolescentes	FONSECA, Ana Lúcia B. da		2000
Da linguagem: a leitura da literatura na escola - uma prática de significância	SARNO, Silvana Maria Grisi		2000
Conceito de violência e sua relação com relatos de experiências de violência	RISTUM, Marilena		2000
O conceito de professoras acerca da violência e sua relação com as práticas acadêmicas em sala de aula	RISTUM, Marilena	OLIVEIRA, Catarina Vilanova M. de	2000
Estratégias institucionais para o ensino da psicologia	CARVALHO, Anamélia Araújo de		2000
Abílio César Borges - precursor da tecnologia de ensino no Brasil	ROCHA, Nádia Maria Dourado		2000
Asylo São João de Deus: chegadas oitocentistas	ROCHA, Nádia Maria Dourado	KUBIAK, Fabiana MORAES, Eduardo Saback de	2000
Psicologia e educação: um percurso histórico	ROCHA, Nádia Maria Dourado		2000
Organização e cognição. O que emerge desta interface? Em: Estudos Organizacionais. Novas perspectivas na administração de empresas – Uma coletânea luso-brasileira	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt		2000
O percurso terapêutico do paciente com lesão medular. Uma tentativa de simbolização	CAJADO, Maria Constança Veloso		2001
Voluntariado e Psicologia no contexto hospitalar: uma relação delicada	MENDES, Maria do Carmo Silva		2001
Paciente na UTI - Refém da medicina moderna	VASCONCELOS, Sheyna Cruz		2001
Cuidados paliativos em atendimento domiciliar - uma perspectiva do trabalho em equipe	BANDEIRA, Suzane		2001

**PRODUÇÃO INTELECTUAL DOS PSICÓLOGOS BAIANOS (1973 – 2002)**

TÍTULO	AUTOR (ES)	CO-AUTOR (ES)	ANO
Avaliação dos transtornos do humor	ABREU, José Neander Silva		2001
Avaliação no hospital: um desafio para o psicólogo	VASQUEZ, Vanessa Serva		2001
Integridade das ações e integridade do sujeito: ações preventivas e ações curativas	SANTOS, Mirela Figueiredo		2001
A psicologia como instrumental teórico necessário à construção de uma relação transformadora em saúde e educação	DIAS, Maria Rosália C.		2001
O percurso terapêutico do paciente com lesão medular: do instante do trauma ao momento da cirurgia - tempo para compreender?	PINTO, Leila Oliveira		2001
O psicólogo no atendimento à família em Saúde mental	MOURA, Gabriela Rangel de		2001
Atuação do psicólogo junto às famílias na UTI	RODRIGUES, Bárbara		2001
Dor no cancer	CASTRO, Martha Moreira Cavalcante		2001
Trabalhando a qualidade de vida no atendimento multidisciplinar ao paciente crônico. O papel da Psicóloga.	CARDOSO, Ira M. Santana		2001
Paciente/família. Quem atendemos?	MAIA, Jaqueline Moraes		2001
A equipe de saúde diante da dor e depressão do paciente hospitalizado	BARRETO, Leda Moreira		2001
Núcleo de atenção psicopedagógica: uma experiência de promoção à saúde mental na comunidade acadêmica	DALTRO, Mônica Ramos		2001
Pós-graduação em Psicologia Hospitalar	RIBEIRO, Jorge Luiz L. Sales		2001
Brasil 500 anos - A psicologia e a psicologia hospitalar	GONZALEZ, Miguel Angel Cal		2001
As psicologias na Psicologia Hospitalar	FRANCO, Anamélia Lins e Silva		2001
Psicologia Cognitiva	ANDRADE, Diana Bittencourt de		2001
Biossíntese	FREITAS, Ana Lúcia Ribeiro de		2001
A complexidade interdisciplinar. Perspectiva sócio-psicológica em hospitais	BAHIA, Sônia		2001

**PRODUÇÃO INTELECTUAL DOS PSICÓLOGOS BAIANOS (1973 – 2002)**

TÍTULO	AUTOR (ES)	CO-AUTOR (ES)	ANO
Qualidade de vida e promoção da saúde	SHAYER, Beatriz Pires Martins		2001
Toque terapêutico em bebês	MACHADO, Maria das Graças	COSTA, Rejane	2001
Instrumentação neuropsicológica para atuação em psicologia hospitalar	ABREU, José Neander Silva		2001
Onde está o meu cliente?	BARUCH, Aída Gláucia Fonseca		2001
Tanatologia: adoecimento, hospitalização e religiosidade	PEIXINHO, André Luiz	PEIXINHO, Eleonora	2001
Estudo comparativo: avaliação de necessidades familiares de pacientes internados em UTI	FREITAS, Ana Lúcia Ribeiro de MOREIRA, Cristina Rocha RODRIGUES, Bárbara		2001
PAPO: Programa de Assistência a Pacientes Ostomizados	CASTRO, Maria Luiza Sarno	ANDRADE, M. E. M. CUNHA, M. LINS, H. R. MOTTA, R. C. S. A. A.	2001
A lógica da obesidade mórbida	PINTO, Leila Oliveira		2001
A intervenção do Psicólogo em uma clínica de dor oncológica	CASTRO, Martha Moreira Cavalcante BANDEIRA, Suzane MENDES, Maria do Carmo Silva CASTRO, Maria Luiza Sarno PEIXINHO, Cacilda		2001
Programa de Atendimento Domiciliar	BANDEIRA, Suzane VASCONCELOS, Sheyna Cruz	MATA, A. AZEVEDO, A. D.	2001
O discurso de adolescentes diabéticos acerca da própria doença: o saber do paciente	ALLATA, Rosana Cristina C.		2001
Psicologia médica: um campo da psicologia voltado para o profissional de saúde	DALTRO, Mônica Ramos		2001
Sexualidade da mulher com lesão medular traumática	SOUZA, Diana B.		2001
Um estudo sobre a utilização do desenho da figura humana em pacientes portadores de dor crônica não-oncológica	TOCHILOVSKY, Maria Ângela S. R. CASTRO, Martha Moreira Cavalcante	KRAYCHETE, D.	2001
O processo de enfrentamento do câncer em famílias de mulheres com câncer de mama	TAVARES, Jeane Saskya Campos	TRAD, Leny B.	2001
A prática analítica com portadores de lesão raqui-medular	PINTO, Leila Oliveira		2001
O schema de 'trabalhador comprometido' e gestão do comprometimento: um estatuto entre gestores de uma organização petroquímica	BRITO, Ana Paula Moreno Pinho BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt		2001
Olhar, explicação e intervenção da psicologia da infância: contextualização histórico-cultural-metodológica	PACHECO, Lilian Miranda Bastos		2001

**PRODUÇÃO INTELECTUAL DOS PSICÓLOGOS BAIANOS (1973 – 2002)**

TÍTULO	AUTOR (ES)	CO-AUTOR (ES)	ANO
Trabalho docente e valores: em questão as novas tecnologias de informação e comunicação	GONDIM, Sônia Maria Guedes		2001
Mapas cognitivos e a pesquisa organizacional: explorando aspectos metodológicos	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt		2001
Maternidade adolescente em contexto cultural: um estudo com mães adolescentes de duas comunidades na Bahia	FONSECA, Ana Lúcia B. da BASTOS, Ana Cecília S.		2001
Significações atribuídas ao cotidiano pelo adolescente pobre	CHAVES, Evenice S.		2001
Investigação e análise culturalmente sensíveis sobre efeitos terapêuticos de práticas religiosas em sujeitos com itinerário terapêutico circunscrito entre a igreja Universal do Reino de Deus e a Psiquiatria	ANDRADE, Marcelo Magalhães		2001
Uma abordagem psicanalítica acerca da posição do toxicômano	ALMEIDA, Alba Riva B. de		2001
A clínica psicanalítica em pesquisa na universidade - um empreendimento possível?	CALMON, Analicea		2001
A questão da pesquisa psicanalítica na universidade: uma leitura psicanalítica do processo de escolha profissional	GONZALES, Rita de Cássia Fagundes		2001
Uma via possível para abordar a eficácia da psicanálise	TEIXEIRA, Maria Angélica		2001
A construção social do envolvimento com a violência: o caso de um adolescente	ALCÂNTARA, Miriã Alves R. de BASTOS, Ana Cecília S.	LORDELO, Lia da Rocha	2001
Depressão e fatores psicossociais: incidência em uma instituição asilar	ABREU, José Neander Silva		2001
Três gerações frente a uma mesma realidade	ALCÂNTARA, Miriã Alves R. de BASTOS, Ana Cecília S.	RÊGO, Nayara Nascimento	2001
Sobre a possibilidade e os limites de uma clínica da inclusão	ANDRADE, Marcelo Magalhães		2001
A nova clínica ampliada do movimento antimanicomial	OLIVEIRA, Marcus Vinícius de		2001
Representação social de professores e alunos da Escola Pública	ARAÚJO, Daniela de Souza	GÓIS, Caroline Abreu AMORIM, Fabiana Carvalho RODRIGUES, Laís Oliveira	2001
Diversidade cultural: um jeito de ser automotivo	BAHIA, Sônia ALBUQUERQUE, Carlos Francisco L.	REZENDE, Sônia TORRES, Marieze QUADROS, Terezinha SILVA, Aline Maria ANDRADE, Lígia Maria NEVES, Ana Bárbara V. S. ROCHA, Milena Presas	2001

PRODUÇÃO INTELECTUAL DOS PSICÓLOGOS BAIANOS (1973 – 2002)

TÍTULO	AUTOR (ES)	CO-AUTOR (ES)	ANO
Mídia e exclusão social	BAHIA, Sônia	BARBOSA, Juliana Maria P. HORA, Cláudia Diz Passos da	2001
Prevenção da violência: uma abordagem sistêmica e ecológica centrada no adolescente	BASTOS, Ana Cecília S.	MILANI, Feize Masrouf	2001
Desnutrição e desempenho cognitivo na 1ª infância: um estudo com crianças menores de 42 meses	BASTOS, Ana Cecília S.	ALMEIDA FILHO, Naomar de SANTOS, Leticia Marques dos PRADO, Matildes da Silva SANTOS, Darci Neves BARRETO, Maurício L.	2001
O adolescente em situação de risco na concepção dos diferentes atores em um contexto educativo	BASTOS, Ana Cecília S.	AMORIM, Elisa Maria Barbosa de SÉRGIO, Juliana COSTA, Thais Almeida	2001
O brincar e a construção dos papéis de gênero	BASTOS, Ana Cecília S.	SAMPAIO, Carla Oliveira MOREIRA, Patrícia Villar	2001
Projetos de vida ao longo de trajetórias de adolescentes: um processo de construção no contexto da família	BASTOS, Ana Cecília S. ALCÂNTARA, Miriã Alves R. de	RÊGO, Nayara Nascimento LORDELO, Lia da Rocha	2001
Com a palavra o adolescente: resignificando trajetórias de risco num espaço de fronteiras	BASTOS, Ana Cecília S. SANTOS, Mirela Figueiredo		2001
Estruturas de oportunidade e trajetórias de desenvolvimento da família em um contexto de violência urbana	BASTOS, Ana Cecília S. ALCÂNTARA, Miriã Alves R. de		2001
Mudanças organizacionais: um estudo sobre seus impactos em quatro empresas baianas	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt	VIEIRA, Sergio Ricardo F. DI PACE, Daniela M. Tejo	2001
Comprometimento: identificando diferentes padrões em contextos organizacionais em mudança	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt	RIOS, Mino Correia MENEZES, Igor Gomes	2001
O débil e sua escolha frente ao saber	BEZERRIL, Sylvia Maria Torres		2001
Maternidade, desejo e gravidez na adolescência	NASCIMENTO, Eliane Maria V. do		2001
Fala e subjetivação: um estudo sobre os distúrbios da fala na clínica com crianças	ANDRADE, Maria Angelina de Araujo		2001
A relação mãe-criança: controvérsias e perspectivas na psicanálise	FERNANDES, Andréa Hortélio		2001
Interesse é o desejo?	BRAGA, Ana Aparecida N. Martinelli		2001

**PRODUÇÃO INTELECTUAL DOS PSICÓLOGOS BAIANOS (1973 – 2002)**

TÍTULO	AUTOR (ES)	CO-AUTOR (ES)	ANO
Treinamento de multiplicadores	CARVALHO, Anamélia Araújo de CARVALHO, Heloisa. Saback	BLANCO, Simone	2001
Proteção à infância na Bahia no século XIX	CHAVES, Antonio Marcos	BORRIONE, Roberta T. de Melo MESQUITA, Giovana Reis	2001
Representação social de infância	CHAVES, Antonio Marcos	CUNHA, Samai Alcira SILVA, Joelma Oliveira da OLIVEIRA, Marília Andrade FERREIRA, Andréa Barnabé	2001
Cuidado e proteção de crianças expostas na roda da Santa Casa da Bahia (1801-1806)	CHAVES, Antonio Marcos	GÓES FILHO, Paulo Lins SOUZA, Luciana Melo e	2001
Significados de trabalho infantil na Bahia do século XIX	CHAVES, Antonio Marcos	SIMÕES, Flávia Guimarães Amado MESQUITA, Giovana Reis	2001
Violência urbana e no trabalho: o caso dos motoristas de táxi de Salvador, Bahia	CERQUEIRA, Rafael Torres	NORONHA, Ceci Villar MACHADO, Eduardo Paes	2001
A psicologia no currículo da pedagogia que habilita para a educação especial: uma experiência inovadora	DALTRO, Mônica Ramos		2001
Interdisciplinaridade e psicologia: relações necessárias	DIAS, Maria Rosália C.		2001
Um psicólogo na escola: por que e para que?	BRUN, Milena Marques e Santos		2001
A relação médico-paciente como objeto de intercessão da psicologia e da saúde coletiva	FRANCO, Anamélia Lins e Silva		2001
Do mercosul à latinoamericanidade: a trajetória da psicologia	OLIVEIRA, Marcus Vinícius de GONZALEZ, Miguel Angel Cal		2001
O brincar no currículo da educação infantil	LORDELO, Eulina da Rocha		2001
Processo de implantação de uma cultura de avaliação na Bahia: aprofundando a análise	MORAIS, José Henrique Miranda	TYLER, Lew	2001
Avaliação em larga escala: o modelo de avaliação na Bahia	MORAIS, José Henrique Miranda		2001
Avaliação das escolas públicas estaduais e municipais na Bahia: uma comparação entre as avaliações de 1999 e 2000	MORAIS, José Henrique Miranda		2001
A experiência de estágio em creche no curso de psicologia da UFBA	MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos		2001
Concepções de mães usuárias de creches sobre desenvolvimento infantil	MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos LORDELO, Eulina da Rocha		2001

**PRODUÇÃO INTELECTUAL DOS PSICÓLOGOS BAIANOS (1973 – 2002)**

TÍTULO	AUTOR (ES)	CO-AUTOR (ES)	ANO
Saúde mental e inclusão social: a nova perspectiva da participação dos usuários	OLIVEIRA, Marcus Vinícius de		2001
Análise de conteúdo abordando recreação terapêutica: a extensão em que crianças e jovens estão incluídos	PEDREIRA, Tani Bandeira Dias		2001
Desempenho cognitivo de escolares da rede pública de Jequié-Ba: importância do contexto familiar e escolar	PEREIRA, Paula Sanders SIMÕES, Marcia Leite	SANTOS, Darci Neves BARRETO, Maurício L.	2001
Oficina de capoeira: uma proposta de desenvolvimento pessoal	RIBEIRO, Renata Camarotti	D'Oliveira, Maíra Rebouças	2001
A violência urbana e o papel da mídia na concepção de professores do ensino fundamental	RISTUM, Marilena		2001
Convivendo com a alteridade: perspectivas da formação de educadores atuando junto ao risco	SAMPAIO, Sônia Maria R.	OLIVEIRA, Marcelo Matos de	2001
Mestre Pastinha: itinerário de uma pesquisa-ação-formação	SAMPAIO, Sônia Maria R.		2001
O funcionário enquanto educador	SAMPAIO, Sônia Maria R.	ARAÚJO, Soraia Aparecida de OLIVEIRA, C. Vilanova M. de	2001
A representação social da psicologia por alunos recém ingressos no curso	SANTOS, Manoelita Mota dos		2001
Comprometimento no trabalho: avaliando uma dimensão do programa de saúde na família	SCALDAFERRI, Maria da Conceição		2001
Médico do programa de saúde na família: seu conceito de família e como este conceito está orientando a prática médica	SILVA, Mônica Santana FRANCO, Anamélia Lins e Silva BASTOS, Ana Cecília S.	SIEBEL, Márcia Teresa F.	2001
A inserção do psicólogo no programa de saúde da família - problemas e perspectivas	SILVEIRA, Luana da		2001
Desafios da inserção do psicólogo no programa de saúde da família	SILVEIRA, Luana da		2001
Perfil dos processos de pensamento	SOLEDADE, Taya Maria	ALVES, Flávia Lopes CHASTINET, Jamile Bittencourt SANTOS, Aline Santos e	2001
A mulher e o amor	VICENTE, Sônia Maria de A.		2001
Cuidar-se para cuidar: a construção de sentido no processo de avaliação	VIANA, Anderson César Veloso BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt		2001



PRODUÇÃO INTELECTUAL DOS PSICÓLOGOS BAIANOS (1973 – 2002)

TÍTULO	AUTOR (ES)	CO-AUTOR (ES)	ANO
Sobre o amor e o gôzo há certas coisas que não sei dizer	BARBIERE, Cibele Prado		2001
Gôzo, sexualidade e droga	COELHO, Maria Thereza A. Dantas		2001
O gôzo do tempo	CORRÊA, Carlos Pinto		2001
A culpa de ter	CORRÊA, Carlos Pinto		2001
30 anos do CPB	GALVÃO, Virgínia Lúcia B. S.		2001
Reflexões sobre o corpo na toxicomania	MACHADO, Sheila S.		2001
O discurso do psicanalista: uma patologia do dispositivo analítico	TEIXEIRA, Maria Angélica		2001
Implementando um laboratório de avaliação e medidas em psicologia: identificação de problemas de pesquisa e primeiros resultados	BASTOS, Ana Cecília S. SIMÕES, Marcia Leite	GOULART, Cristina SAMPAIO, Carla Oliveira VILAS BÔAS, Daniele THRINETO, Hermano	2001
Significados de risco-proteção nas trajetórias de adolescentes de um bairro popular: eventos de risco, causas percebidas, crenças sobre enfrentamento	BASTOS, Ana Cecília S. ALCÂNTARA, Miriã Alves R. de	LORDELO, Lia da Rocha REGO, Nayara N.	2001
Violências cometidas por ou contra adolescentes: a percepção de estudantes da periferia de Salvador - Bahia	BASTOS, Ana Cecília S.	MILANI, Feize Masrour AMORIM, E.	2001
Um estudo de diferentes padrões de comprometimento em contextos organizacionais em mudança	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt	MENEZES, Igor Gomes RIOS, Mino Correia	2001
Mudanças organizacionais e seus impactos psicossociais: um estudo de empresas baianas	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt	VIEIRA, Sergio Ricardo F. DI PACE, Daniela M. Tejo	2001
Significados de proteção à infância na Bahia do século XIX: análise das práticas de batismo e taxas de mortalidade na roda dos expostos	CHAVES, Antonio Marcos	SOUZA, Luciana Melo e GÓES FILHO, Paulo Lins	2001
Trabalho infantil como prática de proteção e disciplinamento na Bahia do século XIX	CHAVES, Antonio Marcos	BORRIONE, Roberta T. de Melo	2001
Violência: uma categorização do conceito	CHAVES, Antonio Marcos	MESQUITA, Giovana Reis BORRIONE, Roberta T. de Melo	2001
Modos do adolescente enfrentar o risco: um estudo longitudinal sobre projetos de vida no contexto da família	ALCÂNTARA, Miriã Alves R. de	MESQUITA, Giovana Reis	2001
Revolução no trabalho? O caso do repensar	LEMOS, Denise Vieira S.		2001

**PRODUÇÃO INTELECTUAL DOS PSICÓLOGOS BAIANOS (1973 – 2002)**

TÍTULO	AUTOR (ES)	CO-AUTOR (ES)	ANO
Comprometimento organizacional: sob a ótica dos gestores de uma organização petroquímica	BRITO, Ana Paula Moreno Pinho		2001
Criatividade e comprometimento organizacional: suas relações com a percepção de desempenho no trabalho	FONSECA, Carlos Alberto Monsores da		2001
Sensemaring e avaliação: uma abordagem para compreensão de processos organizativos em uma instituição hospitalar	VIANA, Anderson César Veloso		2001
Educação médica - o desafio de sua transformação	PEIXINHO, André Luiz		2001
O computador na sala de aula: sua especificidade na aprendizagem e expressão do conhecimento do estudante	PINHO, Lídia Maria de Menezes		2001
Educação familiar: o que fazem os pais para educar os filhos hoje - uma abordagem psicanalítica	QUEIROZ, Anabela Silva		2001
Sujeito e trabalho: uma leitura psicanalítica da escolha profissional	GONZALES, Rita de Cássia Fagundes		2001
A formação em psicologia em tempos de mudança: para onde queremos caminhar?	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt		2001
Aprendizagem organizacional versus organizações que aprendem: tensões e convergências entre essas duas tradições de pesquisa	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt		2001
Gestão de pessoas em contexto de mudança: a importância de elementos "Agency" e "Community"	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt	MENEZES, Igor Gomes NAVIO, Victor Luis R.	2001
Mudança e comprometimento: explorando suas relações em um caso bem sucedido de reestruturação organizacional	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt	VIEIRA, Sergio Ricardo F. RIOS, Mino Correia DI PACE, Daniela Miranda Tejo	2001
Inserção da criança na família, identidade partilhada e protagonismo juvenil em contexto de desigualdade social	BASTOS, Ana Cecília S.		2001
Conceito, causas e estratégias de enfrentamento da violência na percepção de adolescentes da periferia de Salvador	BASTOS, Ana Cecília S.	AMORIM, Elisa Maria Barbosa de MILANI, Feize Masrour NASCIMENTO, Adriana JESUS, Rita Dias P. de SAMPAIO, Carla Oliveira	2001
A ruptura do script da consulta médica como fator de aproximação entre o médico e o paciente	FRANCO, Anamélia Lins e Silva BASTOS, Ana Cecília S.	SIEBEL, Márcia Teresa F. SAMPAIO, Vânia GOMES, Aline Lira V. SILVA, Mônica S.	2001
Trajetórias de adolescentes de um bairro popular: significados percebidos sobre risco-proteção	ALCÂNTARA, Miriã Alves R. de BASTOS, Ana Cecília S.	LORDELO, Lia da Rocha RÊGO, Nayara Nascimento	2001
A construção da história do paciente no contexto clínico através do discurso	BASTOS, Ana Cecília S. FRANCO, Anamélia Lins e Silva	SAMPALIO, Vânia SIEBEL, Márcia Teresa F. GOMES, Aline Lira V. SILVA, Mônica S.	2001

**PRODUÇÃO INTELECTUAL DOS PSICÓLOGOS BAIANOS (1973 – 2002)**

TÍTULO	AUTOR (ES)	CO-AUTOR (ES)	ANO
Contextos sócio-culturais e estilos maternos de cuidado à criança	LORDELO, Eulina da Rocha	CHALHUB, Anderson SEAL, Cláudio	2001
Demandas da criança e reponsividade do adulto em ambientes doméstico e de creche	LORDELO, Eulina da Rocha	CHALHUB, Anderson SEAL, Cláudio	2001
Habilidades sociais de estudantes de psicologia: um estudo transcultural em três países de língua latina	ULIAN, Ana Lúcia A. de O.	DEL PRETTE, Zilda A. P. RIOS-SALDAÑA, Maria R. DEL PRETTE, Almir CABALLO, Vicente E. BANDEIRA, Marina GERK-CARNEIRO, Eliane FALCONE, Eliane Mary de O. BARRETO, Maria Cecília M.	2001
Habilidades sociais de estudantes de psicologia: um estudo em diferentes regiões brasileiras	ULIAN, Ana Lúcia A. de O.	DEL PRETTE, Zilda A. P. RIOS-SALDAÑA, Maria R. DEL PRETTE, Almir CABALLO, Vicente E. BANDEIRA, Marina GERK-CARNEIRO, Eliane FALCONE, Eliane Mary de O. BARRETO, Maria Cecília M.	2001
Estudo transcultural em habilidades sociais com estudantes universitários: justificativa, objetivos e metodologia	ULIAN, Ana Lúcia A. de O.	DEL PRETTE, Zilda A. P. RIOS-SALDAÑA, Maria R. DEL PRETTE, Almir CABALLO, Vicente E. BANDEIRA, Marina GERK-CARNEIRO, Eliane FALCONE, Eliane Mary de O. BARRETO, Maria Cecília M.	2001
Os direitos humanos e a agenda da reforma psiquiátrica brasileira	OLIVEIRA, Marcus Vinicius de		2001
Relações profissionais de saúde-usuários: questões psicossociais em contexto de atendimento a usuários de saúde pública	FRANCO, Anamélia Lins e Silva	SILVA, Marília Marques da	2001
Europa, França e Bahia - a vinculação intelectual europeia das teses apresentadas à Faculdade de Medicina da Bahia nos oitocentos	ROCHA, Nádía Maria Dourado		2001
Efeito da exposição a eventos controláveis e incontroláveis na solução de problemas e formulação de regras	CARVALHO, Maria Virgínia	DIAS, Carine S. S. ANDRADE, Carolina F. MOURA, Gaele M. A. ROCHA, Milena Presas LOBO, Tayse M. P.	2001

**PRODUÇÃO INTELECTUAL DOS PSICÓLOGOS BAIANOS (1973 – 2002)**

TÍTULO	AUTOR (ES)	CO-AUTOR (ES)	ANO
A instituição sinistra: mortes violentas em hospitais psiquiátricos no Brasil	OLIVEIRA, Marcus Vinicius de		2001
Modos de partilhar: a criança na vida cotidiana da família	BASTOS, Ana Cecília S.		2001
Apresentação. Em: Programa cuidar - educação para valores com base na ética biofílica. Livro do professor	BASTOS, Ana Cecília S.		2001
Análise de uma experiência de parceria inter-institucional em saúde do adolescente: possibilidades, limites e implicações para a pesquisa. Em: Psicologia escolar/educacional, saúde e qualidade de vida: explorando fronteiras	BASTOS, Ana Cecília S. ALCÂNTARA, Miriã Alves R. de	SANTOS, M. F. SANTOS, D. N.	2001
Cognição e ação: o ator ocupa a cena nos estudos organizacionais. Em: Handbook de estudos organizacionais. Ação e análise organizacionais	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt	ANDRADE, J. E. B.	2001
Cognição e ação nas organizações. Em: Gestão com pessoas e subjetividades	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt		2001
Apresentação. Em: A instituição sinistra: mortes violentas em hospitais psiquiátricos no Brasil	OLIVEIRA, Marcus Vinicius de		2001
Dicionário biográfico da psicologia no Brasil	ROCHA, Nádía Maria Dourado	JACÓ-VILELA, Ana Maria ENGELMANN, Arno MANCEBO, Deise RODRIGUES, Heliana de Barros C. BUENO, José Lino Oliveira BROZEK, Josef FERREIRA, Marcos Ribeiro GUEDES, Maria do Carmo MASSIMI, Marina BAPTISTA, Marisa Todescan ANTUNES, Mitsuko Makino SILVA NETO, Norberto Abreu CUNHA, Rachel Nunes da FILHO, Raul Albino Pacheco GOMES, William Barbosa	2001
Abílio César Borges - Barão de Macaúbas. Em: Dicionário biográfico da psicologia no Brasil	ROCHA, Nádía Maria Dourado		2001
Cidália Dias Mendez. Em: Dicionário biográfico da psicologia no Brasil	ROCHA, Nádía Maria Dourado		2001
Eduardo Ferreira França. Em: Dicionário biográfico da psicologia no Brasil	ROCHA, Nádía Maria Dourado		2001
Elisabeth Chaves de Murta Veloso. Em: Dicionário biográfico da psicologia no Brasil	ROCHA, Nádía Maria Dourado		2001
José Lino Santos Coutinho. Em: Dicionário biográfico da psicologia no Brasil	ROCHA, Nádía Maria Dourado		2001
Isaias Alves. Em: Dicionário biográfico da psicologia no Brasil	ROCHA, Nádía Maria Dourado	ANTUNES, Mitsuko Makino APARECIDA, M.	2001
Alice de Oliveira Costa. Em: Dicionário biográfico da psicologia no Brasil	SANTOS, Romélia		2001

PRODUÇÃO INTELECTUAL DOS PSICÓLOGOS BAIANOS (1973 – 2002)

TÍTULO	AUTOR (ES)	CO-AUTOR (ES)	ANO
João Ignácio de Mendonça. Em: Dicionário biográfico da psicologia no Brasil	CARVALHO, Mercedes Cunha C. de		2001
Mandar é fácil....difícil é liderar; o desafio do comando na nova economia.	GUIMARÃES, Jorge Lessa		2001
Um olhar sobre o programa de saúde da família: a perspectiva ecológica na psicologia do desenvolvimento segundo Bronfenbrenner e o modelo da vigilância da saúde	FRANCO, Anamélia Lins e Silva BASTOS, Ana Cecília S.		2002
Vivendo em contexto de violência: o caso de um adolescente	BASTOS, Ana Cecília S. ALCÂNTARA, Miriã Alves R. de	LORDELO, Lia da Rocha	2002
Padrões de interação entre adolescentes e educadores num espaço institucional: resignificando trajetórias de risco	SANTOS, Mirela Figueiredo BASTOS, Ana Cecília S.		2002
Representação social de mães acerca da família	CHAVES, Antonio Marcos	CABRAL, Aila RAMOS, Ana E. LORDELO, Lia da Rocha MASCARENHAS, Roberta	2002
Sobre o viés perverso da sexualidade	BARBIERE, Cibele Prado		2002
Encontro do núcleo de criança com Lacan	CARVALHO, Gildete Lino de		2002
Visão psicanalítica na idade numerada	CORRÊA, Carlos Pinto		2002
Transferência de trabalho	DÓREA, Ana Rita V.		2002
Encontro com Fraçoise Dolto	VIEIRA, Maria da Conceição		2002
Fobia de espaço: relato de caso	NETTO, Liana Rodrigues		2002
A cura pela fé: entre a crença e a verdade	LEAL, Domingos Sávio Souza	KENZLER, Wilhelm RIBEIRO, Franklin A.	2002
Técnicas de construção de imagens com tecidos	BARRETO, Ivanete Oliveira NASCIMENTO, Sônia Suzana		2002
Psicodrama: educação para a espontaneidade	DIAS, Maria Rosália C.	RAMALHO, Cybele NETO, Luis Coelho	2002
Mapa sociodinâmico	GOMES, Maria Amélia Lira V.		2002

PRODUÇÃO INTELLECTUAL DOS PSICÓLOGOS BAIANOS (1973 – 2002)

TÍTULO	AUTOR (ES)	CO-AUTOR (ES)	ANO
Os métodos sociométricos na escola	GOMES, Maria Amélia Lira V.	MARINHO, Marília LIMA, Luzia Mara S.	2002
Perspectivas da psicoterapia em grupo	GOMES, Maria Amélia Lira V.	WEEKS, Beatriz S. AMATO, Marco Antonio	2002
Psicodrama: uma ética para sobreviver	GUIMARÃES, Leonídia Alfredo	MERENGUÉ, Devanir ECHENIQUE, Marta	2002
Imagens, cenas e neurociências	MACHADO, Maria Lúcia	OLIVEIRA, Armando	2002
Existe psicodrama com criança?	OLIVEIRA, Luisa Lacerda	PETRILLI, Silvia Antunes PEREZ, Vanúzia	2002
Espontaneidade: Antropologia Moreniana	PEDREIRA, Tani Bandeira Dias	LANDINI, Carlos GRAÇA, Beatriz Amélia	2002
A criança como paciente e sociometria familiar	REBOUÇAS, Rosana Maria de S.	PETRILLI, Silvia Antunes	2002
Encontro entre J. L. Moreno e Edgar Morin	SANTOS, Romélia	OTONI, Ana Maria FREIRE, Mário	2002
Práticas grupais	SANTOS, Romélia		2002
Wallon, Vigotsky, Piaget e Moreno	TAKEI, Maria Aparecida F.	VON ECKHARDT, Eneida FIATES, Márcia	2002
Programa de saúde da família: a experiência em dois municípios baianos	COPQUE, Helen Lúcia Freitas		2002
A relação médico-paciente no contexto do programa de saúde da família: um estudo observacional em três municípios baianos	FRANCO, Anamélia Lins e Silva		2002
Fragmentos de uma cultura sexual em tempos de AIDS: uma análise sob a perspectiva de gênero	SANTOS, Cristiane de Oliveira		2002
O processo de enfrentamento do câncer em famílias de mulheres com câncer de mama	TAVARES, Jeane Saskya Campos		2002
Aprendizagem de adolescentes - alguns critérios de mediação	OLIVEIRA, Joana Angélica Carneiro		2002
Agora vá com a tia que a mamãe vem mais tarde: creche como contexto brasileiro de desenvolvimento. Em: Infância brasileira e contextos de desenvolvimento	LORDELO, Eulina da Rocha		2002
Concepções maternas sobre a educação de filhos. Em: Pessoa, matrimônio e família.	LORDELO, Eulina da Rocha	MOREIRA, L. V. C.	2002

**PRODUÇÃO INTELECTUAL DOS PSICÓLOGOS BAIANOS (1973 – 2002)**

TÍTULO	AUTOR (ES)	CO-AUTOR (ES)	ANO
Contexto e desenvolvimento humano: quadro conceitual. Em: Infância brasileira e contextos de desenvolvimento	LORDELO, Eulina da Rocha		2002
Convergência e conflito na relação creche-família: construindo novas práticas. Em: Contribuições da psicologia à educação infantil.	LORDELO, Eulina da Rocha		2002
Infância brasileira e contextos de desenvolvimento: concluindo. Em: Infância brasileira e contextos de desenvolvimento	LORDELO, Eulina da Rocha	CARVALHO, A. M. A.	2002
Introdução. Em: Infância brasileira e contextos de desenvolvimento	LORDELO, Eulina da Rocha	CARVALHO, A. M. A. KOLLER, S. H.	2002
A vida e o viver em um internato: o ponto de vista de meninos residentes. Em: Infância brasileira: contextos de desenvolvimento	CHAVES, Antonio Marcos		2002
Infância brasileira e contextos de desenvolvimento	LORDELO, Eulina da Rocha	CARVALHO, A. M. A. KOLLER, S. H.	2002
Maternidade, desejo e gravidez na adolescência	NASCIMENTO, Eliane Maria V. do		2002